

# Futebol, Comunicação e Cultura

José Carlos Marques  
Jefferson Oliveira Goulart  
(Orgs.)



**INTERCOM**  
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO

## FUTEBOL, COMUNICAÇÃO E CULTURA

Este livro tem origem na XIII Jornada Multidisciplinar, evento organizado em maio de 2011 pelo Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Bauru/SP. O objetivo dos organizadores, ao definir as discussões do encontro em torno da temática “Futebol, Comunicação e Cultura”, era ampliar a reflexão sobre a realidade social brasileira, por meio de abordagens complementares que ratificassem o caráter multidisciplinar do evento.

O resultado da proposta foi extremamente positivo: o esporte, em geral, e o futebol, em particular, entraram definitivamente na agenda acadêmica. E vieram para ficar. E se alguém ousasse contestar essa evidência, a acolhida do tema foi uma resposta categórica aos céticos, como se pode verificar nesta obra – fruto de textos elaborados pelos convidados do evento.

A coletânea está organizada de forma relativamente temática. No primeiro bloco, de viés mais sociológico e antropológico, os textos abordam a relação entre o local e o global no nacionalismo esportivo, a violência, a originalidade museológica, a memória, a dialética entre o particular e o geral; finalizamos com uma coletânea de crônicas social-futebolísticas.

No grupo intermediário, artigos que, de diferentes ângulos, focalizam o ambiente latino-americano:



# Futebol, Comunicação e Cultura

**XIII JORNADA MULTIDISCIPLINAR**  
**“FUTEBOL, COMUNICAÇÃO E CULTURA”**  
(10 a 12 de Maio de 2011)

**CRÉDITOS DO EVENTO**

**Coordenação**

Prof. Dr. Jefferson Oliveira Goulart  
Prof. Dr. José Carlos Marques

**Comitê Científico**

Prof. Dr. Carlo José Napolitano  
Prof. Dr. Jean Cristtus Portela  
Profª. Dra. Lucilene dos Santos Gonzales

**Secretaria**

Edvaldo José Scoton  
Keity de Brito Prado  
Marcelo Fabiano Machado Gomes  
Roseli Cristina Nonato Pitondo  
Simone Patrícia Paganini Spazzini

**Promoção**

UNESP (Universidade Estadual Paulista)  
FAAC (Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação)  
DCHU (Departamento de Ciências Humanas)

**Apoio**

GECEF (Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol)  
RP Jr. – Empresa Júnior de Relações Públicas  
Pós-Graduação em Comunicação da FAAC/UNESP  
FUNDUNESP (Fundação para o Desenvolvimento da UNESP)  
Pró-Reitoria de Extensão da UNESP  
Pró-Reitoria de Pesquisa da UNESP  
Fundação VUNESP

# Futebol, Comunicação e Cultura

## **DIRETORIA GERAL DA INTERCOM 2011 – 2014**

**Presidente** - Antonio Carlos Hohlfeldt  
**Vice - Presidente** - Marialva Carlos Barbosa  
**Diretor Editorial** - Osvando J. de Moraes  
**Diretor Financeiro** - Fernando Ferreira de Almeida  
**Diretor Administrativo** - José Carlos Marques  
**Diretora de Relações Internacionais** - Sonia Virginia Moreira  
**Diretora Cultural** - Rosa Maria Cardoso Dalla Costa  
**Diretora de Documentação** - Nélia Rodrigues Del Bianco  
**Diretor de Projetos** - Adolpho Carlos Françoso Queiroz  
**Diretora Científica** - Raquel Paiva de Araújo Soares

### **Secretaria**

Maria do Carmo Silva Barbosa  
Genio Nascimento  
Mariana Beltrami  
Jovina Fonseca

### **Direção Editorial**

Osvando J. de Moraes

### **Presidência**

Muniz Sodré (UFRJ)

### **Conselho Editorial - Intercom**

Alex Primo (UFRGS)	Marcio Guerra (UFJF)
Alexandre Barbalho (UFCE)	Margarida M. Krohling Kunsch (USP)
Ana Sílvia Davi Lopes Médola (UNESP)	Maria Teresa Quiroz (Universidade de Lima/Felafacs)
Christa Berger (UNISINOS)	Marialva Barbosa (UFF)
Cicília M. Krohling Peruzzo (UMESP)	Mohammed Elhajji (UFRJ)
Erick Felinto (UERJ)	Muniz Sodré (UFRJ)
Etienne Samain (UNICAMP)	Nélia R. Del Bianco (UnB)
Giovandro Ferreira (UFBA)	Norval Baitelo (PUC-SP)
José Manuel Rebelo (ISCTE, Portugal)	Olgária Chain Féres Matos (UNIFESP)
Jeronimo C. S. Braga (PUC-RS)	Osvando J. de Moraes (Intercom)
José Marques de Melo (UMESP)	Paulo B. C. Schettino
Juremir Machado da Silva (PUCRS)	Pedro Russi Duarte (UnB)
Luciano Arcella (Universidade d'Aquila, Itália)	Sandra Reimão (USP)
Luiz C. Martino (UnB)	Sérgio Augusto Soares Mattos (UFRB)

# Futebol, Comunicação e Cultura

José Carlos Marques  
Jefferson Oliveira Goulart  
(orgs.)

São Paulo  
INTERCOM  
2012

## **Futebol, Comunicação e Cultura**

Copyright © 2012 dos autores dos textos, cedidos para esta edição à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM

### **Direção**

Osvando J. de Moraes

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Mariana Real

### **Capa**

Marina Real

### **Foto da Capa**

Isa Namba

### **Ficha Catalográfica**

Futebol, Comunicação e Cultura / Organizadores, José Carlos Marques, Jefferson Oliveira Goulart. – São Paulo: INTERCOM, 2012.  
324 p. ; 21 cm

Texto em português e espanhol.

ISBN: 978-85-8208-014-6

Inclui bibliografias.

1. Comunicação. 2. Futebol. 3. Cinema 4. Comunicação e Cultura.

I. Marques, José Carlos. II. Goulart, Jefferson Oliveira. III. Título.

Todos os direitos desta edição reservados à:

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM

Rua Joaquim Antunes, 705 – Pinheiros

CEP: 05415 - 012 - São Paulo - SP - Brasil - Tel: (11) 2574 - 8477 /  
3596 - 4747 / 3384 - 0303 / 3596 - 9494

<http://www.intercom.org.br> – E-mail: [intercom@usp.br](mailto:intercom@usp.br)



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – Pasmem os Céticos: Futebol Também é Cultura!.....	11
1. Fútbol y Globalización: Las Formas Locales de Las Mercaderías Globales ..... <i>Pablo Alabarces</i>	17
2. Torcedor, Torcedores: Memórias do Jogo e do Anti-Jogo..... <i>Luiz Henrique de Toledo</i>	31
3. Entre Fios e Pavios ou das Coleções às Referências Culturais: A Experiência do Museu do Futebol ..... <i>Clara de Assunção Azevedo</i> <i>Daniela do Amaral Alfonsi</i>	53
4. Futebol e Memória..... <i>Édison Gastaldo</i>	85
5. Fintar o Destino (Fernando Vendrell, 1998): Futebol, Pós-Colonialismo, Neocolonialismo ..... <i>Victor Andrade de Melo</i> <i>Coriolano Pereira da Rocha Junior</i>	99
6. Crônicas Seleccionadas..... <i>José Geraldo Couto</i>	129

7. La Pantalla Grande del Fútbol: Un Análisis de la Construcción de Identidades Sociales desde Brasil hasta Argentina en el Lenguaje Cinematográfico. ....	139
<i>Malva Marani</i>	
<i>Santiago Uliana</i>	
8. Futebol e Identidade Nacional: Imprensa Uruguaia e a Realização do Mundial de 1930 .....	167
<i>Álvaro do Cabo</i>	
<i>Ronaldo Helal</i>	
9. A Irmandade dos Excluídos: “Raza Brava” – Documentário Sobre a “Garra Blanca”, Barrabrava do Colo-Colo .....	195
<i>Marcos Américo</i>	
10. No Cinema, a Jornada que Fala ao “Contrato Humano” .....	219
<i>Sérgio Rizzo</i>	
11. Guerra e Futebol: dos Eventos à Representação Cinematográfica.....	239
<i>Claudio Bertolli Filho</i>	
<i>Ana Carolina Biscalquini Talamoni</i>	
12. Da Euforia à Decepção: Uma Leitura de “O Dia Em Que o Brasil Esteve Aqui” .....	273
<i>Carlo José Napolitano</i>	
13. Aventuras Públicas, Desventuras Privadas: Cinema, Política e Futebol Em ‘O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias’ .....	289
<i>Jefferson O. Goulart</i>	
14. Entre a Ficção e a Não-Ficção: Erros e Acertos da Produção Fílmica Brasileira Sobre o Futebol nos Últimos 50 Anos.....	309
<i>José Carlos Marques</i>	

## APRESENTAÇÃO

# Pasmem os Céticos: Futebol Também é Cultura!

*Esse é o problema do futebol.  
É que não tem problema nenhum de compreensão.*

*Nelson Rodrigues*

Este livro tem origem na XIII Jornada Multidisciplinar, evento promovido pelo Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista e realizado no Campus de Bauru (SP) em maio de 2011. A Jornada solidificou-se como o principal empreendimento acadêmico do Departamento de Ciências Humanas, êxito diretamente proporcional à persistência de seus organizadores em todos esses anos e ao aporte intelectual emprestado pelos diferentes convidados que por ela passaram.

Naquele ano, contudo, desejávamos ir além das conquistas já sedimentadas. Para sintetizar o novo desafio, nada melhor que

eleger um tema que pudesse ampliar a reflexão sobre a realidade social brasileira e que sobre ela tivesse larga incidência. E que também abrigasse diferentes e complementares abordagens que ratificassem o caráter multidisciplinar do evento. Assim, a escolha recaiu sobre “Futebol, Comunicação e Cultura”.

Se ainda havia alguma dúvida sobre pertinência da temática, a resposta foi objetiva e acachapante: o esporte em geral e o futebol em particular entraram definitivamente na agenda acadêmica. E vieram para ficar. E se alguém ousasse contestar essa evidência, a acolhida do tema foi uma resposta categórica aos cétricos.

Impossibilitado de participar da sessão de abertura por restrições médicas, o antropólogo Roberto DaMatta gravou depoimento instigante, no qual lançava a provocação de que o futebol seria a maior expressão democrática de nossa trajetória histórica. A resposta não é simples, e por isso mesmo remete à observação perspicaz de José Miguel Wisnik de que o futebol é a “afirmação de um paradoxo da escravidão como um mal nunca superado e, ao mesmo tempo, um bem valioso em nossa existência, não pela escravidão enquanto tal – o que é óbvio e gritante nos céus –, mas pela amplitude da humanidade que desvelou”. Daí a síntese de polos opostos que se negam e se completam: o futebol como veneno e também como remédio.

Se o desafio de DaMatta ainda pode causar desconforto pela complexidade da provocação, pelo menos bastaria lembrar outro pensador pioneiro na crônica social do futebol: diria Nelson Rodrigues que é óbvio e ululante que se trata do maior fenômeno social de massas de nosso país. O dilema não está resolvido, certamente, mas o axioma é suficiente para validar a escolha temática.

A coletânea está organizada de forma relativamente temática. No primeiro bloco, de viés, digamos, mais sociológico e antropológico, os textos abordam a relação entre o local e o global no nacionalismo esportivo, a violência, a originalidade museológica, a memória, a dialética entre o particular e o geral; finalizamos com uma coletânea de crônicas social-futebolísticas. No grupo intermediário, artigos que, de diferentes ângulos, focalizam o ambiente latino-americano: uma confrontação entre Brasil e Argentina, o caso da *Celeste* uruguaia e a idolatria de uma torcida organizada em torno do Colo-Colo, do Chile. Por fim, textos que mergulham na relação do futebol com o cinema: o cinema ficcional e o jornalismo esportivo, a representação cinematográfica como construção social, o uso político do futebol no caso da seleção brasileira no Haiti, as difíceis relações interações entre público e privado na abordagem da ditadura e um balanço da produção fílmica brasileira sobre o futebol.

Nossa publicação é aberta pelo sociólogo argentino Pablo Alabarces, que, em *Fútbol y globalización: las formas locales de las mercaderías globales*, interpreta os nacionalismos esportivos no bojo de eventos mundiais como expressões locais recheadas de tradições e memórias que refletem formas muito particulares de construção social.

Em *Torcedor, torcedores: memórias do jogo e do anti-jogo*, o antropólogo Luiz Henrique de Toledo revisita formas históricas de manifestação das torcidas para constatar a convivência de múltiplos formatos de violência, desde as mais convencionais às mais perspicazes.

Já em *Entre fios e pavios ou das coleções às referências culturais: a experiência do Museu do Futebol*, Clara de Assunção Azevedo e Daniela do Amaral Alfonsi fazem a reconstituição historiográfica

do Museu do Futebol, seu caráter temático e o peculiar tratamento museológico da instituição.

Em texto cujo título é autoexplicativo, *Futebol e Memória*, Édison Gastaldo relaciona a construção discursiva da identidade nacional à participação brasileira na Copa do Mundo. O percurso analítico corrobora o peso desse fenômeno social de massas, abordagem que permite conhecer muito do ethos nacional.

'*Fintar o destino*' (Fernando Vendrell, 1998): *futebol, pós-colonialismo e neocolonialismo*, de Victor Andrade de Melo e Coriolano da Rocha Jr., enfatiza o caráter universal de uma trama local que explora o futebol como instituição capaz de promover ascensão e afirmação, enfim uma dialética fecunda entre o geral e o particular.

Em *Crônicas selecionadas*, o jornalista José Geraldo Couto reúne registros publicados na *Folha de S. Paulo* que tratam até de tênis, mas com ampla supremacia temática do futebol. A bem da verdade, mais do que o esporte bretão, o cronista mira a sociedade que produz mitos, heróis, frustrações, ambições e um recorrente desejo de projeção.

*La pantalla grande del fútbol: un análisis de la construcción de identidades sociales desde Brasil hasta Argentina en el lenguaje cinematográfico*, dos argentinos Malva Marani e Santiago Uliana, aborda o futebol como espelho para analisar suas relações com o cinema e a sociedade, além do lugar de destaque que ocupa na cultura popular do Brasil e da Argentina.

Em *Futebol e identidade nacional: imprensa uruguaia e a realização do Mundial de 1930*, Alvaro do Cabo e Ronaldo Helal analisam a influência da imprensa na formação de estereótipos futebolísticos e na exaltação do heroísmo nacionalista, os quais se consubstanciam no mito da *Celeste Olímpica*.

Em *A irmandade dos excluídos: 'raza brava'* – documentário sobre a 'garra blanca', barrabrava do Colo-Colo, Marcos Américo analisa filme sobre a torcida do mais popular clube do futebol chileno, com destaque para o alcance sociológico do apelo mestiço latino-americano e para a força da identidade nacional indígena.

Sergio Rizzo, em *No cinema, a jornada que fala ao "contrato humano"*, chama atenção à contradição de que o cinema ficcional prevalece sobre outros formatos, ao passo que a abordagem jornalística televisiva utiliza recursos ficcionais para focalizar o esporte.

Na sequência, *Guerra e Futebol: dos eventos à representação cinematográfica*, de Claudio Bertolli Filho e Ana Carolina Biscalquini Talamoni, aborda as relações do cinema com o futebol e como este pode representar um bom empreendimento comercial, mesmo que por meio de abordagens espúrias.

Em seguida, em *Da euforia à decepção: uma leitura de 'O dia em que o Brasil esteve aqui'*, Carlo José Napolitano analisa o documentário que retrata o célebre jogo da seleção brasileira na capital do Haiti, com ênfase para o uso político do futebol e a reação ca-tártica da população local.

No ensaio *Aventuras públicas, desventuras privadas: cinema, política e futebol em 'O ano em quem meus pais saíram de férias'*, Jefferson O. Goulart aborda o filme de Cao Hamburger como expressão original da filmografia brasileira sobre os tempos da ditadura, pois privilegia o universo particular e o futebol como elo de sociabilidade.

Por fim, José Carlos Marques faz um balanço da produção fílmica brasileira sobre o futebol em *Entre a ficção e a não-ficção: erros e acertos da produção fílmica brasileira sobre o futebol nos últimos 50 anos*. A análise surpreende: não só essa produção é quantitativamente expressiva como exprime com vigor a alma nacional.

Diferente do gênero ficcional, a vertente documental captou de forma mais competente o universo futebolístico e suas interfaces sociais.

Para os amantes dos esportes e do futebol, uma leitura tão convidativa quanto apetitosa. Para os mais reticentes, idem, pois podem aprender muito sobre a sociedade e suas expressões culturais, especialmente do Brasil e da América Latina.

***Os Organizadores***

*Prof. Dr. Jefferson Oliveira Goulart*

*Prof. Dr. José Carlos Marques*



# 1.

## Fútbol y Globalización: Las Formas Locales de Las Mercaderías Globales<sup>1</sup>

PABLO ALABARCES<sup>2</sup>

Mi trabajo ha privilegiado, a lo largo de veinte años de investigación sobre el mundo del deporte y el fútbol, la pesquisa local: si puedo afirmar que mis grandes líneas de investigación han sido las relacionadas con los nacionalismos deportivos y con las prácticas de violencia en relación con el fútbol, ellas han transitado fundamentalmente por el caso argentino. Por supuesto, es imposible

- 
1. Este artículo fue originalmente una Conferencia ante la XIII Jornada Multidisciplinar *Futebol, Comunicação e Cultura*, organizada por el Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, FAAC/UNESP, Bauru/SP, 10 al 12 de mayo de 2011. Publicado originalmente en la *Revista FAAC* (V. 1, n° 2).
  2. Sociólogo y Profesor Titular del Seminario de Cultura Popular en la carrera de Ciencias de la Comunicación de la Facultad de Ciencias Sociales en la Universidad de Buenos Aires (UBA). Profesor Titular de la cátedra Sociología del Deporte en la Universidad Nacional de La Plata (UNLP).

pensar ambas zonas desprovisto de una mirada *internacionalista*, aunque sea para establecer comparaciones – sin las cuales, toda afirmación se cierra en una empiria pequeña y se vuelve incapaz de producir teoría. En esa tesitura, nada puede indagarse sobre los nacionalismos deportivos sin atender a las múltiples maneras en que éste se ha manifestado y se manifiesta en el mundo: la misma posibilidad de indagación depende de la existencia de los grandes espectáculos deportivos globales. En esa dirección, asimismo, la conclusión teórica tiende a ser que los nacionalismos deportivos frente a los eventos globales son, de modo no paradójico, realizaciones locales que dependen de múltiples aspectos – tradiciones, memorias, la esquiiva relación con el éxito, los modos particulares de construcción de cada sociedad, el peso de su cultura de masas, entre otros factores.

De la misma manera, no he podido indagar en los fenómenos de violencia sin una mirada que amplíe los marcos locales y los ponga en contacto con marcos más amplios. Es una decisión necesaria – como señalé, es imposible producir teoría sin comparación, y la extensión global de los fenómenos vuelve notoria dicha imposibilidad –, pero además se impone por dos razones: la primera, la frecuencia con la que las voces periodísticas locales –ampliamente, en toda América Latina– insisten sobre el *modelo inglés* respecto de las posibles soluciones. Esta reiterada invocación suele enfrentarse con que ni los periodistas deportivos ni la dirigencia deportiva o política saben muy bien en qué consistió esa *presunta solución*, más allá de constantes afirmaciones sobre el público sentado o la ausencia de alambrados. La ignorancia respecto de la trama compleja en que consistió la política británica es profunda, por lo que nuestra indagación debió revisar ese modelo de intervención

política, como parte de una construcción de conocimiento experto y también como necesidad de proporcionar argumentos en el debate público. Pero la segunda razón deviene de nuestra condición periférica: aunque puede discutirse si la violencia fue *inventada* por el fútbol británico, sí puede afirmarse que la investigación sociológica y antropológica sobre el fenómeno fue inaugurada en la academia británica, que tendió a invocar una presunta condición global del *hooliganism*. Así, el peso de la producción de la llamada *Escuela de Leicester*, liderada por Eric Dunning, obligó a cualquier otra investigación a posicionarse respecto de ella, para señalar las diferencias –que a cualquier especialista se le revelan como profundas– entre las prácticas *hooligans* y las debidas a los infinitos vericuetos de nuestras hinchadas, torcidas, porras, barras y otros nombres que recogen los espectadores militantes en nuestro continente.

Y sin embargo, a pesar de estas afirmaciones, la relación entre el fútbol y la globalización siempre fue para mí una bibliografía, una referencia insoslayable –como vengo argumentando, una obligación teórica, a la vez que una condición intrínseca del objeto– pero nunca un foco de investigación. La necesidad de pensar esa relación, motivado por la invitación a esta conferencia, me obliga a descentrarme de mis preocupaciones habituales. Y a la vez, eso implica apenas recuperar un diálogo: el entablado con decenas de colegas latinoamericanos y europeos desde hace quince años, tiempo durante el cual mantuvimos –aún lo hacemos– una conversación continua que cruza las experiencias y saberes locales para volverlas, al internacionalizarlas (nuevamente, *compararlas*), mucho más significantes.

Voy a proponer aquí tres afirmaciones que intentaré desplegar. La primera consiste en recordar que la, por llamarla psicoa-

nalíticamente, *pulsión global* del deporte es muy antigua, aunque antes se la llamaba solamente *internacional*: faltaba, claro, la transmisión electrónica de imágenes y textos y voces, uno de los rasgos centrales de nuestra globalidad contemporánea. La segunda, que las tendencias globalizadoras del deporte son antes que nada mediáticas, cosa en la que no se distingue del resto de los fenómenos culturales, dominados por la tensión del capitalismo global frente a la producción nacional. La tercera es que, a pesar de las dos afirmaciones anteriores –que colocarían las tensiones globalizadoras en el plano de lo eterno, o al menos lo antiguo, y de lo inevitable, como parece estarlo todo lo que está sujeto a la fuerza del capitalismo contemporáneo–, las pulsiones deportivas locales siguen siendo muy poderosas, y obligan continuamente a reescribir el relato global del fútbol. Intentaré desplegar, con mayor detenimiento, estos tres argumentos.

Cualquier historia del fútbol latinoamericano comprueba fácilmente dos cosas simultáneas: por un lado, el peso de las historias locales; por otro, la importancia de su relación estrecha con eventos internacionales. Por supuesto, en todos los casos está presente una relación básica, y es la presencia de las elites británicas en la fundación del deporte. De allí que la tensión internacionalista sea un dato de origen, basado en la expansión imperialista británica y su hegemonía comercial en nuestro continente.<sup>3</sup>

- 
3. Como también ha sido largamente demostrado, la diferencia en los deportes hegemónicos, básicamente el fútbol y el béisbol, dependen de la potencia dominante: Gran Bretaña en el Sur, EEUU en Centroamérica. No hay historia del deporte continental que pueda prescindir del dato imperialista, así como también puede construirse una historia particular de las distintas apropiaciones locales.

Una vez construida la apropiación local, se despliegan las historias particulares: las que hablan de la importancia de los ferrocarriles británicos en la expansión veloz del fútbol como deporte nacional argentino, siguiendo el trazado ferroviario; o las que hablan de la compleja relación con los datos étnicos brasileños y la dificultosa incorporación de los jugadores afroamericanos, para citar solo dos ejemplos.<sup>4</sup> A su vez, todas las historias acumulan héroes, grandes hazañas, mitos: todas las historias deportivas latinoamericanas dependen de épicas, en la victoria o en el fracaso – las derrotas argentinas en las finales de los Juegos Olímpicos de 1928 y de la Copa del Mundo de 1930, ambas frente a los uruguayos, no son historias de tristezas, sino del orgullo de la exhibición internacional. Pero esa historia local se sostiene decisivamente en la internacional: todo fútbol local prueba su trayectoria en la competencia más amplia, para poder construir un relato de su independencia. Primero a nivel regional – las copas Roca, Chevalier Boutell, Lipton; luego los Campeonatos Sudamericanos. Inmediatamente, se debe derrotar a los europeos, en general: a los ingleses, en particular. El fútbol latinoamericano se construye sobre un narcisismo exacerbado, que precisa comprobar qué mirada devuelve el espejo: y el espejo debe ser Europa. Por otra parte, no podemos olvidar en este recorrido esquemático que las competencias deportivas internacionales, dejando de lado los míticos juegos de fútbol entre Inglaterra y Escocia, son tan antiguas como las modernas Olimpíadas, inauguradas en 1896 y en las que se juega fútbol desde 1908, en Londres. El deporte como invento moderno se ve

---

4. Entre tantas referencias posibles – la bibliografía latinoamericana es ya bastante extensa – propongo mi propia síntesis (Alabarces, 2006).

sometido a la misma lógica que las otras instituciones modernas: la circulación y la comparación. Más aún, es uno de los espacios privilegiados donde suplantar la política: las competencias deportivas anteceden en mucho a los organismos internacionales; la FIFA y el COI anticipan, por varias décadas, la fundación de las Naciones Unidas.

Quiero ejemplificar con todo esto mi primera afirmación: la pulsión internacional existe desde la constitución del fútbol como gran deporte moderno latinoamericano. Pero no consiste sólo en las competencias: otro de los rasgos cruciales son las giras –primero de equipos británicos en Sudamérica, luego de equipos sudamericanos en Europa–, que son leídas y sobremarcadas como momentos claves en la invención, paradójica, de una autonomía futbolística. Paradójica porque, insistimos, es una autonomía heterónoma, dependiente de una mirada europea que la reconozca y la legitime. No conforme con esto, el fútbol latinoamericano inicia muy tempranamente –tanto como los años treinta del siglo XX– el movimiento migratorio de jugadores: en la Copa del Mundo de 1934, cuatro jugadores del equipo italiano campeón son argentinos que habían jugado en la derrota de la final contra Uruguay en 1930: Monti, Orsi, Guaita y Demaría. Archetti (2003) afirma que en esos años los jugadores argentinos son una mercancía de exportación similar a las vacas y a los bailarines de tango. Por su parte, Pierre Lanfranchi y Matthew Taylor han indagado largamente el fenómeno intenso de migración de jugadores en esas décadas (Lanfranchi y Taylor, 2001).

Por supuesto: faltan los medios electrónicos y la circulación global de imágenes y voces. Ningún espectador latinoamericano puede ver las Copas de 1934 y 1938, la actuación de Monti en Italia ni la de Leónidas en Francia. Cada prensa local, sin embargo, es

importante: por su cobertura y por la reproducción de la mirada europea, dominada por el orientalismo –no hay argentino o uruguayo que no sea gaucho, no hay brasileño que no sea sambista. Si la globalización, tal como la entendemos contemporáneamente, depende del flujo electrónico e inmediato de datos, imágenes e información, no podemos calificar esa etapa de *fútbol global*: pero sus pulsiones –la migración de los cuerpos en el sentido Sur-Norte, las competencias internacionales como puesta en escena de los relatos de identidad locales, la exhibición y el narcisismo, la circulación noticiosa– ya están sólidamente allí.

Para pensar los fenómenos contemporáneos voy a dividir el análisis en dos pasos: el primero, pensar el fútbol –jugadores, equipos, relatos e imágenes– como mercancías globales, fundamentalmente distribuidas por los medios masivos de comunicación y la cultura de masas internacionalizada. El segundo, hacer foco en los hinchas y los modos en los que estos se relacionan con –básicamente: consumen– estas mercancías.

En primer lugar, es imprescindible recordar que el auge de los medios globales deportivos –fundamentalmente, las grandes redes como ESPN o Fox, y sus alianzas infinitas y complejas con las grandes señales europeas como Sky – coincide con la permanencia inalterada, e incluso fortalecida, de las redes locales. No hay deporte latinoamericano sin O Globo, Rede TV, Torneos y Competencias, Televisa;<sup>5</sup> aunque establezcan *joint ventures* más estables o más ocasionales con las redes globales, o se internacionalicen ellas

---

5. Dejo de lado en este análisis, por reciente, el caso argentino, en el que las transmisiones deportivas se han estatizado. Esta situación presenta un desafío interesante a futuro, que merece un análisis más detallado.

mismas, su desempeño local, su rol en el establecimiento de agendas deportivas y modos particulares de relato permanece crucial.<sup>6</sup> Los espectadores, aunque asisten con frecuencia a la exhibición del fútbol global (europeo), contrastan permanentemente ese relato con sus narrativas locales. No existe –o con más precisión, no existe aún como dato sociológico para el análisis– el presunto espectador global en América Latina, aquel que se desentiende del fútbol local para regodearse en la exhibición del Manchester United o el Real Madrid. No quiero decir con esto que sea una posibilidad clausurada: sería una afirmación apresurada, que deberá contrastarse en el tiempo. Pero sí que ese espectador es, por ahora, una ilusión publicitaria.

La relación local-global en el fútbol latinoamericano es por ahora una relación que juega a dos niveles: en el primero, el fútbol global adquiere mayor eficacia cuanto menor sea el peso de las tradiciones deportivas locales, lo que explica el éxito de las mercancías europeas en el fútbol asiático. En el segundo, ese fútbol global aparece desplazado – y es el caso de la mayor parte de nuestro continente – por esas tradiciones locales, que bloquean la constitución del hincha global. Así, la circulación del fútbol europeo en nuestro continente sigue duramente ordenado por la presencia o ausencia de las estrellas locales, devenidas globales: el espectador sigue a sus estrellas, no a las ajenas. Cristiano Ronaldo no deviene mercancía decisiva, sino marginal, desplazado por los Kaká o Messi

---

6. Y cabe aquí también reclamar la necesidad de un estudio minucioso por parte de la economía política de la comunicación latinoamericana: a pesar de la relevancia del deporte en las redes y grandes cadenas, no existe aún ningún trabajo al respecto.



o Rafa Márquez –el jugador mexicano más exitoso de la última década, luego del apogeo de Hugo Sánchez en los ochenta, antes del surgimiento de las televisoras globales. En esa misma dirección, los campeonatos europeos, aunque obtengan audiencias interesantes y capturen publicidad televisiva, no ordenan narrativas identitarias ni producen ansiedad narrativa –mucho menos, deseo.

Por supuesto, esa mercancía global llamada fútbol descrea de estas afirmaciones, y afirma continuamente su condición deslocalizada. El mejor lugar donde leer esto es la publicidad de las mercancías globales que construyen sus relatos sobre el fútbol: principalmente, Adidas y Nike, entre los equipamientos deportivos; Coca Cola y Pepsi, entre los bienes que canalizan inversiones importantes en el deporte. En esos textos, el principio constructivo –como diría el viejo formalismo literario– es la estrella global, y mejor aún el seleccionado de estrellas globales, ya que la elección de una sola de ellas –v.g., Messi o Ronaldo– implicaría un grado al menos mínimo de localización que la mercancía debe desplazar. Si Adidas publicita en América Latina, no puede limitarse a Messi: debe incluir a Kaká. Mi elección de estos ejemplos apunta, por supuesto, a remarcar los dos escenarios latinoamericanos donde mi hipótesis –el peso de las narrativas locales obligando a la producción de relatos globales particulares– es más legible: Argentina y Brasil son los casos más notorios de esa posición.<sup>7</sup>

---

7. Que sería interesante contrastar con empiria minuciosa en distintos contextos latinoamericanos. No he podido, por ejemplo, observar qué ocurre hoy en Uruguay, luego del *renacer* del fútbol uruguayo en los últimos dos años tras su cuarto puesto en la Copa del Mundo de 2010 y su éxito en la reciente Copa América de 2011.

Lo cierto es que el análisis de los textos publicitarios globales entregaría más argumentos para discutir. No puedo detenerme aquí en su análisis en profundidad: apenas quiero señalar el hecho de que, al tratarse de narrativas mediáticas, están ordenadas, en su infinita mayoría, por el estereotipo como mecanismo narrativo principal. No hallaremos en estos textos grandes novedades retóricas ni temáticas: las estrellas son representadas como superhombres, mucho más inclinados a la exhibición de habilidades excesivas que al simple juego; y las particularidades locales son sobre-representadas estereotípicamente (los argentinos son pasionales, los brasileños sonrientes y carnavalescos). El dato más saliente, o el que más quiero recordar aquí en función de mis argumentos, es que incluso las mercancías globales deben, en muchas ocasiones, localizar en exceso su argumentación. Uno de los casos más notorios fue, en la pasada Copa del Mundo, la publicidad de Coca Cola: en ella, un grupo de hinchas argentinas entrena a los habitantes de Lesotho para transformarse en nuevos hinchas argentinos. Para ello, les enseñan sus cánticos, les regalan las camisetas, les ofrecen, en suma, una *expertise* insuperable. El problema es que hubo (con una minuciosa coincidencia encuadre por encuadre, secuencia por secuencia) sendas publicidades similares hechas para Paraguay, Uruguay y Chile —no he podido detectar una igual para Brasil.<sup>8</sup> Ejemplos similares pueden verse en cada evento global: sería interesante relevar, en cada país, cómo funcionan estos argumentos en un próximo acontecimiento.

---

8. El ejemplo argentino puede verse en <http://www.youtube.com/watch?v=sJIcKx4ZkL4>. Para los otros casos, basta con reemplazar el nombre del país en la búsqueda.

Por último, a pesar de algunas profecías que decretaban el fin de las competencias internacionales, desplazadas por la capacidad de las grandes ligas europeas para transformarse ellas mismas en esas competencias –después de todo, asistir a las ligas española, italiana o inglesa permite ver en acción a las mismas estrellas globales–, las Copas del Mundo siguen apareciendo incólumes. Y la presunta globalización de un equipo como el Barcelona, donde jueguen codo a codo Messi, Alves, Sánchez e Iniesta, no puede desvincularse del funcionamiento *tribal* del equipo condal: a pesar de sus tradiciones holandesas y sus estrellas globales, el Barcelona no puede, ni desea, dejar de ser el símbolo de una identidad local: la representación regional catalana frente al centralismo del estado español.

Quiero cerrar este breve ensayo, como prometí, con una referencia a los hinchas. Las profecías globalizadoras, como argumenté, parecen lejos de cumplirse. Como una larga bibliografía viene señalando hace tiempo, las mismas pulsiones globales encuentran su correspondencia en la radicalización de las tendencias tribales<sup>9</sup>: y el fútbol es uno de sus mejores escenarios. Nuestra empiria señala (Alabarces, 2002), para el caso argentino, la pérdida de la capacidad interpeladora de la selección nacional de fútbol, a expensas de las micro-identidades de cada equipo o territorio. Esto puede verse con plenitud en las competencias internacionales por equipos en todo el continente: ya en un lejano 1992, la derrota de Newell's Old Boys de Rosario frente al São Paulo, en la final de la Copa Libertadores fue festejada con manifestaciones callejeras

---

9. No puedo aquí reponer una extensa discusión sobre la felicidad de la categoría *tribal* para describir el fenómeno de la radicalización de identidades locales o, mejor aún, microterritoriales.

por los seguidores del equipo rival de su ciudad, Rosario Central. Y en un reciente 2009, asistí con torcedores del Flamengo al festejo por la derrota del Fluminense en la final frente a la Liga Deportiva Universitaria de Quito. En estos casos, se advierte con nitidez la contradicción entre un relato deportivo mediático que habla de representaciones nacionales y la percepción de los hinchas en términos de representaciones meramente micro-territoriales.<sup>10</sup>

Por su parte, y para retomar al final lo afirmado al comienzo, las prácticas concretas de los hinchas, entre ellas las violentas, también permanecen organizadas tenazmente por marcas locales. Por supuesto, la televisación *en exceso* –esa posibilidad infinita de asistir continuamente a todos los juegos de todas las ligas–, produce flujos de repertorios, especialmente simbólicos: la apropiación, por ejemplo, de melodías que se readaptan infinitamente a líricas locales. He podido asistir, en el estadio mexicano del Cruz Azul, a la manera en que los hinchas locales reversionaban la Marcha Peronista argentina, absolutamente indiferentes a su origen minuciosamente político y seducidos, por el contrario, por su rítmica –tal y como la habían escuchado, por televisión, entonada por los hinchas del Racing argentino. De la misma manera, en toda Latinoamérica son centrales los modelos brasileño y argentino como organizadores de un poderoso imaginario de cómo *debe ser* un hincha.

Sin embargo, esos flujos de intercambio no anuncian el hincha global. Por el contrario, radicalizan al hincha como fenómeno local:

---

10. En Alabarces (2002) analizo un caso inverso: en un lejano 1968, un club pequeño, Estudiantes de La Plata, podía sumir eficazmente esa representación nacional en la Argentina, frente al poderoso –e inglés– Manchester United.

que se constituye en la autopercepción, narcisista, frente al espejo global. Contaminaciones y flujos son insoslayables, como lo es la circulación de una cultura de masas internacionalizada: pero un análisis detenido de las prácticas no puede organizarse en torno de una presunta tendencia globalizadora –nuevamente: un inverosímil *hooliganismo global*– que está lejos de verificarse. Por el contrario: los hinchas cantan, y también se pelean, en sus lenguas nativas. Y aspiran, claro, a que la televisión global difunda sus imágenes *urbi et orbi*. Espectadores expertos de esa cultura de masas, saben que no hay nada mejor que una buena pelea, de proporciones homéricas, para obligar a su difusión universal –y para obtener, así, el reconocimiento de los otros hinchas. *É que Narciso acha feio o que não é espelho*.

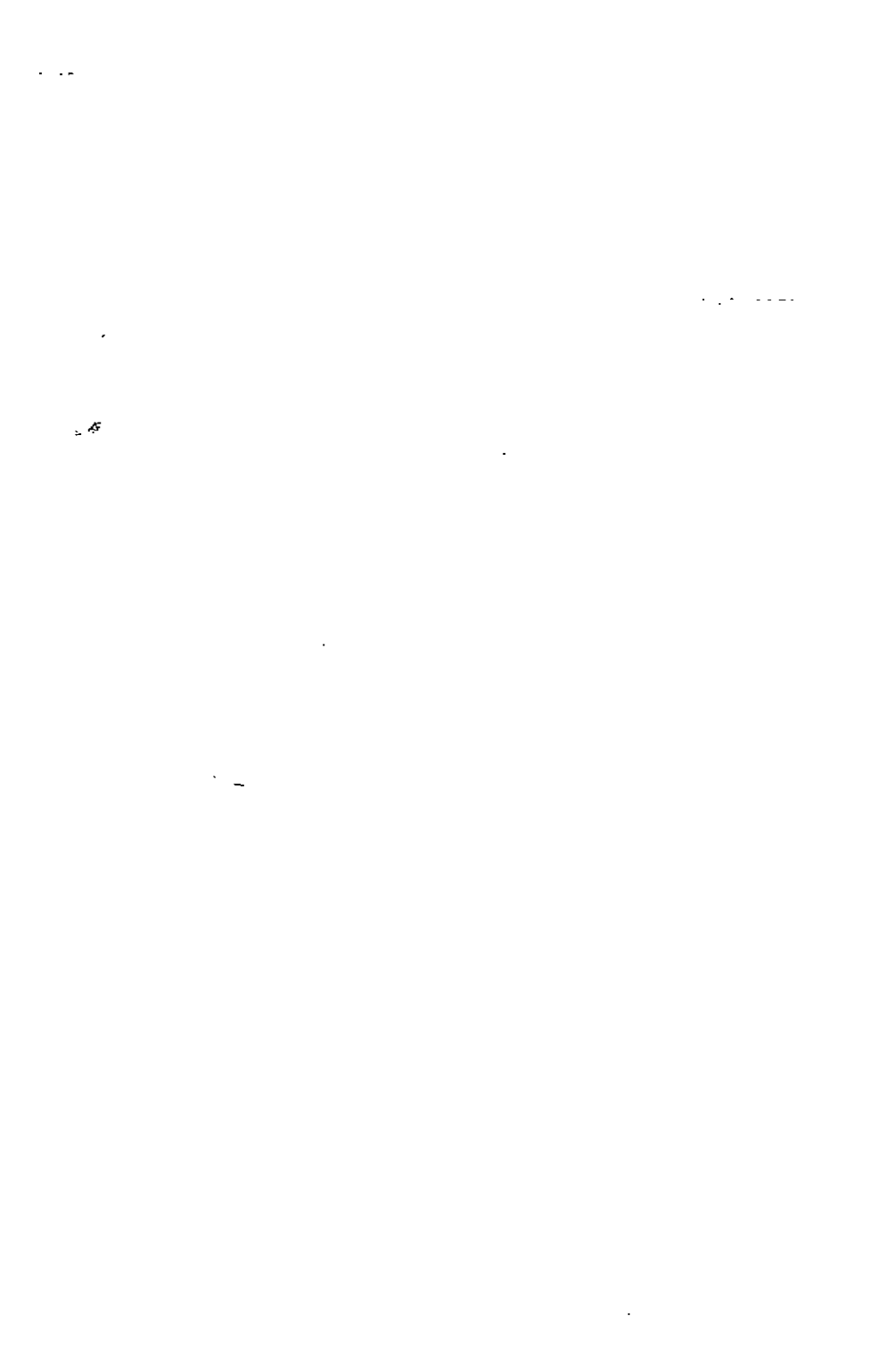
## Bibliografía

ALABARCES, P. **Fútbol y Patria. El fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina.** Buenos Aires: Prometeo, Libros de confrontación, 2002.

ALABARCES, P. “Esporte”. In: SADER, E. et al. **Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe.** Rio de Janeiro: LPP (UERJ)-Boitempo Editorial, 2006.

ARCHETTI, E. **Masculinidades. Fútbol, tango y polo en la Argentina.** Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

LANFRANCHI, P. y TAYLOR, M. **Moving with the ball.** London: Berg, 2001.



## 2.

# Torcedor, Torcedores: Memórias do Jogo e do Anti-Jogo

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO<sup>1</sup>

Gostaria de contar alguns casos pessoais neste texto para exemplificar melhor o tema da violência no futebol. Desde *Torcidas Organizadas*, livro que publiquei no auge das confusões torcedoras nos idos de 1996, tem-se escrito muito na academia sobre comportamento torcedor. O que farei nesta ocasião é passar em revista algumas das formas de torcer observadas historicamente pontuadas pela observação direta que realizei, mas, antes mesmo, recorro à minha memória de torcedor como um exercício de autorreflexão que qualquer um pode fazer na medida em que o futebol é também um poderoso campo de especulações subjetivas

---

1. Graduado em Ciências Sociais, Mestre em Antropologia Social e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos – SP).

e se presta às intervenções variadas, artísticas, intelectuais, mas também aquelas de senso comum que permeiam o cotidiano de milhares de indivíduos (nós), produzindo narrativas e organizando experiências pessoais em torno da sua força gravitacional.

*Assistência* foi um termo muito comum propagado pela imprensa esportiva até os anos trinta, definindo a condição dos torcedores mais populares, que se diferenciavam dos *sócios*, indivíduos notabilizados por laços mais estreitos, inclusive de parentesco, com os integrantes dos clubes, os quais se projetavam através dos primeiros campeonatos organizados e patrocinados pelos setores mais elitistas.

No contexto paulista, a inauguração do estádio do Pacaembu e a transformação do futebol em evento de massa nos anos quarenta redimensionaram o lazer popular na cidade de São Paulo, e os espetáculos futebolísticos gradativamente tornaram-se motivo de preocupações mais detidas de parte dos poderes públicos, da imprensa e daqueles que o organizavam. Ali, numa praça esportiva que reunia pela primeira vez no Brasil um contingente expressivo de torcedores (aproximadamente 60 mil indivíduos), testemunharam-se e tornaram-se públicas as brigas entre torcedores que, diga-se de passagem, já pipocavam desde a época do amadorismo anterior aos anos trinta. O Pacaembu inventa não só uma nova modalidade de torcer, as torcidas uniformizadas, como também o comportamento correlato ao visibilizar ainda mais a desordem torcedora. Ordem e desordem torcedora nascem juntas, portanto.

As notícias esportivas não cansavam de censurar os freqüentes distúrbios e badernas promovidas por torcedores. Foi nesse momento, então, que surgiram essas primeiras organizações de



torcedores uniformizados, indivíduos que acompanhavam as partidas em bloco, cantando, exibindo faixas e cartazes homenageando jogadores, cronistas esportivos e o próprio poder público, sobretudo exaltando a atmosfera política da época motivada pela ação de um Estado forte.

Reciprocamente a imprensa esportiva e os dirigentes dos clubes prestigiavam esses grupos de torcedores justamente por acreditarem que eles formavam um núcleo civilizado no meio da massa, tendo como atribuições específicas para além do incentivo aos times, coibir e fiscalizar outros torcedores, inibindo o mau comportamento generalizado. Abrigando projetos grandiosos como o Pacaembu, São Paulo vivia uma frenética transformação urbana iniciada desde os anos vinte, e os signos da modernização, da idéia de metrópole, bem como fenômenos como o advento da massa como ator coletivo, dariam seus primeiros sinais de um novo dinamismo e modo de vida.

A percepção do futebol como esfera competitiva não só para aqueles que jogavam, mas também para milhares que dariam vazão a uma nova forma de experienciar o *ethos* competitivo instaurado pelas sociedades modernas pela via dos esportes foi mais uma face desse processo geral que colocou nos perímetros da sociabilidade urbana as paixões clubísticas como modo de vida. Portanto, aquilo que muitos definem por *fanatismo* não nasceu da vontade ou “desvio” psicológico desse ou daquele torcedor, mas foi tributário de toda uma atmosfera social em que a vida coletiva se redefinia na grandiosidade e dimensões exigidas pelas transformações sociais, espaciais e econômicas ditadas por uma competitividade feérica em grande parte lastreada econômica, política e ideologicamente pelos amplos setores das elites.

É claro que essas alianças em nome do progresso e as benesses culturais que vieram com ele nem sempre convergiram todas as demandas. De fato, estes grupos uniformizados respondiam nesse momento aos interesses daqueles que dirigiam os espetáculos, os “cartolas” e boa parte da imprensa esportiva que os incentivavam nas páginas dos jornais da época, tais como *A Gazeta Esportiva*, e cumpriam na visão de muitos uma função normativa e disciplinar.

Sabe-se que esta situação foi alterada com o aparecimento das *Torcidas Organizadas* já no final dos anos sessenta. Agrupamentos com nítida inspiração popular, diferentes, portanto, dos grupos *uniformizados* mais comprometidos com os interesses dos dirigentes esportivos e em parte autônomos em relação aos clubes, muitas vezes em confronto explícito com os dirigentes, essas formas de torcer rapidamente se popularizaram, e hoje dominam boa parte do cenário das organizações torcedoras, sobretudo na cidade de São Paulo, já que em outros estados o comprometimento com dirigentes é ainda verificado como um modelo predominante de participação dentro do futebol.

É relevante correlacionar o surgimento dessas instituições torcedoras a um contexto mais amplo de valorização das instituições populares, num período em que os direitos políticos e a cidadania estavam cerceados pelo regime militar. Contrários ao modelo autoritário que também gerenciava os times de futebol, grupos de torcedores mobilizaram-se em torno de instituições mais alternativas e paralelas ao futebol concebido pelas elites dirigentes. Esse é um panorama institucional que se somava à sociabilidade cotidiana e o gosto nutrido quase que diariamente pelo futebol. Se pudesse defender uma tese sobre a violência eu diria que o recuo

de uma vivência no espaço público, sem inflar demais o saudosismo explícito nessa formulação, foi um dos fatores a contribuir para a *violência espetacularizada*.

Gostaria de retomar uma fala que fiz no Museu do Futebol, em São Paulo, por ocasião do I Simpósio sobre Futebol ocorrido em 2010 em que fiz uma espécie de auto-etnografia da minha formação torcedora. Ela retrata em boa medida e *in loco* uma modalidade torcedora.

Foi lá, menino de periferia como milhares de outros, que tive minhas primeiras experiências torcedoras, acirradas na pré-adolescência, que ocorreu lá na virada dos anos setenta para os oitenta. Sou de uma geração, portanto, que viveu sob o manto estrelado da ditadura militar, por um lado, e pela monomania do futebol, por outro, ao menos até a grande virada do vôlei, que arrebatou os garotos e sexualizou as práticas esportivas juvenis, provavelmente porque a presença do gênero feminino se dava de maneira muito mais visível e participativa do que aquela experiência esportiva futebolística, mas essa é uma outra questão.

De todo modo, esta é uma etapa da vida partilhada por muitos de nós e que carrega uma forte afirmação dessa identidade esportiva masculinizante, sobretudo, cuja pedagogia do torcer se processava no dia a dia, na forma da sociabilidade de rua onde nós meninos nos entregávamos às intermináveis partidas e peladas atrás de bola.

Fazíamos-nos torcedores uns aos outros e nos colocávamos em confronto pelos jogos de espelhamentos entre preferências clubísticas. A rua, como se sabe, é o espaço das essencializações simbólicas necessárias para a ampliação em larga escala do gosto compartilhado pelo futebol. Quero enfatizar, então, que futebol e

domínio público são dois aspectos importantíssimos na elaboração de uma vivência torcedora. Vejo que paulatinamente a ausência do espaço da rua como lugar do aprendizado das diferenças e das mediações entre “quem é quem” contribuiu para transformar os dias de jogos ao longo dos anos oitenta em barris de pólvora da intolerância entre torcedores. Era na rua que experimentávamos os efeitos da rivalidade na forma do exercício competitivo. Aqueles pequenos rituais cotidianos na forma das piadas, tomadas de posição, entreveros, dos chamamentos às brigas e contendas verbais expunham-nos a uma gama de situações que projetadas no domínio social internalizavam identidades pessoais construídas com a presença física do outro. E assim respostas reativas ou afirmações peremptórias do tipo “claro, sou são-paulino” ou “só podia mesmo ser corintiano pra fazer isso” saíam de nossas bocas alegres com a naturalidade e certeza de que o sol nascia e nasce todos os dias.

Naquele momento, 12, 13 anos, todos passávamos pelos crivos onomásticos de afirmação de nossas individualidades, já havíamos adquirido nossos nomes de batismo desde a tenra idade, geralmente transmitidos por linhas agnáticas, mas também outros nomes, já que se trata de um período da vida escolar em que os apelidos aparecem em profusão. Havíamos também herdado dos círculos familiares, modo comum de transmissão das preferências clubísticas, nossos times de futebol, que, mais do que adesões, sugestões ou escolhas de supermercado, constituíam verdadeiras frações de nossos próprios nomes, decalques da alma, algo que no cotidiano apareciam organizados em equações singulares e bricolagens infinitas. Assim tinha ao meu alcance o *Nelson Pintor corintiano*, o *Nelsinho são-paulino do bar perto da casa da avó*, o

*Juarez palmeirense chato* e assim por diante. Criativamente todas as nomeações de rua transgrediam os nomes de batismo, mas que nos rebatizavam nesses espaços públicos coletivizados pela sociabilidade futebolística fora de casa. Nomes e times misturados davam os contornos necessários às nossas pessoas que paulatinamente se constituíam na arena pública, formulando nesse cenário urbano unidades psíquicas que se projetavam contrastivamente no mundo social que cada vez mais se alargava com a idade.

Mas algo parecia perturbar a ordem e esse estado das coisas naquele contexto de cidade periférica (Itapevi, grande São Paulo) porque tínhamos um amigo, o Carlinhos, companheiro de quase todas as horas, que frequentemente era tomado como exceção às regras que faziam de nós meninos torcedores e boleiros. Um pouco à moda das sociedades indígenas assentadas nas determinações coletivas de fabricação da pessoa e que produzem mecanismos que regulam os rompantes de individualidade, porque estes tendem a colocar em risco os domínios existenciais do coletivo, Carlinhos ora era incluído nos jogos, ora era excluído de nosso convívio futebolístico porque não exibia aceitáveis níveis técnicos nas pelepas, e parecia perturbar o cosmos futebolístico da meninada. Mas suspeito que outras razões estimulavam os temores juvenis, não tanto por ele ser um “perna de pau”, como se dizia, mas porque na verdade transgredia uma obviedade e uma certeza cristalina que reinava abaixo dos céus e que dizia respeito a sua identidade torcedora.

Palmeirense de irritar corintianos quando, às segundas-feiras, chegava narrando os gols de falta que via *in loco*, geralmente no Morumbi, de Jorge Mendonça em Jairo, um goleiro grandalhão meio desajeitado que insistia na profissão e em tomar gols do

meia atacante palmeirense, Carlinhos nos perturbava porque corrompia a máxima *um corpo, uma alma*, condição inequívoca da nossa individualidade ocidental sempre à espreita ante os excessos da multiplicidade de natureza holista.

Somada às posses de família, que já o contrastavam com todos os demais, Carlinhos cultivava ainda a estranha mania de colecionar camisas de outros times. Quando era convocado a jogar naquelas peladas mais esvaziadas numa das praças da cidade, já o esperávamos com certa ansiedade e expectativa em frente ao amplo portão de sua casa para constatar qual camisa ostentaria, que fardamento vestiria para a ocasião. Às vezes vinha com uma inusitada camisa de um Guarani que despontava e começava a chamar a nossa atenção (o futebol interiorano era muito forte), outras vezes uma do longínquo time do Bahia, linda porque misturava cores que para nós pareciam exóticas aos nossos olhos tricolores, esverdeados, enegrecidos e acinzentados.

Outras vezes ainda exagerava e vinha de cruzeirense, atleticano e, para escandalizar e colocar todos à prova e também instaurar o perigo no seio das nossas certezas firmadas coletivamente, é bom que se diga sempre, vestia-se de corintiano, subvertendo o sistema classificatório. Era como se blasfemasse sobre nossos nomes e nossas identidades cuidadosamente cultivadas no cotidiano. Como assim, um palmeirense vestido de corintiano?

De corintiano era demais, mas confesso que aquela camisa da marca Pênalti, toda branca trazendo o distintivo bordado e sem qualquer imposição das cores do anunciante, aderiu bem ao seu corpo magro e fazia inveja aos próprios corintianos que o desdenhavam e que colocavam sua identidade clubística sob suspeita perpétua. É bom lembrar que não havia camelôs nem comércio

de camisetas “falsas”, equipamentos esportivos eram muito caros, como são os oficiais até hoje. Não havia lojas dos times ou souvenirs à disposição, ainda mais no contexto das cidades periféricas.

Carlinhos nos irritava deveras com esse exibicionismo e não compreendíamos aquele uso individualista abusivo, gesto de um esnobismo de classe porque ao mesmo tempo traduzia sua condição privilegiada de menino rico que podia ter acesso às tantas camisas que quisesse. Parecia que era uma adesão ao jogo bastante gratuita e orientada pela vontade compulsiva do consumo enquanto nós acreditávamos que fazíamos tudo aquilo pela vontade e amor difusos ao jogo e aos times que evocávamos.

Seus hábitos e jeitos maliciosos de menino rico, ou quase rico, signos de um cuidado de si extravagante e que amparava a distinção social que se estabelecia entre ele e nós (usava até perfume, correntinha, coisas banais que hoje encontramos no universo popular), era frequentemente tomado como menino meio amaluçado, categoria de acusação que nos servia de proteção e antídoto simbólico ante sua condição social privilegiada e suas idiossincrasias e desvios de conduta futebolística. Era isso, Carlinhos era meio “doidão”, pois achávamos que havia alguma incoerência na formação da sua pessoa, espécie de corpo habitado por muitas almas, uma multiplicidade perigosa que desfilava muitos nomes e muitos times. Carlinhos era uma arara ambulante de camisas esportivas, ou melhor, uma mercadoria de si mesmo, um torcedor-mercadoria, um “vendido”, termo muito comum à época para censurar algum jogador que saísse de seu time por dinheiro. Carlinhos se alienava a cada jogo e a cada camiseta nova que vestia. Era, portanto, uma espécie de xamã a trocar de roupa e personalidade, a transpor as fronteiras mais nítidas das identidades clubís-

ticas. Franzino e meio desajeitado para a prática do jogo, no fundo causava certo temor, investido de um poder inexplicável que desorganizava as certezas da garotada. Sabíamos que algo estava errado, só não sabíamos nomear aquilo de fetichismo.

Dias e anos corridos, quando alguém aparecia com uma nova camiseta de time, às vezes de qualquer time, ouvíamos quase que secretamente em tom de confissão que havia emprestado do Carlinhos, que era afinal das contas um menino generoso e desapegado da coleção particular, outra característica indelével de sua condição social privilegiada (outro dado biográfico: seu pai fora duas vezes prefeito da cidade no final dos anos sessenta e início dos setenta do século passado).

Hoje, narrando aqui essa história e olhando retrospectivamente, parece que Carlinhos fora usurpado de sua extravagância, ao menos parte dela. Roubaram-lhe seus nomes, sobretudo no que diz respeito à primazia individualista de ostentar solitariamente suas camisetas. Muitos de nós agora somos errantes Carlinhos por aí a exibir camisas de clubes de quase todo o mundo. Mas não chegamos a tanto, porque não usamos camisetas corintianas, cabem-nos sem qualquer restrição outras marcas, símbolos mais distantes de nosso cotidiano, algumas até alheias ao mundo do futebol, outros esportes, que são exibidos no torvelinho das ruas. Nossas identidades foram espalhadas pelo mundo numa outra configuração e num outro gradiente de torcer.

Carlinhos e nós participamos de uma experiência torcedora limite, pois logo outras modalidades do torcer nos cercariam e transformariam em muito o nosso acesso ao futebol, aos nossos times e suas camisetas, nos capturando numa rede de novos sentidos e significados. Naquele momento, lembrar que falamos



da virada dos setenta para os oitenta do século XX, a identidade torcedora unívoca ditava nossa condição dentro do *socius esportivo*, era um período também em que havia uma relativa estabilidade nas conformações dos times (mudavam mais lentamente os plantéis, dirigentes se perpetuavam e alguns até pareciam ter nascido com os próprios clubes), muitos ídolos arrastavam suas carreiras por décadas num mesmo lugar, geralmente tomavam os clubes como sendo “do coração” (tomei ciência logo depois que o centro-avante Serginho era santista!).

Momento em que a televisão somente transmitia os jogos (muitas reprises assistidas no canal 2, TV Cultura ou nos Grandes Momentos do Futebol na TV Bandeirantes) e não tinha tanta ingerência como hoje, e que a disputa territorial pelos espaços das camisas de nossos times era algo muito insípido e mesmo inexistente. Uma marca icônica que chamou a atenção como sendo uma das primeiras a conviver com um símbolo futebolístico foi o ramo de café na camisa da seleção brasileira.

Mas era pouco esporte pela televisão, o negócio mesmo era jogar muita bola, se apossar da personalidade furiosa de um Serginho ou da categoria de um Zenon ou Jorge Mendonça e sair imitando os ídolos, e ouvir os jogos pelo radinho. De vez em quando se aventurar no Pacaembu, Morumbi ou Parque Antártica.

A metade dos anos 80 será marcada pelas disputas de morte entre torcedores de futebol, e outra sensibilidade torcedora, mais intolerante, fará dos estádios um lugar das escaramuças, processo que culminou na guerra do Pacaembu em 1995, ápice dessa violência espetáculo transmitida ao vivo. No entanto, acompanhar esse movimento somente do ponto de vista da intolerância torcedora seria reduzir o fenômeno da violência à esfera torcedora.

Temos, então, o recuo da rua como lugar do aprendizado da diferença esportiva, tanto é que a zombaria e a fala serão substituídas pela força física, que aparecerá cada vez mais como índice e signo de diferença entre torcedores, mas uma despolitização crescente que se atribui aos torcedores e ao ato de torcer, culminando hoje no elogio à figura do *torcedor de poltrona*, que cultiva o consumismo esportivo quase que solitariamente.

Volto às minhas memórias torcedoras para lembrar um fim de semana nos idos de 1989, o que se segue serviu de base para redigir parte de um livro (*A Torcida Brasileira*, Editora 7 letras, Rio de Janeiro, 2012) que escrevi em coautoria com os pesquisadores e historiadores dos esportes João Malaia, Vitor Melo e Bernardo Buarque. Vamos ao relato.

Nada de propaganda política era a recomendação explícita que os policiais militares bradavam em tom ameaçador ao reterem os torcedores nas longas filas que se contorciam próximas aos portões do estádio do Morumbi naquele dia 16 de dezembro. A intimidação parecia sobrepor-se às tantas outras que geralmente instruem e se impõem aos cidadãos na condição quase "incivil" de *personas* torcedoras, tratava-se, pois, de um jogo de grande apelo, mais uma final de campeonato brasileiro. Indiferente à inércia da ordem encouraçada no *status* das fardas, na cavalaria inquietada pelos rojões que espocavam e nas atitudes nervosas e duras de parte do corpo policial, a massa torcedora encenava sua própria corporalidade.

Contudo, para além das repreendas costumeiras, gestos mais rudes arrancavam sem qualquer cerimônia do peito de vários torcedores as insígnias que ostentavam, pequenos adereços de um momento político que chegando ao seu término tomava feições

de uma grande final cívica, tal como aquela partida que punha fim ao calendário futebolístico. Torcedores vivenciavam pelas ruas a dupla ritualização nos estertores daquele ano de 1989, que trazia o futebol e a política como gramáticas da socialidade.

"Nada de estrelinha", também se ouvia, como que antecipando a proibição de boca de urna que só teria início na manhã do dia seguinte, ditava o tom exasperado de alguns policiais acompanhado das investidas sobre o corpo politizado dos torcedores debaixo do intenso calor de verão. Tal apetite repressivo quase sugeria que aqueles policiais nutriam uma incontida tomada de posição partidária ante o cumprimento estrito de uma ordem ao que parecia difusa, já que na confusão da revista a que todos eram submetidos alguns policiais a observavam com afínco, outros simplesmente a ignoravam.

Tais invasivas davam margem a outra suspeita torcedora que também costuma animar rivalidades entre torcedores e policiais, afinal, sabidamente muitos desses tinham lá suas preferências clu-bísticas, mas no exercício da profissão e a contragosto da paixão cumpriam servir, alguns mal servirem, os são-paulinos, protagonistas daquelas duas cenas, torcedores que tomavam ruidosamente e rapidamente as dependências do estádio para ver a final do seu time contra o clube carioca Vasco da Gama. Era a política das emoções esportivas e as emoções do jogo da política que se misturavam, somando-se ou subtraindo-se, arrebatando paixões a embaralhar fronteiras e papéis sociais.

O embate político nacional que chegava ao término naquele final de semana ganhava nitidamente as tonalidades de uma peleja cívica, e eram os debates, as pesquisas, os engajamentos dos "famosos", os mega comícios, as denúncias que pipocavam na

mídia, a propaganda televisiva *hollywoodiana* até então pouco vista como estratégia de *marketing*, as opiniões vindas de toda parte que colocavam a disputa eleitoral sob o signo de uma competição apaixonada como a do futebol.

Cidadãos-torcedores aderiam aos apelos e chamamentos de seus candidatos, e tal atmosfera seria respirada ainda por um bom tempo no pós-pleito, como veremos mais a seguir, reafirmando no plano político aquilo que conservadoramente ainda hoje muitos sentenciam como sendo o papel esperado por torcedores dentro do arranjo do futebol profissional, qual seja, a entrega incondicional ao time. Opinião que, não raramente, escamoteia passividade, arrebatamento reativo e desobrigado, elidindo qualquer aspiração política ao ato de torcer.

Apinharam-se no estádio mais de 70 mil torcedores naquele sábado de véspera do segundo turno das eleições presidenciais, protagonizadas pelo ex-sindicalista Luis Inácio Lula da Silva e pelo ex-governador Fernando Collor de Melo. Ao ser anunciada a presença do candidato Lula nas dependências do Morumbi, pois finalizava a maratona da campanha em São Paulo, as arquibancadas se agitaram, ouviam-se vaias aqui e acolá, alguns torcedores próximos cantarolavam Collor, Collor.

Embora o ex-governador tenha vencido no colégio eleitoral paulista, teoricamente reduto do ex-sindicalista, aos apupos políticos acrescia antipatia esportiva nutrida pelo fato de que Lula era um corintiano confesso, e sua presença não parecia somar à torcida de ninguém, nem aos vascaínos, nem, sobretudo, aos são-paulinos, em franca maioria no estádio. Ademais, a presença anunciada de um corintiano famoso entre tantos tricolores podia ser lida na chave do mau agouro que tanto inflama as rivalidades

clubísticas locais, confirmado com a derrota do time por um a zero para o clube carioca.

Mas era uma presença sem ambigüidades, o candidato da *Frente Brasil Popular* estava ali para manter visível sua imagem num pleito democrático que mobilizava a sociedade brasileira, embora a lógica torcedora dite que a neutralidade quase sempre não é tratada como uma qualidade a ser respeitada.

De qualquer modo, instalara-se uma contradição: do lado de dentro do estádio um candidato de corpo presente a pedir votos, do lado de fora torcedores intimidados e insultados pela rotina de um Estado ainda pouco acostumado ao exercício alegórico da livre expressão política. E sob a alegação de que não se podia manifestá-la ou liberá-la dentro do estádio, acreditava-se com tal medida repressiva resguardar os valores que orientam a ética esportiva amparada na idéia de pureza igualitária competitiva, apatrimônio das sociedades modernas.

Esporte é limpo, política é suja (e “perigosa”) e, sob as suspeitas de secretar alguma espécie de veneno ideológico que poderia se espalhar em meio à multidão, deveria ficar contida nos limites do corpo de um único indivíduo por ela sacrificado; era o caso de Lula. Esta concepção que estanca a relação entre adesão clubística e ideológica, entre paixões e vocações, futebol e política, jogo e eleição era uma das heranças da cultura política do regime discricionário que, embaralhado naquele momento, chegava, definitivamente, ao seu ocaso simbólico pela via das eleições diretas, processo iniciado no período de transição em meados dos anos 1980 com as eleições indiretas à presidência.

O ano de 1989 ainda fora tenso no âmbito das dinâmicas do

torcer, e no plano internacional os acontecimentos em Sheffield<sup>2</sup> abalaram a comunidade esportiva. Na cidade de São Paulo ainda repercutia a morte de Cléo, um dirigente da Torcida Organizada palmeirense Mancha Verde, ocorrida um ano antes, detonando um processo de deterioração nas relações entre agrupamentos organizados que se acirraria rapidamente por toda a década vindoura.

Num evento promovido pelo SESC e o *Jornal da Tarde* no mês de agosto, psiquiatra, cineasta, representante da polícia militar, jornalistas esportivos, dirigentes, sociólogo dissertaram sobre as múltiplas causas da violência nos estádios. Naquele momento a sociedade ainda era ouvida sobre o tema da violência torcedora. Aspectos sócio-políticos, condicionantes psicológicos de perda da consciência moral, excesso de idolatria fomentada pela imprensa esportiva eram alguns dos temas que mobilizaram o debate e a culpa aparecia esparramada na sociedade. De todo modo, essa violência entre agrupamentos torcedores que começava a ganhar visibilidade na mídia descortinava as formas mais dramáticas de socialidade gestadas num arranjo de profissionalismo gerencial-esportivo assentado no mandonismo de dirigentes que também dava sinais de seu ocaso com a redemocratização que tomaria a sociedade. Onda modernizante que não tardaria aparecer, ao menos como discurso, no âmbito do próprio futebol.

A retórica em torno de uma democracia que almejava ama-

- 
2. "15 de abril de 1989, estádio Hillsbourough, Sheffield, semifinais da Copa da Inglaterra, Liverpool vs Nottingham Forest. Morreram 95 torcedores esmagados nos alambrados do estádio superlotado, que não comportava a importância do evento. A responsabilidade da tragédia recaiu sobre a polícia, inocentando, desta vez, os torcedores" (TOLEDO, 1996: 130).

durecer rapidamente impôs uma nova agenda econômica, Collor exultava que a inflação deveria ser aniquilada com um único "tiro", e o reposicionamento do país na ordem mundial definiu os contornos políticos de um contexto que produziu efeitos importantes na sociedade brasileira.

As formas mais hierarquizadas e "administrativas" de torcer, sobretudo abrigadas nas Torcidas Organizadas (TOs) não aprisionaram toda a gama e riqueza da experiência de ser torcedor, tal como o exemplo de um Carlinhos nos chama a atenção. Mas ambientadas e nutridas nas dinâmicas de poder, as TOs acabaram reproduzindo todos os sucessos e fracassos das formas institucionalizadas que conformam aquilo que se define como "sociedade", e nenhum dos aspectos escapam a essas organizações: burocracia, hierarquias estabelecidas (mando e obediência), lógicas de distinção, comprometimentos políticos com projetos coletivos próprios ou negociados com outros atores (dirigentes, polícia militar), parlamentarização das relações e violência instrumental, corrupção.

Diante desse fenômeno multifacetado que se tornaram as torcidas e as formas de torcer, expressas reiteradamente numa estética corporal socialmente reprovada, o que se viu contraditoriamente ao avanço da democracia no país a partir da década 1990 foi uma despolitização do debate público em relação ao tema torcedores, cada vez mais circunscrito à lógica da funcionalidade e das técnicas de repressão aos torcedores como medida antiviolência e sujeita à sanha sensacionalista da mídia. Houve também uma forte corporalização do discurso do Estado a ostentar a repressão na forma de violência física como via de acesso ao restabelecimento da ordem. Se no início da década de 1990 vários atores da sociedade civil (psicólogos, intelectuais, artistas,

sociólogos etc.) procuravam pelas causas da violência, a partir de 1993 houve uma acentuada centralidade do discurso repressivo nas mãos do aparato legal.

Em 1992, ano do *impeachment* do já citado Collor, o país ainda ficaria estarecido com alguns acontecimentos de forte impacto na opinião pública, como os arrastões nas praias da zona sul carioca<sup>3</sup>, a intolerância racial de grupos skinheads avançando sobre contingentes de migrantes nordestinos em São Paulo, chacinas na periferia e, sobretudo, o massacre de detentos no Carandiru. Em 1993 a chacina na Candelária, Rio de Janeiro, vitimizou pelas mãos de militares oito crianças de rua, e em Vigário Geral grupo de extermínio executou 21 moradores.

•••

- 
3. "A síndrome da militarização avança. Além dos morros, as praias são agora territórios a ocupar militarmente. A proposta do cerco das praias é tão absurda que talvez, com o choque que se seguirá a essas propostas delirantes, caminhemos para uma melhor compreensão de um *apartheid* que durante décadas foi dissimulado no Rio de Janeiro. Em outubro de 1993, exatamente como em 1992, novamente os jovens não-brancos dos subúrbios, numa delirante demonstração, ocupam o playground quase centenário dos brancos e das classes médias: a invasão e ocupação das praias pelos jovens negros e suburbanos, que querem se tornar visíveis, geram o pânico na Zona Sul do Rio de Janeiro. Antonio Candido, recentemente, dizia que a ameaça da violência e do crime talvez consiga gerar aquele instante de consciência e desencadeie as reformas que mais de meio século de revolução e protesto operário não conseguiram realizar aqui." (PINHEIRO, Paulo Sergio. In: ARAÚJO, Ângela M. C. (Org.). *Trabalho, cultura e cidadania*. São Paulo: Escrita, 1997. p. 208).



Pactuar com a equação violência-exclusão de torcedores tão aludida pela imprensa em campanhas explícitas ou escamoteadas do tipo “não vá aos estádios” em nome das benesses que o mercado moderno pode nos proporcionar, e nos proporciona de fato, e essa não é a questão, poderia sugerir uma perigosa redução existencial da nossa condição complexa de torcedores que somos, pois parece estar em curso outras determinações para além do ato político de legislar em nome dessa totalidade insidiosa que é o mercado de bens simbólicos e suas alianças com os fornecedores desses bens. A ponta mais fraca desse tripé (mercado, fornecedores) seriam os *torcedores-consumidores*.

Hoje as figuras do *torcedor de poltrona* e do *torcedor-consumidor* amparadas pela moldura jurídica do Estatuto do Torcedor, baseada nos princípios valorativos do Código do Consumidor, são uma marca dos novos tempos e uma aliança política costurada sem a presença dos torcedores, que ainda parecem pouco sensibilizados pelo instrumento jurídico que têm às mãos.

A conduta inalienável que assumíamos diante de nossos times, condenando apressadamente as extravagâncias de Carlinhos, e talvez a maior delas, a de usar camisetas dos arqui-inimigos, exprimia uma relação social baseada nas formas mais tradicionais e hierarquizadas de adesão futebolística e clubística, formas segmentares fixas. Contudo, mal sabíamos que ali exercitávamos o pouco da tolerância prazenteira que seria quase substituída por uma violência esparramada pelos usos instrumentais da rua como uma espécie de não lugar e espaço somente da hostilidade, o que nos faz concluir décadas depois que de louco parece que Carlinhos não tinha nada, portanto.

Mas o Código do Torcedor (de 2003) estaria aí justamente para corrigir essas distorções para nós, meros torcedores consu-

midores de poltrona. Todavia o que deveria ficar mais claro são as conseqüências de tais alianças políticas e econômicas, e agora jurídicas, entre esse mercado com a mídia, com os poderes públicos e com as instituições privadas (os clubes, as federações), enfim, entre o mercado e os ditos fornecedores que gerenciam a ditam a lógica da mercadoria futebolística. Aos torcedores (comuns e organizados) caberia uma aliança entre si, mas de difícil execução, fracassada pela escala e falta de vontade política, embora hoje aconteçam aqui e ali movimentos de torcedores que buscam superar o modelo padrão das torcidas organizadas. Como agora “somos todos torcedores consumidores tal como rege o Código do Torcedor, estamos sujeitos e capturados pela maquinaria atomizante de um Estatuto de Defesa do Consumidor-torcedor naquilo que se crê ferir os direitos individuais como torcedores”.

Esse recuo do espaço de expressão, da experimentação torcedora coletivizada, perda do espaço da rua e da sociabilidade, e das boas histórias vividas com pessoas como o Carlinhos, tudo em troca de um racionalismo seguro, asséptico e individualista que se quer imputar à emoção torcedora e a todos os excessos inevitáveis decorrentes da experiência coletiva de torcer cumpre, isso sim, uma agenda política de exclusão simbólica dos torcedores. A democracia representativa rotinizada em eleição em eleição parece que ainda não sensibilizou suficientemente a esfera pública em relação à adesão às outras formas de se fazer a boa política, aquela que aprendíamos quase que intuitivamente nas conversas jogada fora quando meninos. Se hoje temos assegurados juridicamente os direitos num mercado consumidor de espetáculos esportivos, do qual mais ou menos somos todos levados a usufruir, houve uma não desprezível redução do espaço lúdico existencial que

formatou e que ainda segue fabricando pessoas torcedoras e seus nomes espetaculares, indivíduos extravagantes e torcedores de rua por todos os cantos das cidades brasileiras.

Termino aqui com uma matéria que expressa bem o que se esperam hoje dos torcedores:

Nos tempos do futebol-negócio, saber o tamanho de uma torcida não é só o que conta para fazer o planejamento financeiro de um clube. É preciso conhecer a capacidade de compra desses torcedores. Afinal, os clubes precisam não apenas de torcedores, mas de consumidores. São eles que, de fato, irão permitir que o clube tenha mais ou menos dinheiro para investir” (Lancepress!: 18.08.2010).

Desse ponto de vista é emblemática a reorientação mercadológica feita às enquetes que sempre animaram a dança dos números dos coletivos torcedores pelo país. Importa menos usufruir do imaginário torcedor, da paixão contrastiva e seus efeitos estéticos multiplicadores nos estádios que aprimorar, fora deles, os mecanismos tangíveis de extração quase que absoluta de uma espécie de “mais valia afetiva” convertida em *souvenirs*, *pay-per-view*, comodidades e hábitos de classe que, embora universalizados a todos, ainda não alcançam os torcedores populares, muitos ainda entregues às refregas da violência pura e simples sem dar conta de outras formas mais sutis de violência.

## Referências

Cartilha do Torcedor. O gol de placa da legalidade. **Comissão de Lazer e Esporte e Subcomissão de Estudos Jurídicos (OAB-RJ)**, 2003, impresso.

DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

BEVILAQUA, Cimea. **O consumidor e seus direitos: um estudo sobre conflitos no mercado de consumo**. Tese de doutorado. São Paulo, PPGAS-USP, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. São Paulo, Hucitec/FAPESP, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer. A metafísica do homem comum. **Revista de História**. 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Políticas da corporalidade. Socialidade torcedora entre 1990-2010**.

TOLEDO, Luiz Henrique et al. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. 7 letras, 2012.

### 3.

## Entre Fios e Pavios ou das Coleções às Referências Culturais: A Experiência do Museu do Futebol

CLARA DE ASSUNÇÃO AZEVEDO <sup>1</sup>  
DANIELA DO AMARAL ALFONSI <sup>2</sup>

- 
1. Mestre em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP) e Diretora de Conteúdo, Salvaguarda e Comunicação do Museu do Futebol.
  2. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Coordenadora de Documentação, Pesquisa e Exposições do Museu do Futebol.

Em meados de 2005, o Museu do Futebol<sup>3</sup> (MF) era a pauta de dois workshops realizados em São Paulo, na sede da São Paulo Turismo S.A., empresa municipal de turismo e eventos que integrou o projeto de implantação desse museu, inaugurado no final de 2008. Participaram jornalistas, museólogos, empresários, historiadores, arquitetos e antropólogos, que manifestaram seus desejos e opiniões sobre o quê, como e por que criar um museu dedicado ao esporte mais popular no país. Na ocasião, até o nome museu foi questionado: seria adequado criar uma instituição que carregasse, pelo nome, a ideia senso comum de algo “morto”, depositário de “coisas velhas”? Qual seria o melhor partido para um espaço dedicado a celebrar e recontar a história de um esporte que mobiliza paixões, hostilidades, que constrói e desconstrói identidades – clubísticas, nacionais, regionais – e que se atualiza permanentemente na memória do brasileiro? Foram desafios postos para o MF desde sua concepção.

No âmbito das instituições museológicas, o Museu do Futebol pode ser classificado como museu temático, já que

- 
3. O Museu do Futebol, da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, foi idealizado pelo então prefeito de São Paulo José Serra e contou com uma parceria público-privada, via lei de incentivo fiscal (Lei Rouanet), para sua realização. O desenvolvimento do projeto foi gerenciado pela Fundação Roberto Marinho (que assina concepção e realização) e contou com a participação de aproximadamente 300 profissionais em 18 meses de obras. O curador é Leonel Kaz, o projeto arquitetônico é de Mauro Munhoz, e assinam a expografia Daniela Thomas e Felipe Tassara. Atualmente, o MF é gerido por uma organização social de cultura denominada Instituto da Arte do Futebol Brasileiro, que recebe um aporte da Secretaria de Estado da Cultura para esse fim.

fundamentalmente seu acervo é organizado em torno de um tema, o futebol. Todavia, em que pese essa classificação, faz-se necessário destacar outra especificidade atribuída à instituição: o Museu não nasceu de coleções pré-existentes e organizadas como tais; a motivação de sua criação foi o próprio tema *per si*, e somente a partir da ideia de criá-lo é que se iniciou a pesquisa e coleta de acervos e conteúdos que poderiam compor seu núcleo duro. Um amplo trabalho de pesquisa e curadoria resultou, três anos após o referido workshop, na exposição de longa duração do MF, que partiu de um argumento: o quanto a história brasileira recente e a história do futebol são entrelaçadas e, numa relação umbilical, capazes de se iluminar reciprocamente<sup>4</sup>. A opção da curadoria na montagem do Museu, portanto, foi a de trabalhar o tema futebol a partir de suas interconexões com a própria sociedade brasileira. Tal perspectiva abriu um leque grande de possibilidades para explorar o tema gerador, já que o processo curatorial não dependeu de nenhuma coleção específica e pôde transitar por um campo vasto de referências patrimoniais.

Não preso a essa espécie de fetiche por objetos, arquivos e documentos que acompanha a criação desses lugares feitos para guardar e expor memórias – tal como preza a definição clássica de museu –, o MF foi identificado pela imprensa como um “museu sem relíquias” e pela comunidade museológica como um “museu virtual”, para alguns até como “museu sem acervo”, ancorando-se,

---

4. A exposição de longa duração apresenta mais de 1.500 fotografias e aproximadamente 5 horas de vídeos e documentos sonoros, oriundos de mais de 100 acervos diferentes e focados não apenas de futebol, mas de fatos e acontecimentos que marcaram períodos históricos no Brasil.

supostamente, em uma noção restrita que define acervo unicamente por coleções<sup>5</sup>. O que parece estar em questão nessa ce-leuma diz respeito a noções do que vem a ser um museu, o que define um acervo e, em última instância, o que se entende por patrimônio cultural; termo que vem sendo transformado e dilatado ao longo do tempo, mas que ainda tem como solo comum uma divisão entre aquilo que seria do domínio material e, mais recentemente, o que poderia ser enquadrado na dimensão imaterial da vida (práticas, saberes e fazeres, conhecimentos, técnicas, formas de ver e viver etc.). As linhas entre o que se considera expressão material e o que se considera expressão imaterial de um dado fenômeno são tênues e repletas de intersecções. Mas é certo que tal divisão, para além do fato de ser produto de uma época, uma construção social, uma forma de interpretar o mundo – tema complexo e que não seria possível focar aqui, a não ser de relance –, opera dentro de instituições museológicas distinguindo e classificando acervos e formas de atuação e, portanto, não pode ser olvidada.

Assim, esse partido inicial do Museu do Futebol, de fato, – embora talvez apenas aparentemente – o diferencia de grande parte,

- 
5. *Grosso modo*, define-se correntemente por museu uma instituição que reúne, artificialmente, coleções de materiais únicos e originais, organizados por temas, estilos, épocas, com finalidades educativas, artísticas, de pesquisa e comunicação. Tal definição se dá em contraposição a outras instituições voltadas à preservação e comunicação da memória, tais como Arquivos, Bibliotecas e Centros Culturais. Ainda que o papel do museu venha sendo objeto de reflexão da Museologia, com mudanças significativas ao menos desde a década de 1970, a ideia de “coleção de peças únicas” impera nas definições de políticas e na ideia corrente de acervo de museu. (Cf. Belloto & Camargo, 1996; Cerávolo, 2004).



se não da totalidade, das instituições voltadas à preservação da memória esportiva e, especificamente, da memória do futebol. O foco dessas instituições quase inevitavelmente parte da exploração da dimensão material do fenômeno, sendo esta circunscrita à memória particular de um clube; estas optam por investir em seus próprios memoriais a partir da reunião e exposição de coleções de objetos tais como troféus, flâmulas, camisas, bolas, fotografias, documentos como a ata de fundação, súmulas de jogos, entre outros. Geralmente, é a partir dessas coleções, acumuladas e armazenadas como símbolos de grandes feitos, provas das conquistas e agruras, que muitos dos clubes decidem criar o seu memorial. E, ainda que estes possuam acervos de todas as suas modalidades esportivas, o futebol, invariavelmente, ocupa lugar privilegiado nas exposições. Com preciosas coleções, tais locais guardam, portanto, ao menos de saída, diferenças em relação às opções iniciais realizadas no MF, cuja aposta foi a de tratar a história do futebol e seus ícones a partir de experiências sensoriais: dos gritos da torcida à prática de um chute. Além de fotografias, vídeos e algumas séries diminutas de objetos tridimensionais, itens presentes em diversas instituições congêneres, o que parece diferenciar o MF, sobretudo, é a forma com que compõe e expõe os conteúdos: grande parte das salas recria experiências (a partir de jogos de luz e som, de depoimentos intercalados com imagens, instalações etc.) de modo a tentar representar as formas pelas quais o esporte é vivido e, assim, trazer a emoção do apaixonado por futebol.

Tal aposta parece fazer sentido se considerarmos que a dimensão material da prática é expressa geralmente, e quase exclusivamente, num sem número de objetos relacionados diretamente a times de futebol. Salvo artefatos produzidos em torno

do universo da seleção brasileira, a maior parte dos demais itens está relacionada ao universo clubístico. Preservar essa memória nas próprias instituições que lhe dão origem parece, então, uma opção apropriada, na medida em que aquilo que representa é hierarquicamente importante e mais significativo justamente para o grupo específico de agentes que se mobilizam em torno de seu time do coração.

Como instituição dedicada à preservação da memória do futebol brasileiro, o MF tem por missão identificar, reconhecer e de algum modo registrar, como indicadores de memória, esse amplo universo de artefatos. Todavia, tirá-los de seu lugar de origem para abrigá-los, reunidos, dentro do Museu não faz parte da política desenhada até o momento para a instituição. Ao mesmo tempo, a contrapartida a essa escolha, qual seja, o foco na dimensão menos tangível do fenômeno e o que isso representa, o que exatamente quer dizer e de que modo pode ser viabilizado, apresenta-se como o desafio atual que buscaremos detalhar, nesse texto, a partir da apresentação das linhas gerais do projeto de implantação do Centro de Referência do Futebol Brasileiro.



A ideia de constituir no Museu um centro de referência do futebol, transformando-o em um nó central dentro de uma rede de acervos públicos e privados, vem desde sua inauguração e é fruto da escolha inicial de não abrigar, de imediato, uma coleção. O fato de abordar o futebol brasileiro de maneira ampla sinalizava

que para abarcar o fenômeno em toda a sua complexidade não bastaria reunir troféus, chuteiras, camisas, flâmulas. Seria necessário criar experiências que traduzissem o quase intraduzível do futebol: sua presença marcante nas várias dimensões da vida social. Ou melhor, seria necessário deslocar o olhar de abordagens convencionais sobre o patrimônio cultural, ou ainda, introduzir novas práticas museológicas para formação de coleções e acervos, explodindo com as definições usuais atribuídas a esses termos.

Ora, o futebol é um fenômeno tão multifacetado que focá-lo somente pela via de sua chamada dimensão material seria simplificar a riqueza da sua ampla gama de expressões. Para fazer jus à diretriz conceitual geradora do Museu do Futebol, já expressa aqui, a de que o futebol é um fenômeno que ultrapassa a prática esportiva em si, imbricando-se na vida do brasileiro, seria um erro condensar a representação do fenômeno apenas à sua dimensão material, na maioria das vezes circunscrita, como já apontado, a artefatos industrializados, produzidos em série (uniformes, chuteiras, bolas, figurinhas, selos), ou a objetos que celebram eventos específicos (troféus, taças, medalhas, flâmulas de torneios e campeonatos).

Assim, entender tal esporte como prática cultural que dá acesso aos modos como as pessoas lançam mão para viver e interpretar o mundo, desde o início, apareceu como um caminho profícuo e pouco explorado pelas instituições de memória voltadas à preservação deste esporte. Por outro lado, ignorar suas expressões materiais seria também um equívoco, já que estas sem dúvida também dizem da forma como o futebol é vivenciado e, mais, são, em última instância, inseparáveis da chamada dimensão intangível. Como fazer então, para, de um lado, identificar essas variadas formas materiais de expressão do fenômeno sem necessariamente ter de abrigar inúmeras coleções de

objetos dentro do Museu e, de outro, acessar esse universo intangível do fenômeno, identificá-lo, interpretá-lo e apresentá-lo ao público de modo sistematizado e não apenas pela via da comunicação expositiva, carro chefe dos museus?

Foi a partir desses questionamentos que o projeto de implantação do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) começou a nascer<sup>6</sup>. Sendo uma instituição recém-criada, era premente compreender melhor o universo potencial de seu interesse, desbravá-lo e trazê-lo, de alguma forma, ao Museu.

## **Projeto inicial: implantação do CRFB**

Implantar um centro de referência requer dimensionar múltiplas frentes de atuação e planejar, não apenas a coleta de informações, mas também a forma de acesso a elas, o local adequado para esse acesso, assim como a previsão dos diferentes interlocutores de uma rede que se pretende desvelar e potencializar. Deste modo, antes de apresentarmos com mais detalhes a pesquisa que vem sendo realizada, é importante resumir aqui quais são os objetivos e metas do projeto, seus participantes e parceiros.

---

6. Ressaltamos que apesar das indiscutíveis potencialidades do tema como objeto de estudo, percebíamos que não existia local no Brasil que centralizasse e irradiasse conhecimentos a respeito do futebol, o que tornava a produção de saber em torno da temática dispersa e de escassa interlocução. Além de não existir espaço aglutinador de experiências, memórias e discussões sobre o futebol, aquilo que existe como produção relevante também não se encontra acessível ao grande público.

O projeto de implantação do CRFB no Museu do Futebol<sup>7</sup> contempla três áreas de atuação, iniciadas em 2011 e com previsão de finalização no segundo semestre de 2012: a adaptação de uma sala interna ao MF que abrigará uma biblioteca e midiateca, especializada em futebol e com estimativa de composição de um acervo bibliográfico com pelo menos 1.500 títulos; o desenvolvimento de um sistema de gerenciamento de dados que integre e sistematize as informações e os acervos sobre futebol, sejam eles pertencentes ao MF ou a outras instituições e a realização de uma pesquisa de campo na cidade de São Paulo, de cunho etnográfico, com o objetivo de mapear e registrar referências sobre futebol<sup>8</sup>. Assim, o objetivo final do projeto é a implantação do próprio centro, desde sua instalação física – local de acesso e de consulta dentro do MF – passando pela sua versão digital *online*, isto é, a disponibilização do banco de dados para consulta na internet e produzindo um primeiro catálogo ou inventário de referências culturais do futebol – resultado imediato da pesquisa de campo.

Para a execução do projeto, além dos profissionais do quadro fixo do MF, conta-se com uma equipe de nove bolsistas do CNPq

---

7. O projeto é financiado pela FINEP – Agência Brasileira de Inovação, órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia (convênio nº 01.10.0557.00 - “Implantação do Centro de Referência do Futebol Brasileiro”), e executado a partir de uma parceria entre Instituto da Arte do Futebol Brasileiro (organização social de cultura gestora do MF), a POIESIS (Instituto de Apoio à Cultura, à Língua e à Literatura) e a USP, por meio do Núcleo de Antropologia Urbana. Mais informações no [www.museudofutebol.org.br/crfb](http://www.museudofutebol.org.br/crfb).

8. A meta para os dois primeiros anos de pesquisa é o registro de 150 referências.

(modalidade DTI), cujas atribuições são divididas entre coordenação, pesquisa, catalogação, biblioteconomia e estágio, além de consultores externos para as áreas de desenvolvimento de banco de dados, arquitetura, monitoramento e avaliação de projetos, metodologia de pesquisa e de registro patrimonial e especialistas em conteúdos relacionados ao futebol. O projeto é acompanhado periodicamente por um Conselho Consultivo, formado por nove especialistas nas áreas de futebol (com antropólogos e jornalistas), patrimônio, metodologia de pesquisa e políticas públicas de cultura<sup>9</sup>. A principal parceria estabelecida para a implantação do CRFB foi com o Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU/USP)<sup>10</sup>, com o objetivo de construir uma metodologia de pesquisa de campo baseada no método etnográfico. Contudo, ainda que esteja na Antropologia parte do arcabouço teórico utilizado na pesquisa, a equipe executora do projeto é multidisciplinar, contemplando profissionais da área de

---

9. A lista completa de todos os profissionais que acompanham o projeto está disponível em [www.museudofutebol.org.br/crfb](http://www.museudofutebol.org.br/crfb).

10. O NAU/USP possui mais de 20 anos de atuação em pesquisas acadêmicas e para projetos culturais; em especial, cita-se o desenvolvimento do conjunto de pesquisas antropológicas que deram origem a duas publicações: *Na Metrópole - textos de antropologia urbana* (1996) e *Jovens na metrópole - etnografias dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade* (2007), além da experiência da "Expedição São Paulo 450 anos" no âmbito do projeto de implantação do Museu da Cidade de São Paulo nos anos de 2004 e 2005. Tais projetos foram coordenados pelo Prof. Dr. José Guilherme Magnani e têm em comum a pesquisa de práticas culturais em contexto urbano a partir do ponto de vista etnográfico e antropológico.

História, Sociologia, Antropologia, Geografia, Museologia, Artes Visuais, Fotografia (com ênfase em conservação de acervos fotográficos) e Biblioteconomia.

## **Mapeamento de referências sobre futebol**

Conforme exposto no início deste artigo, o desenvolvimento do projeto de implantação do CRFB atende a um dilema posto na origem do MF: como cumprir com a missão de salvaguardar e comunicar a memória do futebol se, inicialmente, abrimos mão de coleções materiais, arquivos e afins? Afinal, que elementos são privilegiados para definir essa memória? Partindo da divisão mais convencional que distingue expressões materiais de expressões imateriais, decidimos com esse projeto abarcar ambas as dimensões da seguinte maneira: mapear indicadores de memória do futebol e trazê-los referenciados, como num grande inventário, para uma base de dados gerenciada dentro do Museu do Futebol. É claro que, de saída, nos deparávamos com um problema: como identificar e registrar itens de naturezas tão distintas (de flâmulas a gritos de torcida, de uma coleção de selos ou fotos a interpretação da sociabilidade vivenciada em espaços ligados ao futebol). Parecia inevitável mesclar metodologias de trabalho; dentre elas, elegemos como ponta-de-lança a pesquisa de campo etnográfica.

Desse modo, planejou-se uma estratégia de pesquisa com o intuito de percorrer a cidade de São Paulo – primeiro recorte territorial do projeto – em busca de locais de prática do futebol (campos, clubes, quadras, estádios), seus praticantes (times amadores e profissionais, femininos e masculinos, e em todas as faixas etárias),

suas torcidas e agentes organizadores (de dirigentes esportivos a empresas produtoras de campeonatos e torneiros). Partindo da premissa de que o futebol aglutina outras manifestações que vão além do que ocorre nas quatro linhas de um campo, a pesquisa de campo tem se dirigido a um conjunto de ações e de redes de sociabilidade motivadas pelo futebol.

O objetivo é a produção de um mapeamento de referências construído a partir do futebol vivido contemporaneamente na cidade. Ou seja, partindo da prática (uma festa, um torneio ou campeonato, uma escolinha de futebol, um encontro de torcedores no bar, etc.) e de seus praticantes, pretende-se chegar aos objetos e documentos, registrando não apenas tais itens, mas principalmente os sentidos conferidos pelas pessoas, em seus contextos, a tais acervos.

Tal mapeamento está sendo construído a partir de um sistema de gerenciamento de informações, capaz de cruzar dados e construir relacionamentos entre pessoas, objetos, lugares de forma não restrita e não hierarquizada. Não detalharemos aqui a descrição do funcionamento de tal ferramenta, mas destaca-se o seu ineditismo frente aos bancos de dados de coleções museológicas: o sistema desenvolvido pelo MF pretende colocar, na mesma base e com o mesmo tratamento museológico, itens de seu acervo e itens referenciados de outros locais, sejam instituições ou coleções particulares <sup>11</sup>. Outra novidade é a incorporação de tipologias diferentes de acervos, áudio, vídeo, iconografia, tridimensional, arquivístico e biblioteconômico, relacionados dentro

---

11. Mantendo, é importante frisar, as referências originais para permitir a recuperação da informação.



do mesmo sistema de dados. Especialmente as duas últimas tipologias costumam receber, na maioria dos museus, tratamento distinto e isolado do acervo denominado “museológico”, qual seja, a coleção clássica da instituição, prática que impede conectar conteúdos e referências entre várias tipologias, dificultando as pesquisas e a integração dessas três áreas dentro dos museus. O MF pôde navegar com mais liberdade entre as definições clássicas de acervo e, nesse movimento, procurou preencher uma lacuna geralmente presente nas mais diversas instituições ao tratarem suas coleções: a falta de articulação entre diferentes áreas (biblioteca, arquivo e acervo museológico). A proposta do CRFB é construir um sistema de catalogação e recuperação de informação que integra o que está dentro e fora do MF, além de unir, pelo gerenciamento de conteúdos, livros, periódicos, fotografias, entrevistas de áudio, vídeos, objetos, indumentárias e quaisquer outras tipologias de acervo.

Para adentrar o *modus operandi* da pesquisa que vem sendo realizada, cumpre definir o que estamos entendendo por “referências culturais”, já que estas são o foco do mapeamento empreendido pela pesquisa. Pode-se dizer que a noção de referência cultural emerge no Brasil em fins dos anos de 1970 e início dos anos 1980, período em que o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural), sob a gestão de Aloísio Magalhães, começa gradualmente a mudar o enfoque até então vigente sobre o patrimônio (a ênfase nos bens de pedra e cal) e passa a encarar também como patrimônios a serem preservados elementos da chamada esfera intangível, como práticas e expressões culturais (cf. Fonseca, 2009). Tal mudança de enfoque repercute diretamente na própria redação da Constituição de 1988, que

inclui como foco do patrimônio cultural brasileiro tanto bens de natureza material como aqueles de natureza imaterial (para saber mais, ver artigo 216 da Constituição). Iniciativas nessa área ganham maior corpo e visibilidade no âmbito das políticas públicas nacionais após publicação de Decreto Federal, em 2000, que institui “o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro”<sup>12</sup> e também após publicação, em 2003, pela UNESCO, de Convenção que define diretrizes e elenca recomendações que transformam, no âmbito das políticas públicas internacionais, o entendimento do chamado patrimônio cultural. Todas essas redefinições acabam por colocar em xeque a tradicional divisão entre tangível e intangível e, inevitavelmente, dão origem a formas novas de identificação e registro de patrimônios, com ênfase na utilização da ideia de referência cultural (Cf. Arantes, 2008 e 2010).

Salienta-se assim que a noção de referência cultural aqui empreendida busca não distinguir material de imaterial, produto de processo, objeto de produção etc. Considera-se, portanto, como referência cultural tudo aquilo que pode aludir, indicar feixe de sentidos ou representar determinado fenômeno social; no caso, tudo aquilo que, de alguma forma, diz sobre ou toca o tema futebol. Vale dizer que tal ideia é um construto, não se encontra, portanto, pronta no universo da pesquisa. É o pesquisador que, munido de metodologias adequadas, de treinamento específico e a partir de discussões coletivas dentro de um projeto mais amplo de mapeamento, observa o fenômeno objeto de seu campo e o

---

12. Decreto nº 3551, de 4 de agosto de 2000.

define, a partir das premissas do projeto, como referência cultural. No caso da pesquisa desenvolvida pelo MF para a criação do CRFB, a metodologia privilegiada para a construção dessas referências é a pesquisa de campo etnográfica.

## **A pesquisa de campo e o relato etnográfico**

A pesquisa de campo que visa o levantamento e descrição de referências sobre futebol tem por base o método etnográfico. Certamente, trata-se de uma aplicação da etnografia fora de seu contexto habitual, qual seja, o de pesquisas cuja relação pesquisador-pesquisado é de mais longa duração e com recorte e escopo mais delimitados do que a proposta do CRFB. Contudo, o uso do método, ainda que com limitações de tempo de convivência com os grupos pesquisados, é pertinente na medida em que se mantém o pressuposto básico de se partir de uma atitude de estranhamento por parte do pesquisador em relação ao seu objeto de estudo.

Como enunciado anteriormente, a pesquisa desenvolvida pelo MF pretende conhecer e descrever locais de prática do futebol, que vão além dos espaços canônicos do esporte. Isso significa contemplar também os bares, restaurantes ou outro tipo de casa comercial que reúnem torcedores em dias de jogos, que são sedes de times de várzea, que abrigam coleções de fotos, objetos e documentos; as coleções privadas dos mais variados itens relacionados ao futebol (de latinhas de cerveja a pins, de álbuns de figurinhas a camisas, bonés ou outros itens de indumentária, de flâmulas a livros, revistas e jornais, etc.); as coleções de instituições, públicas ou privadas, que também possuem, em maior ou

menor volume, itens do universo do futebol (incluem-se aí toda sorte de itens reunidos em clubes e também fotografias, livros, vídeos etc. presentes em instituições variadas que não possuem nenhuma relação direta com o universo do futebol); associações de ex-jogadores que promovem ações esportivas e culturais; escolinhas de futebol; espaços públicos multifuncionais, mas dirigidos às práticas esportivas (como os Clubes Desportivos Comunitários – CDCs e os Clubes Escolas); empresas promotoras de torneios e campeonatos; empresas fabricantes de uniformes que patrocinam eventos importantes da cidade, e por assim vai.

O processo de registro inicia-se no levantamento inicial de contatos e locais, realizado a partir da internet (via redes sociais, blogs especializados e sites) e, principalmente, por indicações dadas por pessoas já contatadas pela pesquisa. Cada contato gera, invariavelmente, outros contatos e indicações, na estratégia já clássica de pesquisa denominada “Bola de Neve” (Bienarcki & Waldorf, 1981). Tal opção resulta, num primeiro momento, num campo aberto de possibilidades de locais para serem pesquisados. O risco a ser evitado, dado a amplitude da prática e a dimensão da cidade de São Paulo, é o de cair numa proliferação de contatos sem a constituição de um sentido comum. Ou, devido ao pouco tempo de contato com o campo, o perigo é que o registro não dê conta de entender e compreender possíveis relações existentes entre os locais pesquisados, caindo em uma segmentação que pode obscurecer a articulação entre os elementos. Todavia, a vantagem dessa técnica é permitir chegar, por meio da indicação dos próprios atores do campo, a outros espaços, práticas e sujeitos que possam ser mapeados, seguindo assim uma lógica interna ao campo estudado.

Por serem indicações relacionadas a um tema – o futebol – ainda que tomado em suas múltiplas dimensões e significados, o levantamento de contatos, a longo prazo, passa a delinear os contornos de uma rede atuante na cidade – principal ponto de chegada da pesquisa. Isso somente é possível porque tal levantamento ocorre concomitantemente à visita a locais e a pessoas. Assim, a rede de referências, produto do mapeamento, nutre-se também das informações trazidas a partir das observações do pesquisador, que vai descobrindo os sentidos e os elos entre um ponto e outro dessa rede <sup>13</sup>.

Vale lembrar que *“não é a obsessão pelo acúmulo de detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento”* (Magnani, 2009: 136). Essa atenção

- 
13. Vale a pena destacar a noção de circuito, elaborada pelo antropólogo José Guilherme Magnani e que tem sido importante para o desenvolvimento dessa pesquisa e para a compreensão dessa rede. Entendido como aquilo que *“une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários”* (1996: 45), pode-se entender o circuito como uma rede física e/ou simbólica que conecta espaços, pessoas, objetos, saberes e sentidos, que é identificada somente quando se toma o ponto de vista de seu praticante, isto é, só é possível localizar e mapear a rede quando o pesquisador segue aqueles que atuam dentro dela. A noção de circuito auxilia na compreensão e organização das práticas, relações e atores envolvidos no recorte empírico escolhido e, aplicada a essa pesquisa, orienta o levantamento, mapeamento e escolha dos critérios para a catalogação dos indicadores de memória do futebol.

aos elementos, propiciadas pelas visitas aos locais (pesquisa de campo) e pela conseqüente construção dessa rede de conexões *in locu*, tem sido um dos nortes da pesquisa. Ao optar pelo uso da etnografia no processo de trabalho não se está lançando mão somente de um método, mas também de pressupostos conceituais que incidem diretamente no modo de perceber o outro, dele se aproximar e com ele interagir. Se a ideia de mapeamento não deve se confundir com a noção já consagrada de etnografia, dela se pode e se deve experimentar, ainda que de modo considerado talvez mais superficial, já que menos detido e mais abrangente<sup>14</sup>. Tal forma de abordagem visa garantir que os dados produzidos sejam construídos na relação com o outro e sempre em contexto.

Para resumir o processo de trabalho que vem sendo feito, vale ressaltar que durante a pesquisa seguimos com as etapas, concomitantes, de levantamento de contatos, agendamento de visitas, revisão e/ou produção de roteiros de observação, a serem seguidos durante a visita de campo, realização das visitas (com a produção de registros fotográficos e de vídeo, entrevistas em áudio, observação participante com registro em diários de campo), apresentação oral do relato de campo em reunião de equipe, visando discutir pontos comuns entre as visitas realizadas e, por fim, a escrita de um texto, denominado "relato de campo", base para a catalogação das referências no banco de dados e um dos

---

14. O uso da etnografia em trabalhos relacionados à identificação de patrimônios culturais não é novidade e tem um bom exemplo nos inventários nacionais produzidos, entre outros, pelo antropólogo Antonio Arantes e equipe em projetos realizados no âmbito do IPHAN.

documentos finais a que o público terá acesso. É nesse conjunto de procedimentos, portanto, que se delinea o que é uma referência a ser catalogada em nossa base de dados; cabe ao pesquisador estabelecer as conexões entre as diferentes referências apontadas pela equipe de trabalho.

Considerando alguns tipos de locais a serem visitados<sup>15</sup>, foram construídos roteiros específicos que passaram a orientar o pesquisador quando em campo. Apesar das especificidades de cada roteiro, eles têm em comum (1) a identificação de dados básicos do local mapeado (do endereço à descrição de atividades lá realizadas); (2) a elaboração um breve histórico do lugar e descrição as suas principais características; (3) a identificação de itens de memória (com a indicação de arquivos, coleções de fotos etc.) realizada *pari passu* a interpretação dos modos como o local/

- 
15. Vale dizer que o primeiro desafio enfrentado pela equipe de pesquisa foi a definição do recorte empírico. Inicialmente o projeto previa o levantamento de qualquer prática ligada ao futebol, sem diferenciá-las diversas modalidades de prática do futebol existentes, como por exemplo, o futebol de campo, o *society*, o futsal entre outros. Após uma avaliação efetuada pela a equipe, constatou-se que o tempo previsto para a implantação do CRFB não permitiria um campo de pesquisa tão ampla nessa primeira fase e optou-se por restringir a pesquisa inicial ao futebol de campo, que em si já se tratava de um universo bastante grande. Como recorte inicial, portanto, elencamos o foco de atenção do projeto a partir de uma primeira classificação dos espaços de práticas e/ou de memória do futebol que inicialmente seriam mapeados: times profissionais, times amadores, clubes escolas, torcidas organizadas, colecionadores. Posteriormente, acrescentamos a essa lista os eventos e festivais. Os roteiros foram elaborados tendo em vista esta primeira classificação e divisão.

grupo trabalha a memória do esporte e (4) a identificação da rede de relações na qual o local/grupo se insere e da qual participa de alguma maneira (campeonatos, instituições, outros locais etc.).

Esses itens comuns a todos os roteiros têm como objetivo obter um conjunto mínimo de informações que permitam vislumbrar certas regularidades e padrões, possibilitando comparar e relacionar os diferentes tipos de locais visitados, bem como identificar as conexões e elos de sentido existentes entre eles. Além das perguntas básicas a todos os tipos de lugares visitados, foram elaboradas também perguntas específicas a cada tipo de local de modo a contemplar complexidade e especificidades do universo da pesquisa. Em campo e com o roteiro em mãos, o pesquisador se aproveita dos mais diversos recursos, da gravação de entrevistas a registros visuais e sonoros (incluindo desenhos), da observação ao relato etnográfico (este último tendo duplo papel: fonte para o registro futuro de referências no banco de dados e ele próprio transformado em documento), mesclando metodologias de registro e interpretação.

É importante destacar que realizar um mapeamento de locais de prática e memória tomando-se como base a etnografia nos parece um dos pontos forte da abordagem escolhida pelo MF para que a instituição cresça e se conecte a locais que são de seu interessante e escopo. A pesquisa assim empreendida permite produzir mais do que informações primárias a respeito de tais referências, uma vez que tem por pressuposto tentar acessar indícios de lógicas que organizam e simbolizam esse esporte no contexto da cidade de São Paulo. Ou seja, mais do que levantamentos aleatórios e desconexos, o recurso da etnografia permite a criação de elos de sentido entre os elementos mapeados, o que contribui para o enten-



dimento de sua relevância e pertinência e confere uma dimensão analítica ao processo. Conforme aponta Magnani, em texto onde discute as especificidades do método de pesquisa etnográfico,

a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (2009: 135).

Nesse sentido, a pesquisa ora empreendida procura ir além do simples levantamento dos espaços existentes de prática e memória do futebol, e busca compreendê-las de modo minimamente contextualizado. Mais do que construir grandes linhas de análise sobre o futebol em São Paulo, o principal objetivo é inventariar de forma bastante geral, porém contextualizada, as diversas referências culturais do futebol levantadas no processo de mapeamento.

### **Pequeno “causo” da pesquisa: dissolvendo a divisão material-imaterial**

Ao propor a constituição de um inventário de referências sobre futebol a partir de dados trazidos por uma pesquisa de cunho etnográfico, o Museu do Futebol toma por princípio que o con-

teúdo levantado, sistematizado e catalogado em banco de dados parte das ideias chamadas nativas, para ficar no jargão antropológico: ideias e valores expressos e acionados pelos próprios praticantes da ação; com isso se busca fugir de uma prática de pesquisa que impõe o olhar e os valores do pesquisador sobre os dos grupos pesquisados.

Dito de outra maneira, o MF constrói e delimita o que venha a ser uma referência sobre futebol a partir dos arranjos criativos feitos pelas próprias pessoas que o praticam e o vivenciam, contemporaneamente, na cidade. Assim, procura-se dar voz a diferentes agentes e também apreender as diferentes lógicas de ação desse universo (Cf. Toledo, 2002). Esta perspectiva permite abrir o leque de possibilidade de interpretações sobre um mesmo fenômeno sem congelar, numa visão externa e institucional como pode ser a de um Museu, os seus significados, valores e opiniões. Para exemplificar, relatamos abaixo um pequeno caso, um achado da pesquisa de campo, que permite vislumbrar os rendimentos desse tipo de pesquisa para o fenômeno estudado.

•••

O futebol de várzea, que na cidade de São Paulo é sinônimo de futebol de campo amador, é um dos focos da pesquisa. Antes de iniciar o trabalho de campo, imaginávamos encontrar pela cidade campos de terra batida, com arquibancadas precárias, ou sem arquibancadas, espalhados pelos bairros mais periféricos onde a especulação imobiliária ainda não tivesse chegado. Tínhamos

a preocupação, imediata, portanto, de garantir um registro dos campos atuais e dos usos desses espaços, pois é sabido que, com o crescimento contínuo da maior metrópole do país, tais áreas estão fadadas a desaparecer e os times amadores, a se reorganizarem em outros locais, fenômeno que já vem ocorrendo em algumas regiões da cidade.

Foi assim que chegamos aos Clubes Desportivos Comunitários (CDCs), localizados em vários bairros da cidade, em sua maioria nas regiões periféricas, que abrigam atividades esportivas e comunitárias, tais como escolinhas de futebol ou de outros esportes, espaço para festas e confraternizações, oficinas e cursos oferecidos à população do bairro etc. São 27 CDCs temáticos de futebol na cidade, que estão incluídos no programa Clube Escola, da Prefeitura de São Paulo. Por conta desse programa, a administração dos CDCs (que inclui a manutenção e limpeza do local, a organização de sua grade de atividades e a definição dos gestores) é realizada por meio de parceria público-privada, a partir de convênios com entidades da sociedade civil. E, em alguns casos, são times de várzea que se institucionalizam para gerir os CDCs.

Tal configuração já delineia um aspecto interessante a respeito da prática do futebol de campo amador na cidade: ainda que tais times não sejam, tais como os clubes profissionais, formalizados e incluídos em federações e campeonatos esportivos oficiais, isso não representa uma ausência total de formalização e de organização, como uma visão de fora poderia supor. Pelo contrário, a pesquisa tem revelado o quanto a organização de campeonatos amadores pela cidade mobiliza um grande contingente de pessoas, recursos financeiros e empresas patrocinadoras, para além dos próprios times e torcedores. E, ao começar a traçar os nós de uma

rede de ações e espaços dedicados ao futebol de várzea na cidade, um elemento – a grama sintética – surgiu como representativo dos significados da várzea para o futebol atual.

A visita a CDCs, e também a outros campos de futebol de várzea, revelou uma mudança bastante simbólica na paisagem: a introdução de grama sintética substituindo os campos de terra. Trata-se de uma mudança radical, do ponto de vista do que se cristalizou, durante décadas, como o fenômeno da várzea paulistana. Não faltam análises de especialistas (sejam jornalistas esportivos, sejam historiadores ou sociólogos) que apontaram o campo de terra, com suas imperfeições e aridez, como um dos elementos responsáveis pela “raça”, “ginga” e “malandragem” do jogador brasileiro, como se a forma de jogar, o estilo de jogo, fosse moldado, dentre outras coisas, pelo tipo de solo onde se pratica o futebol.

Sem adentrar o porquê da criação desse discurso e o quanto ele pode ou não ser pertinente para a interpretação do futebol brasileiro, a introdução de um elemento novo, a grama, e, ainda, em seu formato industrial, não natural, causou uma estranheza imediata ao grupo de pesquisadores. A primeira sensação foi a de perda de uma aura, de algo mítico ao nosso futebol, o “terrão” – como se a introdução da grama sintética levasse embora consigo o “bom futebol”, ou o “futebol autêntico”, jogado numa paisagem congelada no tempo. A várzea do “terrão” supostamente seria o encontro de um futebol menos mercantilizado, no qual as pessoas jogariam pela paixão ao esporte e não pelo dinheiro.

O risco de se ficar nessa interpretação seria muito grande caso não levássemos a sério o fazer etnográfico. E eis aqui a diferença do tipo de registro que se propõe produzir e divulgar no CRFB: não partir de discursos externos e visões exógenas, mas das fa-

las dos produtores da ação. Afinal, por que os times estão reformando seus campos e colocando a grama sintética? Por que essa reforma passa a ser desejada pelos jogadores? O que a grama representa nesse universo, a ponto de ser objeto de premiação dos principais campeonatos amadores da cidade?

As respostas encontradas, até o momento, elencam uma série de razões e valores que dizem muito sobre o que é, afinal, o futebol varzeano na cidade. A grama possibilita ao jogador fazer um jogo mais fácil na condução da bola e com menos riscos de lesões físicas. Jogar na várzea, ainda que de forma não profissional, é uma ocupação de muitos homens em idade ativa. Em algumas categorias, principalmente a “máster”, encontra-se jogadores “de final de semana”, isto é, que possuem outra ocupação profissional. Mas, dentre a categoria principal, com jovens de 17 a 35 anos, jogar na várzea é a sua principal ocupação. De forma não oficial, muitos recebem remuneração e dependem de sua boa condição física para continuar jogando e garantir seu sustento. Se alguns possuem outro trabalho remunerado, o fazem por ainda não ter conseguido uma remuneração considerada adequada no universo do futebol.

Do ponto de vista de quem administra o campo, a grama sintética representa a possibilidade de uso do espaço de jogo por mais tempo e sem interrupções ao longo do ano, como nas temporadas de chuva intensa, o que no verão pode representar mais de um mês de campo parado. Essa preocupação deriva, principalmente, da possibilidade de aumentar o arrendamento do campo a outros times, prática comum na cidade devido à escassez atual desses espaços (há muito mais times que campos) e que garante, muitas vezes, a verba necessária à manutenção do local.

Além disso, gramar o campo não deixa de ser símbolo de status ao time e à localidade. A reforma para implantação do grama-  
do geralmente acompanha uma melhoria geral nas instalações,  
tais como gradeamento, vestiários, arquibancadas e espaços de  
convivência. E, por ser uma reforma onerosa, dado o orçamento  
anual desses times, muitas vezes a premiação de torneios e cam-  
peonatos de várzea em São Paulo oferece, ao primeiro colocado,  
a instalação de grama sintética. Ter um campo gramado pode ser  
símbolo, pois, de time campeão.

Ao longo da pesquisa, também pudemos conhecer empre-  
sários e políticos que acompanham times e competições, seja  
visando oferecer o serviço e fazer disso uma “oportunidade de  
mercado”, seja com o objetivo de angariar eleitores, associando  
sua pessoa a uma “benfeitoria” local, no caso de políticos. Não  
é o caso de entrar no ponto de vista desses agentes, certamente  
interessante para avançar nas possibilidades de interpretação des-  
se cenário varzeano atual. Mas, ainda fica a dúvida de por que a  
opção pela grama sintética e não pelo gramado natural. As razões  
alegadas são de ordem prática: menor tempo de instalação, me-  
nor custo de instalação e manutenção, etc. Contudo, e lembran-  
do o antropólogo Marshall Sahlins (2003), o mundo não se move  
apenas a partir de uma “razão prática”, mas principalmente por  
meio de uma “razão simbólica”, isto é, os significados das esco-  
lhas e ações humanas não têm por base principal a ordem econô-  
mica – tal como a sociedade capitalista quer crer – mas uma dada  
ordem cultural, fruto da experiência humana. Enfim, sendo as in-  
terpretações de cunho materialista sobre a grama sintética uma  
forma de simbolizar o fenômeno, o que elas simbolizam, afinal?

A pergunta permanece em aberto no horizonte da pesquisa.

Uma pista pode ser a necessidade de contraposição entre o ambiente da várzea e o ambiente dos clubes profissionais, mantendo simbolicamente uma distância do primeiro em relação ao segundo, ainda que o futebol profissional seja, em grande medida, um espelho para a prática amadora. Mas, ainda que tais universos se conectem de formas variadas (seja pelo intercâmbio de jogadores, árbitros e torcedores), há determinados valores construídos e constantemente atualizados na sociabilidade varzeana que parecem permanecer, na longa duração: um ambiente de mais liberdade de ação, seja dentro ou fora do campo, livre de determinadas regras do mundo profissional e do sistema de vigilância dessas regras. Talvez a várzea continue sendo a várzea, ainda que longe dos rios da cidade – posição geográfica inicial que lhes conferiu esse nome – e da mítica paisagem alaranjada dos campos de terra.



O caso relatado indica as dificuldades e potencialidades do registro da prática do futebol pretendido pelo Museu do Futebol; não apenas suscita reflexões sobre o como o futebol é vivenciado (chacoalhando, inclusive, visões mais românticas sobre a várzea paulistana), como exige instrumentos de registro que deem conta de várias facetas (o local, a grama sintética, os agentes, os campeonatos, para citar apenas algumas) de forma resumida, mas multirrelacional. Poder-se-ia acrescentar ao breve relato que, geralmente junto a esses campos, encontram-se sedes que abrigam/reúnem pessoas – e suas histórias de vida, valores, saberes,

modos de ver e viver o futebol – e também toda a sorte de itens, como fotografias, uniformes, flâmulas, e também gritos de guerra, expressões idiomáticas, preces, fazeres (o fazer uma bandeira, o fazer um quitute...), itens de naturezas distintas e cujos significados dependem justamente da inter-relação entre todos os planos identificáveis: o lugar, as pessoas, as atividades, as ações, os códigos e regras de convívio, os diferentes objetos acumulados e guardados, entre inúmeros outros indicadores da experiência futebolística que poderiam ser destacados.

Como a pesquisa empreendida não visa a escrita de uma tese acadêmica (embora possa vir a ser a semente de inúmeras), o desafio é a tradução e o registro sucinto, mas substantivo, desses vários elementos e suas conexões. Elementos – não importa se considerados tangíveis ou intangíveis, já que somente se constituem como relevantes e ganham significado em relação – que dizem sobre como o futebol é vivenciado e experimentado.

### **Conclusão: que futebol “cabe” num centro de referência?**

Ao propor como o principal eixo de uma política de salvaguarda patrimonial do futebol a implantação de um centro de referência, o Museu do Futebol pretende, a partir dos princípios e da metodologia de trabalho apresentada neste artigo, inovar as práticas museológicas de abordar acervos materiais e intangíveis. A implantação do CRFB foi uma iniciativa criada pelo Museu do Futebol com o objetivo de conhecer mais a fundo o universo de manifestações relacionadas ao futebol. Contudo, mais do que



acumular, o ambicioso projeto pretende criar uma rede de pessoas, práticas, eventos e instituições que se retroalimente a partir dos conteúdos da base de dados, que estará em futuro próximo disponível na internet e incluirá a possibilidade de complementação de dados a partir do que os consulentes informarem.

A ideia de rede pressupõe a não hierarquização de seus elementos constituintes: nem do ponto de vista do conteúdo – não se pretende valorizar mais ou menos determinado tipo de referência, seja ela de natureza primordialmente material ou imaterial –, nem do ponto de vista institucional – um local não seria melhor ou pior que qualquer outro que possua algum registro, arquivo ou coleção de objetos relacionados à memória do futebol. A ideia de rede também ajuda a pensar o fenômeno de forma mais ampla, pois pressupõe conexões e depende da descoberta dos sentidos entre os elementos para que seja delineada. A longo prazo, na rede construída por meio do CRFB, as práticas, as pessoas, os objetos, os espaços, os documentos de arquivos e as coleções pessoais, poderão ser tomados como referências de memória do futebol. A divisão material x imaterial, deste modo, perde o sentido, uma vez que tudo tem de estar, necessariamente, em conexão.

É possível afirmar que tal tratamento museológico (visto que realizado dentro de um museu) da informação abre mão de um princípio básico da museologia, a de que cada objeto é único e por isso merece tratamento individualizado e especializado. No inventário que estamos elaborando, não se busca chegar a tal especificidade – ainda que haja lugar para acervos desta natureza na base de dados – mas procura-se relacionar os objetos às múltiplas possibilidades de conexões e sentidos que ele confere. Assim, parte-se do princípio de que os significados dos elementos emergem

no conjunto das relações em que estão inseridos; itens isolados e individualizados, a princípio, não são suficientes para conter e expressar, sozinhos, os sentidos do fenômeno que representam.

Tal opção foi tomada em grande medida devido à própria natureza do fenômeno que se pretende patrimonializar: o futebol e suas múltiplas facetas. Fez-se necessário conseguir transpor essa multiplicidade de relações para a própria base do registro: construir um sistema que permitisse a sobreposição e o cruzamento de informações e, sobretudo, estabelecesse elos de sentido entre os elementos registrados.

Assim, o futebol que se deseja recriar dentro do MF, por meio do seu Centro de Referência, é, na medida em que isso seja possível, o futebol vivido, fruto de paixões e controvérsias, o futebol que não é, sempre está, que inspira manifestações dentro e fora dos campos, que congrega e descongrega pessoas, que sobrevive a transformações urbanas, que motiva arranjos únicos no modo de viver de seus atletas, torcedores e aficionados.

## Referências

**ABA. Antropologia e Patrimônio Cultural - Diálogos e Desafios Contemporâneos.** Lima Filho, Eckert & Beltrão (org.). Blumenau: Nova Letra, 2007.

ARANTES, Antonio. "A salvaguarda do patrimônio cultural no Brasil". In: BARRIO, A., MOTTA, A. & GOMES, M. (org.) **Inovação Cultural, Patrimônio e Educação.** Recife, Ed. Massangana, 2010

\_\_\_\_\_ “Sobre inventários e outros instrumentos de salvaguarda do patrimônio cultural intangível: ensaio de Antropologia pública.” In: **Anuário Antropológico 2007-2008**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2008.

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.) **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos**. Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli; CAMARGO, Ana Maria de Almeida (Coord.). **Dicionário de Terminologia Arquivística**. Associação dos Arquivistas Brasileiros - Núcleo Regional São Paulo / Secretaria de Estado da Cultura - Depto. de Museus e Arquivos, 1996.

BIERNACKI P; WALDORF D. “Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling”. In: **Sociological Methods and Research** 10:141-163, 1981.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da museologia. In **Anais do Museu Paulista**. Jun-dez, vol12, n. 12. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004, p. 268-327.

FONSECA, Maria Cecília L. **O Patrimônio em processo**. 3ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses. Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

MAGNANI, José Guilherme. “Etnografia como prática e experiência”. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

\_\_\_\_\_ & Torres, Lilian de Lucca (org.) **Na Metrópole - textos de antropologia urbana.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1996.

\_\_\_\_\_ & Souza, Bruna Mantese (org.) **Jovens na metrópole - etnografias dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

\_\_\_\_\_ & MORGADO, Naira. "Tombamento do parque do povo: futebol de várzea também é patrimônio" in: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** N. 24, 1996, IPHAN, Ministério da Cultura.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das idéias.** Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas do Futebol.** São Paulo, Editora Hucitec/FAPESP, 2002.

## **Documentos**

Decreto Federal nº 3551 de 2000

Convenção UNESCO 2003

Artigo 216 da Constituição de 1988

## 4.

# Futebol e Memória

ÉDISON GASTALDO<sup>1</sup>

Neste artigo, vou tratar de alguns aspectos da relação entre futebol e memória. Acredito que o futebol é hoje, na cultura brasileira, um dos principais elementos de construção de uma memória social e afetiva relacionada ao sentimento de nação, e à construção discursiva da “identidade nacional”, tema que parece se confirmar a cada participação brasileira na Copa do Mundo de futebol. Após uma breve discussão sobre a noção de memória e as vicissitudes de seu estudo, passo a refletir sobre alguns tópicos sobre futebol e memória, como a elaboração de um “passado

- 
1. Antropólogo, Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutor em Multimeios pelo Instituto de Artes da Unicamp, Pós-Doutor em Sociologia pela University of Manchester (Inglaterra) e em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Departamento de Letras e Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

mítico” futebolístico e o uso lúdico da memória futebolística em interações de sociabilidade cotidiana, bem como o papel da imprensa nesse processo.

## Os labirintos da memória

Lembro que, quando eu tinha uns nove anos, em 1974, fazia coleção do álbum de figurinhas para a Copa do Mundo da Alemanha. Entre meus amigos, os nomes dos jogadores, seus uniformes, bandeiras, escudos e países eram assunto de conversa frequente. Naquelas discussões infantis sobre geografia futebolística, lembro-me da interpretação aplicada ao fato de o time do Haiti só ter um jogador branco, entre 17 negros. Dizia-se que na verdade ele era muito ruim de bola, mas que tinha entrado no time só por ser o príncipe, filho do Rei do Haiti. Na época, o Haiti era governado por “Baby Doc”, o filho do ditador François Duvalier, conhecido como “Papa Doc”, falecido em 1971. Ambos eram negros. Ora, os meninos do bairro Navegantes de 1974 estavam factualmente equivocados. Porém, esta narrativa do “filho do rei do Haiti” não é de todo implausível, pois ela revela a crença dos narradores em um sistema hierárquico racializado, onde o lugar de “rei” e “príncipe” cabe à minoria branca, bem como o acesso facilitado às posições do poder (ser escalado na seleção nacional mesmo sendo ruim de bola). Aos negros, em maioria, o reconhecimento tácito da qualidade de seu jogo, e a superioridade moral sobre o “filho do rei” que só tem lugar no time por ser protegido. Ou seja, falando do Haiti, falávamos do Brasil, falávamos da nossa experiência do mundo e de nossos valores, naquele distante bairro de Navegantes, em Porto Alegre (RS), no início dos anos 1970.

Esta história é interessante para mostrar de que maneira o futebol e a memória se articulam neste cruzamento de narrativas múltiplas, errôneas, contraditórias, e como é importante explorar seus labirintos, suas encruzilhadas e seus becos sem saída. No caso específico, ao explorar o contato com a alteridade fomentado pela realização de uma Copa do Mundo de futebol, aqueles meninos construíam uma interpretação, uma visão de mundo, usavam o futebol para pensar.

A discussão acadêmica sobre a noção de memória e sua relação com a história é longa e controversa, e não pretendo me demorar nela. Helal, Soares e Santoro (2004, p.62) fazem uma boa síntese das posições em jogo neste debate:

uma visão positivista toma memória como distorção, ideologia, ficção ou simples narrativa identitária; outra visão a entende como uma das formas de acesso ao passado que reflete o acontecido no presente e o projeta no futuro. Na segunda perspectiva, apesar de a memória representar aquilo que uma coletividade ou um indivíduo permitiu que chegasse ao presente com imagens, escrita e oralidades, muitas das vezes distorcidas e opacas, ainda assim essa narrativa tem como pretensão a verdade, seja com base na experiência ou nos fragmentos discursivos, imagens e documentos que se apresentam ao presente.

Assim, esta “ambição de veracidade” (Silva, 2002), esta tendência a propor relatos que se apresentam como o que “realmente aconteceu” aproxima a história da memória. Normalmente, o

termo memória vem associado à memória individual, ao relato de experiências vividas, sendo a dimensão pública da memória designada pelo termo “memória coletiva”. O filósofo Paul Ricoeur (citado por Silva, 2002) articula a memória individual à ‘rememoração’, e a memória coletiva à ‘comemoração’, devido ao caráter de celebração (positiva ou negativa) que cerca o acionamento de memórias coletivas, frequentemente promovido por ações de Estado, com maior ou menor sucesso, como, no Brasil, as celebrações do “Sesquicentenário da Independência”, em 1972 ou do “Brasil 500 anos”, em 2000.

Sobre o estudo da memória, de relatos oriundos da imprensa ou de fontes orais, assim como o estudo de fontes históricas convencionais, é preciso sempre fazer a crítica das fontes, isto é, convém ao/à pesquisador/a uma série de cuidados. É preciso considerar que qualquer ponto de vista (seja de um/a jornalista, senador/a ou de um/a membro/a de sua família) é sempre parcial e seletivo, isto é, todo relato apresenta uma versão, não um fato. Entretanto, considerado este *bias* inevitável, é possível ver em cada documento ou relato uma imagem que reflete a sociedade na qual foi criada (como a lógica tácita do esquema racista na história da seleção do Haiti). Outro ponto importante a ser considerado é que o não-dito tem também uma presença importante na construção da memória. Tanto o que foi ignorado quanto o que foi deliberadamente omitido ou escondido tem muito a dizer sobre a sociedade: o silêncio também fala, às vezes mais do que a versão dos porta-vozes “oficiais”. Assim, a pesquisa com a memória tem como uma condição quase essencial o cotejamento das diferentes informações relatadas com outros documentos históricos disponíveis, que permitirá superar eventuais idiossincrasias,



explorar diferentes ângulos e “vozes” dentro do campo discursivo e possibilitar uma leitura mais densa do que chamamos “realidade”, no passado e também no presente.

## Questões de futebol e memória

Podemos falar por um bom tempo sobre a relação entre futebol e memória em geral. O esporte moderno, desde suas origens, em meados do século XIX, trouxe consigo a lógica da modernidade: a obsessão pelo controle, pelo registro e pela estatística encontra sua mais perfeita expressão na ideia do “recorde”. Inexistente nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, a figura do recorde transforma completamente o sentido da competição olímpica. Em uma Olimpíada da Antiguidade, competia-se contra os outros atletas da mesma prova. Com o recorde (decorrência da invenção do cronômetro e do relógio), a um atleta de ponta importam menos os adversários de prova do que quebrar o “recorde mundial”. Essa busca incessante de registrar os feitos dos/as atletas faz com que o acesso a uma multiplicidade de informações relativas aos fatos esportivos seja não apenas fácil, mas uma parte essencial de qualquer evento esportivo moderno. Para qualquer esporte que considerarmos, haverá uma série histórica de campeões, o jogo ou prova com maior score, o gol ou nocaute mais rápido, o maior número de *pole positions* em um campeonato, etc. No caso brasileiro, o universo do futebol fornece amplo volume de dados e registros históricos, matéria-prima para reconstruções discursivas de memória individual e coletiva na vida cotidiana. Neste tópico, vou comentar três aspectos do entrecruzamento entre futebol e memória na cultura brasileira contemporânea.

## a) A “era de ouro”

Os discursos da memória do futebol no Brasil apresentam muitas vezes, no relato de torcedores e no discurso da imprensa esportiva, elementos de nostalgia, no tema mítico da “era de ouro”, presente em muitas culturas, só que aplicado ao campo de futebol. Na mitologia de vários povos, existe a referência à “era de ouro”, onde os deuses e heróis caminhavam sobre a terra, feitos milagrosos eram corriqueiros, e havia fartura e felicidade por toda parte. Normalmente, este tema reflete a ênfase de uma cultura em preservar seu orgulho mesmo em uma situação atual de penúria e decadência, pois nem sempre foi assim. No caso do futebol, este sentimento nostálgico vem da evocação do futebol de outros tempos, tempos de glória, quando Pelé, Garrincha e Nilton Santos, entre tantos outros deuses e heróis da bola, freqüentavam os estádios brasileiros. A expressão máxima desta era de ouro futebolística, a época do “futebol-arte”, teria sido a seleção brasileira tricampeã do mundo na Copa de 1970. Segundo este discurso, aquela seleção (com seu ataque composto por Jairzinho, Tostão, Gérson, Pelé e Rivelino) jogava “por música”, puro talento e jogo de corpo, a quintessência da brasilidade em campo.

É curioso constatar que, em 1970, a imprensa esportiva destacava justamente o caráter “científico” da preparação, como a inclusão do preparador físico Claudio Coutinho na delegação, na época um capitão da Escola de Educação Física do Exército, com formação na Europa, para dar à equipe brasileira o melhor condicionamento físico para as partidas. Para lidar com a altitude, a delegação concentrou-se na cidade montanhosa de Guanajuato várias semanas antes da competição (sobre a discrepância entre o

discurso saudoso do futebol-arte e o discurso da imprensa esportiva em 1970, ver Helal, Soares e Santoro, 2004).

O discurso saudosista não lida apenas com o louvor do passado, ele também usa o elogio do passado para denunciar a miséria do presente. Lovisolo (1999, p. 62) define bem a lógica desta perspectiva:

O saudosismo é um elemento tradicional e sempre presente na crítica do futebol moderno, comercial, espetáculo ou indústria, e é localizável já em escritos produzidos no século passado. Há um coro de vozes que afirmam que o futebol do passado era superior, melhor, mais futebol. Nas versões menos elaboradas, o futebol era melhor porque original, e sua evolução ou história apenas testemunhariam sua decadência. O saudosista adere ao mito de que as coisas são puras e plenas quando nascem, e depois começa a deterioração.

O curioso, no caso de 1970, é que, à época, a seleção brasileira vinha da derrota na Copa de 1966, a pior participação brasileira na história das Copas do Mundo. Assim, o discurso saudosista de então negava a seleção tal como estava configurada, e pregava o retorno a 1958-1962, mesmo que o estilo técnico daquele futebol já estivesse defasado e os craques de então, aposentados, à exceção de Pelé, que, em fim de carreira, jogaria sua última Copa do Mundo. O exemplo é interessante, pois demonstra tanto as contradições inerentes à construção discursiva da memória, quanto o acionamento de posições ideológicas diversas – mesmo díspares – a partir do quadro de referência fornecido pelo universo do futebol.

## **b) Futebol e jogos de memória**

Os usos da memória em relação ao futebol podem adquirir uma dimensão extremamente lúdica no cotidiano. No Brasil, há vários anos venho tratando de uma modalidade de interação social lúdica relacionada ao futebol, que denominei “relação jocosa futebolística” (Gastaldo, 2005) Uma relação jocosa futebolística inicia com a definição dos/as participantes como torcedores de um time, que então pode ser provocado, zombado ou desafiado – e a réplica mordaz é sempre esperada. Esta forma de relação social lúdica perpassa a sociabilidade – principalmente masculina – no Brasil inteiro. Em sua lógica brincalhona e implacável, existe sempre um “principal rival”, e as rivalidades locais são normalmente mais importantes que vitórias em grandes torneios. Vitórias em competições como Libertadores da América e Mundiais Interclubes – como, aliás, qualquer jogo de qualquer campeonato, são reinterpretadas em termos da superação do rival. Durante os anos 1980, a grande discussão entre gremistas e colorados era: o que vale mais? Três campeonatos brasileiros ou uma Libertadores e o Mundial? A uma questão como essa, não importam respostas, importa é o debate. Para a relação jocosa, quanto mais ironia e mordacidade, melhor. Assim, elementos da história antiga e recente dos clubes são reinterpretados pelos torcedores em relações cotidianas.

Durante pesquisa etnográfica em bares em que torcedores assistiam coletivamente a jogos de futebol no Rio Grande do Sul (Gastaldo, 2005), presenciei algumas vezes torcedores colorados fazendo uma “enquete” com os participantes de outras mesas, enquanto o jogo não começava. Perguntavam “onde você estava no

Grenal dos 5 x 2?” A alusão foi a uma famosa partida ocorrida em 24 de agosto de 1997 pelo campeonato brasileiro, na qual, entre muitas expulsões e sete gols, o Inter venceu o Grêmio por 5 x 2 no Estádio Olímpico, com grande atuação do atacante Fabiano. Na situação do bar, a recordação pública da memória pessoal de cada torcedor colorado sobre onde estava durante o jogo de uma década atrás servia para avivar a memória coletiva do próprio jogo, e assim, alfinetar os torcedores gremistas presentes. A recíproca também é verdadeira: em fóruns de Internet e em comentários das notícias de portais jornalísticos, é comum ver torcedores do Grêmio, em discussões com torcedores colorados, citarem que o primeiro Grenal, em 1909, teve o placar de 10 x 0 para o Grêmio, até hoje a maior goleada da história do clássico.

Mesmo com finalidades menos agonísticas, a rememoração coletiva de grandes jogos e eventos do passado relacionados ao futebol é compartilhada como elemento de sociabilidade. Um exemplo pode ser o jogo Rio Grande do Sul 3 x 3 Brasil, ocorrido em 1972. Embora em outras partes do Brasil esta partida amistosa ocorrida há cerca de 40 anos seja apenas curiosidade, no Rio Grande do Sul, muitas pessoas se lembram das circunstâncias e da mitologia em torno dela (v. Guazzelli, 2002). A insólita partida ocorreu como parte de um arranjo da então CBD para acomodar os interesses contrariados da Federação Gaúcha de Futebol, como relata Guazzelli (2002, p. 40):

A não convocação do atleta Everaldo Marques da Silva – único representante do Rio Grande do Sul no lendário escrete tricampeão mundial de 1970 – para a Taça da Independência ou Mini-Copa, um

campeonato comemorativo do sesquicentenário do 7 de setembro, motivou uma “crise” com ampla repercussão entre futebolistas, políticos e imprensa. O ato da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foi considerado ofensivo ao Rio Grande, e a solução encontrada para resolver o impasse foi um “tira-teima” entre a seleção brasileira e uma seleção “gaúcha”, jogo este que reuniu e construiu uma série de significados.

Entre os significados evocados por esta partida memorável, estava o de uma “revolução farroupilha” dentro de campo, os “gaúchos” hostilizaram os “brasileiros”, vaiando a seleção tricampeã do mundo durante 90 minutos, lançando pedras e objetos ao gramado e inclusive queimando bandeiras nacionais – em pleno período Médici. O escore final, 3 x 3 (com a seleção brasileira perdendo o jogo quase todo o tempo e buscando o empate ao final do segundo tempo), acomodou bem os interesses em jogo: a seleção brasileira não perdeu, e a seleção gaúcha mostrou seu valor. Não obstante, a Mini-Copa aconteceu sem nenhum jogador gaúcho. Para os 110 mil torcedores presentes <sup>2</sup> (e outras centenas de milhares, acompanhando pelas rádios), entretanto, aquela partida amistosa ficou marcada como um momento de desforra, como o dia do duelo do Rio Grande do Sul contra o Brasil, atitude que Guazzelli denominou “a província de chuteiras”. Como o Gre-Nal dos 5 x 2, Brasil x Rio Grande do Sul foi um jogo sobre

---

2. O número – recorde histórico de lotação do Estádio Beira-Rio – é uma estimativa: as roletas de acesso quebraram quando computavam 106 mil pessoas.

o qual as pessoas mais velhas comentam, como testemunhas de um momento histórico. Ao compartilharem suas memórias, ajudam a construir a história de um evento esportivo que, em seus contornos e circunstâncias, vai configurando-se, com o correr do tempo, como um evento com as dimensões do mito.

### **c) Imprensa e memória no futebol**

É importante destacar, na construção discursiva da memória relacionada ao futebol brasileiro, a participação fundamental da imprensa esportiva. Lovisolo (1999) pondera que, sem a imprensa, é possível que o futebol não existisse mais. De fato, o surgimento do esporte no Brasil é concomitante com o surgimento da imprensa moderna. Desde o início do século XX, quando a imprensa se profissionaliza e a impressão em offset faz dos jornais um meio de comunicação de massa propriamente dito, a editoria de esportes só tem feito crescer. Da página final ao caderno especial, o noticiário esportivo promove um fluxo constante de informações e comentários, do qual Umberto Eco (1984) reclamava como “falação esportiva”. Cabe aqui uma observação: como todas as demais fontes históricas, é necessário fazer também a crítica dos discursos da imprensa esportiva. Mesmo que se leve em conta o ideário jornalístico da objetividade e da “fidelidade aos fatos”, todo discurso – jornalístico inclusive – é uma construção social, produto de relações de poder e de circunstâncias históricas que precisam ser levadas em conta. Mesmo o que é apresentado como “fato” é mais um aparato feito de discurso, com tudo o que isto implica.

Por exemplo, Edileuza Soares (1994, p. 56-57) conta uma história que caracteriza particularmente bem esta apropriação/

construção do “fato” pelo discurso jornalístico. No início dos anos 1960, quando a seleção brasileira disputou uma partida na Argélia, um radialista destacado para narrar o evento não dispunha de fio suficiente para chegar com seu microfone até o campo, não podendo ver o jogo que teria de narrar. Inventou então um estratagema: o ex-jogador Leônidas, então comentarista de sua emissora, ficava à beira do gramado e corria até o local onde ficava o locutor para avisar quando acontecia um gol e quem fora o artilheiro. Enquanto isso, o locutor narrava para os brasileiros do outro lado do Atlântico uma partida imaginária, na qual inseria subitamente as jogadas que conduziavam aos gols anunciados pelo colega. O pitoresco exemplo evidencia uma característica dos eventos veiculados na mídia: o evento passa por “real”, mas é uma construção do enunciador, uma representação. Evidentemente, a veiculação pretende ser (e se afirma) “fiel aos fatos”, mas mesmo uma transmissão de televisão ao vivo, em cores, via satélite é, em si, uma representação.

Se com referência à imagem ao vivo já ocorre este processo de articulação de significado, ele ainda é mais evidente quando se levam em conta a narração e os comentários acerca do jogo, tanto na transmissão de TV e rádio quanto nos jornais do dia seguinte. É evidente que não é “privilegio” do futebol ter significados construídos pela mídia. Ela opera esta mediação como regra, construindo uma “noção de realidade” própria, que evidencia determinados fatos sob determinados enfoques, em detrimento de outros. O interesse social pelo futebol no Brasil durante a Copa é apropriado pela mídia, que, em princípio, atende a uma “demanda social” pré-existente, produzindo peças de comunicação e criando um circuito de produção e consumo motivado pelo evento em



curso, no qual se inserem, além da cobertura dos jogos, cadernos especiais nos jornais e revistas, longas matérias nos telejornais, programas diversos com a temática da Copa, anúncios publicitários, etc., colaborando de modo ativo para definir a realidade nos termos ideológicos da representação do Brasil como “o país do futebol”.

## **Para concluir**

Os múltiplos usos do futebol como operador de discursos da memória no Brasil mostram muito sobre o que somos e sobre a importância que este esporte tem em nossas vidas cotidianas. Mesmo tendo em conta que é preciso desconfiar de ‘verdades’ neste campo, o importante é que nestes discursos – refiram-se a ‘fatos’ ou não – revelamos nossos sentimentos e nossa visão de mundo, nossas categorias e hierarquias, nossas fragilidades e medos. Pensar e falar sobre o futebol, e construir memórias afetivas de jogos e jogadores, sempre matizadas com as cores de um clube, representa mais do que passatempo ou distração: são maneiras de conhecermos a nós mesmos.

## **Referências**

ECO, Umberto. “A Falação Esportiva”. In: **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

GASTALDO, Édison. “O Complô da Torcida” **Horizontes antropológicos**, v.11 n.24. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2005.

GUAZZELLI, Cezar. "500 anos de Brasil, 100 anos de futebol no RS: a construção da 'província de chuteiras'". **Verso e reverso**. XVI, N. 34, São Leopoldo: Unisinos, 2002.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio J.; e SANTORO, Marco. "Futebol, imprensa e memória" in: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos VI (1)**, p. 61-78. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

LOVISOLO, Hugo. "Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia". *Logos*, n.10, p.61-69. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

SILVA, Helenice R. "'Rememoração'/comemoração: as utilizações sociais da memória". **Revista Brasileira de História**. v. 22, nº 44, pp. 425-438, São Paulo, 2002.

SOARES, Edileuza. **A Bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 2004.

## 5.

# Fintar o Destino (Fernando Vendrell, 1998): Futebol, Pós-Colonialismo, Neocolonialismo <sup>1</sup>

VICTOR ANDRADE DE MELO <sup>2</sup>  
CORIOLANO PEREIRA DA ROCHA JUNIOR <sup>3</sup>

- 
1. Esta é uma versão ligeiramente modificada de trabalho anteriormente publicado.
  2. Professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua no Programa de Pós-Graduação em História Comparada/ Instituto de História, bem como na Faculdade de Educação. É também professor do Programa de Pós-Graduação em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de Produtividade de Pesquisa ID/CNPq (2010-1014).
  3. Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Licenciado em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

## Introdução

Mané é o dono de um botequim na cidade de Mindelo (Ilha de São Vicente/Cabo Verde). Na juventude foi um bom jogador de futebol, de uma das mais tradicionais equipes do arquipélago, o Mindelense. Foi um grande goleiro, pelo menos isso dizem os poucos amigos que ainda se lembram do seu passado glorioso, entre os quais Toy, seu empregado, admirador e, como ele, ardoroso “benfiquista”<sup>4</sup>.

No momento em que estava no auge de sua história, o Benfica fizera a Mané um convite para atuar em Lisboa, a oportunidade de realizar o sonho de tantos em Cabo Verde. Trata-se de uma referência a uma ocorrência comum na história dos países africanos de língua portuguesa, desde o tempo em que eram ainda colônias: os clubes da antiga metrópole constantemente contratavam para suas equipes os melhores jogadores.

Devemos lembrar que uma das razões do sucesso do Benfica, no período em que obteve os melhores resultados de sua história (décadas de 1950 e 1960), foi a atuação de um dos melhores futebolistas de todos os tempos, o moçambicano Eusébio, até hoje cultuado como um dos grandes ídolos do país, na época também celebrado como exemplo positivo das peculiaridades do colonialismo português. Aliás, nessa equipe e na seleção nacional devemos também destacar a performance do angolano José Águas e do moçambicano Mário Coluna.

---

4. Torcedor do Sport Lisboa e Benfica, mais conhecido como Benfica, um dos mais populares clubes de Portugal.

Para Mané, todavia, as coisas não funcionaram da mesma forma. A vida lhe pregou algumas peças. Motivos diversos, entre os quais a namorada grávida (sua atual esposa, Lucy), impediram-no de concretizar o seu desejo, ao contrário do amigo Américo, que, também convidado pela equipe lisboeta, foi em busca da felicidade em terras europeias.

Nunca mais se soube de Américo, mas certamente, muitos imaginam, estará bem de vida, ao contrário de Mané, que enfrenta as dificuldades de um país recém-independente (1975), o qual procura encontrar caminhos para se viabilizar economicamente. O ex-goleiro sempre defende o velho amigo daqueles que desconfiam de sua trajetória, como Djack, frequentador contumaz do botequim, crítico das representações construídas pelo personagem central. Luiz, outro *habitué*, ao contrário, é a imagem do equilíbrio, o exemplo de quem saiu do arquipélago, estudou em Lisboa, prosperou e pode informar ao protagonista algo dessa experiência.

Mané vive insatisfeito, uma história marcada por enorme saudade do que não chegou a viver. Só lhe entusiasma o campeonato português de futebol, que acompanha com fervor quase religioso, e a esperança de que Kalu, jovem que é por ele treinado em uma equipe local, possa se destacar no exterior. Nos dias de jogo, seu estabelecimento se enche de ardorosos torcedores do Benfica. No presente, como no passado, o futebol é parte constituinte do cotidiano local, discutido e praticado nas ruas, praias, campos de terra. Com avidez são acompanhadas as notícias que chegam pelo rádio e pelos jornais, para poucos pela televisão.

Mané vive imerso em conflitos familiares. Lucy lhe acusa: “Gastas tudo com a mania do futebol”. Mané retruca: “Não fui para o Benfica por tua causa. E tu queres estragar tudo outra

vez!". Uma decisão, todavia, vai mudar a amargurada trajetória do herói. De novo Lisboa será o porto onde seus sonhos vão atracar. Por lá ele confrontar-se-á com seu passado.

Essa é, em linhas gerais, a trama de *Fintar o destino* (1998), filme dirigido, produzido e roteirizado por Fernando Vendrell<sup>5</sup>. De um lado, a película aborda um tema universal: um personagem central que, por não ter resolvido suas questões do passado, não consegue viver bem o seu presente. Será necessário o herói fazer uma viagem por sua história para conseguir sua redenção.

O filme toca também em outra questão que nos dias atuais cerca a vida de muitos indivíduos espalhados pelo planeta: o espaço especial que ocupa o futebol como sede de sonhos, possibilidade de afirmação, alternativa de ascensão social. O próprio título é uma feliz referência ao que espera um sem número de crianças e jovens em situação de risco ao se envolver com o esporte, ainda que saibamos que poucos realmente logram conseguir tal feito: fintar o destino.

De outro lado, há na película questões bem locais. A trajetória decadente do personagem central tem semelhanças com a própria história de Mindelo, a capital de São Vicente: ambos outrora foram gloriosos e pujantes, mas nos dias de hoje não passam de um espectro do que foram, pelo menos nas representações mais comuns ao seu redor construídas. Uma angústia os une: como se libertar dessa sensação e perspectivar outro futuro?

A outra questão local: o espaço do futebol no antigo Império

---

5. Para mais informações sobre a ficha técnica, ver: <http://www.david-golias.com/> e <http://www.imdb.com/title/tt0119122/>. Acessados em 8 de agosto de 2010.

português. Esse esporte é praticado há muitas décadas nas antigas colônias, a princípio a partir de iniciativas privadas, posteriormente, notadamente a partir da década de 1960, incentivado pelo governo metropolitano, que encarou a prática como uma estratégia de construir uma identidade em comum para seu vasto território, em um momento em que começava a mais claramente ruir o colonialismo.

Por exemplo, uma comum ocorrência, na década de 1960, foi a realização de excursões das principais equipes da metrópole, notadamente o Benfica, para participar de jogos de exibição nos territórios ultramarinos. Nessas ocasiões, mobilizava-se a imagem dos clubes não só como forma de propaganda da suposta multiracialidade do Império, como também para estimular a contribuição e o comprometimento com algo da administração colonial.

De fato, o filme acaba tocando na articulação entre os problemas locais, de natureza política e econômica, e a antiga condição colonial. Até quanto a independência resolveu os problemas dos caboverdianos? Cabo Verde é realmente independente ou ainda mantém grande dependência com a antiga metrópole e/ou com um mundo globalizado cujas lendas de sucesso chegam pelas ondas de televisão e rádio, pela internet, pelas páginas dos jornais?

*Fintar o destino*, assim, ao mesmo tempo em que é fortemente ancorado no local, ecoa questões globais, ligadas tanto às epopeias humanas quanto às tensões de um mundo globalizado. A cena de abertura já explicita a condição “glocal” do objeto central: o futebol<sup>6</sup>. Um menino marca com cal as linhas de um campo no

---

6. Para uma discussão sobre o caráter “glocal” do esporte, ver Giulianotti (2005).

belo e árido solo vulcânico de Mindelo. As dimensões e o formato são os adotados internacionalmente, mas a falta de grama e a simplicidade em nada lembram os mais belos estádios do mundo.

A partir do diálogo com *Fintar o destino*, tendo Cabo Verde como foco central de investigação, este artigo tem por objetivo discutir duas ocorrências contemporâneas do âmbito esportivo: a) a relação de ex-colônias com os antigos colonizadores; no caso caboverdiano isso ganha um caráter peculiar já que, durante décadas, a construção identitária majoritária não se deu a partir da ideia de ruptura com Portugal, mas sim na sintonia com a, na época, metrópole, algo que só se interrompeu parcialmente no período pós-independência<sup>7</sup>; b) a migração de atletas de países economicamente menos desenvolvidos para determinados centros, especialmente do mercado europeu; no caso do arquipélago, essa questão toca ainda em outra dimensão muito relevante na sua história, a diáspora.

Argumentamos que essa discussão permite-nos sintonizar a interpretação do esporte com alguns dos debates relacionados ao pós-colonialismo, especialmente no que se refere a posicionamentos neocolonialistas<sup>8</sup>. Ressaltamos que, segundo Bale e Cronin (2003):

- 
7. Para mais informações sobre as construções identitárias caboverdianas, ver Fernandes (2006). Para mais informações sobre o esporte em Cabo Verde, ver Melo (2010).
  8. Não estamos considerando o pós-colonialismo apenas como o período histórico posterior às experiências coloniais, mas também como um olhar teórico que questiona as certezas eurocêntricas e busca descortinar as posturas ativas dos colonizados no processo de tensões sociais que caracteriza as relações coloniais (inclusive sua continuidade em período pós-independência). O neocolonialismo deve ser considerado como



A despeito da vasta literatura que acompanha e tem analisado o pós-colonialismo, há pouco que foca o espaço do esporte no pós-colonial [...]. A ausência do esporte, uma das mais globalizadas e compartilhadas formas de atividade humana, é uma lacuna [...]. Esporte e práticas corporais oferecem um potencial veículo produtivo para considerar o pós-colonialismo (p. 5).

Neste estudo, o filme não foi a única fonte utilizada, nem, obviamente, encarada como a “verdade” sobre o que ocorre no arquipélago. Trata-se de uma obra de ficção, um olhar sobre a realidade caboverdiana, lançado inclusive por alguém de fora do país, um cineasta português. De qualquer forma, as películas, mesmo os documentários, devem ser sempre encaradas como uma representação<sup>9</sup>.

No nosso caso, o filme foi utilizado mais como um guia, um elemento provocador para que discutíssemos os temas elencados (que, aliás, da película emergiram), dialogando com outras investigações, outras fontes, outros olhares. *Fintar o destino* foi nosso mapa, o responsável por apresentar um norte para descortinarmos algumas peculiaridades da contemporaneidade do arquipélago, inserido no cenário mundial, tendo o esporte como elemento central de debate, especialmente o futebol, a mais globalizada das modalidades.

---

a manutenção ou retomada de uma relação hierárquica entre países, reproduzindo, em um momento pós-colonial, práticas típicas do período colonial. Para mais informações, ver Young (2001).

9. Para mais informações, ver Melo (2006).

## Neocolonialismo? A vinculação ao futebol português

Segundo Darby (2006), nas antigas colônias portuguesas na África pode-se perceber um relacionamento mais forte dos torcedores com os clubes de Portugal do que com os de cada país: Borges (2010) confirma esse fato em Cabo Verde, lembrando ainda outra curiosa ocorrência: agremiações locais que se apresentam como filiais de clubes da ex-metrópole (algo observável em todas as ex-colônias). Ligados ao Benfica, por exemplo, existem o Sport Bissau e Benfica (da Guiné-Bissau) e o Clube Desportivo Travadores (de Cabo Verde). Do Sporting o número é ainda maior: há filiais em Angola (5), Moçambique (2), Cabo Verde (4), Guiné-Bissau (1) e São Tomé e Príncipe (2). Já o Porto tem filiais em Angola (3), Guiné-Bissau (4) e Cabo Verde (2).

Na verdade, Giulianotti e Robertson (2009) demonstram que o acompanhamento de campeonatos e times do continente europeu pode ser observado em muitos outros países africanos. Isso seria o desdobramento de uma estratégia comercial articulada entre equipes europeias e empresas transnacionais de comunicação.

Podemos ver em Fintar o destino uma representação dessa ligação com Portugal. Vendrell, aliás, informa que teve a ideia de fazer o filme quando, estando no arquipélago, acompanhou a final do Campeonato Português de Futebol. O grau de mobilização local chamou sua atenção. Posteriormente outros dados o motivaram ainda mais, como o fato de ser *A Bola*<sup>10</sup>, um jornal

---

10. *A Bola*, publicado há 65 anos, é um dos principais periódicos esportivos do mundo. Segundo sua redação, é o segundo mais acessado jornal *on line* de língua portuguesa do mundo (somente atrás de *O Globo*, do Rio de

esportivo de Lisboa, o mais vendido no arquipélago <sup>11</sup>. Além disso, descobrira que há muitas histórias de moradores que tiveram como projeto de vida jogar na Europa.

No filme salta aos olhos não só a enorme paixão dos caboverdianos pelo futebol português, como também a desvalorização do personagem central pelo fato de não ter ido jogar em Lisboa. A trama, aliás, só se resolve quando Mané vai a Portugal, para ver a final do campeonato de futebol e supostamente fazer contatos para Kalu jogar no Benfica. É nesse momento que toma consciência das ilusões que cercam esse sonho europeu.

No aeroporto de Lisboa, sente-se só enquanto seu filho Alberto, que por lá vive há 12 anos, não chega para buscá-lo. Vários caboverdianos recolhem encomendas que trouxera do arquipélago. O primo de Toy pega com ele uma garrafa de grogue, a bebida típica do país, e sacramenta: “o meu primo quer embebedar-me de saudades”. Dá-se conta de que é, mesmo que parcialmente, um migrante, o que não fora no passado, mesmo que desejasse ser.

Na casa de Alberto, sente-se desconfortável e sequer pode contar com a companhia do velho esporte: o filho não gosta de futebol, traumatizado por ter sido por ele abandonado pelo pai. Mané toma contato com a dura realidade da cidade grande. Tem dificuldades de se localizar. Não consegue comprar bilhetes para a final do campeonato. No Estádio da Luz (por muitos chamado

---

Janeiro); é o sétimo mais acessado entre os diários esportivos mundiais.

11. Não surpreende que uma das cenas iniciais do filme faça referência a esse fato. Toy, trajado com uma “camisola” do Benfica, enfrenta um tumulto em uma banca de jornal para conseguir um exemplar de *A Bola*, para com Mané ler as notícias do esporte português.

de "A Catedral"), sede do Benfica, tenta falar com o treinador e com o presidente do clube, usando sua história como argumento; o máximo que consegue é ir até o gramado. No "templo sagrado" ainda imagina o seu suposto passado glorioso.

O pior está por vir. Depois de várias tentativas, reencontra Américo, numa casa caindo aos pedaços, numa região pobre das redondezas de Lisboa. Mané percebe a desreferencialização do velho amigo:

- Estás longe da terra (Américo)
- Como tu! (Mané)
- Eu já não tenho terra! (Américo)

Américo fracassou, ao contrário do imaginara; tudo não passou de uma ilusão:

- Não imaginas o que foi minha vida. Aquela mesma mãozinha que me recebeu, quando envelheci, abriu-me a porta da rua (Américo)
- Mas, e o Benfica? (Mané)
- Benfica, não deu em nada. Um gajo embirroou comigo e nunca mais me deixou jogar. Joguei em clubinhos, nunca ganhei nada. (Américo)

Relembra o passado, e a frase de Américo encerra definitivamente o sonho: "Graças a Deus tu estás bem de vida". Ao fim, ainda pede uns trocados a Mané, que desolado volta à casa do filho, onde ainda enfrentará um duro diálogo familiar e saberá que a festa de aniversário do neto será realizada no mesmo dia do jogo

final. Ao fim, sequer consegue entrar no estádio, pois fora enganado por um cambista, tendo que se conformar em assistir a partida na rua, em meio aos excluídos, em frente a uma televisão que se encontra dentro de uma vitrine.

Ainda assim, Mané volta a Cabo Verde como herói, afinal teria assistido *in loco* ao jogo decisivo, algo lembrado pelos amigos que acompanharam a mesma partida pelo rádio do botequim, liderados pelos orgulhosos Toy e Lucy. Mané nunca contará a verdade, sabe que será valorizado por ter ido ao estádio. O exterior continuará sendo a grande referência de realização, mesmo que não passe de uma idealização.

Poder-se-ia ver essa grande valorização do futebol português como o estabelecimento de vínculos neocoloniais? No blog “Café Margoso”, de João Branco, vemos um interessante debate ligado a essa questão<sup>12</sup>. O autor lembra que quando chegou a Cabo Verde, em outubro de 1992, em uma tarde de sábado, as ruas de São Vicente estavam vazias: grande parte da população estava, pela televisão ou pelo rádio, acompanhando uma final entre duas equipes rivais de Lisboa. Recorda também que, quando a seleção caboverdiana foi campeã da Taça Amílcar Cabral (2000)<sup>13</sup>, “uma

---

12. Disponível em: [http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana\\_11.html](http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana_11.html). Acessado em: 15 de julho de 2010.

13. A Taça Amílcar Cabral foi disputada, por seleções nacionais dos países ligados à zona 2 do Conselho Superior do Desporto da África, anualmente entre 1979 e 1989, passando a ser bienal até 1997. Depois de interrupção de 3 anos, foi retomada em 2000, 2001 e 2005. Retornaria em 2009, sendo adiada para 2010 e por fim cancelada. Senegal foi o país que obteve mais títulos (oito).

grande festa tomou conta da cidade de Mindelo”. Contudo, lembra, já que no mesmo dia o Sporting tinha se sagrado campeão nacional de Portugal (quebrando um longo jejum de títulos):

O povo saiu à rua. Quem visse concluiria que a seleção caboverdiana equipava de verde e tinha o leão como o símbolo maior, porque era essa a cor e a figura dominante na grande festa popular [...]. A festa foi muito mais verde que azul. A verdade é que houve mais rugidos de leão do que mordidas de tubarão (os selecionados crioulos tem a alcunha de tubarões azuis).

Esse *post* de Branco foi motivado por um artigo de Odair Rodrigues, “Benfica ou Seleção Nacional?”, publicado, em 3 de maio de 2010, no sítio *Nhaterra*<sup>14</sup>. Esse autor comenta as intensas festas populares que houve nas ruas de várias ilhas do arquipélago, motivadas pela conquista de um campeonato pelo Benfica, que conta com muitos adeptos em Cabo Verde. Segundo ele, é curioso que os jovens demonstrem tanto entusiasmo pela equipe lisboeta e tão pouco envolvimento com as agremiações locais:

É uma triste aculturação dos jovens caboverdianos. Temos um fanatismo doentio por equipes de um país que nos dominou durante séculos e que depois votou-nos ao esquecimento nos seus ma-

---

14. Disponível em: [http://www.nhaterra.com.cv/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1722&Itemid=527](http://www.nhaterra.com.cv/index.php?option=com_content&task=view&id=1722&Itemid=527). Acessado em: 15 de julho de 2010.

nuais de História. Grande parte dos jovens estudantes portugueses desconhece a localização de Cabo Verde num mapa-múndi. Depois de termos sido colonizados por Portugal, hoje muitos portugueses sabem da nossa existência porque há caboverdianos nas terras lusas. Enquanto isso, somos mais benfiquistas do que um lisboeta.

Uma das cenas do filme é representativa nesse sentido. Um português toma água no botequim de Mané; esse chega e lhe oferece um grogue, que “queima o peito” do cliente. Djack lhe pergunta algo “sério”: para que time torce. Quando o estranho informa que é adepto do Sporting, é geral o ar de reprovação. “Vocês levam isso de futebol muito a sério”, diz o estrangeiro. Mané discursa sobre seus compromissos com o Benfica. Em nenhum momento se fala de uma equipe local ou da seleção caboverdiana. Os caboverdianos da cena fazem questão de parecerem mais adeptos do que o português.

Para Rodrigues, o problema maior não é torcer por equipes estrangeiras, mas sim desprezar as caboverdianas. Isso teria relação com a atuação dos meios de comunicação locais, que valorizam demasiadamente o esporte português, chegando a chamar de “seleção nacional” a equipe representativa da ex-metrópole.

O fato é que a mídia parece mesmo ter sido, na história do arquipélago, um elemento importante no estabelecimento de uma forte relação dos caboverdianos com os clubes de Portugal. Lembra Oliveira (1998) que no processo de popularização do rádio, observável nas décadas de 1960 e 1970:

A emissora de fora que era a mais sintonizada era a Emissora Nacional de Portugal, não por sentimentos patrióticos, mas para seguir o campeonato de futebol português! (aliás, a nível popular o jornal português mais difundido em Cabo Verde era o desportivo *A Bola* de Lisboa). Posta em contato com a metrópole por meio da rádio a população caboverdiana dividiu-se não em apoios a partidos políticos, que isso era impossível, mas em apoio a diferentes clubes de futebol de Portugal. O povo dividiu-se em benfiquistas, sportinguistas, portistas etc. e isso continua até hoje (p. 671).

João Branco não coaduna com parte das observações de Rodrigues. Para ele, “há que se olhar isto como um fenómeno sociológico abrangente sem complexos de qualquer espécie”. De acordo com seu olhar, as equipes de Portugal não são apenas clubes: “Fazem parte de uma herança cultural, tal como a língua portuguesa”<sup>15</sup>.

As posições que se seguem ao *post* são distintas. Alguns concordam com Rodrigues. O leitor que assina como “Pss” concorda que a falta de perspectivas para o esporte em Cabo Verde tem relação com a negligência dos meios de comunicação: “ao mesmo que enaltecem feitos de atletas de outros países ignoram por completo os feitos de nossos desportistas”. Para ele, a própria ideia de PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) é uma forma prejudicial de enquadramento: “Africanos sim!!! SEMPRE. PALOPS soa mais a Repúblicas de Bananas, órfãos

---

15. Disponível em: [http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana\\_11.html](http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana_11.html). Acessado em: 15 de julho de 2010.



(coitaditos) da colonização que precisam que o Grande Benfica lhes dê uma alegria”<sup>16</sup>.

Outros, todavia, se alinham às posições de Branco. O leitor que assina como “argumentonio” crê que a vitória do Benfica é um “fenômeno nacional, da diáspora e da lusofonia”. Para ele, tenta-se complicar e confundir as coisas; em última instância, trata-se de uma festa popular. “Anônimo” caminha em sentido aproximado, afirmando: “Há coisas bem mais superiores que o colonizado ou o colonizador”<sup>17</sup>.

Particularmente, não cremos mesmo que seja possível afirmar linearmente que as relações com o futebol português possam ser consideradas como manifestações de neocolonialismo, ainda mais nos dias de hoje, nos quais os clubes europeus são formados por jogadores originários das mais diferentes nações.

No futebol, no caso cabo-verdiano, parece haver um duplo esquema de vinculação: a seleção nacional mobiliza a população (ainda que menos do que esperam alguns) e cria laços identitários; as agremiações locais, não tanto. Sem negar outros aspectos, como a influência dos meios de comunicação e a força do poderio econômico constituído ao redor do esporte, talvez a explicação seja mesmo mais simples: quando o selecionado entra em campo, joga a nação; fora disso (ou para além disso), o público prefere mesmo o espetáculo de melhor qualidade, e nesse sentido é mais

---

16. Disponível em: [http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana\\_11.html](http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana_11.html). Acessado em: 15 de julho de 2010.

17. Disponível em: [http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana\\_11.html](http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana_11.html). Acessado em: 15 de julho de 2010.

emocionante a competição de Portugal, como também a do Brasil, da Espanha, da Itália e de outros países.

Por que então acompanhar preferencialmente os jogos da antiga metrópole e não de outros países? Por força do costume: há muitos anos acompanha-se esse campeonato e todo bom torcedor sabe que um dos principais meios de propagação da afiliação a um clube, mesmo que não devamos dispensar a força da mídia, ainda é familiar, dos pais para os filhos<sup>18</sup>.

No filme uma expressão disso é o próprio desalinho entre Mané e Alberto. Pai e filho não compartilham um dos “laços sagrados” para os amantes do futebol, o amor clubístico, mais uma expressão das tensões existentes entre eles.

## Neocolonialismo? A migração de atletas

Outro curioso estabelecimento de vínculo com Portugal é por meio do elogio de atletas que, tendo algum grau de relação com Cabo Verde, competem pelas equipes representativas da ex-metrópole. Por exemplo, sempre se tece loas ao futebolista Nani e especialmente a Nelson Évora, medalha de ouro no salto triplo nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008). Mesmo que o triplista tenha nascido na Costa do Marfim, como seus pais são originários e como ele mesmo viveu no arquipélago, os jornais locais constantemente a ele se referem como “atleta de origem caboverdiana” ou “lusocaboverdiano”.

---

18. Para uma discussão sobre a importância dos vínculos pessoais e locais no relacionamento com o futebol, ver Giullianotti (2002).

Sidónio Monteiro, na ocasião Ministro Adjunto da Juventude e dos Desportos, chegou a se pronunciar oficialmente por ocasião da vitória de Évora nos Jogos Olímpicos<sup>19</sup>:

O Governo de Cabo Verde, em nome de toda a comunidade nacional, felicita o jovem atleta Nelson Évora e aos “irmãos” portugueses pela conquista da medalha de ouro nos Olímpicos de Pequim [...]. É orgulho para todos os caboverdianos o feito de Nelson Évora. [...] os caboverdianos torceram e viveram as emoções do jovem atleta de origem caboverdiana que competiu pela bandeira portuguesa [...]. A nação caboverdiana encheu-se de orgulho e regozijo ao ver o nosso Nelson Évora saltar para o lugar mais alto do pódio olímpico, como se pela bandeira caboverdiana tivesse sido.

Outra matéria resume bem o sentido dessas vitórias para uma parte do país. Destaca-se a exaltação do fato de o atleta ser de origem caboverdiana e não poder competir pelas cores do arquipélago, algo que toca diretamente nos problemas gerais da nação:

Campeão olímpico, campeão mundial, Nelson Évora honra-nos. É fruto da nossa diáspora pelos caminhos da Terra: caboverdianos de origem ou descendentes vêm dando contributo para a afirmação dos países que os acolhem. Somos dos que

---

19. *O Liberal*, 22 de agosto de 2008. Disponível em: <http://liberal.sapo.cv>. Acessado em: 1 de março de 2009.

gostariam que o Arquipélago tivesse condições para que os seus filhos não se dispersassem por *terra longi*: olhando só para o desporto, já alguém pensou que seleção de futebol poderíamos ter? Que atletas ergueriam bem alto a nossa bandeira? Que equipas de basquete teríamos? Que judocas, karatecas e lutadores nos trariam triunfos? Quantas vezes congeminamos sobre isto e nos perguntamos: que país somos, que país podemos ser?<sup>20</sup>

Essa posição, contudo, não é só um lamento, mas também um alento, um estímulo para que o país possa progredir:

Confiamos que, vencendo dificuldades, ultrapassando obstáculos, cerrando os dentes, lutando, trabalhando, porfiando, seremos capazes de, em *djunta mon*, fazer deste pequeno país com alma grande uma realidade desenvolvida e moderna. Um dia isso será possível. Até lá vamos olhando o exemplo que a nossa diáspora nos dá: ela afirma-se e, com ela, aprendemos que somos tão bons ou melhores que os outros povos, que somos capazes de o demonstrar desde que tenhamos condições.

Por fim, o grande significado: a difusão de uma bela imagem do país. Isso é de tal ordem que o jornalista sente-se inclusive no direito de partilhar a conquista:

---

20. *O Liberal*, 21 de agosto de 2008. Disponível em: <http://liberal.sapo.cv>. Acessado em: 1 de março de 2009.

Neste momento, saudamos Nelson e somos solidários com seu pai que, hospitalizado, soube em Lisboa do triunfo do filho. E sorrimos ao pensar se a informação portuguesa, sempre lesta a identificar como caboverdiano um eventual responsável por algo de nefasto que no seu país aconteça, será capaz desta feita dizer aos seus leitores que o medalha de ouro português é, afinal, luso-caboverdiano. Em Cabo Verde também nos congratulamos com este ouro olímpico. Ele é, queiram ou não, um pouco nosso. E não só por afinidade.

Essa relação com atletas de “origem cabo-verdiana” se dá dessa forma tanto porque uma das marcas da diáspora é o orgulho de quem partiu e venceu quanto porque os atletas locais, competindo pelas cores do país, não obtêm significativos resultados internacionais, tendo que migrar e assumir a camisa de outras nações que lhes podem oferecer melhor condições de treinamento.

Essa é uma questão que merece ser discutida: a migração de jogadores africanos para a Europa. Em *Fintar o destino* isso é tratado na história de Américo, de Mané, mas também na relação deste com Kalu. De treinador, o protagonista passa a se apresentar como empresário, tudo para que seu velho sonho se transfira para seu pupilo. A diferença, contudo, é marcante: o desejo principal de Mané era prestígio, Kalu quer resolver financeiramente sua vida.

Mané tenta pregar para Kalu a necessidade de ser disciplinado, deixar de lado as noitadas, as mulheres, os desvios de comportamento; só assim terá sucesso em sua carreira no exterior. O jovem, contudo, não parece muito convencido dessa possibilidade e tem outros planos. Na praia, o diálogo com a namorada Erica

é representativo. Ela diz que ele tem que mudar de vida, arranjar um trabalho melhor; Kalu responde que já está providenciando:

- Na equipe de Mané? (Erica)
- Não. Escrevi a um tio meu que está na América, para me mandar buscar (Kalu)
- O que vais lá fazer? (Erica)
- Qualquer coisa, preciso sair e conhecer o mundo (Kalu)
- Eu também. Para o ano vou para Lisboa estudar (Erica)
- Não sabia (Kalu)
- Essa terra está difícil (Erica)

Mané ainda tenta demover Kalu da ideia.

- Vais para Lisboa e é para o Benfica! (Mané)
- Mas eu queria ir para os States (Kalu)
- Para América?! Um lugar onde não jogam futebol? Deixa de coisas Kalu! (Mané)

Migração e diáspora são temas constantes na história de Cabo Verde. Tal a contundência do quadro, o governo possui programas de mapeamento, apoio e reinserção de emigrantes. Dados de Katia Cardoso (2004) indicam que na ocasião havia cerca de 300 mil caboverdianos/familiares nos Estados Unidos, 83 mil em Portugal, 25 mil na França, 16 mil na Holanda, 3 mil em Luxemburgo, além de comunidades na Suécia, Noruega, Alemanha e Bélgica, entre outros países (inclusive o Brasil). Informa o sítio oficial do governo de Cabo Verde:

A população residente no país é estimada em 434.263 habitantes, sendo uma população jovem com média de idade de 23 anos. A falta de recursos naturais e as escassas chuvas no arquipélago determinaram a partida de muitos caboverdianos para o estrangeiro. Atualmente a população caboverdiana emigrada é maior do que a que vive em Cabo Verde<sup>21</sup>.

No que se refere ao futebol, que tem a sua “diáspora própria”, antes, no quadro colonial, os jogadores africanos participavam diretamente das seleções europeias de futebol. Nos dias de hoje, mais explicitamente é o dinheiro dos clubes europeus que compra os atletas dos países em desenvolvimento, algo observável também com outros esportes e outros continentes, como, por exemplo, com a América do Sul<sup>22</sup>.

Bale (2004) informa que, em 2002, dos 311 atletas de 16 seleções da Copa da África, 193 jogavam na Europa (ou seja, 62%); as equipes de Camarões, Nigéria e Senegal eram quase integralmente formadas por jogadores que atuavam fora do país de origem. Em 1999 havia cerca de 890 africanos em clubes europeus. Portugal era um dos países que mais recebia futebolistas. Angola era o que mais enviava atletas, sendo que 93% para a antiga metrópole. Enquanto isso, o futebol da África não se desenvolvia na mesma medida<sup>23</sup>.

---

21. Disponível em: <http://www.governo.cv/>. Acessado em: 17 de maio de 2010.

22. Para maiores informações, ver os estudos de Marcos Alvito (2006) e de Nina Clara Tiesler e João Nuno Coelho (2006).

23. Para mais informações, ver também artigo de Raffaele Poli (2006).

Bale é categórico; não há como negar que se trata de uma forma de neocolonialismo:

A sistematização do recrutamento, migração e trabalho dos jogadores africanos de futebol pode ser vista como uma forma de neocolonialismo [...]. Gostaria de ilustrar o neocolonialismo das migrações de jogadores africano por meio de três exemplos. O primeiro é a criação de "clubes fazendas" pelos megaclubes na África, o segundo é a exploração de jovens africanos recrutados na Europa, e o terceiro faz alusão ao papel de "agentes" no aproveitamento dos talentos esportivos africanos domiciliados em Europa (2004, p. 237).

Já Armstrong e Giulianotti (2004) têm uma visão distinta, em certo sentido mais otimista:

O sistema internacional de futebol não é totalmente negativo para os jovens jogadores africanos. Para os poucos que conseguem, *status* social e segurança econômica seguem ao lado do prazer de jogar regularmente. Para muitos, é melhor ficar no Ocidente e trabalhar do que voltar a uma nação em grande declínio. Para os milhões que não conseguem ser selecionados, o futebol representa uma experiência de lazer agradável e um passatempo social saudável (p. 11).

Podemos identificar algumas repercussões dessa questão em Cabo Verde. Jorge Tolentino, em fala proferida na Associação



Cabo-Verdiana de Lisboa<sup>24</sup>, afirma:

Permitam-me que aponte um aspecto, porventura lateral. Os resultados obtidos pelas equipas africanas na atual Copa do Mundo dizem-nos do muito que ainda há a fazer no nosso continente, em todos os domínios. Tendo sido Ministro dos Desportos, sei perfeitamente que esta é uma área preterida ou adiada nos orçamentos e planos de investimento. Mas o que aqui quero sublinhar é apenas isto: também neste domínio a África tem sido uma fonte de enriquecimento para muitas nações. Ou seja, a imigração tem contribuído largamente para a revitalização do desporto, e desde logo o futebol, em vários países de acolhimento.

Vejamos que tal olhar também se manifesta de forma irônica em matéria sobre uma visita do presidente da FIFA a Cabo Verde<sup>25</sup>:

Aproveitando que o Joseph Blatter que esteve por essas bandas recentemente agora é um dos nossos, só tínhamos que convencer o homem a aprovar uma lei especial autorizando que, mesmo os atletas que já tenham representado as suas seleções nacionais, possam vestir dez estrelas ao

---

24. Publicado em Visão News, em 30 de junho de 2006. Disponível em: <http://www.visaonews.com>. Acessado em: 17 de outubro de 2007.

25. Publicada em Visão News, em 28 de maio de 2006. Disponível em: <http://www.visaonews.com>. Acessado em: 17 de outubro de 2007.

peito<sup>26</sup>. Que bonito, aí a profecia de Nho Puxim poderia mesmo se tornar realidade, e não é que ele quase acertou? Em ano de Mundial, Cabo Verde joga amanhã com Portugal, uma seleção que vai à Copa na Alemanha, nosso adversário naquela épica final. Nunca estivemos tão perto do Mundial, não é verdade?

Voltando à fala de Jorge Tolentino, ele vai direto ao ponto, demonstrando os problemas nacionais que estimulam essa fuga de talentos:

Nos nossos países, para além das deficiências de organização, infraestruturais e de uma defeituosa postura em relação ao desporto, tanto da parte do Estado quanto do lado dos cidadãos, a verdade ainda é que os craques que militam nas galáxias do futebol milionário não regressam à terra ainda a tempo de ajudar a imprimir o necessário entrosamento e uma dinâmica ganhadora às equipas nacionais. Sem esquecer que nem todos regressam.

Enfim, não há como negar as relações desiguais de poder entre os países do centro e da periferia: a “compra de matéria prima humana” pode certamente ser vista como uma ocorrência neocolonial (ainda que já não mais em um sentido linear colônia-colonizador). Isso obviamente traz prejuízos para o desenvolvimento do esporte local. De outro lado, esses novos heróis globais, agora

---

26. Essa é uma referência à bandeira de Cabo Verde.

também oriundos dos países periféricos, contribuem para colocar o nome dessas nações do panteão internacional, criando importantes elementos de construção de discursos identitários nacionais, ainda que por caminhos diversos aos que habitualmente costumamos considerar, notadamente naqueles países que, como o Brasil, obtêm bons resultados internacionais<sup>27</sup>.

## 6 Conclusão

Entre as competições internacionais, a Taça Amílcar Cabral é, para Cabo Verde, uma das principais referências, a “nossa copa do mundo”, como por vez e outra a ela se refere um jornalista. No ano de 2000, 25 anos depois da independência (1975) e quase 10 anos depois da adoção do multipartidarismo (1991), quando o país de novo sediava o evento (a 12ª edição, depois de ter organizado a 4ª edição), o selecionado nacional pela primeira vez venceu esse campeonato, com uma vitória contra a seleção do Senegal (1 x 0): o país inteiro comemoraria a sua maior conquista internacional.

É verdade que aparentemente tal comemoração fora, em certo sentido, “tumultuada” (ou ao menos minimizada), na opinião de alguns, pela vitória do Sporting no campeonato nacional da antiga metrópole. De qualquer forma, os “tubarões azuis” finalmente fizeram tremular no mais alto patamar de um evento internacional a bandeira do país.

---

27. Para uma discussão mais profunda sobre esses temas, ver Baker (1987) e Giulianotti (2010).

Vejamos que, mesmo nesse momento de festa, os símbolos nacionais tiveram que dividir espaço com símbolos estrangeiros, de um clube português. Mas será que podemos dizer que as equipes da ex-metrópole são mesmo tão estrangeiras? Não teriam sido apreendidas e incorporadas à cultura popular local? Parece-nos que no mínimo devemos ter um pouco mais de cuidado e evitar análises lineares, que consideram a priori e exclusivamente esse tipo de relação como exemplo de neocolonialismo, obviamente sem negar que há claros vetores de poder ligados ao quadro político e econômico internacional.

Sobre o caso caboverdiano, uma pista interessante pode ser encontrada no estudo de Benilde Caniato (2002). A autora identifica que, no que se refere à língua, em Cabo Verde coexistem o português e o crioulo. Em cada âmbito da vida cotidiana é mobilizado um desses idiomas:

Nas situações de diálogo, o caboverdiano (porteiros, contínuos, polícias, caixeiros, etc.) mantém o mesmo código do emissor. Os alunos falam português com os professores, mas com os colegas falam crioulo. Os jogos de futebol são relatados em português, o povo discute e comenta, no entanto, em crioulo. Enfim, existe em Cabo Verde o bilinguismo, duas línguas que, a partir de um determinado momento histórico, deixaram de estar em conflito ou tensão (p. 134).

O português não é majoritariamente falado, não é a língua materna (como o crioulo), mas já não é mais exatamente somente de Portugal (mesmo que jamais deixe de ser), não é exatamente

estrangeira (ainda que também o seja). Da mesma forma, talvez seja assim possível pensar dos clubes portugueses: estrangeiros e profundamente locais.

## Referências

ALVITO, Marcos. "A parte que te cabe nesse latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização". *Análise Social*, Lisboa, v. XLI, n. 179, p. 451-474, 2006.

ARMSTRONG, Gary, GIULIANOTTI, Richard Drama, Fields and metaphors: an introduction to football in Africa. In: ARMSTRONG, Gary, GIULIANOTTI, Richard (eds). **Football in Africa: conflict, conciliation and community**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004.

BAKER, William J. Political games: the meaning of international sport for independent Africa. In: BAKER, William J., MANGAN, James A. (Eds.). **Sport in Africa: essays in social history**. Nova Iorque: African Publishing Company, 1987. p. 272-294.

BALE, John. Three geographies of African footballer migration: patterns, problems and postcoloniality. In: ARMSTRONG, Gary, GIULIANOTTI, Richard (eds). **Football in Africa: conflict, conciliation and community**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004. p. 229-246.

BALE, John, CRONIN, Mike. Introduction: sport and postcolonialism. In: BALE, John, CRONIN, Mike (eds.). **Sport and postcolonialism**. Nova York: Berg, 2003. p. 1-14.

BORGES, Fernando. Pontapé inicial: um estudo de caso do futebol no Cabo Verde Moderno. In: MELO, Victor Andrade de, BITTENCOURT, Marcelo, NASCIMENTO, Augusto (orgs.). **Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

CANIATO, Benilde Justo. Língua portuguesa e línguas crioulas nos países africanos. **Via Atlântica** – Revista da área de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, São Paulo, n. 5, p. 128-138, out. 2002.

CARDOSO, Katia Aline Lopes Rodrigues. **Diáspora: a (décima) primeira ilha de Cabo Verde: a relação entre a emigração e a política externa caboverdiana**. Lisboa: Instituto Superior da Ciência do Trabalho e da Empresa, 2004. Dissertação de mestrado (Estudos Africanos: Desenvolvimento Social e Econômico em África).

DARBY, Paul. Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial. **Análise Social**, Lisboa, vol. XLI, n. 179, p. 417-433, 2006.

FERNANDES, Gabriel. **Em busca da nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo**. Florianópolis/Praia: Editora da UFSC/Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GIULIANOTTI, Richard. **Sport: a critical sociology**. Cambridge: Polity, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. Os estudos do esporte no continente africano. In: MELO, Victor Andrade de, BITTENCOURT, Marcelo, NASCIMENTO, Augusto (orgs.). **Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

GIULIANOTTI, Richard, ROBERTSON, R. **Globalization and football**. Londres: Sage, 2009.

MELO, Victor Andrade de. **Cinema e esporte: diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano/Faperj, 2006.

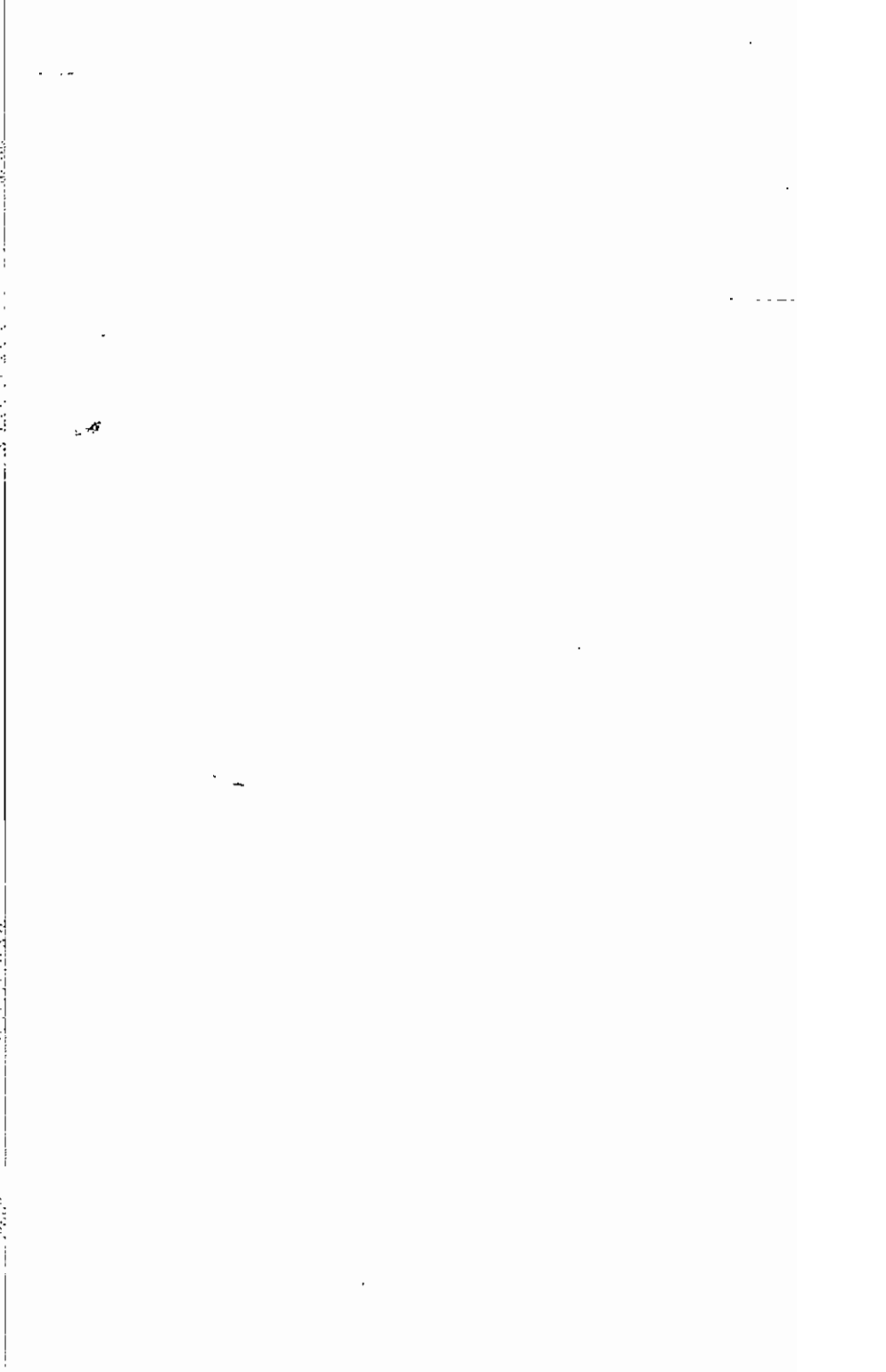
MELO, Victor Andrade de. **Jogos de identidade: o esporte em Cabo Verde**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

OLIVEIRA, João Nobre de. **A imprensa cabo-verdiana: 1820-1975**. Macau: Fundação Macau, 1998.

POLI, Rafaelle. Migrations and trade of African football players: historic, geographical and cultural aspects. **Afrika Spectrum**, v. 41, n. 3, p. 393-414, 2006.

TIESLER, Nina Clara, COELHO, João Nuno. Introdução - O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica. **Análise Social**, Lisboa, vol. XLI, n. 179, p. 313-343, 2006.

YOUNG, Robert J. C. **Postcolonialism: an historical introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2001.





## 6.

# Crônicas Seleccionadas

JOSÉ GERALDO COUTO<sup>1</sup>

### **Brasil Tira os Olhos do Umbigo e Vê a França**

*São Paulo, quinta-feira, 16 de julho de 1998*

A poeira ainda vai demorar para baixar, mas tudo indica que, ao colocar Rõnaldinho em campo na final contra a França, a comissão técnica da seleção brasileira cometeu um crime contra o atleta (e pouco importa se ele pediu para jogar), contra o público e contra o próprio futebol.

Agora é o momento em que se atira para todo lado, cada um tentando salvar o seu e empurrar a culpa para o companheiro mais à mão – como fez Roberto Carlos, ao dizer que Ronaldinho “amarelou”.

---

1. Jornalista, tradutor e crítico de cinema e literatura. Trabalhou como colunista do jornal *Folha de S. Paulo*, veículo no qual foram publicados originalmente os textos aqui transcritos.

Como escreveu o jornal francês *L'Équipe* – em geral condescendente com nossos astros –, “o lateral do Real Madrid deveria falar menos e jogar mais”.

Não quero acrescentar mais barulho ao barulho, mas apenas chamar a atenção para dois problemas brasileiros crônicos; dos quais não escapam nem os cartolas nem a imprensa nem a torcida.

O primeiro é a mania de buscar um bode expiatório depois que alguma coisa dá errado. Se é pobre um país que precisa de heróis, como disse Brecht, mais pobre ainda é um país que precisa de vilões.

É mais cômodo escolher um Judas e linchá-lo em praça pública do que consertar práticas e sistemas viciados e arraigados em nossa cultura.

Depois de um desastre, a pergunta que sempre vem à tona é: “De quem é a culpa?”. Se, em vez disso, nos perguntássemos “Onde foi que erramos?”, as respostas talvez fossem mais aproveitáveis.

E é aqui que entra o segundo problema crônico referido lá atrás: a dificuldade de enxergar além do próprio umbigo. Pelo menos no futebol, o Brasil é um país autocentrado, arrogante e autossuficiente.

A atitude básica de Zagallo – “Não importa o adversário, pois todos tremem diante da amarelinha” – representa bem essa tendência. Não é por outro motivo que, a cada derrota, tomamos um susto, como se o futebol não fosse um jogo disputado entre duas equipes, cada uma com tanto direito de ganhar quanto a outra.

A partir de um determinado momento – suponho que a partir da conquista do tri, em 1970 –, passamos a ter dificuldade em enxergar o “outro”. Quando muito, respeitamos um ou outro país que, em algum momento, ousou nos ameaçar: Argentina, Itália, Holanda. “Mas França? Quem é essa tal de França?”

Minha impressão pessoal, tendo acompanhado de perto essa história toda, é a de que o Brasil entrou em campo domingo passado ignorando solenemente seu adversário, como se já tivesse ganhado a Copa na batalha contra a Holanda e agora se tratasse só de um jogo comemorativo.

Consta que o olheiro da seleção "informou" a Zagallo que a França era um time bom no ataque e fraco na defesa. Entre os próprios jornalistas brasileiros presentes à final, a maioria só conhecia Zidane – e olhe lá.

Distraída, a "amarelinha" foi atropelada por 80 mil pessoas cantando a "Marselhesa" e 11 guerreiros vestidos de azul, com uma gana tremenda de vencer. Foi só aí que o Brasil descobriu a França. Pena que era tarde demais.

## **Utilidade e Prazer dos Dicionários (de Futebol)**

*São Paulo, quinta-feira, 13 de agosto de 1998*

Guimarães Rosa disse mais de uma vez que seu grande sonho de escritor era fazer um dicionário. Não se tratava de uma "boutade". Há no mundo poucas coisas mais belas e interessantes que um dicionário.

Pois bem. Essa introdução vem a propósito do relançamento, em edição atualizada e ampliada, de um livro clássico: "Dicionário Popular de Futebol – O ABC das Arquibancadas", de Leonam Penna (Editora Nova Fronteira).

Em suas 240 páginas, misturam-se expressões de uso ainda muito corrente ("cartola", "lanterninha", "tapetão", "banheira", "bicicleta") e outras já caídas em desuso, pelo menos em São Paulo. São estas últimas que tornam delicioso esse dicionário.

Ficamos sabendo, por exemplo, que “leonor” era o tratamento carinhoso dado à bola pelos jogadores do passado, e que “lepra” é termo usado para designar o perna-de-pau ou cabeça-de-bagre (expressões, aliás, que também constam do dicionário).

“Malaquias”, por sua vez, é o mesmo que “homem da mala”, o sujeito que suborna juízes ou jogadores, supostamente levando o dinheiro numa mala.

Com frequência os verbetes vêm acompanhados por uma explicação da imagem sugerida. Por exemplo: usa-se “banheira” para designar a situação de impedimento porque o jogador sem marcação está à vontade, relaxado, gostoso.

Outro livro do gênero publicado recentemente é o catatau de 450 páginas “Dicionário de Futebol”, realizado pela FIFA. Foi distribuído como brinde aos jornalistas que cobriam a Copa do Mundo da França. Não sei se será comercializado em livrarias.

De todo modo, é uma obra excepcional. Contém as principais expressões do esporte em quatro línguas: inglês, francês, espanhol e alemão. Sua maior beleza está em mostrar as diferentes imagens que cada povo cria a partir de uma mesma jogada ou situação.

Por exemplo, a cabeçada em que o jogador tem de saltar para baixo para atingir a bola – que nós chamamos de “peixinho” – é chamada pelos espanhóis de “palomita” (pombinha). Quer dizer, onde os brasileiros viram um peixe, os espanhóis (ou hispano-americanos) viram uma pomba.

Os ingleses, mais pragmáticos, chamam o lance, simplesmente, de “cabeçada mergulhadora” (“diving header”), o mesmo acontecendo com os franceses (“tête plongeante”). Já os alemães compõem com um expressivo e ameaçador “Kopfballtorpedo”. Não é

difícil saber o que significa: “Kopf” é cabeça, “Ball” é bola e “Torpedo” deve ser torpedo mesmo.

No fundo, é mais ou menos como decifrar imagens nas nuvens: cada um vê o que seu espírito está propenso a ver (pombas, peixes, torpedos). Pensadas assim, essas diferenças linguísticas talvez digam muita coisa a respeito dos distintos temperamentos e sensibilidades dos povos.

Pena que o dicionário da FIFA não contenha a explicação da origem das expressões. Só assim poderíamos saber, por exemplo, por que diabos os “hispanohablantes” chamam a bicicleta de “chilena”.

## **Homens chamados Tinteiro, Agrícola e Alfinete**

*São Paulo, quinta-feira, 10 de setembro de 1998*

O Campeonato Brasileiro está pegando fogo, a seleção brasileira entra numa nova fase, mas eu peço licença para falar de outro assunto: nomes. De uns anos para cá, proliferaram, nas escalções dos times, nomes que mais parecem de galãs de televisão: Roberto Carlos, Marcos Paulo, Fábio Júnior, Carlos Zara.

Talvez como reflexo da elitização dos atletas – que passaram, em muitos casos, a vir de clubes e de escolinhas de classe média e não mais da várzea – ou talvez pela mania popular de mimetizar os nomes da moda, começaram a aparecer muitos Alexandres, Rogérios e Marcelos, quando não Christians, Ândersons e Wallaces.

Passando os olhos pelas fichas técnicas das últimas rodadas, entretanto, constato com satisfação que ainda sobrevivem, por esse Brasil afora, aqueles nomes e apelidos que fazem a graça das locuções esportivas.

Milton do Ó, Matusalém, Montanha, Brinquedo, Nem, Pingo, Caçapa, Barata, Batata – eis alguns dos nomes que continuam a colorir os campos e a instigar nossa imaginação. Isso sem falar de Milagres, goleiro reserva do América-MG, cujo nome vale por um currículo.

Esse breve exame das escalafões levou-me a evocar apelidos inesquecíveis do passado. Com a certeza de que vários deles vão estimular a memória dos leitores e fazê-los lembrar de muitos outros, faço aqui uma breve lista dos mais sugestivos: Tinteiro, Onça, Alfinete, Borracha, Pé de Valsa, Pinga, Baby, Tangerina, Cabinho, Formiga, Jatobá, Peixinho, Fio, Cocada, Mão de Onça, Tesourinha, Bife, Cipó.

Há ainda os apelidos que combinam com os nomes dos jogadores, formando binômios inseparáveis, às vezes elogiosos – Toninho Guerreiro, Roberto Dinamite, Waldemar Carabina, Jair Bala –, outras nem tanto: Toninho Vanusa, Beto Fuscão, Serginho Chulapa, Renato Pé Murcho, Alfredo Mostarda, Rubens Feijão.

Há apelidos que nos são tão familiares que até esquecemos que são apelidos: Pelé, Dunga, Garrincha, Careca, Cafu. E há os casos, não muito raros, em que o nome do jogador é mais estranho do que o apelido. Capitão, do São Paulo, é um exemplo. Seu verdadeiro nome é Oleúde.

Folheando o “Almanaque do Futebol Brasileiro”, descobro que houve nos anos 30 um meio-campista que chegou à seleção brasileira e que atendia pelo nome de Agrícola. Não era apelido. Era nome mesmo: Agrícola Siqueira.

Um nome desses é um estigma, que condena o sujeito a um estilo de jogo e de vida. Do mesmo modo, apelidos como Ditão e Tonhão – não por acaso, dois beques centrais – valem como cartões de visitas.

Alguém já escreveu – acho que foi Contardo Caligaris – que a predominância de apelidos infantis no nosso futebol (Pelé, Didi, Vavá, Bobô, Dadá, Bigu, Dodô, Dudu, Nenê, Dé, Lê), sem falar na legião de diminutivos (Zinho, Dinho, Juninho), revela o caráter imaturo da civilização brasileira.

Pode até ser. Mas que essa música balbuciante é mais bonita do que a sisudez burocrática dos Marcos Assunção e Bruno Quadros da vida, isso é.

## O País Ausente

*São Paulo, segunda-feira, 02 de outubro de 2000*

Na final masculina do tênis, confrontavam-se na quadra o russo Ievguêni Kafelnikov e o alemão Tommy Haas. Na arquibancada lotada, uma voz masculina gritava de quando em quando: “Vai, Brasil”.

Alguns torcedores riam, outros se entreolhavam sem entender. Na primeira vez, eu também ri. Depois, aquela voz rouca e solitária foi adquirindo para mim um tom cada vez mais melancólico.

É evidente que se tratava de um brasileiro que havia comprado antecipadamente ingresso para a final, na esperança de que Gustavo Kuerten chegasse lá. Mas, de algum modo, aquele grito gaiato de “Vai, Brasil” sublinhava mais do que a mera ausência de Guga (eliminado, aliás, pelo mesmo Kafelnikov que iria conquistar o ouro logo mais). Era, sob o disfarce da galhofa, um apelo desesperado de órfão.

Viajamos ao outro lado do mundo para descobrir que não fomos nós que deixamos o país. Foi ele que nos abandonou. Mais ou menos como naquele verso admirável de Chico Buarque, “a cidade não mora mais em mim”. O Brasil não mora mais em nós.

Não me entendam mal. Não estou culpando Guga, nem os jogadores do futebol, nem os iatistas, nem os fundistas. A palavra culpa nem faz sentido aqui. Estou tentando captar e entender um sentimento geral.

O mesmo sentimento de orfandade apareceu dois dias depois, na final do futebol. Havia muitos brasileiros no estádio olímpico. Todos torcendo ferozmente por Camarões – o mesmo Camarões que acabou com nosso sonho olímpico. Viemos para ver Alex, acabamos vendo Mboma.

Na multidão que deixava o estádio, um grupo de brasileiros gritava: “Ão, ão, ão, palmas pro negão”. Antes disso, um gaúcho tinha pedido a Mboma, na beira do gramado, que se deixasse fotografar com a camisa do Grêmio.

Com a medalha de ouro no peito, o craque fez sua vontade, e achou a maior graça. Gente esquisita esses brasileiros, ele teria pensado, se soubesse o que é Grêmio, o que é Porto Alegre, o que é Brasil.

Esquisitíssima, eu diria. Andando em grupos ou sozinhos, aprendendo e ensinando gritos de guerra, tentando ruidosamente não desaparecer na multidão, esses brasileiros perdidos na Austrália são a imagem de um povo à procura de um país.

O Brasil não veio, nem virá. Como escreveu Drummond há meio século, nenhum Brasil existe. É um país a ser construído.

Dessa tarefa não podemos nos eximir. É só no esporte que podemos festejar com a bandeira alheia.

Vai, Brasil.



## Em Busca do Cálice Sagrado

*São Paulo, segunda-feira, 23 de dezembro de 2002*

O que dizer numa coluna de futebol às vésperas do Natal? Como não sei escrever mensagens edificantes nem fazer piadas em torno de “pedidos a Papai Noel”, mas também não quero deixar a data passar em branco, resolvi falar das duas coisas que mais me apaixonam (além de gente) na vida: futebol e linguagem.

Ou melhor: como o vocabulário e a simbologia do futebol, a par de uma evidente vocação bélica (ataque, artilheiro, petardo, cidadela etc.), têm também toda uma vertente voltada para o mistério e o sagrado.

Sim, porque no campo de futebol ou na arquibancada buscamos figuradamente vencer a guerra, suplantar o inimigo, conquistar territórios, mas buscamos também, acredito, algum tipo de experiência transcendente, à qual se pode dar o nome que se queira: iluminação, redenção, poesia.

No futebol, procuramos superar, ainda que momentaneamente, nossa condição passageira, contingente, para encontrar alguma forma de imortalidade. Sair do jugo do tempo cotidiano e ingressar na esfera do atemporal.

Certos gols, certos lances especiais que realizamos ou presenciemos décadas atrás permanecem vivos dentro de nós como se tivessem acabado de acontecer. Voltamos ao estádio a cada partida na esperança de reviver esses momentos únicos. Todo jogo, por isso, encerra uma dose de frustração, mas também de esperança.

Esperança de quê? Do eterno retorno da graça (no sentido metafísico, religioso, da palavra). E, quando já estamos desanimando, quando menos esperamos, eis que ela surge, de volta,

numa arrancada de Ronaldo, numa defesa de Marcos, numa bicicleta de Alberto, numa dança de Robinho. E voltamos imediatamente a ser meninos. E voltamos a sonhar. Isso é a graça.

Nessa dimensão – na qual esquecemos por um instante a guerra e suas metáforas –, falamos sem perceber nas coisas do além. Uma defesa milagrosa, um gol espírita, um artilheiro iluminado, um craque em estado de graça.

Essa religiosidade difusa, que talvez pudéssemos chamar de animismo ou de panteísmo, manifesta-se até nos apelidos de certos jogadores: o Divino, o Pé de Anjo, São Marcos.

Não sei se isso é um fenômeno universal ou se é característico do que Darcy Ribeiro chamava de “nosso catolicismo santeiro, festeiro e milagreiro”, mas o fato é que muita gente vai ao estádio como se vai a um templo, um terreiro ou uma mesa branca: para comunicar-se com o além.

Com seus rituais de iniciação, sua liturgia e suas divindades, o futebol não deixa de ser uma espécie de missa. E não sei se alguém já reparou como o gesto de elevar uma taça de campeão acima da cabeça – à maneira de Bellini, Mauro, Dunga e Cafu – é idêntico ao do sacerdote que consagra o cálice de vinho.

Pouco importa se o sujeito que levanta a taça está gritando palavras, como Dunga, ou declarando amor à mulher distante, como Cafu. O gesto ritual fala mais alto.

Espero que os padres, os rabinos, os pastores e os pais-de-santo não se ofendam com a comparação profana e aceitem em sua mesa de Natal a companhia dos seguidores dessa outra forma de procura do sagrado, chamada futebol.

No fundo, é a mesma busca. Para dizer como Bandeira, é o mesmo “anseio infinito e vão de possuir o que nos possui”.

## 7.

# La Pantalla Grande del Fútbol: Un Análisis de la Construcción de Identidades Sociales desde Brasil hasta Argentina en el Lenguaje Cinematográfico.

MALVA MARANI <sup>1</sup>  
SANTIAGO ULIANA <sup>2</sup>

### A través del fútbol

El fútbol se construye como un objeto de enorme plasticidad por su capacidad de representar imágenes de las más variadas. Podemos pensar en él como una suerte de juego de doble entrada

- 
1. Periodista deportiva, estudiante de Ciencias de la Comunicación en la Universidad de Buenos Aires.
  2. Sociólogo, investigador en ONG "Salvemos al Fútbol". Dedicado a realizar investigaciones respecto de violencia en el fútbol. Docente e investigador en la Universidad Nacional de Tres de Febrero e en la Universidad de Buenos Aires.

que permite representar sentidos y recrear procesos colectivos a la vez que produce nuevas formas de representación y dinámicas sociales propias. Al poseer una lógica de funcionamiento de relativa autonomía (Bourdieu, 1993), el deporte en general y el fútbol en particular, se presenta entonces como una suerte de espejo singular, que refleja imágenes de la sociedad pero también produce las suyas. Teniendo en cuenta este profundo y permanente diálogo entre el fútbol y la sociedad es que nos adentraremos en las páginas que siguen en la comprensión de los significados que ésta práctica deportiva produce y permite expresar, pero lo haremos desde la particularidad de otro instrumento de gran capacidad de mediación y simbolización; el lenguaje cinematográfico. Abordaremos así la relación entre fútbol, cine y sociedad. Al considerar que ambas prácticas culturales están ciertamente vinculadas, tal vez no desde un punto de vista cuantitativamente relevante, puesto que para la importancia que reviste el fútbol tanto en la cultura popular de Brasil y de Argentina son pocas las películas que lo tematizan (sobre todo en este último país), pero sí en la intensidad y variedad de tópicos abordados acerca del fútbol desde la pantalla grande.

El vínculo entre cine y fútbol es posible en la medida en que ambas son formas de mediación con un alto poder de escenificar procesos y relaciones sociales, de producir imágenes que ponen en circulación interpretaciones del mundo social y cultural contemporáneo, además ambas son "hijas" de la modernidad. Siguiendo a de Melo (2006), se trata de "pasiones universales", porque son capaces de movilizar masas, a partir de los valores y deseos que producen, materializan y representan en sus universos y así han logrado definir el imaginario del siglo XX. Por lo cual sostenemos que no son meras formas de reproducción de lo social, por-

que el fútbol y el cine tienen un poder de construcción de procesos y relaciones sociales singulares, hecho que señala sobradamente Alabarces (2002) cuando analiza por ejemplo la construcción de la idea de nación en determinados momentos del siglo XX en Argentina por parte de ambos. Según el autor, películas como “El hincha” o “Pelota de trapo” entre otras, han contribuido a construir un relato respecto de la nación. No es casual que “usaran” al fútbol como lenguaje para comunicar y construir sentidos nacionales. El fútbol es, además de una práctica deportiva masiva y casi universal, un lenguaje que, en países como Argentina y Brasil, habilita a la comunicación. Veremos entonces cómo el fútbol “nos habla” desde la pantalla del cine.

Por otra parte, indagaremos acerca de aquello que el cine puede decir respecto del fútbol y, más precisamente, en cómo es que lo dice. En este sentido, es interesante retomar los conceptos de José Carlos Marques (2012), quien analiza como eje central de la relación entre ambas prácticas la idea de representación, que precisamente es aquella que permite el diálogo entre estas dos formas de mediación. Según este autor, la imprevisibilidad inherente al fútbol en la expresión de sus propias formas supone un desafío al cine (en sus realizaciones de ficción), ante las dificultades de representarlo según el modelo fílmico por “excelencia”, de la previsibilidad del guión y de la verosimilitud de las tomas. Se trata entonces, dice Marques, de representaciones fílmicas al modo de “simulacros” o ilusiones de realidad, relacionadas teóricamente con la idea moderna de la inexistencia de una “realidad” tal y que, en nuestros días, se complejizan aún más ante el avance abrumador de los lenguajes y medios indiciales (Verón, 2003), que continuamente desdibujan el límite ya difuso entre ficción y realidad. En ese marco puede observarse la relación entre fútbol y cine.

## Breves de método

En el marco de las actuales y diversas formas de cooperación y entendimiento entre las naciones de Argentina y Brasil, hemos asistido al curso del profesor e investigador brasileño Dr. José Carlos Marques, de la Universidad Estadual Paulista (UNESP), sobre la relación entre fútbol y cine. El curso fue realizado en la ciudad de Buenos Aires en la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires (UBA), en diciembre de 2011. Durante el mismo, el profesor Marques nos presentó un conjunto de películas brasileñas que tematizaban al fútbol en el marco de procesos culturales, sociales e históricos de su país, para ser "leídas" desde las herramientas que proporcionan las ciencias sociales, con la consigna de establecer comparaciones y problematizaciones desde nuestra realidad nacional. Esta novedosa para nosotros perspectiva teórica, con un fuerte contenido empírico, nos abrió un abanico más que interesante de posibilidades para producir problematizaciones y recorridos sobre tramas sociales de las más diversas. Porque en Argentina como en Brasil el fútbol también está en todos lados.

En base a la lectura del Brasil que nos muestran algunas de sus películas a las cuales hemos asistido, formulamos a continuación un conjunto de reflexiones respecto de similitudes y diferencias entre procesos socioculturales de ambos países. Así, fuimos dando cuenta de ciertas dinámicas internas del fútbol y de conexiones de éste con las realidades y procesos más amplios. Atendiendo a la generosa invitación del profesor Marques para formar parte del presente volumen es que volcamos algunas de nuestras inquietudes. Al respecto cabe mencionar, que si bien existe cierta idea y

práctica científica que nos proporciona objetividad al mejor estilo durkheimiano, de distancia del observador de ciencias sociales, nuestra perspectiva está fuertemente marcada por las lecturas de autores pertenecientes al campo académico local.

## **Brasil desde Argentina**

Como el fútbol y el cine son relatos que transmiten imágenes e interpretaciones, un buen punto de inicio consiste en resaltar la primera impresión que nos provoca las películas proyectadas durante el curo: hay una falta de concordancia entre las representaciones brasileñas en el plano de la nación y la cultura presentes en las películas y las representaciones imaginadas desde Argentina acerca de Brasil. Si bien es casi una obviedad mencionar que toda nación significa una unidad compleja de prácticas culturales y sujetos sociales, aun así hay que señalar que existen imágenes estereotipadas y mayoritariamente compartidas que circulan en nuestro país respecto de Brasil, lo que podríamos llamar un paisaje "carioca". En este sentido, las películas analizadas presentan un hecho fáctico fundamental para cuestionar la idea de un Brasil "carioca"; todas ellas (que las iremos desgranando a lo largo del artículo) tematizan el fútbol con una particularidad, lo hacen en relación a equipos de San Pablo, región que posee una identidad propia y cualitativamente distinta a otras regiones de Brasil, que en especial se diferencia radical y polémicamente de Río de Janeiro.

En concreto, las representaciones sobre "lo brasileño" que circulan en el imaginario argentino, se corresponden con sentidos relacionados a ideas e imágenes como: "fiesta", "alegría", "danza",

“felicidad”, “calor”, “cerveza”, “carnaval”, “playa” y/o “fogosas mulatas”. Sentidos que se condicen más – por supuesto refiriéndonos a formas estereotipadas- con la realidad de Río de Janeiro, que, ya desde su historia y su geografía inclusive, fue construyendo un universo de representaciones “cariocas” más cercano a los términos arriba mencionados. Apoyada, a su vez, por las bellezas naturales y de paisajes que la rodean de playa y montaña, “Río” es la ciudad turística por excelencia para los argentinos: aquí todo es alegría y debe ser una fiesta. En torno a esta realidad es donde justamente adquieren lógica las representaciones sobre Brasil ancladas en el imaginario argentino, pues al fin y al cabo, es “este Brasil” (el de Río de Janeiro, el “carioca”) el que mayoritariamente conocen los turistas y el cual es el propio Brasil quien se ha interesado en difundir como imagen de sí mismo.

Este universo de representaciones y visiones acerca de lo que algo es, nos permite comprender desde la perspectiva de Eliseo Verón (1993) algunas cuestiones relativas a la lógica de la comunicación, pues, como señala el autor, al hablar de sentidos es imposible hablar de intenciones: todo produce sentido, y no necesariamente el deseado por aquel que produjo el elemento en cuestión. Los sentidos están abiertos y en buena medida sujetos a la interpretación de quien los capte. De este modo, más allá del “Brasil” que se desea hacer conocer y circular por el mundo, películas como “Linha de passe” (Walter Salles y Daniela Thomas, 2008) enmarcadas en un lenguaje cinematográfico novedoso que procura romper con la linealidad y simplicidad de productos típicamente hollywoodenses, nos señala y enseña que hay otros sentidos que se ponen en juego en el mismo país y que se muestran en conflicto con los del Brasil típicamente carioca. A la hora de intentar hallar la repre-



sentación del Brasil más brasileiro nos preguntamos por cuál de ellas será la que más se ajusta a la "realidad". En esta disputa de sentidos la realidad representada de San Pablo nos sorprende (como argentinos) al presentarse marcadamente distante de la del "Brasil carioca".

Sin dudas que la construcción de la representación de San Pablo también está anclada históricamente en elementos propios de su situación geográfica e histórica. La ciudad paulista, que no goza de atractivos naturales, ha sido el lugar de asentamiento de la inmigración europea de los siglos XIX y XX, así como el motor de la industrialización del país y su poder económico. Brasil se ha construido y aun construye, en esas tierras, en torno a otros sentidos cualitativamente distintos, donde palabras como "trabajo", "sacrificio", "mestizaje", y hasta quizás "desdicha", por nombrar algunos posibles presentes en reiteradas ocasiones en las imágenes de los films en cuestión, nos hablan de la cultura y las realidades de San Pablo. Retomando el sentido vinculado al "mestizaje", es imprescindible considerarlo en su real dimensión, así pues Mauricio Murad (2011) lo considera un fenómeno esencial para comprender a Brasil y un proceso identitario que también atañe a la realidad del fútbol. Según este autor, en una su lectura de Gilberto Freyre, el fútbol expresa estas intensas relaciones de identidad y mestizaje al interior de su propio universo y puede ser aprehendido como "un campo de conflictos y tensiones entre estilos, principalmente entre el 'estilo inglés' de jugar y el 'estilo brasileño', entre un fútbol de blancos adinerados y otro practicado por pobres y negros". Las formas creativas, exóticas y gustosas del fútbol brasileño son el resultado de ese mestizaje, que, también en este universo, puso en roce y mimetizó ciertas identidades, a la vez que generó rupturas y distancias en otras.

En tal sentido, creemos que, al representar únicamente el fútbol a través del mundo paulista y los equipos de San Pablo, la imagen de Brasil que se construye (mayoritariamente) en estas películas: es la investida de los sentidos "paulistas", de tinte más melancólico, romántico y por ende sufrido, si se quiere y paradójicamente más cercano a un lenguaje de lo argentino. Hecho que en realidad no debiera sorprendernos, debido a la existencia de una unidad cultural latinoamericana que aun con fracturas y diferencias se ha ido configurando a lo largo del tiempo (Godio y Uliana, 2011). Lo que las películas nos dejan a los espectadores es también la existencia de un Brasil atravesado culturalmente por sensaciones e imágenes como la melancolía, el drama y la desdicha, que a priori son señaladas de modo estereotipado como rioplatenses. Ejemplos claros están dados por las representaciones construidas por las películas "Boleiros. Era uma vez o futebol" (Ugo Giorgetti, 1998), "O ano em que meus pais saíram de férias" (Cao Hamburger, 2006) y "Linha de passe". En la primera, todas las historias narradas muestran el esfuerzo de los personajes por lograr su meta (que implica en muchos casos un ascenso de clase y de modo de vida) que finalmente concluye en un camino trunco y sin final feliz, o al menos incompleto en torno al logro de los objetivos propuestos originariamente por los personajes. Por su parte, en el relato global del filme, el final en sí mismo se relaciona con la idea de la desdicha, de una felicidad efímera tras un trabajo muy sacrificado. El film "O ano em que meus pais saíram de férias" es, ya desde la elección del relato, una película que muestra una cara "oscura" de Brasil, al narrar uno de sus dramas más terribles y recientes: la dictadura militar. Si bien, en este sentido, es imposible encontrar aquí un universo de representaciones

como el "carioca", no es poco relevante la elección de mostrar, de representar, a Brasil en una tragedia histórica; que implica, también y nada menos que desterrar el mito: en tierras brasileñas no "todo ha sido fiesta" (con una metáfora temporal que podría ser trasladada al presente: "y no todo lo es"). Finalmente, también respecto de los dramas brasileños, la película "Linha de passe" se ocupa de describir desde un género dramático las implicancias y problemáticas sociales del Brasil del presente; la lucha cotidiana de las clases populares por subsistir y las contradicciones que reflejan en esa misma lucha un contexto de neoliberalismo, donde es narrado en y desde el fútbol un clima de época propio de cualquiera de las urbes Latinoamericanas. Desde esta temática (que evidentemente es reforzada en el filme desde una retórica técnica y audiovisual), la construcción es realizada a partir de sentidos como "trabajo", aunque sobre todo "sacrificio", y también "desdicha" o, al menos, felicidad efímera. Una gran temática recorre y unifica las distintas historias de los personajes, la reflexión en este contexto de economía neoliberal respecto de los cuerpos. Estos cuerpos están representados en la película no disfrutando (o lo hacen en pocas y rápidas escenas), más bien padecen o están en estado de tensión permanente. El trabajo precario, la incertidumbre, el consumo de drogas, el delito son todos procesos en los cuales y por los cuales los personajes deben transitar cotidianamente en sus vidas.

¿Podríamos decir entonces en un plano de comparación que el universo cultural paulista recreado a través de la vida e los personajes de las distintas películas resultaría para un espectador desprevenido mucho más argentino que carioca? Pues en un tiempo de globalización como el actual, las grandes ciudades lati-

noamericanas encuentran procesos socioculturales, económicos y modos de vida llamativamente coincidentes. "Linha de passe" continúa con una línea narrativa semejante a por ejemplo la ya célebre película mexicana "Amores Perros" (González Iñarritu, 2000), donde (en ambos films) la no linealidad o fragmentación narrativa parecen adecuarse mejor a la comprensión de la realidad latinoamericana neoliberal asentada durante la década de los '90.

## Dentro del fútbol

El fútbol constituye un espacio a partir del cual se dramatizan un conjunto de valores morales y sociales, en donde sobre todo adquiere centralidad la cuestión del poder y la construcción de identidades (Archetti, 1998), sin embargo en él también se expresan ciertas lógicas particulares de un espacio articulado fuertemente en base a rivalidades, en palabras del antropólogo argentino Gastón Gil (2007) quien estudio la temática en un pequeño club del interior del país (Aldosivi de la ciudad de Mar del Plata), "el fútbol es una formidable máquina de crear oposiciones". Desde esa perspectiva analítica que considera la existencia de cierta autonomía del fútbol, rescatamos la discusión en torno a las identidades y rivalidades futbolísticas construidas en el plano de los equipos locales (clubes) por una parte, y las relacionadas con las naciones a través de sus seleccionados de fútbol por otro. No obstante, reflexionar sobre cómo es representada la rivalidad en el fútbol (y utilizada esa misma representación) nos conduce a comprender la construcción de la nación (brasileña) toda. Así es que creemos importante destacar el hecho de que la rivalidad

futbolística representada entre equipos de una misma región: en “Boleiros. Era uma vez o futebol.” o “O casamento de Romeu e Julieta”, no puede dejar de mencionarse que esta ocurre entre equipos rivales que son todos de una misma ciudad: San Pablo. Consideramos esta elección en el modo de representar la rivalidad futbolística no como un detalle menor, sino como una construcción de sentidos que atañe a una imagen deseada de “lo brasileño”. La rivalidad futbolística en estos términos, entre equipos paulistas, es el pretexto perfecto para hacer una representación (hasta democrática) de lo diverso, del “otro”, pero siempre desde una misma homogeneidad. Representar la rivalidad futbolística entre equipos de diferente región (como San Pablo y Río de Janeiro, por citar los casos emblemáticos de los que hablamos al inicio), implicaría también una representación del conflicto entre identidades diferentes y distintas concepciones del fútbol, pero sobre todo de la vida, y lo que entraría en juego sería una diferente construcción de la nación brasileña. En este sentido, no creemos menor esta forma de representación, al fin y al cabo, de la alteridad, ya que, en definitiva, la misma no es tal (o al menos, no es tan fuerte): Palmeiras es distinto a Corinthians, pero ambos construyen una similar imagen sobre Brasil y la idea de nación. Siguiendo este razonamiento, la diferencia no es tan profunda o marcada y la alteridad entonces se ve algo desdibujada. La construcción de la rivalidad es un elemento clave en la lógica del fútbol, pues obviamente son dos equipos los que se enfrentan en el terreno de juego, pero también esa rivalidad se expresa en el afuera entre los hinchas.

En consecuencia, es posible hipotetizar que esta representación de la rivalidad futbolística – y de la alteridad – (entre equipos

de la misma región) participa íntimamente en la construcción de una imagen homogénea de la nación brasileña o, como mínimo, no problematizada en sus conflictos identitarios en las contradicciones propias de una nación con múltiples y distintas construcciones de lo nacional. En donde si bien la cuestión “racial” parece más resulta, la división de clases sociales y su conexión con la problemática de la exclusión social está aún por resolverse, tema que aparece poco reflejado en las escenificaciones de las rivalidades en el fútbol de los equipos paulistas en los films.

## **Ecós mundialistas**

Como se mencionará al comienzo, la comprensión de las formas de construcción y los contenidos de los relatos sobre Brasil cuando su cine tematiza al fútbol, nos permiten realizar una reflexión sobre Argentina. En este sentido el film “O ano em que meus pais saíram de férias”, al abordar una historia trágica sobre el impacto de la dictadura en la vida cotidiana de un niño que ha sufrido la desaparición (y probable asesinato) de sus padres a mano de la dictadura brasileña, nos muestra en primer término y a través de la figura de ese niño que vive esperando tanto la vuelta de sus padres de unas supuestas vacaciones, como el inicio del Campeonato Mundial disputado en México en el año 1970, como el fútbol puede operar en la construcción de la temporalidad de la vida cotidiana de las personas. El film en cuestión, nos permite comprender como el tiempo biográfico e histórico (individual y colectivamente) puede estar fuertemente marcado por el fútbol. En esa clave, Sazbón y Uliana (2010) han demostrado

como más allá de un relato político elaborado por la propia dictadura argentina en torno al Mundial disputado en casa en el año 1978, muchas personas han construido un relato en torno a su biografía personal en base al campeonato *Argentina '78* distante de la estrategia de la dictadura militar de uso de Mundial como herramienta política. Por otra parte, pero hora si en una clave más politizada, el cine argentino ha ido acompañando y produciendo un relato respecto del Mundial '78 que se ha ido modificándose notablemente a partir de la apertura democrática en 1983. De ello se ocupa Alabarces, cuando señala en la recordada película "La fiesta de Todos" (Sergio Renan, 1979), se impulsa un relato oficial sobre la victoria mundialista como una gesta participativa que va más allá del deporte, las imágenes dejan entrever que el triunfo en la final frente al seleccionado holandés es alcanzado a partir de atributos de argentinidad como: trabajo, orden y participación activa de "todos los argentinos de bien". Ya en los albores de la vuelta a la democracia durante el año 1982 se realiza la película "Plata dulce" (Ayala, Fernando y Jusid, Juan José), roza al Mundial 78 haciendo referencias ineludibles para los espectadores. Allí existe una alusión diferente a la interpretación del Mundial construida por la Junta Militar gobernante, aquel tiempo histórico es reconstruido como un tiempo de apertura y liberización de la economía, impulsando solapadamente una visión crítica según la cual en dicho proceso dos pequeños empresario productores de muebles terminan en quiebra luego de décadas de dedicarse a la actividad. Entonces de manera indirecta "Plata dulce" deja entrever la relación entre dictadura y crisis económica, donde particularmente el Mundial '78 interviene como una marca en la temporalidad y la histórica nacional asociada a esos hechos trágicos.

camente inolvidables. En base este empleo puntual concluimos que la historia puede ser escrita y reescrita desde el fútbol y el cine, resaltando además el lugar de los mundiales como espacios cargados de sentido en tanto manifestación popular máxima de este deporte para los hinchas.

## **La nación desde el fútbol**

El fútbol ha sido a lo largo del siglo pasado en Argentina un constante espacio de producción de identidades nacionales, en virtud de su temprana masificación y su raigambre popular (Archetti, 2001), históricamente es posible dar cuenta a través de él de los problemas y las luchas por la subsistencia que atraviesan la vida de los sectores populares. Otro proceso que también caracteriza al fútbol como espacio de praxis social es rol de los componentes que podríamos llamar “irracionales” o ajustados a una racionalidad no instrumental, fundamentalmente la idea de creencia y fe presente para los actores del mundo del fútbol (jugadores, hinchas, dirigentes de clubes).

En relación al fútbol como espacio de construcción de la nación, Murad retomando a Freyre (Godio y Uliana, 2011), afirma que este deporte es un escenario democrático porque posee un carácter marcadamente igualitario, así enfatiza su raigambre popular ante la oportunidad que genera para todos al practicarlo, pues: “La posibilidad real de que el fútbol pueda concretar el ideal de la democracia tiene que ver con el hecho de que cualquiera puede jugar al fútbol y jugar bien [...]”. Vinculado a ello, aparecen en este territorio de lo simbólico las metáforas de “gambeta” o del



“drible” (jugadas típicas argentina y brasileña) siempre presentes y entremezcladas en las películas analizadas como formas a partir de las cuales los diferentes personajes encaran la vida. Se observa allí que siempre se mestizan dos espacios, el fútbol y la vida cotidiana, en virtud de lo cual podría decirse atendiendo a una metáfora popular que en nuestros países “se juega como se vive” y “se vive como se juega”<sup>3</sup>. Es decir que para las clases populares es necesario eludir, engañar, y ser (casi obligatoriamente) hábil para sobrevivir en las luchas cotidianas. En estos términos es presentado el futbolista nacional (argentino o brasileño) en los imaginarios sociales de estos países, lo que dota al fútbol (¿y, metonímicamente, también a la nación?) de sentidos propios del pensamiento mágico, tales como “la incertidumbre”, “lo imprevisible”, “el misterio” o “la fe” a la hora de tomar decisiones. Estos sentidos de “imprevisibilidad” e “incertidumbre” serían fundamentales también para Murad si se quiere comprender el carácter democrático del fútbol y la igualdad de oportunidades que brinda a todos los sectores sociales.

Respecto del fútbol como creencia, es interesante retomar a Roberto Cachán Cruz y Oscar Fernández Álvarez, quienes traba-

- 
3. Esta idea se ilustra claramente con una canción sobre el fútbol del llamado rock nacional argentino, compuesta por *La Bersuit Vergarabat*, que expresa: “Vamo’ a bailar para cambiar esta suerte; si sabemos gambetear para ahuyentar la muerte”. Es interesante ver cómo el rock, como lenguaje, se apropia de otro lenguaje, el fútbol, y efectiviza sobre él una mirada que actualiza, en este caso a través y por una banda popular argentina, una realidad popular de este deporte. *La Bersuit Vergarabat* es un grupo musical reconocido en este país, que se originó a fines de los ’80, con características contestatarias y de críticas sociales en pleno auge del neoliberalismo argentino.

jaron sobre el simbolismo que relaciona íntimamente este deporte con la religión. La puesta en juego de identidades y rivalidades bajo características de tipo tribal, la adoración a ídolos cuasi divinizados y la presencia de personajes simbólicos que se asemejan al universo de lo ritual y religioso son algunos elementos que permiten argumentar esta relación. El árbitro, según este autor, es un caso ejemplar: “Corrige las apariencias y les confiere categoría de verdad. Los resultados que él produce son inamovibles. Es el personaje que ha venido a implantar castigos”. Por otra parte, quizás sea el hincha el elemento más analizado en virtud de esta cuestión, así como su apasionamiento dogmático por un equipo o una selección. O, como expresan Ruben Oliven y Arlei Damo (2001): “Pertener a un club significa serle leal, estableciéndose una *relación analógica*. Vibrar cuando el club gana, sufrir resignadamente cuando pierde [...] El hincha debe continuar fiel a su equipo, incluso cuando pasa años sin ganar un campeonato”. En los filmes observados este imaginario aparece representada principalmente en “Boleiros. Era uma vez o futebol” y en “Linha de passe”. En la primera película, estos motivos aparecen en tres episodios: en el del “Pai Vavá”, donde aparece la vinculación entre el fútbol y la religión; en el de “Azul”, el crack de Portuguesa, donde se representa la problemática en la asistencia familiar, a su vez que se hace visible la metáfora de la habilidad en el fútbol (el golazo marcado por Azul) y en la vida (el futbolista también “elude” a la madre de su hijo); y, por último, en el episodio del “Pivete”, donde también se observa esta idea del crack futbolístico ligado a la habilidad en la lucha por la supervivencia. Por su parte, en “Linha de passe”, este origen popular del fútbol se representa, a lo largo de todo el relato, a través de la vida cotidiana de estos

sectores sociales, quienes entre carencias y necesidades, y motorizados por sus creencias enfrentan la vida con suerte dispar.

Siguiendo con este análisis, advertimos que es posible relacionar dos temáticas: *la inmigración y la conflictividad entre distintas identidades regionales*. En Argentina y Brasil, el fútbol aparece vinculado a los procesos históricos de inmigración y mestizaje (Murad, *ibidem*), tanto en relación al origen del deporte en sí y de los clubes, como al surgimiento de la construcción respecto de la existencia de perfiles “argentino” y “brasileño” de futbolista y su supuesto modo de “jugar al fútbol”. Como señala Alabarces (2006), en el caso argentino y ante las dificultades que la inmigración generaba para reproducir una élite homogénea, se crea un relato nacionalista que *criolliza* el fútbol y enuncia una identidad de juego propia de esta tierra de “gauchos” y “potreros”. Se produce un relato que evidencia una doble fundación del fútbol argentino (Archetti, 2008): la primera, representada por los ingleses y el equipo británico Alumni, y la segunda, reivindicada ideológicamente y representada por los criollos, los hijos de inmigrantes italianos y españoles, este sería el caso del primer equipo campeón íntegramente argentino: Racing Club.

En estos dos países, muchos equipos portan nombres o simbología relativas a otros países, los de los inmigrantes, que les dieron origen, motivación e intervinieron social y culturalmente en su fundación: por ejemplo y mientras que, en Argentina, los equipos rosarinos Rosario Central y Newell's Old Boys iniciaron su historia ligados a apellidos de origen británico y referidos al ferrocarril perteneciente a capitales ingleses, o los clubes Deportivo Español o Sportivo Italiano que surgen directamente a partir de las colectividades inmigrantes, también, en Brasil, los clubes

paulistas Portuguesa, Vasco da Gama, Juventus y Palmeiras, por nombrar sólo algunos, remiten su pasado y creación al accionar de colonias portuguesas e italianas en el país.

El fútbol tematiza "lo nacional" y lo representa, al permitir anclar el pasado y el presente históricos de estas naciones y reafirmar continuamente esas identidades mestizas en un fenómeno cultural tan dinámico como es este deporte. Esta temática de mezcla y fusión de culturas e identidades se ve reflejada, en estas películas, no sólo explícitamente en las ciudades, con marcas e indicios de los procesos inmigratorios y de mestizaje, sino también en los conflictos entre identidades regionales, lo que se ve representado en los filmes a través de las rivalidades futbolísticas entre los clubes.

En el film "O dia em que..." hay, una representación de la inmigración más explícita, a través de las marcas de la ciudad y su gente, durante las escenas en el barrio "Bom Retiro", lleno de inmigrantes. Por su parte, en "Boleiros. Era uma vez o futebol" y "O casamento de Romeu e Julieta" esta temática no aparece tan explícitamente representada, sino que se despliega desde la representación de la rivalidad futbolística, a través del clásico entre Corinthians (origen popular) y Palmeiras (origen de elites y colonias italianas). Desde estas imágenes, se muestran las diferencias que existen en sus concepciones del fútbol, de la vida, aunque recurriendo en algunos casos a demasiados estereotipos, propios de un cine elaborado desde parámetros comerciales que exige un tipo de personajes y construcción narrativa más lineal y sencilla.

## Las mujeres desde y en el fútbol

Según Judith Butler (1993), son las normas culturales de género las que definen la materialidad del sexo, definiéndolo así como una construcción: "El sexo no es pues sencillamente algo que uno tiene o una descripción estática de lo que uno es: será una de las normas mediante las cuales ese 'uno' puede llegar a ser viable, esa norma que califica a un cuerpo para toda la vida dentro de la esfera de la inteligibilidad cultural". La reflexión de Butler nos permite indagar en las películas sobre el lugar de la mujer en el fútbol y atreves de él en la propia sociedad. Esta interpretación de la autora hablaría del sexo en tanto una definición cultural y construida en virtud de ciertos parámetros que, lejos de ser naturales, atañen a las normas de la vida en sociedad y permiten su reproducción material a través de los cuerpos. En virtud de esta teorización, es posible hipotetizar acerca del orden cultural (y sus normas) que, de forma hegemónica (aunque no absoluta), relaciona los discursos y las prácticas del deporte sobre todo a un universo de lo masculino. En el deporte y en fútbol como la práctica deportiva más frecuentemente vinculada a lo masculino, se destaca la construcción de este sexo en términos de fuerza y virilidad, que a su vez (re)produce sentidos y estereotipos que reducen la esfera del fútbol (y así, del deporte) mayoritariamente sólo a este género, invisibilizando, de algún modo, a cuerpos femeninos que se acercan a esta misma práctica (y cada vez más) pero que aparecen, "naturalmente", como externos, intrusos, molestos e incompletos.

Así, en "Boleiros. Era uma vez o futebol", la mujer es construida desde un lugar "ajeno" y hasta "molesto", quedando claro el sentido de "extraterritorialidad" de la figura femenina en el fútbol.

Estos sentidos se corresponden, siguiendo a Catherine Louveau (2007), con un orden histórico y social del género, que define las diversas prácticas deportivas dentro del universo “masculino” o “femenino”, son estos imperativos simbólicos que, a través de la sexualidad, restringen “mujer” a los sentidos de gracia y belleza y “hombre” a los de virilidad y fuerza, reproduciendo así esta desigualdad discursiva y materialmente. Ejemplos claros se ven en el filme durante el episodio de “Azul”, en el cual la madre de su hijo es una obstáculo central en la vida del futbolista, y el episodio de la concentración de los futbolistas del Palmeiras, en el cual se construye la imagen más cristalizada, desde los imaginarios sociales, de la mujer en el fútbol: simplemente como un objeto de deseo sexual.

En “O casamento de Romeu e Julieta”, aparece una construcción femenina contradictoria, en relación al nivel temático y enunciativo del film: mientras que desde los diálogos y las primeras escenas se construye una reivindicación del lugar de la mujer en el fútbol (la protagonista es jugadora amateur), desde lo enunciativo se advierte el falso protagonismo del personaje de Julieta, tanto en la forma (su papel en el film) como en el contenido (en la historia contada y en su relación de pareja): hay una ausencia de densidad dramática, que se argumenta en la pasividad de la mujer. De hecho, sobre el final del film (“*the happy ending*”), el anhelo de Julieta de conformar un equipo de fútbol se materializa y aquí otra vez aparece la ausencia de acciones, porque nunca el espectador llega a saber cuál ha sido el motivo por el cual Julieta consigue esa reivindicación y cuánto esfuerzo le ha costado (si es que le ha costado alguno). La ambigüedad de este film, que intenta reivindicar a la mujer y acaba estereotipándola en su clásico lugar, permite dar cuenta de la hegemonía masculina en el

espacio deportivo (en términos gramscianos), que instituye la subordinación femenina no de forma unitaria y absoluta sino en la complejidad de constante luchas y resistencias en torno a los sentidos dominantes sobre "la mujer".

En relación al film "Linha de passe", si bien la protagonista femenina (Cleuza) no tiene un rol intrínseco en el mundo futbolístico, sí hay relaciones que vinculan su figura con este espacio, pues ella es amante del deporte e hincha fanática del Corinthians, por lo cual ayuda a su hijo en su intento de jugar en Primera. En esta película aparecería una construcción dialéctica del lugar de la mujer, investida a la vez de sentidos incompatibles, porque Cleuza es la única presencia que tienen sus hijos en su entorno social, pero, al mismo tiempo, ella es "egoísta" e "inconsciente" en relación al desconocimiento de los padres de sus hijos y en sus vínculos con ellos.

A raíz del análisis diferencial de estas representaciones en los films, se reconstruye una similar construcción de la imagen de la mujer en este espacio simbólico, el del fútbol, porque la mujer sigue siendo "lo otro" difícil y ambiguo en su representación, lo que expresaría las contradicciones de la misma construcción de su lugar en la sociedad. La mujer carga semánticamente con la extraterritorialidad en diversos espacios reconocidos históricamente, en los imaginarios sociales, como de índole masculina. Como afirma Jennifer Hargreaves, la naturalización de la rígida división genérica del trabajo (doméstico y asalariado) define el espacio del ocio, y así del deporte, como un ámbito de índole masculina: "(...) los hombres deben ser libres para dedicarse a actividades de ocio que les permitan retornar frescos a sus trabajos" (Hargreaves, 1993). Se vuelve así a una teorización respecto del lugar

social del sexo en la cual coinciden Butler y Louveau (ésta última refiriéndose específicamente a la relación entre género y deporte), al observarlo como práctica que habilita a la construcción y estructuración de representaciones de lo social. Los espacios que relacionan al cuerpo con la fuerza y el dolor, y no con el erotismo y la sensibilidad, son territorios dominados simbólicamente por los hombres y, en ellos, la mujer es dotada de una singularidad genérica que no tiene el hombre y que la reduce a sentidos y funcionalidades que no son las centrales de esos espacios simbólicos.

### **Hipótesis de cierre**

Para finalizar, consideramos importante en nuestros futuros caminos por recorrer en torno a la investigación respecto de la relación entre fútbol y cine, la presentación de una hipótesis a modo de cierre del presente artículo, hipótesis que polemiza con algunas de las interpretaciones recibidas a lo largo del curso del profeso Marques y en función de las imágenes, discusiones y lecturas allí suscitadas.

Tal como sostiene Victor de Melo, el fútbol y el cine son dos fenómenos nacidos durante modernidad, cuya rasgo compartido es la posibilidad de producir significados acerca de una variara gama de fenómenos humanos bien característicos de la vida en las sociedades brasilera y argentina contemporáneas, en ese contexto surge la pregunta acerca del por qué en nuestros países (Brasil y Argentina) pese a la centralidad que ocupa el fútbol en la cultura y la vida de las personas, esa situación no se ve reflejada en las pantallas de los cines, las producciones sobre fútbol ocupan ciertamente un lugar marginal y periférico. Veamos por qué.



Como respuesta a esta pregunta el propio de Melo argumenta que sería la propia dinámica del fútbol lo que imposibilitaría capturarlo en producciones de ficción. Al respecto contra este argumento y desde un costado sociológico se sostiene que no puede obviarse el hecho de que la principal industria cinematográfica mundial es la de Estados Unidos, país en donde el fútbol no ocupa el lugar masivo y de trascendencia política y cultural como en países sudamericanos y europeos. Sin embargo, en el cine del país del norte si hay una producción que históricamente tematiza el deporte. Así han ganado espacio en la consideración comercial y de audiencias memorables (y no tanto) películas sobre otros deportes como: fútbol americano, box, hockey sobre hielo, basketbol, automovilismo o beisbol. Este hecho nos proporciona un primer y contundente argumento de orden económico y de mercado; la producción masiva y el uso mayoritario de las salas, sumado al poderoso marketing de la industria del cine americano, son una instancia estructural que opera contra el desarrollo y la difusión de líneas temáticas que contemplen al fútbol. Al respecto, se observa que los llamados "grandes tanques de Hollywood" monopolizan la producción y circulación del cine privilegiando deportes que constituyen lenguajes accesibles al mercado americano (y entonces mundial), que además, son redituables económicamente por ser una mercancía ya consolidada. Esta idea de una producción audiovisual que tiende a "esquivar" al fútbol, aun en países como Brasil y Argentina donde este deporte tiene una importancia cultural innegable, puede ser interpretada desde el concepto gramsciano de hegemonía, específicamente en relación al rol de la cultura. Así es que según Gramsci, tal como sostiene Portelli (1987), la cultura sería un medio simbólico que refuer-

za las formas de dominación económica y política. Por lo tanto, sostenemos que el cine de Hollywood, al ocupar una gran cuota de pantalla, y al no tematizar al fútbol genera una inhibición de la producción de cine de ficción referida a este deporte. La industria americana del cine, tiene monopolizadas a través de la imposición de géneros (en sentido de hegemonía cultural), la posibilidad de que los espectadores logren comprender otros lenguajes. Se refuerza un canal comunicativo al crear un código pero se debilita otro.

Como aquí afirmamos que esta inhibición del fútbol a estar masivamente presente en el cine no solo opera en términos de producción y de circulación, también ocurre obstaculizando la percepción del receptor, del público que concurre a las salas, o que en todo caso no concurre cuando se presenta alguna película sobre fútbol en Brasil y Argentina. Desde el lugar del espectador entonces y retomando a Bourdieu (1988) en su célebre trabajo "*La distinción*"; se considera que el gusto por algo (una comida, un vestimenta y también un tipo de cine) es una construcción social, dicho de otro modo; expresa un sentido petrificado que refiere a categorías sociales que terminan de ubicar socialmente a cada sujeto, y refleja una lucha política de la imposición de sentidos. En sintonía con ello, también el propio Bourdieu (1998), considera que no hay nada que clasifique más a un sujeto que sus propias clasificaciones. Por ello y atendiendo a nuestra hipótesis, se sostiene que el cine de Hollywood, monopoliza mayoritariamente en países como Argentina y Brasil la circulación de películas, y sobre todo construye lo que es más profundo se impone sobre el gusto del espectador. Un contra ejemplo de ello, es que existen verdaderos sub - géneros cinematográficos típicamente

americanos, que son consumidos masivamente en estas tierras por los espectadores en sus versiones originales y en las adaptaciones locales. En línea con ello existe un cine de horror, road movies, western y hasta un cine de películas en donde el deporte es colocado en primera plana, motivo por el cual preguntamos: ¿será posible en países como Brasil y Argentina realizar en el futuro un cine de fútbol?

## **Bibliografía**

ALABARCES, Pablo (2002) **Fútbol y patria**. Prometeo, Buenos Aires.

ALABARCES, Pablo (2004) **Crónicas del aguante. Fútbol, violencia y política**. Capital Intelectual, Buenos Aires.

ALABARCES, Pablo (2006). "Europeísmos y Tropicalismos futbolísticos: la invención de la diferencia entre Argentina y Brasil (o para qué sirve el fútbol, si es que sirve para algo)". En **Revista Nuestra América** N° 2, pág 137-154. Disponible en: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/351/1/NuestraAmerica2.pdf#page=137>

ARCHETTI, Eduardo (1998) **El potrero la pista y el ring. Las patrias del deporte argentino**. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.

ARCHETTI, Eduardo (2003) **Masculinidades. Fútbol, tango y polo en la Argentina**. Antropofagia. Buenos Aires.

ARCHETTI, Eduardo (1998) "Prólogo". En: *Deporte y sociedad*. Alabarces, Pablo Fridenberg, Julio y Di Giano, Roberto. En: **Deporte y sociedad**. EUDEBA, Buenos Aires.

ARCHETTI, Eduardo (2008). "El potrero y el pibe. Territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino". En **Horizontes Antropológicos**. Vol. 14 N° 30. Disponible en: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200013&script=sci_arttext)

BOURDIEU, Pierre (1998): **Cosas dichas**. Gedisa: Buenos Aires, Argentina.

BOURDIEU, Pierre (1993) *Deporte y Clase Social*. En: **Materiales de Sociología del Deporte**. Las Ediciones de la Piqueta, Madrid.

BOURDIEU, Pierre (1988), **La distinción. Criterio y bases sociales del gusto**. Madrid, Taurus (e.o. 1979)

BUTLER, Judith (1993). **Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"**. Buenos Aires: Editorial Paidós.

CACHÁN CRUZ, Roberto y FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, Oscar. «Deporte o religión: un análisis antropológico del fútbol como fenómeno religioso». Disponible en: [http://articulos-apunts.edittec.com/52/es/052\\_010-014\\_es.pdf](http://articulos-apunts.edittec.com/52/es/052_010-014_es.pdf)

GIL, Gastón (2007) **Hinchas en tránsito. Violencia, memoria e identidad en una hinchada de un club del interior**. EUDEM, Mar del Plata.

GODIO, Matías y ULIANA, Santiago (compiladores) (2011): **Fútbol y sociedad. Prácticas locales e imaginarios globales**. EDUNTREF: Saenz Peña.

HARGREAVES, Jennifer (1993). «Promesa y problemas en el ocio y los deportes femeninos». En BROHM, Jean-Marie, BOURDIEU, Pierre y Otros. **Materiales de Sociología del Deporte**. Madrid: Las ediciones de La Piqueta.

LOUVEAU, Catherine (2007). «El cuerpo deportivo: ¿un capital rentable para todos?». En LACHAUD, Jean-Marc y NEVEUX, Olivier (Dir.). **Cuerpos dominados, cuerpos en ruptura**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

MARQUES, José Carlos. “Entre a ficção e a não ficção: erros e acertos da produção fílmica brasileira sobre o futebol nos últimos 50 anos”. En **Futebol, comunicação e cultura**. São Paulo: Intercom, 2012.

MELO, Víctor A. de (2006) *Futebol e cinema: relações*. En **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. 6(3) 362-370, 2006.

MURAD, Mauricio (2011) “Sociología del fútbol brasileño”. En GODIO, Matías y ULIANA, Santiago (compiladores) **Fútbol y sociedad. Prácticas locales e imaginarios globales**. EDUNTREF: Saenz Peña.

OLIVEN, Ruben y DALMO, Arlei (2001). **Fútbol y cultura**. Buenos Aires: Editorial Norma, Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación.

PORTELLI, Hugues (1987) **Gramsci y el bloque histórico**. Siglo XXI, México.

SAZBON, Daniel y ULIANA, Santiago (2010) "No podía dejar de ir. El Mundial 78 en la perspectiva de los hinchas". En Frydenberg, Julio y Daskal, Rodrigo (comps.) En: **Fútbol, historia y política**. Aurelia Rivera, Buenos Aires.

VERÓN, Eliseo (2003): "Televisión y política: historia de la televisión y campañas presidenciales", en Antonio Fausto Nieto y Eliseo Verón (comp.) Antonio Albino Rubín **Lula presidente Televisión y política en la campaña electoral**, Sao Paulo, Hacker, Sao Leopoldo. R.S: Usinos. Trad. M.E. Bitonte. Disponible en: <http://w.w.catedras.fsoc.uba.ar/delcoto/biblioteca.php#traducciones>

VERÓN, Eliseo (1993): **La semiosis social. Fragmentos de una teoría de la discursividad**. Gedisa, Barcelona, 1993.

## 8.

# Futebol e Identidade Nacional: Imprensa Uruguaia e a Realização do Mundial de 1930 <sup>1</sup>

ALVARO DO CABO <sup>2</sup>  
RONALDO HELAL <sup>3</sup>

### **Introdução: “A Suíça da América em festa”.**

No ano de 1930 a República Oriental do Uruguai comemorava 100 anos da sua organização constitucional, e o clima festivo, com diversas comemorações, dentre elas a organização da

- 
1. Uma versão em espanhol foi publicada em Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 12, p. 126-136, 2010. A pesquisa fez parte da dissertação de mestrado defendida por Alvaro do Cabo no PPGCOM da UERJ sob a orientação de Ronaldo Helal.
  2. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Doutorando em História Comparada pelo PPGHC/UFRJ.
  3. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Pesquisador do CNPq.

primeira Copa do Mundo de futebol e a exaltação aos símbolos nacionais, aumentava a autoestima de um povo cujo país era conhecido na época como a “Suíça da América”.

Los uruguayos de 1930 tenían una alta autoestima. Se sabían parte de una experiencia única en América Latina. Habían construido un sistema democrático y una sociedad equilibrada, moderna y progresista.

Si a este clima de optimismo y confianza se le sumaba la experiencia colegialista, uno se explica que un observador extranjero haya creído encontrar “la Suiza de América (ARTEAGA – 2008, 156)

O período de 1903 até 1930 é caracterizado no cenário político uruguaio, segundo o historiador e diplomata Juan José Arteaga, pelo Battlismo colorado devido aos dois governos de José Battle y Ordoñez, pelas reformas na organização de uma estrutura colegiada na esfera política que viabilizava acordos e compromissos entre os diferentes setores da elite, e pelas conquistas sociais apoiadas na intervenção estatal. Seria a consolidação da “moderna democracia social” uruguaia que, segundo o autor, se fortalece a partir das mudanças introduzidas na Constituição de 1919 e tem como principal monumento a inauguração do Palácio Legislativo em 1925.

No âmbito econômico, apesar da agricultura com a produção de grãos e a pecuária bovina continuarem sendo os setores mais fortes, o país crescia com frigoríficos, fábricas oriundas do Instituto Industrial de Química de 1912 (óxido sulfúrico, sulfato de cobre etc.), indústrias pesqueiras, além da ampliação dos transportes e meios de comunicação.



Nesse contexto de crescimento urbano e intervenção do estado, os esportes modernos são práticas incentivadas pelas autoridades nas primeiras décadas do século XX, como um modelo civilizador a ser seguido por uma juventude sadia e promissora.

A referência da atividade esportiva como moderna e moralmente aceita, denota ainda a influência estrangeira nas práticas sociais vigentes, porém o futebol passa a atrair a atenção de um número maior de pessoas com a adesão das camadas médias e pobres da sociedade, sobretudo, em Montevidéu.

Apesar das práticas esportivas continuarem sendo um diferenciador social em alguns esportes como críquet, rugby e tênis, o futebol, principalmente após as conquistas olímpicas de 1924 e 1928, além de se afirmar como uma “paixão metropolitana” popular conforme assinala Remedi e Bouret, transforma-se paulatinamente em um símbolo de identificação desta nação uruguaia moderna que se urbaniza, industrializa e passa por importantes transformações sociais.

En apenas unos años el fútbol pasó de ser un deporte de elite y de extranjeros a ser un deporte nacional y popular, practicado y atendido por gente humilde. En el fútbol local se destacaron muchos afro-uruguayos, caso de Juan Delgado, Isabelino Gradín, Leandro Andrade, entre otros y también numerosos inmigrantes españoles e italianos recién llegados al país: José Pendibiene, Carlos Scaroni, Petro Petrone, Angel Román, Antonio Urdirán, etc. (Remedi e Bouret, 2009, p. 292)

A presença de jogadores negros nos selecionados uruguaiois desde a década de 1910, com Isabelino Gradim e Juan Delgado

e a mítica figura de José Leandro Andrade, “a maravilha negra”, campeão olímpico em 1924 e 1928 e mundial em 1930, além do grande número de imigrantes nas esquadras nacionais são indícios de que o futebol no Uruguai nas primeiras décadas já era um elemento agregador e popular, apesar de continuarem existindo conflitos dentro do campo esportivo.

Porém, como a própria sociedade uruguaia modernizava-se dentro da chamada democracia “battlista”, a aceitação destes novos atores sociais, pelo menos nos estádios esportivos e como representantes do país em competições internacionais, transcendia conflitos internos nos clubes, questões raciais ou discussões concernentes à disputa amadorismo x profissionalismo<sup>4</sup>, que somente seriam definitivamente resolvidas no Uruguai dois anos após a Copa em 1932.

Las conquistas futbolísticas de 1924 y 1928 y la mundial de 1930 hicieron conocer al Uruguay la opinión pública deportiva nacional, con los efectos que un triunfo deportivo tuvo en ese entonces (y más todavía en el futuro) como indicador de “mens sana in corpore sano” y como indicador

- 
4. Segundo Luzuriaga, o amadorismo marrom já existia desde o torneio de 1905, quando dois jogadores campeões pelo Nacional em 1902 e 1903 transferiram-se para o CURC em troca de um emprego na empresa, fato que teve a rejeição pelos “sportsman” da época. Mesmo com uma proibição explícita do Regulamento Geral da Associação Uruguaia em 1915 a qualquer forma de pagamento seja em espécie ou objetos, a prática continuou existindo e após a profissionalização do futebol na Argentina em 1931, as equipes uruguaias decidiram estabelecer o profissionalismo em 1932.

indirecto de buen nivel nutritivo, sanitario y de virtudes morales y corporales. La “Suiza de América” la “Atenas del Plata” era además una especie de David a vencer Golitas y eso parecía confirmar que “como Uruguay no hay” y que, como lo pensaba uno de los hacedores del Uruguay moderno (José Battle y Ordoñez), se podía construir un país modelo que no arrastrara las seculares desigualdades y rivalidades que contra la paz y el bienestar en Europa. (BAYCE – 2003, 171)

Nesta conjuntura socioeconômica, a organização do primeiro Campeonato Mundial de futebol adquire proporções nacionalistas, pois o evento é defendido pela classe política e diplomática, apoiado pelo presidente Juan Campisteguy (1927-1931) e pelas elites locais.

Mesmo com a grave crise econômica de 1929, que afetou a prosperidade uruguaia e provocou graves mudanças políticas e econômicas nos anos subsequentes, os compromissos estabelecidos por ocasião do Congresso de Barcelona em maio de 1929 para a realização do torneio são mantidos. O parlamento havia aprovado uma verba de 500 mil pesos que serviria para viabilizar, além da presença das delegações estrangeiras, uma organização exemplar e a construção de um estádio grandioso, que seria chamado de “Centenário” para coroar a magnitude da festa e orgulhar muitos uruguaios até os dias de hoje.

O ápice da festa na “Suíça da América” ocorreria no dia 30 de julho com a vitória sobre os argentinos e o símbolo pátrio içado ao ponto mais alto. Comemorou-se a Independência e a organização constitucional no recém-nascido estádio “Centenário”.

En 1930 el Uruguay tenía cerca de 1.800.000 habitantes, de los cuales la cuarta parte correspondía a Montevideo. No fue un año cualquiera. El país celebraba el centenario de la primera Constitución con diversos actos, y entre ellos inauguró el Estadio Centenario, donde la selección nacional ganó por la primera vez el mundial de fútbol. (ARTEAGA, 2008, p. 156)

## **O evento: campanha uruguaia, resultados e curiosidades.**

Desde a estréia do Uruguai contra o Peru, vencida por 1 a 0 no dia 18 de julho no Estádio Centenário <sup>5</sup>, que muitas reportagens analisadas se referem ao torneio como um evento espetacular, cujo principal palco foi inaugurado oficialmente na histórica data da organização constitucional do país, com um grande público, presença feminina, desfile das delegações e uma partida fraca tecnicamente (na opinião da imprensa). A maior manchete do Jornal El Dia, por exemplo, estampou “Un espectáculo imponente el “Stadium Centenário. Decepcionó la actuación del equipo celeste” (El Dia. N. 17.265. 19/07/1930: pág. 7)

- 
5. É importante esclarecer que a estréia do Uruguai não foi a abertura da Copa como acontece regularmente nos dias atuais com as seleções anfitriãs. Oito partidas haviam sido realizadas, sendo que as duas primeiras foram realizadas no Domingo dia 13: Estados Unidos 3x0 Bélgica no Estádio Parque Central do Clube Nacional e França 4x1 México no pequeno campo de Pocitos onde saiu o primeiro gol em uma Copa do Mundo.

O Jornal La Tribuna Popular também destaca o grande espetáculo esportivo e a festa das arquibancadas, porém aborda aspectos negativos em suas matérias, como a má atuação da equipe, desorganização na entrada e a atuação violenta dos policiais, fatos que teriam maculado a celebração.

Dominando completamente los uruguayos derrotaron por el mismo score los peruanos. La inauguración del Estadio dio lugar a sablazos al público – Se registró una concurrencia de más de 55.000 espectadores – Esta tarde jugarán Francia-Chile y Argentina – Méjico, también en el Estadio Centenario – La performance del once celeste ante el team limeño, no satisfizo mayormente nuestro público – Fue brillante la fiesta de confraternidad, ofrecida ayer con motivo del desfile... Una concurrencia extraordinaria presencio ayer el match Uruguay – Perú. Como fiesta deportiva el espectáculo fue grandioso. Sin embargo el juego desarrollado decepcionó a la enorme concurrencia. (LA TRIBUNA POPULAR – N. 14.967, 7).

Em outra reportagem, o mesmo periódico denuncia de maneira mais veemente problemas na inauguração do Centenário. Segundo a matéria, houve má distribuição dos ingressos, atuação de cambistas, dificuldades do público em encontrar os lugares marcados e um comportamento abusivo dos policiais. Seguem abaixo alguns trechos:

Ayer se jugó con la vida del público en las puertas del Estadio – Mala organización, invasiones, car-

gas a sable limpio, desmayos y contusiones – Hoy no puede suceder lo mismo...

En primer término cabe consignar que buena parte de nuestro público no asimiló la enseñanza del camino que le marcaba el mismo boleto de entrada.

Por otra parte la Asociación había vendido las entradas sin lino, yendo a para mucho de ellas a manos de los revendedores.

Además muchas personas no podían dar con las boleterías, debido a que el letrero de éstas se halla demasiado bajo.

Muchos vieron una oportunidad de poder entrar sin pagar y se agregaron al número de los que pretendían ubicarse con su entrada.

Esto trajo como consecuencia una obstrucción casi completo de casi todas las puertas, que se extendió por casi una hora, sufriendo apreturas y machucones el público y especialmente las señoras y niños del que resultaron muchos contusos y semi asfixiados.

Las bárbaras cargas policiales.

A todo este maremágnum se agregó el hecho inaudito registrado en varias puertas, especialmente en la H, I e J en donde la policía montada cargó sin compasión y a sablazo limpio en contra el público, entre los que se contaban mujeres y niños, lesionando a varias personas y ocasionando la justa

reacción del público que repelió a pedradas a los inhumanos cosacos en penachados ...

Tener estadio para sufrir más penurias que en las canchas viejas, no es por cierto cosa de festejar. (LA TRIBUNA POPULAR - N. 14.967: 8)

Os Jornais El Dia e El País também fazem referência aos fatos relatados de maneira menos detalhada, porém, a existência de notícias reforça a possibilidade da ocorrência de problemas graves na estréia, fato pouco encontrado nos livros oficiais que contam a história da Copa do Mundo de 1930.

Em notas do El Dia, o comportamento das autoridades responsáveis pela segurança do estádio é classificado como "un exceso policial" onde "se produjo en forma violenta, arremetendo contra la gente sin consideración alguna y sin medir para nada la posibilidad de que tales impulsos produjeran graves y numerosas desgracias" Com relação a atuação dos cambistas: "La reventa de localidades alcanzó en el día de ayer proporciones escandalosas. Previendo lo que ocurriría, la policía solicitó ayer la intervención de la Inspección de Teatros de nuestro Municipio a fin de penar los infractores". (EL DIA - N. 17.625, 8)

Essas notícias parecem revelar que na inauguração do Estádio Centenário as autoridades e possivelmente o próprio estádio não estavam devidamente preparados para o enorme fluxo de pessoas e o evento que estava sendo organizado.

Com relação ao número de espectadores que estavam presentes na estréia as cifras variam bastante. O jornal El País registrou, provavelmente de maneira exagerada, a impressionante marca de 85 mil pessoas visto que a própria capacidade era de 70 mil pessoas:

Puede calcularse, sin temor a incurrirse en exageración, que el público que asistió ayer al Estadio Centenario llegó a la cifra de 85.000 personas, superando así notablemente la capacidad actual del mismo que es aproximadamente de 70.000 personas. Se ha superado pues, los cálculos más optimistas, registrándose un verdadero record. (El País - N. 4.118. 19/07/1930, 6)

Apresentando um quantitativo bem menor, mas demonstrando também espanto com o número de espectadores o jornal La Tribuna Popular aponta 55 mil pessoas que teriam assistido à partida, e o diário EL PLATA apresenta uma tabela com dados da fase classificatória onde o público pagante seria de 57.735.<sup>6</sup>

Mesmo sendo um dia de celebração cívica nacional, com o ritual de desfiles das delegações dos países participantes da competição, muitos problemas extracampo aconteceram, e a partida, segundo relatos dos próprios jornalistas uruguaios, teria sido pobre tecnicamente. A seleção bicampeã olímpica não teria se apresentado bem e, apesar da garra atribuída pelos especialistas à equipe peruana, venceu por 1x0 com um gol de Héctor "Manco Castro", jogador do Nacional e figura que seria também fundamental na partida final.

As reportagens técnicas sobre a partida destacam a ineficiência do ataque, a lentidão da equipe, as dificuldades em superar a retranca peruana, a insatisfação dos inúmeros torcedores que foram ao estádio, além da ausência do que seria o estilo de jogo

---

6. Números obtidos nos jornais La Tribuna Popular - N.14.967, pág. 8 e El Plata - N. 5.702, pág. 10.



virtuoso uruguaio. Em uma crônica do jornal El País, por exemplo, existe uma alusão direta ao que seria uma falta de identidade no rendimento da equipe:

Este careció de esa vibración comunicativa que da movimiento y vida al espectáculo. Accionó con desesperante lentitud, dando a comprender que sus integrantes no estaban preparados para una lucha sostenida y a base de lo juego veloz. Esa concepción pronta y espontánea, de la que hemos hecho caudal tantas veces cuando establecemos parangón con el fútbol inglés, ayer estuvo ausente del field, en tal grado, que **nuestro juego perdió su grand virtud, su vistosidad y su lujosa exhibición.** (grifo nosso) El team careció de entendimiento y por ello no fue posible realizar plan capaz de franquear las brillantes líneas de defensa de los peruanos. (El Pais - 4118, 6)

Já podemos observar, mesmo na primeira partida, certa ideia de um estilo de jogo que se contrapõe ao europeu, este representado simbolicamente na escola inglesa. Esperava-se da seleção de 1930 um futebol mais vistoso, de exibições plásticas conforme as representações oriundas das vitórias de 1924 e 1928.

Após a classificação do Uruguai obtida com a vitória de 4x0 sobre a Romênia, os periódicos abandonam as críticas da estréia e retomam o discurso da “grande escola” uruguaia com mais ênfase e patriotismo. Até o jornal La Tribuna Popular, um dos veículos analisados mais críticos, também reproduz essa construção ao se referir aos gols marcados como frutos da insuperável escola celeste.

Todos y cada uno de los goales, llevó el sello propio de la insuperable escuela uruguaya (gri-fos nossos): desde el oportuno tiro de Dorado la tarea de vencer al atribulado arquero rumano recorrió todos los puestos de la línea de ataque: y Scarone, con su desconcertante desplazamiento hacia la izquierda, Anselmo con su extraordinaria sagacidad para angular la trayectoria de un pase y Cea “driblando” a dos jugadores y al arquero para no despegarse de la pelota, marcando cuatro goles brillantes, inobjetables, soberbios. (TRIBUNA POPULAR – N. 14.969. 22/07/1930, 7)

No jornal La Mañana, as alterações feitas na equipe <sup>7</sup>, principalmente no ataque, são valorizadas e teriam produzido uma equipe com maior velocidade, maior empenho; registra-se ainda que houve uma conscientização dos jogadores da suposta “missão”. Ao comparar o desempenho da seleção com a partida anterior contra os peruanos, na reportagem “Los celestes mejoraron mucho”, o jornal registra:

Todo esto contrastaba abiertamente contra lo que habíamos visto en el match anterior. Había desaparecido la lentitud, la apatía, ese aparente can-

---

7. Para a segunda partida o técnico Sr. Alberto Supicci substituiu os jogadores Domingos Tejera, Santos Urdinaran, Pedro Petrone e Héctor Castro respectivamente pelos atletas Ernesto Mascheroni, Pablo Dorado, Héctor Scarone e Juan Anselmo e segunda a crítica deu mais mobilidade e velocidade a equipe.

sancio de que parecían dominados los jugadores. Los de ayer estaban más ágiles, más empeñosos, más metidos en su rol, **más posesionados de su misión, sin duda de responsabilidad tratándose de un Campeonato Mundial (grifos nossos)**. Fue lo que se vio: un gran cambio, un evidente progreso, una característica de juego que permitió al público pasar momentos de gran emoción, gradualmente más intensos a medida que se iban produciendo los goles, especialmente el tercero, el más hermoso de la tarde, hechos, como todos, con la colaboración inteligente de Anselmo y Cea. En síntesis: fue un equipo que ayer jugó con coraje y con inteligencia. (La Mañana – N. 4719, 6)

Em outra reportagem do mesmo periódico “Es un grand team, que actúa de acuerdo con las circunstancias – Así opinán los vencidos de ayer”, as declarações dos jogadores romenos exaltando o jogo uruguaio e os símbolos das conquistas anteriores ajudam no processo de acionamento da memória vencedora e da construção mítica desta geração. Foram selecionados trechos do goleiro da equipe do Rei Carol, Lapesnau e do experiente “centre-forward” Wetzter:

No obstante la derrota me deleitaron los jugadores con su juego. Lo que hacen Scarone, Anselmo, Andrade, Nazzasi y Gestido es realmente admirable. En Paris y en Holanda se dijo que parecía que llevaban la pelota atada a los pies. Y hoy que los he visto frente a mi arco declaro que ese comentario que parecía excesivo es en verdad fiel expresión de la verdad. LAPESNAU

Lo que me resulta inexplicable es cómo hombres como Andrade, Nazzasi, Scarone, y Cea, a quienes la afición europea recuerda siempre por sus performances cumplidas en Colombes y Amsterdam, aún se conserven en estado propio para nuevas grandes actuaciones como la de esta tarde por ejemplo. WETZER (LA MANANA – N. 4.719, 6).

Paralelamente à campanha uruguaia, os outros grupos tiveram como vencedores os iugoslavos, que derrotaram respectivamente Brasil e Bolívia pelos placares de 2x1 e 4x0 no Estádio Parque Central; e a Argentina, que se classificou vencendo a França por 1x0 no campo do Nacional, o México por 6x3 e conquistou a vaga derrotando os chilenos por 3x1, os dois últimos no Estádio Centenário. O adversário argentino saiu do grupo quatro, onde a equipe norte-americana derrotou belgas e paraguaios por 3x0 jogando no campo do Nacional e praticando um futebol classificado pela imprensa como de muita força e velocidade, inspirado nos ingleses. Após o sorteio, as partidas semifinais ficaram definidas com os uruguaaios enfrentando os “balcânicos” e os “yankees”<sup>8</sup> disputando a vaga na final contra os argentinos.

Antes da partida Argentina x Estados Unidos o jornal El Plata apresenta a seguinte indagação em reportagem sobre a disputa: “Triunfará la táctica inglesa o la escuela Rioplatense?”. Alguns trechos ilustram bem a visão sobre os diferentes estilos de jogo que segundo os jornalistas são opostos:

- 
8. Termos histórico-geográficos como “balcânicos”, “yankees”, “incas”, “altiplanos”, “gauleses”, etc., eram muito utilizados pelos jornalistas para se referirem as equipes durante a competição.

El team rioplatense se defenderá con un juego que se improvisa frente al enemigo. Los campeones de Estados Unidos lucharon con esos recursos que son patrimonio del football británico. Se ha preguntado en infinidad de ocasiones. Cual de las dos tácticas es la mejor? Esa que se improvisa, que se desarrolla buscando siempre al hombre mejor colocado ó la que realiza invariablemente el mismo pase, enviando la pelota al puesto ...

La habilidad de la delantera bonaerense podrá neutralizar la fuerza atlética y el dinamismo singular de los yankees? Triunfará lo sobrio frente el juego estilizado? La intuición sobre lo mecánico? La creación sobre el sistema?

Si el team argentino hace su verdadero juego, si su defensa tapa el colador, si la línea media no da ventajas, en ese caso Mister Cumming tendrá ocasión de observar una vez más, que en el football todo no és fuerza, que ella no podrá llegar á buen puerto, si no se pone bien de manifiesto, que la cabeza sirve para algo más que para ponerse el sombrero. (EL PLATA - N. 5.702, 10)

As categóricas vitórias com goleadas de 6x1 aplicadas pelos sul-americanos nos seus respectivos adversários fazem com que os atributos da escola "rioplatense" de se jogar futebol e a valorização do estilo uruguaio derivado da raça, do sangue charrua associados a uma técnica que seria diferenciada dos padrões mecânicos europeus ocupem cada vez mais o espaço na mídia impressa uruguaia. Um jogo mais criativo, intuitivo e cerebral é atribuído a escola do Rio da Prata.

O jornal La Tribuna Popular, por exemplo, ao analisar a partida em reportagem intitulada "La de ayer fue la mejor y más concluyente performance de la Selección Uruguaya:

La de ayer fue otra victoria indiscutible del genial Football rioplatense.

La mil veces elogiada e indiscutible superioridad futbolística rioplatense en su brillantes y perfeccionadas concepciones pulverizó al enemigo que apareció entonces como poco peligroso. Se dio un caso análogo al de Argentina frente a Norte América....

El triunfo de ayer frente a Yugoslavia, no hizo sino ratificar el poco valor que le asignáramos desde un principio a casi todas las representaciones que vinieron a este Campeonato, como para pretender llevarse del Rio de la Plata el título máximo del más espectacular y emocionante de los deportes que hoy se practican en el mundo.

Cuadros buenos para Torneos de menor categoría (como lo comprobó el norteamericano derrotando a Bélgica y Paragnay y el Yugoslavia eliminando a Brasil no pueden resistir sin embargo una comparación honrosa con los uruguayos o argentinos cuyo football, por lo adelantado que está seguirá siendo por mucho tiempo el mejor del mundo. (La Tribuna Popular - N.14975, 7).

O vaticínio da superioridade do melhor futebol do mundo ser "rioplatense" não se concretizaria nos anos seguintes, até mesmo pela ausência do Uruguai nas duas Copas posteriores e da apaga-

da participação argentina em 1934, quando é derrotada na primeira fase eliminatória pela Suécia por 3x2. Mas neste momento, em 1930, o Rio da Prata representaria o melhor futebol mundial no discurso da imprensa uruguaia e concretamente os dois grandes rivais fariam a esperada final. Ambas as vitórias foram caracterizadas como triunfos “rioplatenses” e às vezes sul-americanos, em um esporte que já era considerado pelos veículos analisados como o mais emocionante e espetacular esporte moderno.

O periódico *El Dia* também exalta explicitamente o futebol “rioplatense” e aciona a memória da final de 1928 em Amsterdam para ilustrar a importância da rivalidade e da partida decisiva da primeira Copa do Mundo de Futebol em reportagem cuja manchete estampou “Uruguay y Argentina disputarán la Copa del Mundo – Asi quedó definido ayer, con amplio triunfo celeste sobre el equipo de Yugoslavia”:

Los argentinos fueron los primeros en clasificarse para la final, como lo fueron también en Amsterdam. Defendieron con brillantez los prestigios de su football y del rioplatense, marcando un score abultado, que tuvo la virtud de poner en evidencia la capacidad de representación.

Los nuestros deberían lograr la victoria para que el Rio de la Plata tuviera otra vez el honor de presidir el cuadro de clasificaciones con sus altos exponentes deportivos.

Había que vencer al once yugoslavo para disputar más tarde la final del primero Campeonato Mundial, y nuestros muchachos se presentaron valientemente para la lucha frente a los pujantes jugadores azules. (EL DIA – N.17.273,8)

A lembrança da semifinal olímpica de 1928 é retomada também em outra notícia do jornal EL PAIS que além da memória aciona também a mítica raça charrúa:

Minutos de emoción. Los primeros diez minutos del match ayer, fueron de grandísima emoción; solo comparable con la experimentada en Amsterdam en oportunidad del encuentro jugado con los italianos.

En aquella oportunidad, como en ésta, jugábamos una semifinal, y en aquella oportunidad, como en esta, fueron nuestros adversarios quienes consiguieron abrir el score, más o menos en la misma forma. Pero nuestra muchachada, como lo hiciera en aquel campo extranjero, ayer en nuestra casa, no se amilanó por el contraste, al contrario, juntó energías y como en aquella oportunidad, como en aquella oportunidad nos clasificamos finalista.

Eso es fruto de la sangre charrúa. (EL País. N. 4126, 28/07/1930: Pág. 11).

O confronto final estava definido e era fervorosamente esperado. A preocupação antes da última partida da Copa do Mundo de 1930 estende-se desde a esfera futebolística com o enfrentamento do grande rival “rioplatense” até o âmbito administrativo, visto que ao longo do torneio ocorreram diversos problemas com cambistas, filas para compra de ingressos, incidentes com a polícia e a superlotação de muitas áreas do estádio Centenário nos jogos disputados pela seleção uruguaia. Milhares de argentinos cruzaram o Rio da Prata nos “vapores” da época. A primeira final



de um torneio mundial de futebol entraria para a História mundial e principalmente para a nação uruguaia.

### **A grande final rioplatense – construção da memória, estereótipos e nação.**

No campo futebolístico a rivalidade ente Uruguai e Argentina já se materializava desde as partidas entre equipes em 1900, dos certames entre as seleções a partir de 16 de maio de 1901 quando os argentinos venceram por 3x2 no Uruguai, do primeiro sul-americano em 1916 realizado na cidade de Buenos Aires como um dos eventos comemorativos do Centenário da Independência argentina vencido pelos uruguaios, além da decisão das Olimpíadas de 1928, ocorrida em Amsterdã.

A grande final “rioplatense”, como ficou conhecida a partida disputada entre Uruguai e Argentina que decidiu a primeira Copa do Mundo de futebol, será o ápice de um momento de exaltação nacional veiculado no discurso dos jornais analisados.

O fato de ambas as equipes enfrentarem-se na final da primeira Copa do Mundo ensejou uma dramaticidade ainda maior ao evento com a lembrança da final olímpica de Amsterdã em 1928 e dificuldades de prognósticos devido ao equilíbrio das equipes como se pode perceber pelas reportagens e manchetes anteriores a partida.

Uma das reportagens mais destacadas tinha como principal manchete “El equipo uruguayo tiene mejor defensa y el argentino mejor ataque. El resultado del match entre rioplatenses es tirar una moneda al aire” e alguns trechos da matéria denotam o clima antes do confronto:

Lo que puede augurarse sin mayor esfuerzo de pensamiento, es que harán una contienda brillante, algo así como una segunda edición de aquella decisión justa de *Ámsterdam*. Decía que los resultados de los partidos son lógicos, pero justo es convenir esta vez en que la final de este certamen está encomendada a los equipos que mejores valores han presentado; su contienda es una prueba elocuente de la superioridad de la escuela sudamericana....

Ante la insistencia de dar un pronóstico concreto, diría que este partido es tirarse una moneda a cara o sello. El factor suerte será decisivo. (*El País* - N 4126, 28/07/1930, pág. 11)."

A partida final do primeiro torneio mundial de futebol realizada em 30 de julho de 1930 foi marcada pela intensa rivalidade entre uruguaios e argentinos em uma disputa com seis gols que emocionou os espectadores presentes no Estádio Centenário. A equipe "celeste" saiu vencendo por 1 a 0, porém a Argentina virou o placar no primeiro tempo para 2 a 1. Na segunda etapa, três gols uruguaios decretaram o campeão para alegria de grande parte do público presente, pois o placar de 4 a 2 foi favorável aos donos da casa.

A principal manchete do *Jornal El Día* destaca o forte teor emocional do espetáculo e remete também para a memória das conquistas olímpicas estampando em letras garrafais o título "Uruguay campeón del Mundo. Fue emocionante el espectáculo (grifos nossos). La conquista sobre Argentina fue tan amplia como merecida. Colombes 1924, *Ámsterdam* 1928 e Montevideo 1930". No início da crônica da partida é possível perceber o

ambiente, com o estádio lotado, diversas bandeiras uruguaias e forte presença da torcida argentina também:

Tras los muros del "Centenario". Puertas adentro, desde la una no cabía un alma. Estaban ubicados los setenta mil afortunados de los ciento e cincuenta mil que habían solicitado su "ticket". La hora se aproximaba. Se veían grandes banderas uruguayas y millares de pequeñas agitadas nerviosamente por los uruguayos, que ansiosos esperaban la salida de los campeones. En diversos sectores del grandioso "stadium", multitud de insignias argentinas de distintos tamaños nos hacían creer que medio Buenos Aires estaba allí. (El Día - N. 17276, 31/07/1930: 9)

O acionamento da memória vencedora nos torneios olímpicos de 1924 e 1928 e as representações geradas sobre a força, valentia e coragem do povo uruguaio encarnados na mítica raça charrua são argumentos presentes no discurso midiático analisado.

Os símbolos pátrios como o hino e a bandeira também são importantes elementos presentes no discurso vencedor, pois ilustram a emoção e o sentimento nacional, porém a valorização dos atributos morais e do passado recente de conquistas continua sendo fundamental nas reportagens analisadas:

La emoción final. Mientras asciende al mástil de honor la bandera de la patria  
La pitada del árbitro señaló que daba finiquitada la titánica lucha entre los dos colosos. Y, con ella, ru-

bricadas por el éxito, los merecimientos del Uruguay, de este Uruguay pequeñito en extensión territorial, pero grande inmensamente grande, por sus valores morales, por la pujanza soberba, de su raza de sangre bravía, como buena sangre charrúa. Los campeones, los vencedores de Colombes, de Amsterdam, y ahora de Montevideo rendían tributo al gigantesco esfuerzo realizado: a la imponente emoción que embargaba sus pechos valerosos y a la impresión extraordinaria que el aplauso delirante de todo su pueblo....

El himno de la patria, escuchado respetuosamente de pie por la inmensa muchedumbre, puso mayor dosis de emoción en todos los pechos. (El País - N.4129, 31/07/1930: 10)

A emoção patriótica com o júbilo da vitória, o sentimento de honra de uma nação, de uma “raça” supostamente diferenciada representando não apenas a República Oriental do Uruguai, mas toda a América segundo outra interessante passagem são refletidas na crônica. “Estamos saturados de gloria”, denotando representações grandiosas a partir de uma “simples” vitória no âmbito futebolístico:

Por tercera vez hemos bebido en la copa de la gloria! Nuevamente desde ayer, cada uruguayo es un ser saturado de risueño optimismo, un triunfador que atrona el espacio con sus gritos de victoria; es otro hombre, más ardiente, más jubiloso, pletórico de vida. Porque el triunfo de ayer ha provocado tal conmoción en las manifestaciones de todo or-

den de nuestro pueblo, que éste aún estará transformado por espacio de varios días.

Y nosotros escribimos este artículo con la emoción patriótica de la hora, con la alegría infinita del triunfo, cuya onda ha difundido por el mundo, llevando el nombre de Uruguay en nota armoniosa y dulce.

El Uruguay todo, América toda, ha vibrado ayer jubilosa con el anuncio del triunfo; triunfo del Uruguay y triunfo de América, triunfo de todos los pueblos, que educan a sus juventudes en las manifestaciones sanas y nobles del deporte, que vigorizan la raza, contribuyendo al culto de las mejores virtudes espirituales. (El País - N.4129, 31/07/1930: 10)

A organização da Copa de 1930 se constituiu em um grande espetáculo, e para muitos jornalistas locais uma juventude sã, distante dos vícios, representava o povo uruguaio e teria provado uma vez mais sua raça forte, valente e corajosa cujo estilo de jogo próprio se diferenciaria tecnicamente dos europeus. Era a representação através do selecionado nacional em um esporte apaixonante. A identificação com um Uruguai vencedor.

La posibilidad de ser representado por una selección "nacional" ampliaba las fronteras de la patria incluyendo las personas comunes y corrientes que quizá nunca antes habían sentido emoción por la bandera nacional. Desde aquí el fútbol puede ser entendido como ese terreno hábil en el cual los intereses políticos, económicos, políticos y la cons-

trucción de la identidad nacional se dan la mano junta a los desbordes pasionales de hinchas, jugadores y de un amplio sector de la población que, desde entonces, vivió los triunfos deportivos como glorias personales (BOURET E REMEDI – 2009, 295).

Esta construção identitária se manifesta inclusive no estilo diferenciado que o uruguaio teria de jogar futebol e é reforçada com a sequência das vitórias em 1924, 1928 e 1930. O Jornal El Plata também segue esta linha na principal crônica que narra o triunfo “celeste” sobre os argentinos no torneio, relembrando as conquistas anteriores, e exaltando o estilo uruguaio e rio-platense. (El Plata – N.5.708, 30/07/1930, 1)

## **Considerações finais**

A partir das matérias dos jornais analisados, muitas das questões e afirmações desenvolvidas pelo sociólogo Rafael Bayce no artigo “Culturas, identidades, subjetividades y estereótipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso de fútbol uruguayo” podem nos ajudar a perceber o papel da imprensa uruguaia neste momento histórico singular no que concerne a construção de estereótipos sobre o estilo de jogo uruguaio e rioplatense que transcendem o domínio esportivo refletindo na própria imagem idealizada do homem uruguaio e do Prata.

Ao indagar como são sustentados estereótipos de que as características de uma comunidade refletem no estilo futebolístico de uma seleção nacional ou de uma determinada equipe, o autor

aponta para as imagens exógenas e endógenas que neste momento são propagadas sobre o futebol no Rio da Prata pela imprensa:

Para los europeos y norte-americanos de los años 20 y 30, según diarios de la época, el fútbol rioplatense era el mejor del mundo, sólo comparable por un juego colectivo al fútbol inglés, apartado de los torneos internacionales en ese entonces.

Para los periodistas rioplatenses de esa misma época la diferencia estaba en la innata capacidad de improvisación frente a la esquemática táctica europea o sajona y su confianza en el potencial físico-atlético por sobre el técnico-táctico. El estereotipo neomítico de la "picardía criolla" o la innata capacidad de improvisación endógenamente generada. Para los europeos los rioplatenses de entonces eran simplemente mejores, imagen ésta exógenamente generada. (BAYCE – 2003, 167)

Assim sendo, para Bayce a imprensa terá uma influência grande na absorção dos estereótipos futebolísticos e sociais do estilo uruguaio e rioplatense, além da contribuição posterior através de escritores classificados pelo sociólogo como neorromânticos simbolizados na figura de Eduardo Galeano.

Segundo Bayce, a continuidade da reprodução destes estereótipos (picardia criolla, improvisação, garra charrua) e a carga simbólica existente na exaltação heróica aos jogadores campeões olímpicos e mundiais acabaram sendo nocivas para a própria evolução do futebol uruguaio, que terá em 1950 o derradeiro momento dos seus anos dourados de façanhas futebolísticas.

Porém, é inegável que na primeira metade do século XX este estilo de jogo “construído” ou “estereotipado” da escola uruguaia se consolidou justamente pelas suas vitórias internacionais. A imprensa pode ter tido um papel fundamental na difusão das conquistas e na mitificação de jogadores como o capitão Nazzasi, Héctor Scarone, Leandro Andrade, Alvaro Gestido, Héctor Castro, Obdulio Varela, Ghiggia e outros, mas eles fizeram mesmo parte de gerações vitoriosas, fato que possibilitou e ainda viabiliza esporadicamente a reprodução da mística “celeste”.

## Referências

ARTEAGA, Juan José. **Breve Historia Contemporánea del Uruguay**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

BAYCE, Rafael. Cultura, identidades, subjetividades y estereotipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso del fútbol uruguayo. In **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. (Org. Pablo Alabarces). Buenos Aires: CLACSO, 2003.

BOURET Daniela e REMEDI Gustavo. **El nacimiento de la sociedad de masas (1910 -1930)**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2009.

CARRIL, Juan A. Capelán. **Nueve décadas de gloria**. Montevideo: Estampas SRL Realizaciones; 1990.

LUZURIAGA, Juan Carlos. **El football del novecientos: Orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay (1875-1915)**. Montevideo: Ediciones Santillana, 2009.



## **Jornais pesquisados**

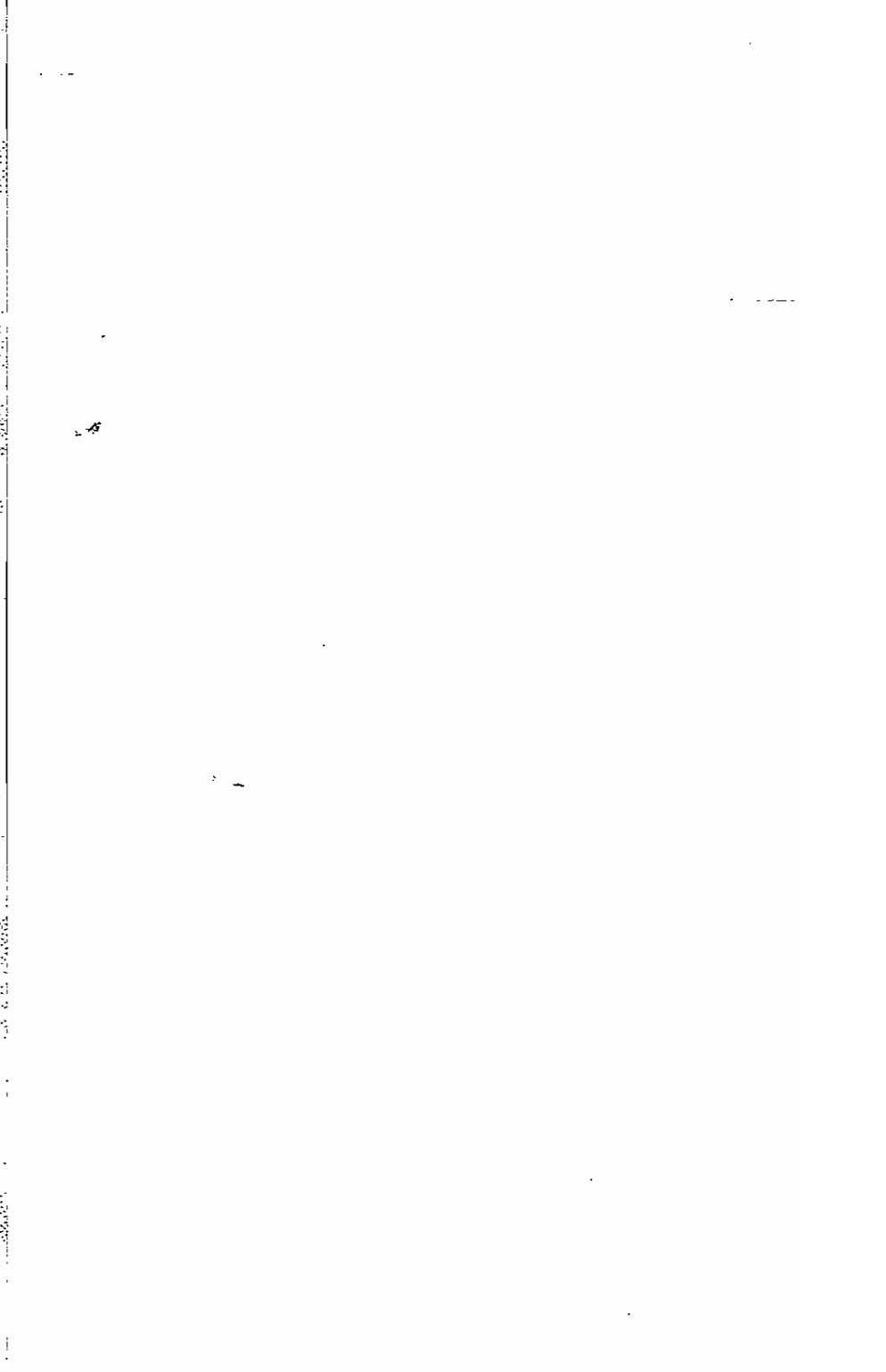
*El Dia*

*El Pais*

*El Plata*

*La Nacion*

*La Mañana (Uruguai).*



## 9.

# A Irmandade dos Excluídos: “Raza Brava” – Documentário Sobre a “Garra Blanca”, Barrabrava do Colo-Colo

MARCOS AMÉRICO<sup>1</sup>

*Es Colo-Colo como el gran araucano  
que va a la lucha jamás sin descansar*  
(fragmento do hino do Colo-Colo)

- 
1. Docente do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital: Informação e Conhecimento (Mestrado Profissional) e do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Game Design, ambos da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Possui Doutorado em Educação para a Ciência, Mestrado em Comunicação e Graduação em Comunicação (Habilitação em Radialismo) – todos pela UNESP.

## Introdução

A palavra *barra brava*, segundo o *Diccionario de la Lengua Española*<sup>2</sup>, significa: “1. f. Arg. Grupo de individuos fanáticos de un equipo de fútbol que suelen actuar con violencia. 2. com. Arg. Cada uno de estos individuos.” Podemos tomar como referência para a atuação destes grupos, embora ocorram distinções, os *hooligans* ingleses, os *ultrà* italianos e os *ultras* espanhóis. Diferem das torcidas organizadas brasileiras por não possuírem o grau de organização e hierarquia desta última. Para GIL (2006, p.341), o termo “*barra brava* remete a uma oposição simplória que separa o bom torcedor daquele violento através de um corte entre um comportamento aceito e outro socialmente condenado.” Como o vocábulo tem origem argentina, HEUVELINK (2010, p. 9) desenvolve a ideia de “hooliganismo argentino” para descrevê-lo, embora a questão da violência no futebol latinoamericano seja anterior, como aponta a matéria publicada no “*El Clarín*”, jornal argentino, intitulada “*Los orígenes de un mal sin remedio*”<sup>3</sup>, em que é relatada a violência entre torcidas que culminou com a morte de 138 pessoas durante um confronto entre Argentina e Uruguai,

---

2. Cf. *Diccionario de la Lengua Española - Vigésima Segunda Edición*, Real Academia Española. Versão On-line. Disponível em: [http://buscon.rae.es/draeI/SrvltObtenerHtml?origen=RAE&LEMA=barra&SUPIND=0&CAREXT=10000&NEDIC=No#barra\\_brava](http://buscon.rae.es/draeI/SrvltObtenerHtml?origen=RAE&LEMA=barra&SUPIND=0&CAREXT=10000&NEDIC=No#barra_brava). Acesso em 6 de março de 2012.

3. Disponível em: <http://edant.clarin.com/diario/especiales/violenciaenelfutbol/nota2/r-02401d.htm>. Acesso em 6 de março de 2012.

em 16 de julho de 1916, no estádio do *Gimnasia y Esgrima* em Buenos Aires. O termo, ainda que seja tomado como motivo de orgulho e identidade de grupo para seus integrantes, denota um posicionamento negativo, no qual os violentos torcedores, vistos como vorazes consumidores de álcool e drogas, são:

[...] retratados como sujetos privados de razón, unos pocos que arruinan un espectáculo para el pueblo y que no entienden que el fútbol es sólo para disfrutar. Aparecen como personas amorales, carentes de juicio, individuos sin autoconciencia, dirigidos por conductas emocionales, que escapan a la razón y a las normas sociales. Estos “violentos”, son considerados elementos externos al fútbol, infiltrados en un ambiente sano y civilizado, por lo que, obviamente, deben ser erradicados. (GIL, 2006, p.341)

A *Garra Blanca* é atualmente a torcida principal do Colo-Colo, e seus integrantes são conhecidos como *garreros*. De acordo com o blog lusitano “Ultras do Mundo”<sup>4</sup>, a história da *barra brava* chilena teve início com a *Barra Maratón*, que apoiava a equipe nos anos sessenta do século XX com “um espectáculo fora das quatro linhas, com bandeiras, coreografias e tambores”.<sup>5</sup> No final da dé-

---

4. Disponível em <http://ultrasdomundo.blogspot.com/2010/03/garra-blanca.html>. Acesso em 6 de março de 2012.

5. *Idem*.

cada de 1970 surgiu uma nova “inchada”<sup>6</sup> chamada *Barra Juvenil*, que entre outras inovações começou a acompanhar a equipe em suas jornadas pelo interior do Chile. No início dos anos 1980 é criada a *Quién es Chile?*, que se transforma na maior torcida do Colo-Colo e que ocupa o topo norte do Estádio Monumental com suas bandeiras e tambores gigantes. Em 1986, um grupo dissidente da *Quién es Chile?* cria a *Garra Blanca*, a barra brava colocolina que teve como inspiração para seu nome a antiga torcida do Corinthians chamada Garra Negra.

Curiosamente, é a GARRA BLANCA que consegue cativar mais adeptos, com auxílio dos seus espectaculares e inovadores ‘recibimientos’! Assim, a GARRA BLANCA foi crescendo e cada vez mais adeptos queriam pertencer à claqué, principalmente adeptos provenientes dos bairros marginais nos subúrbios de Santiago e de outras

- 
6. É termo em espanhol rioplatense para denominar a torcida. De acordo com a Wikipédia: “Foi na torcida do Nacional do Uruguai que surgiu o termo “*hinchada*”, um nome comum para referir-se às *barras bravas*. Antes mesmo das barras oficialmente existirem, um senhor comparecia a todos os jogos e não parava de incentivar o time tricolor. Pelo seu costume de inflar (no dialeto platense, “*hinchar*”) bolas de encher todos os jogos, ele ficou conhecido como o “*hincha*” - um termo que se espalharia por todo o mundo do futebol, especialmente o hispanófono, para designar o torcedor (e “*hinchada*”, torcida)”. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Barra\\_brava](http://pt.wikipedia.org/wiki/Barra_brava). Acesso em 6 de março de 2012.
  7. Exemplos de “*ricibimientos*” podem ser acessados no YouTube: <http://www.youtube.com/watch?v=BS631lOmEPo> e <http://youtu.be/NO0CA4ymOxw>. Acesso em 8 de março de 2012.

idades chilenas, formando núcleos da GARRA BLANCA, e fazendo com que esta, rapidamente, se tornasse na principal claque de apoio ao Colo-Colo. Desde os anos 90 que a GARRA BLANCA é reconhecida como umas das melhores clagues do mundo, com as suas espectaculares saídas para receber a equipa e pela quantidade de gente que leva ao topo norte do estádio Monumental. Os ‘Garreros’ são também conhecidos pelos actos de violência que protagonizam frequentemente, principalmente contra os seus maiores rivais que apoiam o Universidad de Chile, os Los de Abajo! (documento eletrónico<sup>8</sup>)

## Colo-Colo – A equipe de futebol

O ano era 1925<sup>9</sup>, e “uma grave crise institucional causada por problemas existentes entre dirigentes e alguns atletas”<sup>10</sup> pairava sobre o *Club Social e Deportivo Magallanes*. Um grupo de jovens jogadores de futebol, cansados de atuar de forma amadora, reivindicavam a profissionalização da equipe, o pagamento regular dos salários e a oportunidade de ocupar o lugar de alguns jogadores “intocáveis” do time titular. Os “rebeldes”, liderados por

---

8. *Ibidem*.

9. De acordo com informações disponíveis no site oficial do clube. Disponível em <http://www.colocolo.cl/2009/06/1-1920-1930-fundacion-del-club-2/>. Acesso em 29 de fevereiro de 2012.

10. *Idem*.

David Arellano, defenderam o direito a melhores condições de trabalho em uma reunião ocorrida no clube no dia 25 de abril do mesmo ano. Porém, a diretoria, composta por, além dos diretores, antigos atletas e sócios, mostrava-se irredutível; numa manobra política de último minuto, uniram-se para evitar a eleição de Arellano, que possuía uma ligeira vantagem, como capitão da equipe. Isto provocou a saída dele e de seus amigos mais próximos do clube. Num primeiro momento, em reunião ocorrida no "Bar Quitapenas", a intenção era a migração dos atletas para outro clube, mas a decisão foi criar uma nova instituição futebolística baseada em "sólidos princípios desportivos e morais". Depois de várias reuniões na residência da família Arellano, a fundação do novo clube aconteceu no dia 19 de abril no *Estadio El Llano*. Foram propostos vários nomes como "*Independiente*", "*O'Higgins*" e "*Arturo Prat*", até que Luis Contreras escolheu Colo-Colo, em homenagem ao cacique mapuche (ou araucano) que para ele representava o verdadeiro e popular Chile. Nesta mesma data foi definido, por Juan Quiñones, o uniforme do time: "camiseta branca para representar a pureza, calções negros para simbolizar a seriedade, meias negras com faixas brancas como homenagem aos marinheiros da Armada Chilena e chuteiras negras com faixas vermelhas, a pedido de Arellano". Em sua primeira partida na *Primera División da Liga Metropolitana*, em 31 de maio de 1925, o Colo-Colo venceu a equipe do *English* pelo placar de 6x0.

David Arellano teve uma morte trágica: durante a primeira excursão de uma equipe chilena à Europa, em confronto ocorrido em 2 de maio de 1927 contra a *Real Unión Deportiva de Valladolid* da Espanha, aos 35 minutos de partida o jogador sofreu um forte golpe que lhe causou uma peritonite, a qual no dia seguinte



provocou seu falecimento. “Em sua homenagem, até hoje o clube tem uma tarja preta sobre o escudo em sinal de luto. Em 1989, o Colo-Colo (que também é conhecido pelos apelidos *El Colo*, *Eterno Campeón*, *Albos*, *Cacique* e *El popular*<sup>11</sup>) inaugurou o seu novo estádio nomeando-o *Monumental David Arellano*”.<sup>12</sup>

Entre as conquistas da equipe chilena estão <sup>13</sup>:

- 1 Taça Libertadores da América (1991) – Única equipe chilena a vencer a competição.
- 1 Copa Interamericana (1992)
- 1 Recopa Sul-Americana (1992)
- 10 Copas Chile (1958, 1974, 1981, 1982, 1985, 1988, 1989, 1990, 1994 e 1996)
- 4 Campeonatos de Apertura: (1933, 1938, 1940, 1945)
- 29 Campeonatos Chilenos (1937, 1939, 1941, 1944, 1947, 1953, 1956, 1960, 1963, 1970, 1972, 1979, 1981, 1983, 1986, 1989, 1990, 1991, 1993, 1996, 1997, 1998, 2002, 2006, 2006, 2007, 2007, 2008, 2009) – Equipe chilena com maior número de títulos nacionais.

---

11. De acordo com o blog “Futebol de Classe”: <http://futeboldeclasse.wordpress.com/2011/06/01/hinchadas-sudamericanas-colo-colo/>. Acesso em 5 de março de 2012.

12. Informações disponíveis em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/David\\_Arellano](http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Arellano). Acesso em 29 de fevereiro de 2012.

13. *Idem*.

## Colo-Colo – O líder mapuche

“Duro como um Mapuche”<sup>14</sup> – Esta é uma expressão muito comum em Santiago, capital do Chile. É usada para descrever uma pessoa muito teimosa ou arredia e demonstra uma característica histórica deste povo, ou seja, “a resistência do grupo perante as autoridades”<sup>15</sup>. O fato é que esta etnia de origem incerta<sup>16</sup> e que habita as regiões centro-sul do Chile e sudoeste da Argentina não se rendeu nem se curvou num primeiro momento diante dos incas e depois perante os colonizadores espanhóis. A palavra “mapuche” significa, em língua *mapudungun*, “gente da terra”. Também são chamados de araucanos, mas repudiam esta

---

14. Cf. a matéria “Índios Mapuches lutam por liberdade no Chile” de Lindinéia Lima e Alexandre Barbosa no site Latinoamericano. Disponível em <http://www.latinoamericano.jor.br/mapuches.html>. Acesso em 29 de fevereiro de 2012.

15. *Idem.* –

16. De acordo com a Wikipedia: “A origem dos mapuches não é com muita certeza conhecida; por muito tempo a teoria mais conhecida foi a postulada por Ricardo E. Latcham, que afirmava que os mapuches eram originários do atual território argentino e que, através de um longo processo de migração, se introduziram como um grupo étnico e cultural distinto entre os picunche e os huilliche, se instalando definitivamente entre os rios Biobío e Toltén. Até poucos anos a teoria de Latcham parecia não merecer objeções. Porém atualmente está novamente sendo objeto de discussões. Posteriormente, foi proposto que derivam de um povoamento mais antigo. Esta última teoria, chamada “Teoria autoctonista” pelos especialistas, tornou-se muito popular por postular a origem mapuche enquanto grupo étnico no próprio estado chileno.”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mapuches>. Acesso em 29 de fevereiro de 2012.

denominação, uma vez que “lhes foi outorgada por seus inimigos”<sup>17</sup>. O conquistador espanhol Pedro de Valdivia, que fundou a cidade de Santiago em 1541, encontrou comunidades mapuches organizadas e que se não se renderam à colonização e aculturação espanholas, característica mantida até os dias atuais<sup>18</sup>.

Imagem síntese da bravura mapuche, o cacique Colo-Colo teria nascido<sup>19</sup>, segundo historiadores, entre 1490 e 1515. Seu nome significa em língua mapuche “gato da montanha”. É considerado o grande unificador do povo mapuche; em 1553, quando já era ancião, tratou em diminuir a rivalidade entre grupos internos e promoveu a eleição de chefes guerreiros que tivessem condições de reverter as derrotas iniciais ante aos espanhóis durante a Guerra do Arauco (1550-1656). Foi assim que o velho cacique e seus chefes Lautaro y Caupolicán venceram as tropas de Pedro de Valdivia na batalha de Tucapel em 25 de dezembro de 1553. Logo depois deste fato, Caupolicán saqueou e incendiou a cidade de *Concepción*, fazendo com que os soldados espanhóis batessem em retirada. Com a prisão de Caupolicán e a morte de Lautaro, Colo-Colo se transformou no único líder mapuche.

El cacique Colo-Colo tenía la cabeza redonda y pelo blanquecino, tieso y corto. Sus ojos, pequeños y vivos, parecían traspasar a sus interlocutores

---

17. *Idem*.

18. *Idem* nota de rodapé número 5.

19. Cf. informações disponíveis em: <http://www.icarito.cl/biografias/articulo/portada/2010/02/235-8831-9-colo-colo.shtml>. Acesso em 5 de março de 2012.

y le ayudaban a imponerse a los otros caudillos, junto con su gran capacidad de oratoria. Cuando se presentaba a parlamentar, siempre lo hacía cubriéndose con un largo poncho y con una rama de canelo en sus manos, símbolo de su autoridad. (Documento eletrônico<sup>20</sup>)

Em 1559, Colo-Colo assinou um tratado de trégua parcial com García Hurtado de Mendoza, militar espanhol que foi governador do Chile, vice-rei do Peru e também conhecido como “Marquês de Cañete”<sup>21</sup>. Ao contrário do que se pensava, este foi um período de “grande sofrimento e humilhações para os mapuches”, e a trégua foi rompida com uma revolta que acabou com a morte do governador Martín García Óñez de Loyola, que, segundo conta a lenda, teve seu crânio usado como bola numa partida de *chueca*, esporte mapuche no qual Colo-Colo era campeão.

*Chueca*<sup>22</sup>, como era chamada pelos espanhóis ou palítún para os indígenas, era o jogo mais popular entre os mapuches. Era jogado por duas equipes munidas de bastões de pontas curvas que disputavam uma bola de madeira, a qual devia transpor a

---

20. *Idem*.

21. De acordo com o site “Biografía de Chile”, disponível em: <http://www.biografiadechile.cl/detalle.php?IdContenido=365&IdCategoria=8&IdArea=35&TituloPagina=Historia%20de%20Chile>. Acesso em 5 de março de 2012.

22. Informações obtidas em <http://www.bariloche.com.ar/museo/MAPUING.HTM#chueca> e <http://elblodclafrafranylaly.blogspot.com/2010/05/juegos.html>. Acesso em 5 de março de 2012.

linha ao fim do campo adversário. As partidas podiam ser disputadas em turnos de quatro ou seis pontos, acompanhadas por sacerdotes, danças e banquetes ao final, quando os participantes se embebedavam com a intenção de fortalecer as relações individuais e da comunidade. As disputas também eram utilizadas para acertar as diferenças entre tribos rivais com o objetivo de evitar confrontos armados.

A data da morte do cacique é incerta. Para alguns historiadores ele morreu em 1560 na Batalha de Quipeo; para outros ele teria falecido entre 1565 e 1567, durante o governo Rodrigo de Quiroga depois de firmar um passageiro tratado de paz. Após conhecer a história do líder mapuche e sua relação com o jogo de chueca é compreensível a escolha de seu nome para batizar o time de futebol chileno capitaneado por David Arellano.

## Os Mapuches no Chile atual

De acordo como o site IWGIA<sup>23</sup> - *International Work Group for Indigenous Affairs* (organização internacional de direitos humanos fundada em 1968 e composta por especialistas em assuntos indígenas), a população chilena que se identifica como pertencente a comunidades indígenas alcança mais de um milhão de pessoas<sup>24</sup>, o que equivale a quase 7% da população do país,

---

23. Disponível em: <http://www.iwgia.org>. Acesso em 05 de março de 2012.

24. De acordo com a pesquisa CASEN 2006 - *Encuesta de Caracterización Socioeconómica Nacional* realizada pelo *Ministerio de Desarrollo Social*

sendo que a maior parte dela, 87%, corresponde aos mapuches. Deste total, quase 70% vivem em áreas urbanas e 27% na região metropolitana da capital chilena, Santiago. De acordo com o relatório CASEN 2006<sup>25</sup> e com a IWGIA, existe uma tendência da diminuição da brecha social entre as populações indígenas e os demais habitantes do Chile, embora os primeiros ainda sejam 6% mais pobres que os segundos, dado este que se eleva a dez pontos percentuais nas zonas rurais. Os números referentes à educação também apontam as mesmas distinções:

Los años de escolaridad son también menores en la población indígena -8.7 contra 10.3 de la población chilena- situación que se percibe en todos los niveles de educación y que se profundiza en la educación superior, nivel en que el porcentaje de población indígena con estudios universitarios completos representa la mitad de los porcentajes alcanzados por la población chilena. La cobertura neta de educación superior entre indígenas y no indígenas aumentó su brecha casi en dos puntos porcentuales entre el 2003 y el 2006, en tanto las diferencias salariales entre ambas poblaciones disminuyeron dos puntos, no obstante lo cual continúa manteniendo una diferencia de casi 28% a favor de la población chilena. (Documento eletrônico<sup>26</sup>)

---

*de Chile.* Disponível em <http://www.ministeriodesarrollosocial.gob.cl/casen>. Acesso em 5 de março de 2012.

25. *Idem.*

26. *Ibidem.*

A mesma enquete assinala que a diminuição das diferenças entre população indígena e não indígena é decorrente do aumento da migração para as grandes cidades, onde passam a viver fora de seus territórios o que causa crise de identidade e efeitos negativos na manutenção da cultura e da língua. O relatório aponta que a “população indígena que fala ou entende seu próprio idioma caiu de 29% em 2003 para 23% em 2006”.

Os mapuches ocupam os territórios conhecidos como “país mapuche histórico”, que compreende as regiões de *Bobbio*, *La Araucanía*, *Los Ríos* y *Los Lagos*. A população mapuche rural está baseada nas províncias de *Cautín* e *Malleco*, região de *La Araucanía*, onde se dedicam à agricultura de subsistência e, quando há espaço, à criação de gado. Os territórios ocupados por eles têm sido objeto de disputas por conta de interesses latifundiários e da construção de hidrelétricas e complexos viários. O aumento natural dos descendentes de Colo-Colo tem provocado um enorme êxodo rural que resultou numa população mapuche urbana que atinge 70% de seus componentes. Ainda de acordo com a IW-GIA, apesar de todos estes dados negativos, “os mapuches preservam um forte sentimento de identidade e uma grande atividade organizacional que lhes tem permitido defender seus interesses e resistir às adversidades”.

## O Documentário “Raza Brava”

“Raza Brava”<sup>27</sup> (2008) é um documentário chileno dirigido pelo então estreante Hernán Caffiero, oriundo do mercado de videoclipes. Seu enredo se desenrola a partir de Kunta (“nome de guerra” de Iván Álvarez Carrasco), um dos líderes da *Garra Blanca* que fica paraplégi-co depois de ser esfaqueado durante uma briga de torcidas. O ponto de partida é a saída do “garrero” do hospital e seu primeiro desafio de voltar de trem para casa sobre a cadeira de rodas que o acompanhará pelo resto de sua vida. Como aponta a resenha do filme publicada no Jornal *La Nación*<sup>28</sup>, “*su mirada tiene el miedo de un niño solo en casa frente a un mundo nuevo y más alto de lo que era él como jefe de una de las barras más fuertes del Colo-Colo.*” O documentário é construído de fragmentos da vida dos *barra bravas*, onde, para além da demonização de seus comportamentos, a audiência é arremessada diante de uma visão dos *garreros* que adotaram como identidade os valores projetados pelo cacique Colo-Colo como a “luta incansável dos mapuches”,

---

27. Ficha Técnica: Gênero: Documentário; Formato: Digital; Duração: 80 min.; País: Chile; Ideia original: Hernán Caffiero; Diretor: Hernán Caffiero; Co-diretor: José “Pepe” Pérez; Produção: Sudaka Films; Produção executiva: Hernán Caffiero y Jenny Bousquet; Co-produção: Estruendo Producciones; Roteiro: Hernán Caffiero; Montagem: José “Pepe” Pérez y Hernán Caffiero; Edição de som: Mauricio Hernández; Câmeras: Hernán Caffiero, José “Pepe” Pérez y Ricardo Aravena; Fotografia: Luis Hidalgo; Música Original: Luciano Mariño; Videografismo: Cristián Fernández y Abner Hurtado. Informações disponíveis em: <http://www.onoff.cl/revistapub-det.php?idpub=317>. Acesso em 7 de março de 2012.

28. Disponível em: <http://www.lanacion.cl/noticias/site/artic/20080903/pags/20080903185017.html>. Acesso em 7 de março de 2012.



“o triunfo dos excluídos” e “o orgulho de ser do povo”. Em entrevista à Revista *online* ONOFF<sup>29</sup>, especializada na produção audiovisual chilena, Caffiero, ao ser indagado sobre a influência da cultura mapuche sobre a *Garra Blanca*, afirma que isto tem a ver com a fundação do clube e David Arellano e seus amigos, os quais desde o princípio demonstraram “rebeldia, entrega e valentia” em relação aos princípios que nortearam a fundação do clube.

De hecho, el llevar un indio en el pecho es el fiel reflejo de lo que David Arellano y todos quienes participaron de este histórico hecho, profesaban tanto en la asunción del fútbol como movilizador social, como en la forma que ellos jugaban en la cancha. Y digo fiel reflejo, porque los Mapuches han demostrado siempre desobediencia y rebeldía en su actuar, y fue algo así lo que provocó que estos hombres se desligaran del club Magallanes, para formar Colo-Colo. [...] El Mapuche Colo-Colo, como figura histórica, reflejaba lo que estos hombres querían proyectar en una cancha. Ahora, extrapolándonos a la realidad social chilena, aún existen esos rasgos Mapuche entre nosotros, obviamente mezclados con un fuerte grado de occidentalización y apego a lo “urbano”. (CAFIERO, documento eletrônico<sup>30</sup>)

---

29. Disponível em: <http://www.onoff.cl/revistapub-det.php?idpub=317>. Acesso em 7 de março de 2012.

30. *Idem*.

O chileno “mestiço e com forte grau de ocidentalização e apego ao urbano” é definido de acordo com GUTIERREZ (2008, p. 139) como *roto* – um personagem mestiço, descendente de espanhóis e indígenas, de origem urbana e representativo da chilenidade. Teria surgido na Guerra do Arauco durante a conquista espanhola e, para HERNANDEZ<sup>31</sup> (*apud* GUTIERREZ, 2008, p. 143), nele “palpita a herança araucana, o exemplo varonil dos aborígenes que, amantes da liberdade e de sua terra, mantiveram um embate de séculos contra o inimigo estrangeiro” e que com o passar do tempo se converteu em maioria da população chilena. Ao voltarmos à entrevista de Caffiero, encontramos em seu raciocínio a percepção da América do Sul como “continente mestiço”, que cedo ou tarde deve aceitar que as condutas individuais e coletivas são determinadas pela história da sociedade, e continua sua reflexão afirmando que o grosso das fileiras da *Garra Blanca* é constituído por excluídos da sociedade chilena:

La gran mayoría de quienes conforman la Garra Blanca, son personas de clase socioeconómica baja, muchos de ellos marginados o excluidos por la sociedad (falta de oportunidades, carencia de servicios básicos, acceso a la salud, educación, etc.), que ven como día a día las frustraciones y fracasos se van acrecentando. Son personas a las que nadie les ha dado nada, la sociedad no se ha preocupado por ellos, están absolutamente marginados de los círculos de poder, y por lo tanto, no se sienten parte de nada, sólo de un Colo-

---

31. A referência da obra original, citada por GUTIERREZ (2008) é: HERNÁNDEZ C., R. *El roto chileno: bosquejo histórico de actualidad*. Valparaíso: Imprenta San Rafael, 1929.

Colo donde proyectan el triunfo de los excluidos, el orgullo de su origen humilde y la incansable lucha de seguir adelante sin dejarse avasallar, tal como lo hicieran y siguen haciendo los Mapuches. Es así como el apego a la cultura Mapuche florece en este grupo social, más, quizás, que en ningún otro grupo social chileno tan masivo como este.

⚡ Ainda para o realizador, os *garreros*, ao adotar um comportamento distante do consumismo e sem chances imediatas de melhorias de condições de vida, características históricas de seu grupo social, estabelecem traços identitários próprios, considerados radicais, mas que apresentam “uma lógica emocional que preenche o vazio de suas vidas”. Esta proximidade com os mapuches é tão patente na *Garra Blanca* que a transforma numa *barra brava* extremamente distinta de outras tantas existentes no futebol, pois apresenta uma estrutura horizontalizada onde cada unidade que a compõe se transforma numa de suas tantas garras que acabam por formar comunidades onde o “poder dentro da organização se alcança através da força tal como tem sucedido com os mapuches”.

A película é estruturada, basicamente em sete partes blocadas por intertítulos em sua montagem e nos quais os temas são apresentados e discutidos pelos personagens principais, entre muitos outros secundários, a saber:

Kunta – um dos líderes da *Garra Blanca* que fica paraplégico depois de ser esfaqueado durante uma briga de torcidas;

Pirata – “*hincha*” fanático que representa o espírito mapuche dos “*garreros*” e que descobrimos ao final do filme, que foi assassinado;

Alejandro Guillier – jornalista que discute, através de um viés sociológico, os comportamentos e características da *Garra Blanca*;  
El Chavo – Jovem torcedor morto em confronto que, embora só compareça no documentário morto em seu próprio velório, revela a força da "irmandade dos excluídos".

Os sete blocos supracitados são descritos a seguir:

Introdução – Onde é apresentado Kunta, que conduzirá (ou será conduzido) diante da audiência, em sua cadeira de rodas (Figura 1), pelos meandros da *barra brava*.

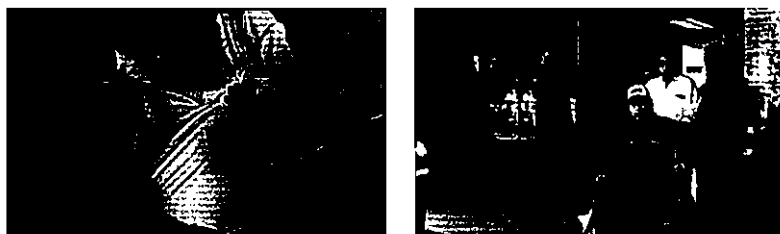


Figura 1: Kunta é colocado na cadeira de rodas que o acompanhará por toda a vida. (Quadros capturados do DVD "Raza Brava", Sudaka Films, 2008)

1. O mundo de Kunta sem Kunta – o protagonista volta para seu mundo, mas agora transformado, como que invertendo os atos da jornada do herói, propostos por VOGLER (1997);
2. O sentido de pertinência; Kunta volta a torcer. "Perdeu os movimentos de sua perna, mas encontra sua alma na torcida". Desenvolve-se a ideia que a linguagem da emoção é difícil de explicar para aqueles que não gostam do esporte. Pirata afir-

ma que “toda equipe de futebol do mundo representa alguma coisa: uma universidade, uma cidade, uma região ou província. Colo-Colo representa a alma de um povo, a alma de um araucano.” Que leva ao próximo bloco:

3. A busca da identidade – Jornalista indica a necessidade de identidade: “Não são todos que participam de partidos políticos. Os pobres não tem condições de participar devido à questões financeiras e intelectuais e fazer carreira é uma coisa mais elaborada. Mas na torcida do Colo-Colo todos podem participar”. A identificação com a ideologia mapuche.
4. A irmandade dos excluídos: aborda a irmandade entre torcidas de outros países por afinidades como a relação da Garra Blanca com as *hinchada* do Chacarita Juniors da Villa Maipu, General San Martín, na Grande Buenos Aires e que disputa a “*Primera B Nacional*” (2102), cuja *hinchada* é tratada não como um clube, mas como um irmão ou membro da família, assim como a torcida do Alianza de Lima (Peru). “*Do berço ao caixão: um ‘garrero’ nasce e morre colocolino*”: a morte do *hincha* Chavito cujo velório se transforma numa grande festa da *barra brava* com direito a salva de tiros.
5. O triunfo de Kunta: onde o protagonista segue a campanha do Colo-Colo durante a Copa Sulamericana. Destaca-se aqui a questão destas viagens da torcida e o que significam.

[...] los viajes en los partidos de visitante constituyen verdaderos rituales de institución identitaria que les permiten renovar el contrato pasional con su equipo. En estos viajes se forma una atmósfera festiva comunitaria de consumos (alcohol y drogas) y estados de

ánimo en la que los hinchas adquieren a la sensación de pertenecer a un universo exclusivo de una pasión y aguante diferentes. Quienes por primera vez lo experimentan, se sienten de un modo diverso, más hinchas que los demás, que no están dispuestos a viajar y que, por ende, no son verdaderos hinchas. Porque “ir de visitante”, se juegue donde se juegue, aguantándosela, es uno de los puntos centrales del honor masculino de los hinchas. Como instancias creadoras de liminalidad, estos ritos implican a la vez un pasaje y una institución identitaria. (GIL, 2006, p.333)

6. Exclusão: o primeiro ato de violência: epílogo onde Kunta fica sabendo da morte de Pirata (Figura 2). A película encerra com imagens da Garra Blanca nos estádios e o pequeno torcedor que canta o hino do Colo-Colo no colo do pai mas atrás de uma grade que parece indicar a prisão ou apartaid que vivem os torcedores araucanos. Somos remetidos novamente ao tema “Do berço ao caixão: um ‘garrero’ nasce e morre colocolino” e mais que isso: morre Pirata, mas outros novos torcedores nascem e ocupam seu lugar.



Figura 2: “Do berço ao caixão: um ‘garrero’ nasce e morre colocolino” - Pirata morre, mas novos torcedores ocupam seu lugar. (Quadros capturados do DVD “Raza Brava”, Sudaka Films, 2008)

Para facilitar a compreensão da estrutura do filme foi elaborado um Mapa Conceitual<sup>32</sup> que pode ser acompanhado no Gráfico 1:

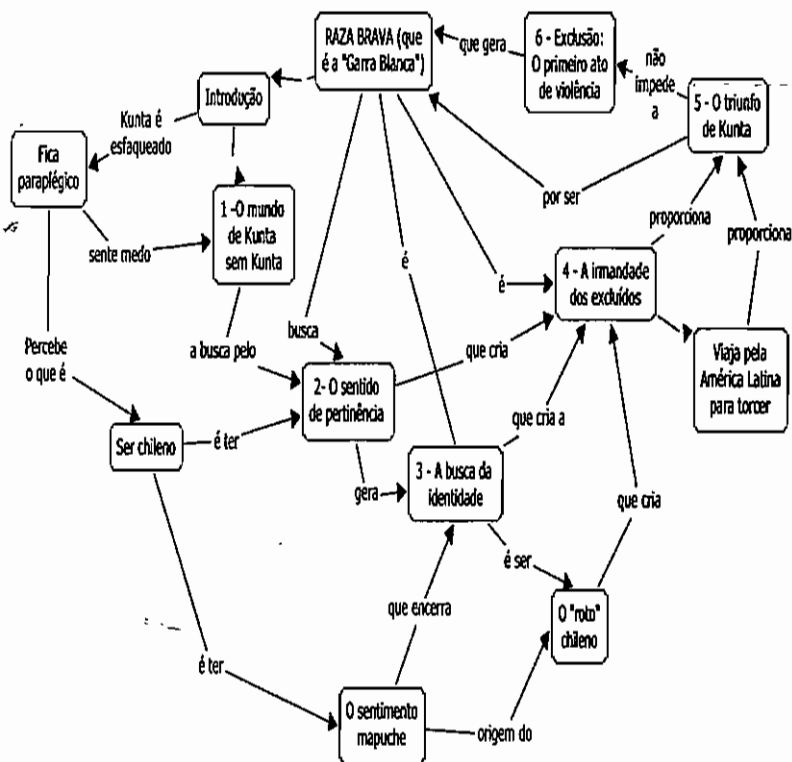


Gráfico 1 – Mapa conceitual do documentário “Raza Brava”

32. A técnica dos Mapas Conceituais foi desenvolvida pela equipe de Joseph Novak na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos da América na década de 70 do século XX. São definidos como diagramas indicando relações entre conceitos, ou entre palavras que usamos para representar conceitos. Constituem diagramas de significados, de relações significativas; de hierarquias conceituais.

## Considerações Finais

Nas palavras do diretor do documentário, Hernán Caffiero<sup>33</sup>, "*Raza Brava nace por la necesidad de retratar el mundo Marginal del Chile popular, a través de un grupo social sumamente estigmatizado como lo es la "Garra Blanca", la hinchada de Colo-Colo.*" Para além desta ideia, o que está presente em seu enredo é a compreensão de uma América Latina mestiça e uma *barra brava* que assumiu como identidade a ideologia de uma comunidade autóctone. Mais do que "dura como um mapuche", a *Garra Blanca* incorpora e assume a imagem do "*roto chileno*" e a perpetua não só no topo norte do Estádio Monumental, mas também em suas jornadas ao acompanhar o Colo-Colo dentro e fora das fronteiras chilenas. Esta história que se iniciou de forma improvável a partir da escolha de um nome para um time de futebol criado por jovens atletas dissidentes de uma estrutura conservadora agregou temas políticos e sociológicos a uma torcida de time de futebol que busca no histórico cacique chileno a inspiração e vontade de manifestar os ideais das classes mais pobres, a luta contra a dominação e a busca da identidade indígena perdida. Enfim, o que está por trás da história de Kunta não é só a história da *Garra Blanca*, mas a história dos mapuches: estrangeiros, discriminados e perseguidos em sua própria terra.

---

33. Disponível em: <http://www.onoff.cl/revistapub-det.php?idpub=317>. Acesso em 7 de março de 2012.



## Referências

GIL, G.J. "Te sigo a todas partes": Pasión y aguante en una hinchada de fútbol de un club del interior". **Intersecciones en Antropología**, Olavarría, n. 7, dic. 2006. Disponível em [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1850-373X2006000100024&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-373X2006000100024&lng=es&nrm=iso). Acesso em 5 de março de 2012.

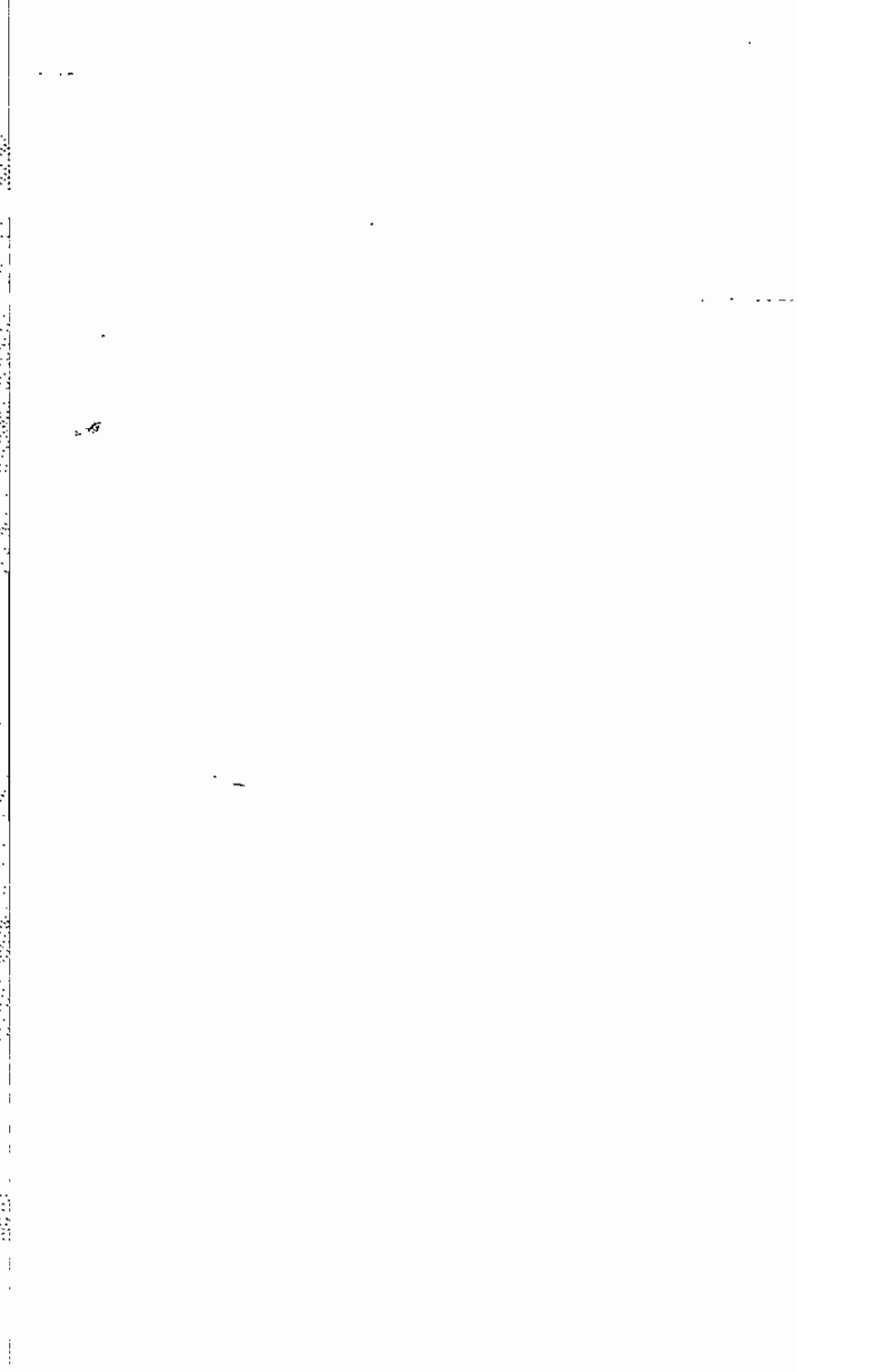
GUTIERREZ, H. "Exaltação do mestiço: A invenção do roto chileno". **Revista Esboços**. V. 15, n. 20, p. 139-153. UFSC, 2008. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/10246/9537>. Acesso em 10 de março de 2012.

HERNÁNDEZ C., R. **El roto chileno: bosquejo histórico de actualidad**. Valparaíso: Imprenta San Rafael, 1929

HEUVELINK, T. **Mobsters and holigans; The identity construction of the barra brava of Boca Juniors in the Buenos**. Master thesis. Latin American and Caribbean Studies, Universiteit Utrecht, Tutor: Dr. K. Koonings. Disponível em: <http://igitur-archive.library.uu.nl/student-theses/2011-0222-200329/UUindex.html>. Acesso em 6 de março de 2012.

LIMA, L. & BARBOSA, A. "Índios Mapuches lutam por liberdade no Chile". Matéria publicada no site **Latinoamericano**. Disponível em <http://www.latinoamericano.jor.br/mapuches.html>. Acesso em 29 de fevereiro de 2012.

VOGLER, C. **A jornada do escritor: estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas**. Rio de Janeiro: Ampersand, 1997.



## 10.

# No Cinema, a Jornada que Fala ao “Contrato Humano”

SÉRGIO RIZZO<sup>1</sup>

*O que, então, os homens colocam no esporte?  
Eles mesmos, seu universo de homem. O  
esporte é feito para relatar o contrato humano.  
(Roland Barthes, “O que é o esporte?”)*

Todos os que acompanham a produção cinematográfica brasileira e que também compreendem a importância desempenhada pelo esporte em nossa sociedade – e, cabe lembrar, em inúmeras

- 
1. Jornalista, Mestre em Artes/Cinema, com uma dissertação sobre a obra de Woody Allen, e Doutor em Meios e Processos Audiovisuais, com uma tese sobre a formação de professores para a educação audiovisual, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). É colunista do portal Yahoo! e das revistas *Educação*, *Escola Pública*, *Língua Portuguesa*, *Ideia Sustentável* e *Viração*. Dá aulas no curso de graduação em Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, na pós-graduação da FAAP, na Casa do Saber e na Academia Internacional de Cinema.

outras – provavelmente já se fizeram a seguinte pergunta, ou foram convidados a respondê-la: por que não existem, ao menos de acordo com a quantidade que seria razoável imaginar, filmes dedicados ao futebol no Brasil? As respostas costumam girar em torno de diversas especulações. Algumas delas, aqui apresentadas sem que se proponha nenhuma espécie de hierarquia:

a) encenar jogadas desse esporte, marcadas pelo imprevisto e pela imprevisibilidade, criaria uma dificuldade intimidadora, uma vez que as sequências de partidas tenderiam sempre a parecer artificiais;

b) o público feminino de cinema, tradicionalmente mais identificado com gêneros como o drama e a comédia de fundo romântico, ofereceria resistência a filmes sobre o assunto, reduzindo o potencial de bilheteria de projetos dessa natureza (sobretudo porque boa parcela do público masculino vai ao cinema acompanhado pela mulher ou namorada, e precisa negociar com ela a escolha do programa);

c) a extensa cobertura do futebol feita pelos meios de comunicação – jornais, revistas, emissoras de rádio e TV, portais e blogs de internet – provocaria um estado de saturação: ao se dirigir ao cinema, mesmo o espectador que acompanha o cotidiano esportivo preferiria dedicar esse momento de lazer a algo de outra natureza, como um filme de aventuras ou um policial, gêneros tradicionalmente associados ao público masculino;

d) enquanto o cinema se consolidou no Brasil, a partir do final do século XX, como uma modalidade de lazer ao alcance quase exclusivo das classes A e B, o futebol estaria enraizado nas classes

C, D e E, que correspondem a uma pequena parcela dos espectadores de “multiplexes”, os complexos de cinemas instalados em shopping-centers, nos quais hoje se concentra o reduzido circuito exibidor no país (cerca de 2,2 mil salas, contra mais de 4 mil nos anos 1970);

e) os mecanismos de incentivo à produção cinematográfica, baseados em renúncia fiscal, são dependentes da participação de grandes empresas privadas, que prefeririam direcionar os montantes disponíveis a filmes cujos públicos se aproximem dos consumidores de seus produtos e serviços, que tragam algum capital de prestígio para a marca, e que representem apostas de mercado menos incertas (ainda que, em cinema, quase nenhum investimento possa ser considerado seguro, aqui ou em qualquer outro país);

f) como o cinema brasileiro não tem tradição industrial, a maior parte da produção é desenvolvida por diretores que, sem tanta preocupação com mercado e público-alvo, preferem argumentos próximos a seus interesses estéticos, e abordar o futebol não estaria entre eles.

Essas tentativas de explicar o fenômeno embutido naquela pergunta recorrente ajudam certamente a entendê-lo, mas ficam longe de esgotá-lo. Para avançar em direção a outras hipóteses, talvez seja produtivo discutir os pressupostos da afirmação por trás do questionamento. Será mesmo que não existem, na quantidade que seria razoável imaginar, filmes dedicados ao futebol no Brasil?

Oricchio (2006) lembra que o volume de curtas, médias e longas-metragens que exploram esse campo é significativo. Entre os documentários, os primeiros registros têm mais de 100 anos,

como "Entrega das Taças aos Campeões Paulistas de Futebol" (1907), dirigido por Joseph Arnaud, com cenas da cerimônia de premiação dos atletas do São Paulo Athletic Club, e "Brasil x Argentina" (1908), dirigido por Antonio Leal, sobre um confronto ancestral na rivalidade futebolística entre os dois países.

Na ficção, alguns dos precursores no tratamento do assunto seriam "Campeão de Futebol" (1931), dirigido e estrelado pelo comediante Genésio Arruda, com argumento do escritor Menotti del Picchia e participação do craque Arthur Friedenreich; "O Campeão" (1931), dirigido e estrelado por Reid Valentino; e "Futebol em Família" (1938), dirigido por Rui Costa, baseado em peça teatral de Antonio Faro e Silveira Sampaio, com Jayme Costa, Grande Otelo e Dircinha Batista.

Desde então, o futebol reaparece em dezenas de filmes de ficção. Muitos deles hoje são obscuros, como "Alma e Corpo de uma Raça" (1938), "O Gol da Vitória" (1946), "A Família Lero-Lero" (1953) e "O Craque" (1953). Outros, no entanto, se consolidaram como marcos históricos ou filmes autorais de prestígio; os longas "Rio 40 Graus" (1955), dirigido por Nelson Pereira dos Santos, "A Falecida" (1965), dirigido por Leon Hirszman, baseado em peça de Nelson Rodrigues, e "Lição de Amor" (1975), de Eduardo Escorel, baseado em romance de Mário de Andrade, e os curtas "Barbosa" (1988), dirigido por Ana Lúza Azevedo e Jorge Furtado, e "Cartão Vermelho" (1994), dirigido por Lais Bodanzky, estão entre os principais exemplos.

Logo, quantidade existe, mesmo na ficção. Não se trata, entretanto, de reconhecer apenas a existência de volume.

O propósito desse livro é mostrar como essas duas linhas – a do futebol e a do cinema – se encontram

em certos pontos nodais, em filmes que exprimem, em cada época, o que de mais significativo existe tanto na história de um como na história do outro. Por exemplo, "Alma e Corpo de uma Raça" registra os devaneios nacionalistas e de eugenia da era Vargas; "Garrincha" e "A Falecida" discutem uma suposta função alienante do jogo; "Pra Frente Brasil" revela a sua utilização política, "Boleiros" mostra seu rosto humano e também a sua face dura. Com outros títulos contemporâneos como "Ginga" e "Sonhos de Bola", testemunha as transformações sofridas pelo futebol na era da economia global. Estilisticamente, cada um desses filmes é típico de sua época: o melodrama dos anos 30, o cinema-verdade dos 60, o verismo de espetáculo dos 80, a diversidade de poéticas dos 90 e 2000, e a fusão com uma estética da publicidade, típica do nosso tempo. Cada um desses filmes, se soubermos fazê-lo falar, expressa tanto um momento da história do cinema como um momento da história do futebol e da própria história do País. É um nó de significados. (Oricchio, op. cit., p. 24-25)

Filmes brasileiros sobre futebol existem, portanto, e não são desprezíveis. Muito ao contrário. Há algo em nossa obsessão futebolística que desvia a atenção do que talvez mais importe, tanto para o cinema como para o esporte: raros, isso sim, são os filmes brasileiros sobre basquete, vôlei, tênis, handebol, natação, atletismo, esportes radicais. A monocultura do futebol encontra no cinema uma de suas mais veementes traduções. Nem mesmo o elevado número de documentários esportivos realizados nos

anos 2000 escapa dessa constatação, ao se voltar quase que exclusivamente a clubes de futebol e a profissionais ligados a eles.

Não seria apropriado dizer que não há cinema sobre o que chamaremos aqui de “outros esportes” – apenas para repetir a compreensão preconceituosa (mas reveladora) dada a eles por algumas redações jornalísticas – porque, supostamente, os tais “outros esportes” não teriam presença na sociedade brasileira.

Vejamos algumas provas do contrário, ou seja, de como os “outros esportes” nos rodeiam cotidianamente:

a) o sucesso da equipe masculina de vôlei adulto e a consequente admiração que desperta não encontram paralelo em nenhuma outra seleção brasileira, inclusive a masculina de futebol, nos últimos 10 anos;

b) um ex-tenista (Gustavo Kuerten), um nadador (César Cielo) e uma saltadora (Maurren Maggi) estão entre as personalidades esportivas mais facilmente reconhecíveis pelo grande público, protagonizando inúmeras campanhas publicitárias;

c) um piloto de Fórmula 1 morto tragicamente nas pistas (Ayrton Senna) tem o status de herói nacional; outros campeões mundiais da modalidade (Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet) são ainda hoje reverenciados;

d) as quadras e pistas de clubes e escolas são ocupadas, majoritariamente, por adeptos de “outros esportes” (inclusive porque a prática do futebol, com o pleno cumprimento de suas regras, exige coordenadas difíceis de encontrar nesses espaços, como terreno que respeite as medidas mínimas, campo gramado e ao menos



22 jogadores com preparação física e técnica para uma partida de 90 minutos).

Presença dos “outros esportes” na sociedade brasileira há. O que não há é o interesse das manifestações culturais por esse universo na mesma medida em que ele integra o nosso dia-a-dia, como o cinema se encarrega de sublinhar. Cabe observar se o chamado “ciclo olímpico” que encontrará seu auge nos Jogos do Rio de Janeiro, em 2016, contribuirá para alterar, de modo significativo, essa percepção.

Registrada a lacuna multiesportiva que a pergunta recorrente (“por que não existem filmes dedicados ao futebol no Brasil?”) joga para debaixo do tapete, e que merece pesquisas e reflexões, propomos agora uma maneira de traduzir o que muitos pretendem dizer quando fazem a indagação: por que não há, no Brasil, filmes sobre futebol (e, claro, também sobre “outros esportes”) que se pareçam com a tradição internacional de filmes ficcionais esportivos, principalmente no cinema norte-americano? Ou seja: filmes que tratem de atletas e de eventos com a riqueza dramática – e sua natural capacidade de mobilizar o espectador e de levá-lo a se identificar com o que vê – associada ao universo do esporte, e que a mídia, principalmente na TV, explora à exaustão?

Em primeiro lugar, cabe lembrar que, diferentemente do Brasil, os EUA são um país multiesportivo. Futebol americano, beisebol, basquete e hóquei no gelo dividem as atenções entre os esportes coletivos, com calendários alternados que permitem a cada um deles “reinar” soberano, na mídia e nas atenções dos fãs, durante os períodos em que seus campeonatos ingressam nas fases decisivas – todas elas convergindo, dramaticamente, para uma finalíssima

entre duas equipes, nada modestamente chamada, no beisebol, de "world series" (série mundial). Boxe, golfe, tênis, natação e atletismo figuram também no cardápio básico da mídia esportiva.

Parece inevitável, portanto, que uma indústria cinematográfica vigorosa como a norte-americana tenha regularmente buscado matéria-prima no universo do esporte. Didinger & Macnow (2009) listam os "100 maiores filmes de esporte de todos os tempos" (quando, no Brasil, talvez não chegássemos a identificar 100 títulos de longas de ficção sobre o tema).

Relacionemos aqui os 20 primeiros, lembrando do que tratam, na ordem em que os autores os apresentam no ranking e com os títulos adotados em seu lançamento no Brasil:

- 1) "Rocky, um Lutador" (Rocky, 1976), dirigido por John G. Avildsen, com Sylvester Stallone no papel fictício de um boxeador que, contra todos os prognósticos, alcança um triunfo notável;
- 2) "Momentos Decisivos" (Hoosiers, 1986), dirigido por David Anspaugh e baseado em fatos verídicos, com Gene Hackman como o treinador de uma equipe de basquete de Indiana, nos anos 1950, que bate adversários mais fortes na luta por um título estadual que parecia impossível;
- 3) "Touro Indomável" (Raging Bull, 1980), dirigido por Martin Scorsese, baseado na autobiografia do ex-boxeador Jake LaMotta (interpretado por Robert De Niro);
- 4) "Um Homem Fora de Série" (The Natural, 1984), dirigido por Barry Levinson e baseado em romance de Bernard Malamud, com Robert Redford no papel de um jogador de beisebol;

5) "Bull Durham" (idem, 1988), dirigido por Ron Shelton, com Kevin Costner e Tim Robbins, sobre uma liga semiprofissional de beisebol;

6) "Vale Tudo" (Slap Shot, 1977), dirigido por George Roy Hill, com Paul Newman como o jogador-treinador de uma fictícia equipe de hóquei no gelo;

7) "Golpe Baixo" (The Longest Yard, 1974), dirigido por Robert Aldrich, com Burt Reynolds, sobre uma equipe fictícia de futebol americano semiprofissional formada em um presídio:

8) "Desafio à Corrupção" (The Hustler, 1961), dirigido por Robert Rossen, com Paul Newman como um jovem e talentoso jogador de sinuca;

9) "Clube dos Pilantras" (Caddyshack, 1980), dirigido por Harold Ramis, com Bill Murray e Chevy Chase, ambientado em um campo de golfe;

10) "Heróis sem Amanhã" (North Dallas Forty, 1979), dirigido por Ted Kotcheff e baseado em romance de Pete Gent, ex-"receiver" do Dallas Cowboys, sobre um jogador veterano que ainda adora o futebol americano, mas odeia obedecer às regras de treinadores e dirigentes;

11) "Campo dos Sonhos" (Field of Dreams, 1989), dirigido por Phil Alden Robinson e baseado em romance de W. P. Kinsella, sobre um fazendeiro (Kevin Costner) que decide construir um campo de beisebol em sua propriedade depois de receber um "chamado";

12) "Menina de Ouro" (Million Dollar Baby, 2004), dirigido por Clint Eastwood e baseado em reportagens sobre o destino infeliz de uma boxeadora (interpretada por Hilary Swank);

13) "Ídolo, Amante e Herói" (The Pride of Yankees, 1942), dirigido por Sam Wood, baseado na trajetória do jogador de beisebol Lou Gehrig (interpretado por Gary Cooper);

14) "Basquete Blues" (Hoop Dreams, 1994), dirigido por Steve James, documentário sobre dois garotos que sonham chegar à NBA, a principal liga de basquete profissional dos EUA;

15) "Amigos Até o Fim" ou "Glória e Derrota" (Brian's Song, 1971), dirigido por Buzz Kulik, baseado na história verdadeira de dois calouros da equipe de futebol americano Chicago Bears, Gale Sayers e Brian Piccolo (interpretados por Billy Dee Williams e James Caan), que superam a rivalidade inicial e se tornam grandes amigos até a morte precoce do segundo, vítima de câncer;

16) "Desafio no Gelo" (Miracle, 2004), dirigido por Gavin O'Connor, sobre o ex-jogador de hóquei Herb Brooks (interpretado por Kurt Russell), que treinou a equipe norte-americana responsável pela façanha de vencer a temível URSS nos Jogos Olímpicos de 1980;

17) "Carruagens de Fogo" (Chariots of Fire, 1981), dirigido por Hugh Hudson, sobre a lendária equipe britânica de atletismo nos Jogos Olímpicos de 1924;

18) "Corpo e Alma" (Body and Soul, 1947), dirigido por Ro-

bert Rossen, sobre a trajetória fictícia de um boxeador judeu (interpretado por John Garfield);

19) “Duelo de Titãs” (Remember the Titans, 2000), dirigido por Boaz Yakin, baseado na campanha da equipe de futebol americano de uma escola de Alexandria (Virginia) que conquistou o título estadual em 1971;

20) “O Vencedor” (Breaking Away, 1979), dirigido por Peter Yates, sobre ritos de passagem na vida de quatro jovens de Indiana que praticam ciclismo.

Nessa amostragem, estão representadas nove diferentes modalidades esportivas: boxe (4), beisebol (4), futebol americano (4), basquete (2), hóquei no gelo (2), sinuca (1), golfe (1), atletismo (1) e ciclismo (1). Como esses filmes são muito populares nos EUA, tem-se por associação o impacto que uma sociedade com múltiplos interesses por esporte – alguns deles profundamente enraizados em escolas, como o basquete e o futebol americano – cria na produção cultural que a representa.

Apesar da diversidade esportiva, todos esses filmes respeitam certos princípios de dramaturgia.

Como escolher os melhores filmes de esporte já realizados?

Uma tarefa difícil. É, certamente, uma questão de juízo e gosto pessoais. Mas, para ser o campeão entre dezenas de competidores, o melhor filme de esporte deve atender a cinco características:

1. Ele precisa ter uma história poderosa. O roteiro

é tudo, como dizem em Hollywood. Deve haver desafios e surpresas, triunfos e retomadas.

2. Ele precisa ter personagens – heróis ou não, mas de três dimensões, sujeitos interessantes por cujas vidas nos importemos.

3. Ele precisa ter ação esportiva de primeira categoria. Uma história envolvente sobre um atleta que apenas fica sentado rapidamente deixa de ser envolvente. Um grande filme de esportes deve suar, e sangrar, e correr. E os atletas do filme precisam ser melhores atletas do que aqueles sujeitos de meia-idade que disputam conosco os campeonatos da YMCA.

4. Ele precisa criar impacto. Deve existir ao menos uma cena em que sintamos arrepios na espinha ou um nó na garganta.

5. Ele precisa ser realista – mas não muito. Um poderoso filme de esporte permite que soltemos a nossa imaginação e sonhemos. Essa é a grande vantagem do cinema sobre a vida real. (Didinger & Macnow, op. cit., p. 14, tradução nossa)

Uma análise dos argumentos roteirizados pelos 20 filmes do ranking de Didinger & Macnow aponta para uma recorrência de sete das 36 situações dramáticas identificadas pelo francês George Polti, ainda no século XIX, para caracterizar “emoções” ou “movimentos da alma humana” no teatro e na literatura (Pallottini, 1989, p.125-126). Elas seriam, de acordo com a numeração empregada por Polti em seu estudo (“Le Trente-six Situations Dramatiques”, que se baseou em 1.200 obras com cerca de 8 mil personagens) e com a tradução de Pallottini:

2. O Salvador;
5. Acuado;
9. Audaciosa Tentativa;
14. Rivalidade entre Próximos;
20. Sacrificar-se por um Ideal;
22. Sacrificar Tudo pela Paixão;
30. A Ambição;

Combinadas, e eventualmente acrescidas de outras situações dramáticas que caracterizam personagens específicos e subtramas dos filmes (como a 13, "Ódio Entre Próximos", a 16, "Loucura", e a 34, "Remorsos", na composição de Jake LaMotta em "Touro Indomável"), esse elenco de sete corresponderia a uma espécie de "essência dramática" do filme de esporte, considerado aqui como um gênero cinematográfico.

Cabe registrar que o trabalho de categorização empreendido por Polti sugere, a partir de 36 situações-chave, inúmeros desdobramentos possíveis.

Vê-se que o estudioso francês queria, muito a sério, estabelecer um primeiro elenco de temas e preferências, classificá-los, explorar, enfim, o problema da *estrutura* e de suas constantes. Eram as suas preocupações bastante claras e práticas; o que ele pretendia era servir a quem desejasse se informar sobre o número e a qualidade de combinações de ações e fatos que pudessem redundar, com maior eficácia, numa peça de teatro original e na exploração de situações mais novas e inusitadas. (Pallottini, op. cit., p. 125)

Consideremos, portanto, que as sete situações dramáticas recorrentes forneçam constantes para a estrutura do filme de esporte, tal como foi formatado e consagrado pela indústria cinematográfica norte-americana. Essas constantes se prestam, pela natureza das histórias que narram, a conformar, de maneira muito eficaz, o desenvolvimento da trama e dos personagens à lógica da “jornada do herói”, hoje uma referência obrigatória em livros e cursos de roteirização, tamanha a sua contribuição no cinema à narração de histórias que envolvem o espectador e cujos protagonistas despertam identificação.

A “jornada do herói” se tornou popular em Hollywood nos anos 1970, sobretudo a partir do uso que o produtor, diretor e roteirista George Lucas fez, em “Guerra nas Estrelas” (Star Wars, 1977), do conceito de “monomito” apresentado por Joseph Campbell – a partir da interpretação dos arquétipos por Carl Gustav Jung – no livro “O Herói de Mil Faces”, publicado em 1949.

A visão acadêmica se detém nas diferenças entre as mitologias e estuda os mitos em função dessas diferenças; Campbell, ao contrário, escolheu evidenciar as semelhanças, os denominadores comuns, que revelam uma espantosa unidade entre todos eles.

[...] Campbell mostra que cada herói adquire a face de sua cultura específica, mas sua jornada é sempre a mesma. É o mesmo herói que, segundo Campbell, vive, não muitos, mas sempre o mesmo mito, um *monomito* – termo que ele declara ter tirado do *Finnegans Wake*, de James Joyce, sobre o qual publicara seu primeiro livro, *A Skeleton Key to*



*Finnegans Wake*. Evidentemente, embora inspirada em Joyce, a ideia fundamental de *o herói de mil faces*, o monomito, tem tudo a ver com o inconsciente coletivo de Jung. (Maciel, 2003, p. 63)

Vogler (1997) retoma a “jornada do herói” com base no que considera uma “ideia simples” – todas as histórias consistem em alguns elementos estruturais comuns, encontrados universalmente em mitos, contos de fadas, sonhos e filmes – e com o objetivo de abordar seu uso na escrita moderna, dedicando-se a identificar e analisar seus personagens-chave ou arquétipos, as “*dramatis personae*” do mito e das histórias (Herói, Mentor, Guardiã do Limiar, Arauto, Camaleão, Sombra, Pícaro), e seus estágios ou elementos (Chamado à Aventura, Recusa do Chamado, Encontro com o Mentor, Atravessando o Primeiro Limiar, Testes, Aliados e Inimigos, Aproximação da Caverna Oculta, Recompensa, A Ressurreição, Retorno com o Elixir).

Os personagens que se repetem no mundo dos mitos, como o jovem herói, o(a) velho(a) sábio(a), o que muda de forma e o antagonista na sombra, são as mesmas figuras que aparecem repetidamente em nossos sonhos e fantasias. Por isso é que a maioria dos mitos (e histórias construídas sobre o modelo mitológico) tem o sinal da verdade psicológica. Essas histórias são modelos exatos de como funciona a mente humana, verdadeiros mapas da psiquê, são psicologicamente válidas e emocionalmente realistas. Mesmo quando retratam acontecimentos fantásticos, impossíveis ou irrealis. Isso

explica o poder universal dessas histórias. As histórias construídas segundo o modelo da Jornada do Herói exercem um fascínio que pode ser sentido por qualquer um, porque brotam de uma fonte universal, no inconsciente que compartilhamos, e refletem conceitos universais.

[...] As ideias de que a mitologia está impregnada e que Campbell identificou em *O Herói das Mil Faces* podem ser aplicadas à análise de quase todos os problemas humanos. São uma chave-mestra da vida, além de serem um instrumento eficiente para lidar de modo eficaz com uma plateia. (Vogler, op. cit., p. 25-26)

Tome-se como exemplo a história de Rocky Balboa, o boxeador de "Rocky, um Lutador", escrita pelo ator Sylvester Stallone, para notar como se ergue, no âmbito do filme de esporte, uma estrutura que incorpora os elementos aqui mencionados. Quatro das situações dramáticas identificadas por Polti estão combinadas na trama:

5. Acuada (no início, Rocky vive socialmente uma situação-limite, solitário, sem perspectivas e desacreditado até mesmo pelos gângsteres para os quais trabalha);
9. Audaciosa Tentativa (embora nada parecesse autorizar Rocky a sonhar alto, ele encontra internamente forças para enfrentar o desafio que se impõe a ele);
14. Rivalidade entre Próximos (como em toda competição esportiva, os adversários de Rocky são irmanados pela mesma

condição do protagonista, embora talvez não tenham sido un-  
gidos pelo destino, como ele);

20. Sacrificar-se por um Ideal (nada importa mais a Rocky do  
que triunfar, e ele abre mão de tudo em busca desse objetivo  
– que, embora implique também ganhos financeiros, adquire  
importância espiritual muito superior).

Rocky corresponde, evidentemente, ao Herói. Temos ainda  
a figura destacada do Mentor (seu treinador, Mickey Goldmill,  
interpretado por Burgess Meredith), com personagens secundá-  
rios e eventos respondendo pelas funções de Guardião do Limiar,  
Arauto e Sombra.

O desenvolvimento da trama de “Rocky, um Lutador” respei-  
ta todos os estágios previstos por Vogler: Chamado à Aventura (a  
possibilidade de disputar o título), Recusa do Chamado, Encon-  
tro com o Mentor, Atravessando o Primeiro Limiar, Testes, Alia-  
dos e Inimigos, Aproximação da Caverna Oculta (a luta proprie-  
mente dita), Recompensa (o título), A Ressurreição (redenção),  
Retorno com o Elixir (como é de praxe ocorrer na “jornada do  
herói”, o protagonista volta transformado à comunidade, e assim  
também a transforma).

No texto que escreveu para o documentário canadense “Le  
Sport et Les Hommes” (1961), dirigido por Hubert Aquin, Ro-  
land Barthes condensa o universo do esporte de forma alinhada  
ao que sugere a “jornada do herói” aplicada a ele:

Por que os homens são perturbados por esse es-  
petáculo? Por que se entregam tão completamen-  
te a ele? Por que esse combate inútil? O que é o

esporte? O que é isso que os homens colocam no esporte? Eles mesmos, o seu universo humano. O esporte é feito para falar ao contrato humano. (Barthes, 2007, p. 64-65, tradução nossa)

É essa tradição dramática que não se apresenta na produção cinematográfica brasileira de ficção sobre o esporte. A rigor, não a desenvolvemos como um gênero, tal como foi consolidado em um país como os EUA – seja porque nossa monocultura futebolística dificulta a abordagem de “outros esportes”, seja porque as referências dramáticas empregadas por filmes sobre o esporte produzidos no Brasil (e não só eles) são distintas e, muitas vezes, antagônicas aos pressupostos da “jornada do herói”.

Isso não significa, contudo, que toda a produção audiovisual brasileira ignore esses princípios. Basta acompanhar os canais de TV especializados em esporte, sobretudo às vésperas da (e também durante a) cobertura de grandes eventos (Copa do Mundo de futebol, Jogos Olímpicos), para notar que uma parcela significativa da produção jornalística adota essas coordenadas dramáticas, também encontradas nas campanhas publicitárias realizadas em torno desses mesmos eventos (e em torno de personalidades esportivas, mesmo em períodos sazonais).

Curioso paradoxo talvez se revele a partir dessas constatações: nossa ficção cinematográfica sobre o esporte prefere se inscrever, majoritariamente, em uma tradição realista, resistente – por razões de ordem política e estética – a formatações derivadas da “jornada do herói”, enquanto o jornalismo televisivo, sem pudores de flertar com procedimentos ficcionais, teria mais liberdades para fazer leituras do cotidiano do esporte pautadas pela identificação

de percursos, esforços e recompensas que forneçam “uma chave-mestra da vida, além de serem um instrumento eficiente para lidar de modo eficaz com uma plateia”.

## Referências

BARTHES, Roland. **What is sport?** New Haven (EUA): Yale University Press, 2007.

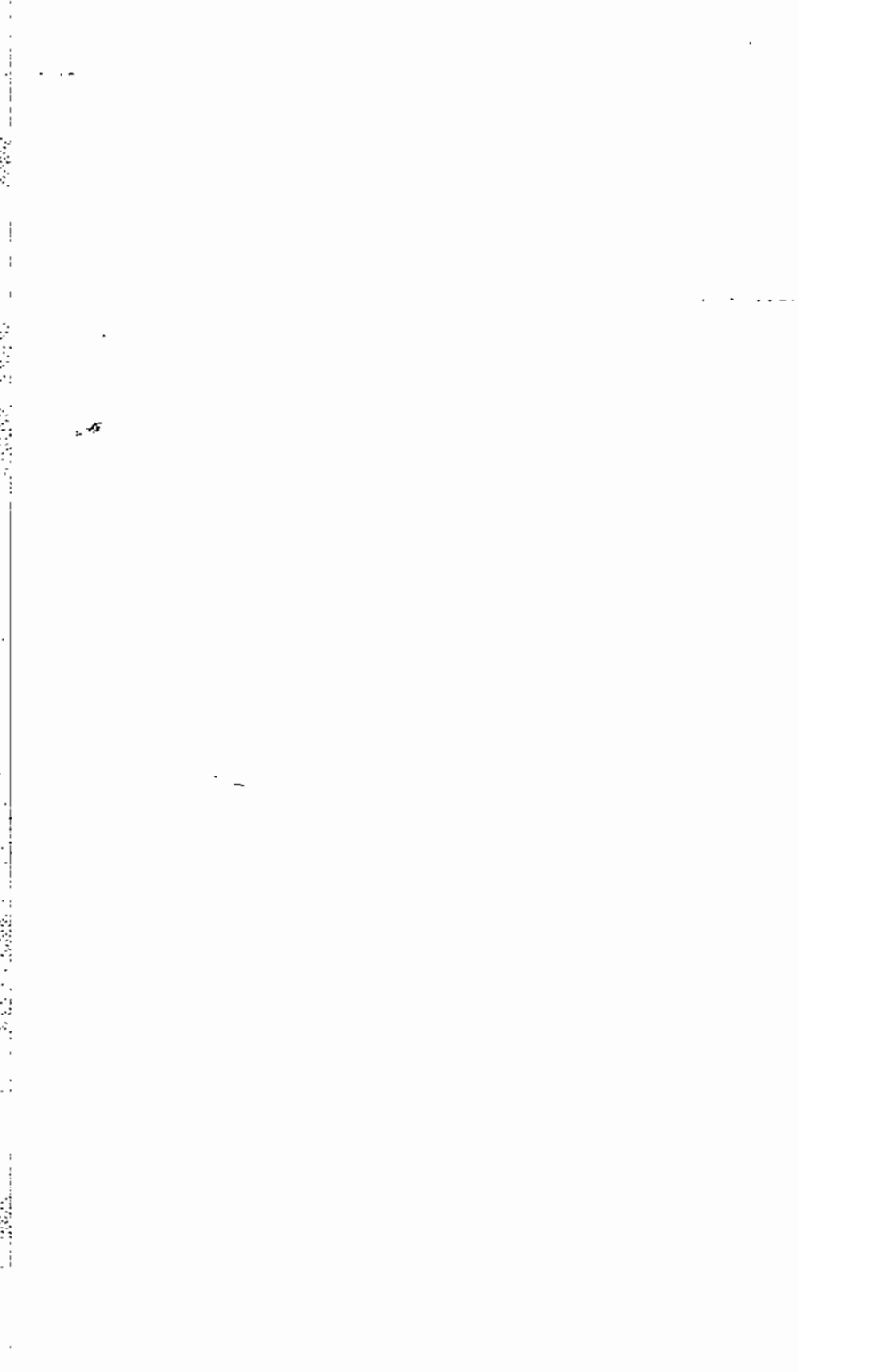
DIDINGER, Ray & MACNOW, Glen. **The ultimate book of sports movies.** Filadélfia (EUA): Running Press, 2009.

MACIEL, Luiz Carlos. **O poder do clímax:** fundamentos do roteiro de cinema e TV. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Fome de bola:** cinema e futebol no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia:** construção do personagem. São Paulo: Ática, 1989.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor:** estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas. Rio de Janeiro: Amper-sand, 1997.



## 11.

# Guerra e Futebol: dos Eventos à Representação Cinematográfica

CLAUDIO BERTOLLI FILHO<sup>1</sup>  
ANA CAROLINA BISCALQUINI TALAMONI<sup>2</sup>

O objetivo último de um filme é ser assumido pelo público como uma peça que trabalha com o real ou que pelo menos representa algo que poderá ou poderia ter acontecido. O contar na tela uma estória define-se também como uma estratégia de sedução que se apóia na sucessão de imagens, no jogo de cores e de sons,

- 
1. Docente do Departamento de Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Bauru. Membro do Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol (GECEF).
  2. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Bauru. Membro do Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol (GECEF).

no emprego judicioso de luzes e de sombras, na agilidade dos diálogos, na movimentação ágil dos corpos e na contínua substituição de uma cena por outra. Fundamentam-se nestes artifícios os andaimes propiciadores do encantamento em escala coletiva.

Os cada vez mais sofisticados recursos tecnológicos empregados na arquitetura fílmica impõem às produções cinematográficas um ritmo acelerado, hipnotizante, já que adota o compasso frenético de uma batalha ensandecida (Virilo, 2005). O encantamento almejado ganha concretude mediante a recorrência a um discurso imperativo que, em um primeiro momento, exige a abdicção de qualquer tentação questionadora por parte do público. Devido a isto muitos críticos cinematográficos e cinéfilos em geral competem entre si para fixar qual deles assistiu mais vezes uma determinada película; somente com a repetida exposição ao mesmo é que o encantamento propiciado por um filme pode ser entendido e atenuado, assim como os deslizos cometidos no trabalho de montagem podem ser detectados. Aflora nesta operação as possibilidades para o advento de um olhar inquisitivo sobre o que foi assistido.

O confronto entre o discurso fílmico que ser quer irrefutável e a eventualidade de uma atitude questionadora por parte do público encontra-se nas raízes da produção e do consumo cinematográfico. Não é por acaso que um grande número dos diretores pioneiros do cinema estreadam atrás das câmeras como soldados encarregados de registrar cenas de batalhas ou que, já com alguma reputação na mídia, foram convocados para registrar cenas de embates bélicos. Tal contingência lhes permitiu aperfeiçoar ou mesmo reestruturar suas estratégias de registro dos acontecimentos reais ou fictícios com velocidade inebriante pois acelera-



da ao máximo, alçando muitos diretores à condição de modelos a serem imitados especialmente nos filmes de ação e também de esporte. Alinham-se nesta condição, restringindo-se apenas aos diretores hollywoodianos, nomes como de D.W. Griffith, Howard Hawks, John Huston, Anton Livak, Frank Capra, Charles Vidor e Douglas Sirk.

É de se destacar que a rápida sucessão de cenas que compõe um filme não tem como objetivo a atenção mental do espectador. Não. É ao corpo que a mensagem cinematográfica se dirige em primeiro lugar e não ao intelecto *tout court* (Kerckhove, 2009). Basta ao leitor acomodar-se em uma poltrona de cinema durante a exibição de um filme de ação e, paralelamente às imagens projetadas na tela, voltar os olhos para os demais espectadores. Certamente ele notará sutis – ou nem tanto – reações corporais de um número significativo das pessoas observadas, como a contração dos membros quando um personagem como James Bond é agredido pelos vilões e também o relaxamento do corpo quando o herói fleminguiano realiza mais uma de suas infundáveis conquistas amorosas.

Admite-se, pois, que um filme tende à naturalização do que apresenta e, nos quadros da modernidade tardia, à universalização das situações às quais ele se reporta, o que implica a sincronização cinematográfica entre a estética, a ideologia e os interesses de lucro (Canevacci, 1984). Ao retratar um pretense “real”, o cineasta constrói um metarreal que, aos olhos da maioria do público, torna-se muito mais vigoroso e convincente do que os dados e informações potencialmente “verdadeiros”, que serviram como fonte de inspiração para a trama narrada na tela.

No rol dessas discussões, selecionou-se para estudo neste texto o filme produzido pela indústria de Hollywood batizado como

*Fuga para a vitória* (*Victory*), que estreou nos Estados Unidos no dia 30 de julho de 1981 e angariou na época do seu lançamento, somente no contexto norte-americano, cerca de 11 milhões de dólares, uma quantia considerável naquele período para uma produção que custou um décimo do que foi arrecadado. O motivo inicial para a opção por esta película deve-se ao fato de ele ser avaliado por vários críticos – profissionais ou amadores – que postam comentários no site *The Internet Movie Database* (*IMDb*) como a melhor produção cinematográfica disponível em escala mundial que assume o futebol e seus praticantes como personagens centrais. Mais ainda, também é comum nos mesmos comentários seus autores reportarem-se ao fato de o filme basear-se em eventos ocorridos na Ucrânia, durante a Segunda Guerra Mundial<sup>3</sup>.

Para além dessa observação, e talvez mais importante que ela, foi a surpresa dos autores em constatar o comportamento e as declarações de um grupo de conhecidos, todos eles auto-declarados “apaixonados” pelo esporte que, no curso de uma reunião social, foram convidados a assistir *Fuga para a vitória*. Durante a exibição, notou-se as reações físicas da pequena platéia, sobretudo no referente às cenas da disputa em campo, como se os espectadores estivessem torcendo no contexto de um “jogo real”. Finda a apresentação, várias das pessoas presentes, quando questionadas, afirmaram que o filme “possivelmente retratava uma realidade”, isto é, contava um fato verídico, mesmo que acontecido em outro contexto bélico, sendo que uma dos presentes, que conhecia o

---

3. Alerta-se o leitor sobre a existência de uma outra discussão sobre o filme em foco (Vicente, 2011), que segue caminho diferente da aqui adotada.

referente real em que se baseia a peça cinematográfica, ponderou sobre os motivos que levaram os responsáveis pela produção a não alertarem o espectador que a trama era “baseada em uma história real”.

Frente a isto, este texto tem como objetivo discutir os motivos que levaram *Fuga para a vitória* deslocar e redefinir a trama sabidamente ocorrida na Ucrânia para a Alemanha e a França, assim como as razões das alterações factuais adotadas no filme. Para atingir tais intentos algumas operações têm que ser previamente realizadas. A primeira delas é uma reflexão das relações culturais estabelecidas entre guerra e futebol e, em seguida, a exposição de ambos os enredos, o que aconteceu na Europa Oriental e o que foi articulado pelos roteiristas que trabalharam na elaboração a trama apresentada da película.

## **Guerra e futebol como atividades intercambiáveis**

O futebol coloca em confronto dois elencos de atletas e suas respectivas torcidas, ambos portadores de emblemas, uniformes, estandartes, hinos e gritos de guerra. Com frequência, o embate travado dentro e fora de campo deixa de ser apenas simbólico, desdobrando-se em atitudes de violência explícita, fazendo perceber que a dimensão tribal não se esvaiu no pretérito da humanidade, mas que se estende subrepticamente até os dias atuais (Maffesoli, 2006).

Esta tendência não é só incorporada pelas torcidas, representantes dos clubes e jogadores, mas também é instigada pelos canais midiáticos. Observações de todos os tipos e o prolífico emprego de gírias típicas dos narradores, comentaristas, jogadores

e torcedores de futebol constituem-se em indícios do fluxo de intercâmbio das representações da guerra e do esporte. O emprego disseminado de expressões como blitz, canhão, artilharia, caçar o adversário, balaço, ataque, atacante, contra-ataque, matador e tantas outras referências foram destacadas nas pesquisas que abordam o palavreado e os jargões típicos do futebol (Porto, 1993; Capinussú, 1988; Fernández, 1974).

Se esta dimensão do futebol é lembrada com insistência pelos analistas, pouco ainda se registrou que a mão contrária de significados também é comum, isto é, que em algumas culturas a guerra foi (e talvez ainda o seja) comparada a uma partida de futebol. Ao lembrar sua trajetória de vida, o marechal Montgomery, elevado à condição de herói nacional inglês durante a Segunda Guerra Mundial, aludiu ao fato de que, ainda adolescente, planejou suas "primeiras batalhas no campo de futebol" onde enfrentou "algumas pelejas violentas", da mesma maneira que frequentemente invocou as batalhas das quais participou como sendo "jogos" e "partidas" e seus comandantes como aqueles que "tinham as bolas nos pés" (Montgomery, 1976).

As alusões feitas pelo estrategista britânico refletiam o que fora ensinado pelo menos desde a Primeira Guerra Mundial. Outro inglês, Lorde Northcliffe, realizava reiteradas preleções aos seus soldados tematizadas pelo ensinamento segundo o qual a melhor maneira de enfrentar uma batalha era avaliando-a como uma partida de futebol, preterindo as atitudes individualistas em benefício dos objetivos que deveriam ser alcançados pela equipe. Nestes termos, o bom militar era aquele que se deixava tomar pelo "espírito futebolístico", o que, ainda segundo Northcliffe, facilitaria a vitória britânica sobre as tropas austro-húngaras, acres-

centando inclusive que os inimigos estavam em desvantagem, pois apenas há pouco tempo tinham aderido à prática daquele esporte (Fussell, 2000, p. 26-28).

As referências ao “espírito futebolístico” como estratégia de enfrentamento dos adversários também são encontradas nas ordens do dia e nos escritos memorialísticos de comandantes que atuaram na Segunda Guerra Mundial, como Montgomery. Além disso, há informações de que muitos soldados Aliados acreditavam que o inimigo não teria coragem suficiente para atirar em pessoas que estavam jogando bola; da mesma maneira, são abundantes as menções ao fato de prisioneiros em campos de concentração germânicos empenharem parte do seu tempo praticando esportes com o apoio da Cruz Vermelha europeia. Dentre os esportes, o futebol parece ser a atividade preferida pelos ingleses, franceses e russos, sendo não raro que os jogadores prisioneiros convidassem os guardas nazistas para treinos conjuntos, proposta geralmente recusada pelos alemães (Fussell, 1989; Carroll, 2005).

Seguindo o que já se tornara uma espécie de tradição, o jornalista russo-judeu que adotou o nome Vasily Grossman teceu uma série de considerações as quais se serviam de analogias entre a guerra e o futebol. Afirmou que o futebol perdera importância na União Soviética, inclusive porque, no campo de concentração de Treblinka, os detentos eram obrigados a jogar bola para o deleite dos soldados nazistas. Em compensação, pontificou ainda o mesmo jornalista que “as proezas dos franco-atiradores [soviéticos] eram comentadas e admiradas quase como as dos jogadores de futebol” (Grossman, 2008, p. 221).

Esses são apenas alguns indícios do significativo volume de alusões que os guerreiros teciam sobre o cruzamento simbólico entre os combates e a prática do futebol.

## Do Dínamo ao Start: a trajetória de um time

A Segunda Guerra Mundial teve início em setembro de 1939, quando Hitler ordenou a invasão da Polônia. A partir daquele momento, os nazistas voltaram-se para a conquista das nações que a eles se opunham na Europa Ocidental, restando apenas a Inglaterra como antagonista que usufruía de liberdade. Concretizada a dominação militar da França, Holanda, Bélgica e Luxemburgo, acrescido de vastas áreas do norte africano, o próximo passo empreendido pelo governo alemão foi a invasão da União Soviética, rompendo com isto o pacto de não agressão firmado com Stalin antes do início da guerra.

Os olhos de Hitler focaram, em um primeiro momento, a Ucrânia que, com uma população de 40 milhões de habitantes, constituía-se na região mais rica da União Soviética, concentrando em seu território extensos campos agrícolas e também indústrias estratégicas que davam suporte ao governo soviético. Além disso, Kiev, a capital histórica ucraniana, definia-se então como a terceira maior cidade da União Soviética, dispondo de riquezas que seriam vitais para o financiamento da guerra por parte dos invasores alemães.

A relativa facilidade com que se deu a conquista nazista da Ucrânia deveu-se à circunstância de muitos de seus cidadãos se postarem favoráveis à substituição do mando de Stalin e, sobretudo, de seu representante local, o "vice-rei" e "patrão" Nikita Khrushchev<sup>4</sup> pelo de Hitler, já que o fúhrer havia se comprometido em

---

4. A adoção da grafia Krushev no texto se dá porque assim o nome do líder soviético tem sido escrito na atualidade; as referências mais antigas

conceder amplos poderes aos nacionalistas ucranianos. A aversão que os ucranianos nutriam por Stalin e seus potentados tinham dois motivos principais: o assassinato das lideranças anticomunistas e nacionalistas desde o início da década de 1920 e a epidemia de fome, causadora de milhões de mortes, resultante do processo impositivo de coletivização das terras agrícolas. O próprio Krushev assumiu tais fatos em suas memórias, justificando assim o rápido aceite da presença das tropas germânicas e também a adesão de muitos ucranianos ao credo hitlerista, sendo que um grande número de ucranianos chegou a integrar o exército alemão (Khrushchev, 1971).

Estes fatos são importantes para que seja possível entender a trajetória dos jogadores e da memória que foi produzida do F.C. Dínamo de Kiev, um time de futebol criado em 1927 e que, depois de alguns anos de obscuridade, a partir de 1935 galgou a posição de um dos principais times da União Soviética. Sua importância chamou a atenção do jornalista e historiador inglês Andy Dougan que escreveu um livro sobre os anos cruciais vivenciados pelo Dínamo. Desta obra extraiu-se a maior parte das informações sobre a contenda que ficou conhecida como “o jogo da morte” e que inspirou o enredo do filme *Fuga para vitória* (Dougan, 2004).

A condição de o Dínamo ter passado a desfrutar de ampla simpatia popular ensejou que Krushev concedesse amplo apoio à equipe, no bojo de uma operação que pode ser definida como uma das primeiras atitudes do “patrão” da Ucrânia a favor do ansiado “culto à personalidade” krusheviana. Para tanto, Krushev

---

utilizam outras variantes, como no caso do livro de memórias de autoria do mesmo personagem.

elevou o Dínamo à condição de clube esportivo da polícia e do Ministério do Interior ucraniano e registrou todos os jogadores como agentes da NKVD, a polícia secreta soviética, fato que concedeu maior ganho e várias comodidades aos atletas e suas famílias. Em troca, os jogadores passaram a apoiar, mesmo que discretamente, o líder soviético, comprometendo-se em batizar com o nome de Nikita Krushev o novo estádio que estava sendo construído pelo F.C. Dínamo.

Em 22 de junho de 1941 os alemães invadiram a Ucrânia, e no dia seguinte todos os jogadores foram convocados para integrar o exército que deveria barrar o avanço nazista. O despreparo em termos militares e o empenho duvidoso de muitos ucranianos permitiram que em 19 de setembro Kiev fosse tomada pelos alemães, sendo que todos os jogadores do Dínamo, assim como boa parte dos derrotados, fosse confinada em campos de concentração para serem "categorizados", isto é, avaliados como potenciais inimigos ou não das tropas invasoras. A pronta decisão de os atletas do Dínamo de destruir seus documentos que atestavam serem eles membros da NKVD permitiu que, nos meses seguintes, todos fossem colocados em liberdade. Sem emprego e longe de suas famílias, os jogadores perambulavam pelas ruas em busca de algum alimento, portando um papel assinado no qual juravam fidelidade a Hitler e ao ideário nazista.

O destino dos remanescentes do Dínamo que permaneceram em Kiev passou a mudar devido à atitude de Iosif Kordik, um engenheiro que gerenciava a fábrica de pão número três da cidade. Apaixonado pelos esportes e principalmente pelo futebol, casualmente ele encontrou-se com Trusevich, que até pouco antes ocupava a posição de goleiro do Dínamo. O jogador foi convidado



por Kordik para trabalhar como faxineiro na padaria; em seguida ele também foi instigado pelo engenheiro a localizar o maior número possível de seus companheiros de time, oferecendo a todos eles um emprego na mesma padaria, medida que também foi tomada em relação a vários outros esportistas que permaneceram na capital da Ucrânia. Cognominado no pós-guerra de "Oscar Schindler ucraniano", o gerente da padaria salvou da morte muitos desses atletas, encobrindo o fato de que muitos deles tinham sido agentes da polícia secreta soviética ou que haviam ganhado medalhas das mãos de Stalin, condições que, se descobertas, resultavam no imediato fuzilamento dos suspeitos.

A presença dos jogadores de futebol na fábrica de pão resultou na realização de constantes pelejas nos períodos de descanso do trabalho, momentos que eram presenciados com entusiasmo por Kordik. No início de 1942, as negociações entre os nacionalistas locais, comandadas por Georg Shvetov – um ex-goleiro e técnico de futebol que orgulhosamente se definia como antirruso, anti-judeu e antipolonês – e os chefes invasores resultaram no reinício do campeonato de futebol de Kiev. Para tanto foram criados vários times, um deles o F.C. Start, composto prioritariamente por jogadores oriundos do Dínamo e complementado com futebolistas que tinham atuado no Lokomotiv, o segundo mais popular time da cidade que, como o próprio Dínamo, havia sido desativado devido à guerra.

O campeonato teve suas partidas iniciais no primeiro semestre daquele ano. O Start, com camisas vermelhas improvisadas, tornou-se de imediato a sensação do torneio, ganhando todas as disputas com placar dilatado. A nova equipe enfrentou não só rivais de Kiev, mas também times integrados por soldados alemães

e, nestes casos, as vitórias eram recebidas com desagrado pelos invasores, que impunham que tais jogos fossem praticamente silenciados pela imprensa ucraniana. A ousadia do Start em vencer as contendas realizadas com as equipes alemãs fez com que, inclusive por sugestão dos nacionalistas locais, fosse agendado um jogo extra, contra o Flakelf, um time composto por futebolistas melhor preparados e selecionados dentre o contingente da Luftwaffe, a força aérea hitlerista. O jogo ocorreu no dia 6 de agosto com uma platéia composta quase que exclusivamente por alemães. Os ucranianos não se deixaram intimidar e mesmo que o juiz romeno, oriundo de uma nação pretensamente neutra, apitasse a favor dos alemães, o Start acabou a partida com o placar de 5 a 1 a seu favor.

O resultado da contenda causou indignação entre os alemães estacionados na Ucrânia, que viram seus brios feridos por um grupo que representava uma nacionalidade que era qualificada pelos nazistas como composta por tipos subhumanos, sendo de imediato exigida uma revanche. A convocação do Start para mais esta contenda fez com que os jogadores corressem o risco de serem de vez tachados como colaboracionistas com as tropas invasoras, condição que os condenaria certamente à morte por fuzilamento caso a Ucrânia fosse reconquistada pelas forças soviéticas. Além disso, temia-se também que a eventualidade de uma nova vitória em campo poderia aumentar a ira dos alemães, tendo conseqüências desastrosas para os jogadores e para toda a população.

Mesmo frente a esses riscos, Trusevich teria afirmado: “não temos armas, mas podemos batalhar pela nossa própria vitória no gramado” (Dougan, 2004, p. 121). Kiev foi assaltada por panfletos clandestinos que incitavam a população a assistir a disputa,

sugerindo que a pretensa "raça superior" seria uma vez mais humilhada em campo por "simples trabalhadores da fábrica de pão", que além de tudo apresentavam visíveis sinais físicos de subnutrição. Ganha assim contornos a "partida da morte", reiterando os laços simbólicos entre a guerra e o futebol, tanto na consciência dos conquistadores quanto dos conquistados.

O jogo-revanche foi agendado para ocorrer no dia 9 de agosto, no estádio Zenit, correndo o boato de que a Luftwaffe escalaria renomados jogadores profissionais da Alemanha. Na verdade, isto nunca aconteceu, apesar de a escalação do Flakelf ter sido reformulada, contando com jogadores mais habilidosos e em melhor forma física do que os atletas que tinham participado da partida travada alguns dias antes.

No dia do jogo, o clima apresentava-se tenso e o estádio estava tomado tanto pela população de Kiev quanto por alemães, inclusive por significativo contingente de soldados nazistas empunhando fuzis. Antes do início da partida e também no intervalo da contenda os jogadores do Start foram visitados no vestiário por Shvetsov e por representantes da Gestapo (a polícia secreta nazista), que aconselharam os atletas a "entregarem" o jogo, ameaçando-os que, caso vencessem, eles e os habitantes da cidade poderiam ser alvos de severas punições.

Arbitrado por um juiz oriundo dos quadros da SS (*Schutzstaffel*, o grupo de elite do exército alemão), o jogo teve início. Como aconteceu na partida anterior, o juiz apitou em favor do Flakelf, cujos atletas recorreram à violência em grau maior do que na disputa de três dias antes; ao mesmo tempo o árbitro interrompia jogadas legítimas articuladas pelos jogadores do Start, penalizando-os sem motivos convincentes. Mesmo assim o time ucraniano

mostrava-se superior em campo, sobretudo porque empregava o sistema europeu ocidental de atuar com dois pontas, dois pontas-de-lança e um centro-avante, compondo uma formação em W, composição até então raramente utilizada pelos alemães. Com isto, o primeiro tempo encerrou-se com o placar de 3 a 1 para os trabalhadores da padaria.

No segundo tempo, todos os jogadores em campo se mostravam nervosos, mesmo que por motivos diferentes. Os germânicos se negavam a perder a contenda, continuando a escalada da violência, enquanto os ucranianos tinham, inclusive, que enfrentar os insultos berrados pela torcida pró-nazista. De qualquer forma, os gols se sucederam, chegando a 5 a 3 em favor do Start. Foi então que ocorreu um fato que iria de vez celebrar a partida, tendo como principal protagonista o jogador mais jovem do Start, o zagueiro Alexei Klimenko. Muitos anos depois do evento, o sucedido foi assim relembrado por um dos torcedores ucraniano presente ao espetáculo: "Ele [Klimenko] se esquivou de toda a defesa alemã, inclusive do goleiro. Depois correu para a linha do gol, mas em vez de chutar a bola para lá, parou-a na linha. Então, correu para dentro do gol, virou-se, chutou a bola para o centro do campo e colocou-a novamente em jogo" (apud Dougan, 2004, p. 153).

Era a suprema humilhação dos nazistas. De imediato o juiz apitou o final do jogo, mesmo antes que fosse completado o tempo regulamentar. Os jogadores dos dois times abandonaram rapidamente o estádio, onde a torcida ucraniana continuou a bradar loas pela vitória.

Somente dez dias depois, quando o Start tinha jogado e vencido outra partida contra um time local que Shvetov instigou os

nazistas a prenderem os atletas vitoriosos, sob a alegação de que eles haviam contribuído em campo com a propaganda comunista e ao mesmo tempo instigado a resistência ucraniana a agir com maior vigor contra a ocupação do país. Um a um os jogadores do Start foram detidos, um deles morrendo durante o interrogatório devido às torturas infligidas pelos agentes da Gestapo. O grupo restante foi encaminhado a um campo de concentração, onde vários deles foram posteriormente fuzilados, inclusive Klimenko, o atleta que tripudiou com os germânicos.

Os demais sobreviveram à guerra e, quando a Ucrânia foi retomada pelos soviéticos, em setembro de 1943, os anticomunistas, que se tornaram sinônimo de colaboracionistas, foram condenados à morte ou enviados ao exílio siberiano. Foi neste momento que Krushev reentrou em cena; interessado em dar continuidade ao culto à sua própria pessoa, o “vice-rei” local conseguiu livrar os jogadores da ira de Stalin e, ainda mais, patrocinou o renascimento do F.C. Dínamo de Kiev.

A história do F.C. Start e de seus jogadores passou a integrar a cultura popular soviética e, nesta condição, tornou-se uma lenda que passou por significativas alterações, impossíveis de serem discutidas detalhadamente no âmbito deste texto. Basta apenas informar que, na versão vigente, todos os jogadores ucranianos foram feitos prisioneiros ainda no campo de disputa, logo após o encerramento do “jogo da morte”. No correr dos anos, a ficção foi legitimada por alguns dos jogadores – inclusive por Trusevich – que sobreviveram ao campo de concentração e ao expurgo pós-guerra promovido por Stalin.

## Do estádio para a tela

Antes mesmo de o tema interessar a Hollywood, a saga dos atletas do Dinamo/Start foi assunto explorado em 1963 no filme húngaro *Two half-times in hell (Két félidő a pokolban)*<sup>5</sup>, dirigido por Zoltán Fábri. Esta encenação baseou-se na versão lendária dos acontecimentos que tiveram Kiev como cenário; enquanto peça de propaganda comunista, enfatizou como personagens centrais da trama o patriotismo dos soviéticos e a reação ucraniana ao nazismo, relegando o futebol e os futebolistas a um plano secundário.

Apesar da produção húngara precursora, a versão cinematográfica mais conhecida do “jogo da morte” é datada de 1981 e dirigida por John Huston. Já no final da vida, Huston comandou a realização de um filme de boa qualidade, mas inquestionavelmente bem inferior a muitas de suas outras obras geradas nas décadas anteriores. Mesmo assim, a experiência acumulada pelo ex-cineasta de guerra permitiu que Huston assinasse uma obra ágil, que prende a atenção do espectador mais pelas cenas do que pelos diálogos, que só ganham extensão de mais de dois minutos quando o assunto é o futebol. Como protagonistas o filme contou com um elenco destacado, dentre eles Sylvester Stallone, Michael Caine e Max von Sydow e, ainda mais, como elenco de apoio alinhou-se uma série de estrelas do futebol como Pelé, Bobby Moore, Osvaldo Ardiles e vários outros jogadores de menor fama, a maior parte deles “emprestados” do Ipswich Town F.C., time sediado em Suffok, na Inglaterra.

---

5. Cenas desta produção húngara estão disponíveis no portal Youtube.

A presença no filme de reputados futebolistas em detrimento de artistas do cinema deixa claro que, no filme de Huston, é o esporte e não a guerra que se constitui no personagem central, invertendo a equação explorada por Fábri. Na versão norte-americana, também ambientada na Segunda Guerra Mundial, as agruras da vida em um campo de concentração situado em um local não determinado da Alemanha foram perigosamente atenuadas, ganhando destaque o major britânico John Colby, um jogador de futebol profissional que tivera sua trajetória esportiva interrompida pela guerra. Ele foi apresentado como treinador de um time de prisioneiros aliados, o que chamou a atenção do major nazista Karl von Steiner, que por sua vez havia integrado a seleção alemã de futebol que atuou em 1938. Pouco demorou para que Steiner convidasse Colby a organizar um time de futebol para enfrentar os nazistas em campo, o que, apesar da tentação, foi prontamente rejeitado pelo inglês. Apesar disso, poucos dias depois o convite voltou a ser feito e desta vez Colby aceitou o desafio. A partir destas cenas iniciais já está definido que o jogo é o eixo central que guiará o roteiro cinematográfico e os diálogos perdem importância frente ao impacto das imagens dos treinos esportivos dos prisioneiros e, sobretudo, da partida travada entre os beligerantes.

Ao perceber os encontros cada vez mais frequentes entre o inglês e o alemão, o oficial aliado mais graduado do campo e líder dos prisioneiros, o coronel britânico Waldron tachou Colby por colaboracionismo com os inimigos, alertando-o para as consequências desta acusação e deixando implícito que ele poderia ser condenado à morte. Neste compasso, a trama ganhou novos pólos de tensão, sendo o principal deles a presença de um novo personagem em cena, o malandro soldado norte-americano Hatch, campeão de

fugas e que, querendo uma vez mais evadir-se, tentou de todo jeito ser incluído na equipe de Colby, apesar de jogar com as mãos e com os pés, empregando as manhas e a truculência típicas do futebol praticado nos Estados Unidos. Apesar de Hatch rotular os outros prisioneiros que brincavam com a bola de “bichinhas” e “velhinhos”, comparando com isto as formas de jogar do futebol inglês com o norte-americano, ele acabou conseguindo integrar-se à seleção capitaneada por Colby, inicialmente não como jogador, mas sim como massagista, mesmo que não reunisse conhecimentos e experiência para o desempenho desta tarefa.

A realização do jogo ganhou novos complicadores. Ao saber da partida programada, um general alemão decidiu convocar os melhores futebolistas profissionais germânicos para compor um time tecnicamente forte e capacitado para vencer os prisioneiros. Almejava-se com isto uma vitória que pudesse ser usada como mais um indício da pretensa superioridade ariana.

Nesse contexto, Steiner, em nome da honra esportiva e da paixão pelo futebol, tratava gentilmente Colby, cedendo a todos os seus pedidos, na verdade quase imposições, circunstância que foge completamente da imagem de oficial alemão explorada nos filmes realizados nos países que guerrearam contra o Eixo. Primeiramente ele permitiu a construção de um alojamento especial para os prisioneiros-jogadores, dando-lhes alimentação especial, uniformes e equipamentos esportivos. Em seguida, ainda sob a orientação de Colby fez trazer jogadores profissionais poloneses que estavam detidos em outros campos de concentração, para que a competição combinada ocorresse sob as mínimas condições de igualdade. Tais reforços deveriam somar-se aos selecionados por Colby dentre os prisioneiros oriundos do Império Britânico, in-



clusive Pelé, que no filme se metamorfoseia em Luís, um cidadão de Trinidad & Tobago, que havia aprendido a fazer “embaixadas” com laranjas, ainda quando era criança de rua.

Neste ponto, o roteiro recorre a um dos recursos mais usuais no gênero fílmico de guerra ao dar espaço na narrativa a um personagem cético em relação ao sucesso da empreitada, agora representada não pela disputa em campo, mas pela possibilidade de fuga dos membros da equipe de prisioneiros. Isto foi possível porque o coronel Waldron deixa claro para Colby que a acusação de colaborar com o inimigo deixaria de existir se o técnico e também jogador se aproveitasse da realização da partida para tentar a evasão grupal. Entretanto Colby mostrou-se pessimista em relação à proposta; ele só queria que seu time jogasse e, se possível vencesse os alemães, nada mais do que isto.

Por sua vez, Hatch foi auxiliado por outros prisioneiros para escapar do campo de concentração, não exatamente para a liberdade, mas sim para chegar a Paris, local em que se realizaria a partida, para planejar a fuga dos jogadores. Cumprida esta missão, ele espontaneamente entregou-se aos nazistas para ser reencaminhado para o local onde ficara detido e assim avisar seus companheiros sobre as condições em que se daria a evasão da equipe. Surgiu aí um dilema: como punição por ter tentado a fuga, o norte-americano foi isolado dos demais detentos em uma solitária, mesmo antes de poder se comunicar com outros prisioneiros. Para tornar possível o contato com ele, Colby viu-se coagido a quebrar propositalmente a mão do goleiro de sua equipe e, novamente graças à intervenção de Steiner, conseguiu a liberação de Hatch, sob a alegação de que ele era o único que poderia substituir o goleiro titular do time aliado.

Cientes do plano de fuga, que se daria no intervalo do jogo, mediante a abertura de um túnel que ligaria o vestiário dos jogadores com os canais de esgoto direcionados ao rio Sena, os atletas partiram em direção a Paris. Já no estádio Colombes (que na verdade foi palco da partida final da Copa do Mundo da FIFA de 1938), situado ficticiamente na capital francesa, eles se defrontaram com a necessidade de tomada de uma difícil decisão: jogar e vencer poderia resultar na morte de todos os membros da equipe, mas fugir no intervalo do embate selaria a desonra esportiva.

A circunstância de o futebol ser a verdadeira estrela do filme determinou que os últimos 32 minutos da fita – que conta com pouco menos de duas horas de duração – fosse dedicado a mostrar o jogo de futebol, o qual foi coreografado por Pelé que, aliás, pronuncia poucas palavras no decorrer da produção. Como aconteceu em Kiev, o estádio Colombes é apresentado tomado por representantes da Alemanha e pela população francesa, assim como por forte contingente de soldados armados das forças ocupantes.

Foi neste momento da película que John Huston mostrou toda a sua perícia em conferir ritmo acelerado às imagens, sabendo magistralmente captar as cenas de jogo que, como se disse um dos entrevistados do grupo mencionado no início deste texto, era de “tirar o fôlego”. Paralelamente às imagens espetaculares, inclusive a de Pelé fazendo um gol de “bicicleta”, um narrador alemão transmitia em língua inglesa a partida, supostamente para atingir o público inglês e norte-americano, explicando em minúcias as regras básicas que deveriam ser obedecidas pelos jogadores de futebol. Aqui a intenção do filme ficou evidente: apresentar didaticamente para um público não iniciado no jogo de bola com os pés os elementos constitutivos e as normas que regem uma partida de

futebol, situação que ganha um tom entediante para aqueles que, como os brasileiros, são íntimos conhecedores do esporte.

A representação fílmica da partida conta com vários elementos assemelhados aos ocorridos no jogo travado em Kiev no dia 9 de agosto de 1942; os jogadores negaram-se a fazer a saudação nazista, o árbitro empregou o apito com declarada parcialidade, beneficiando os alemães e penalizando os "visitantes". Da mesma forma, os atletas de Hitler mostraram-se com extrema truculência, colocando Luís fora do jogo por um período significativo de tempo, devido a um potente soco em seu peito.

A comprovação da superioridade do ideal esportivo em relação à pretensão de fuga ganhou novas dimensões no vestiário, durante o intervalo da partida, momento em que o jogo estava 4 a 1 em favor dos nazistas. Isolados no recinto de descanso, os jogadores depararam-se com os franceses na boca do túnel recém-aberto; o pragmático Hatch, seguido por alguns jogadores, rapidamente começou a encetar a fuga, mas neste instante os demais atletas, liderados por Colby e por Luís mostraram-se reticentes em partir e acabaram concluindo que, por honra e amor ao esporte deveriam retornar para o segundo tempo da partida e tentarem alcançar a vitória. Mesmo visivelmente contrariado, Hatch abriu mão da possibilidade de se evadir, retornando ao campo com os demais companheiros.

A parte derradeira da contenda apresenta os mesmos comportamentos anteriores, tanto por parte do juiz quanto dos jogadores. Pelé, que voltou no segundo tempo, mesmo machucado marca um belo gol, enquanto que seus colegas de equipe marcaram outros tentos, levando a partida ao placar de 4 a 4. Nos instantes finais do certame, o juiz marcou um pênalti inexistente contra o

time de prisioneiros; o clímax do filme ocorre então, destacando-se o goleiro Hatch, que até aquele momento mostrava-se pouco afeito à posição junto às traves. Enquanto o jogador alemão preparava-se para bater a falta máxima, o público francês principiou o canto do hino nacional do seu país, para o horror das autoridades nazistas e desespero dos soldados que vigiavam a platéia. Por fim, após momentos de tensão, Hatch conseguiu evitar o gol, como que anunciando as possibilidades de emprego da aptidão atlética de um praticante do futebol americano numa partida do futebol praticado na Europa.

Alarmados e irritados, as autoridades germânicas abandonaram o estádio, enquanto o público, desafiando os guardas armados para contê-lo, invadiu o campo, conseguindo então vestir capas nos jogadores que, não podendo mais ser identificados pelos guardas, deixam o estádio protegidos pela massa de torcedores. Steiner parece ser o único a permanecer no local, apresentando um semblante no qual se misturavam surpresa devido aos acontecimentos que acabara de presenciar, e alegria, como que constatando que a “catimba” faz parte tanto do futebol quanto da guerra.

## Entre-telas

A descrição de ambas as tramas – a histórica e a cinematográfica – foi aqui traçada em linhas gerais com o objetivo de questionar os motivos que levaram a transição de uma para outra versão. Claro está que não se endossa aqui o suposto que a versão histórico-jornalística seja sinônimo de “verdade”, enquanto aquela adotada pelo cinema seja falsa, pois ambas têm em comum a

condição de serem representações da realidade, mesmo que utilizando recursos e métodos diferenciados para a apresentação dos eventos. Enfim, ambas podem ser avaliadas como telas onde se projetou duas versões do mesmo caso.

Assim, o que se busca é localizar as possíveis motivações – ou mediadores – que levaram o roteiro do filme a ganhar certas características desviantes em relação ao que aconteceu em Kiev, não obstante ter como fundamento inicial um fato histórico. Não se acreditando que o único motivo que levou à adaptação da trama seja o intuito da indústria cinematográfica produzir uma peça midiática rentável, a busca por outros elementos instigadores define-se como próximo compromisso.

Nesse processo, a primeira circunstância observada é a total exclusão no filme de referências à Ucrânia e à União Soviética como um todo, mesmo quando Colby recebeu a permissão de recrutar futebolistas prisioneiros que estavam vivendo em outros campos de concentração nazistas, condição em que se encontravam vários jogadores soviéticos, inclusive do Dínamo/Start. Uma justificativa para tal decisão no contexto do roteiro fílmico encontra-se no estado de tensão que, no final da década de 1970 e até meados do decênio seguinte, pautava as relações entre os Estados Unidos e a União Soviética, quadro este engendrado nos interstícios da Guerra Fria.

O panorama das relações entre as duas superpotências mostrava-se crítico porque os norte-americanos reprovavam os soviéticos pela invasão militar do Afeganistão, e também acusavam o governo de Moscou de estar subvencionando a revolta sandinista na Nicarágua e a revolução dos aiatolás no Irã, já que ambos os movimentos eram declaradamente contrários aos interesses imperialistas

*yankees*. Outro núcleo de conflito entre russos e americanos era alimentado pelas dificuldades de se chegar a um denominador comum nas negociações travadas no âmbito do projeto identificado pela sigla – não sem uma ponta de ironia – START (Strategic Arms Reduction Talks), que se arrastava por anos. Neste caso, os presidentes Jimmy Carter (1977-1981) e Ronald Reagan (1981-1989) defrontavam-se calorosamente com os primeiros-ministros soviéticos Leonid Brejnev (1964-1982), Iuri Andropov (1982-1984) e Konstantin Chernenko (1984-1985), só passando a haver maior fluidez nos diálogos a partir de 1985, quando Mikhail Gorbachev subiu ao poder na União Soviética (Curtis, 1996).

Em resultado desses conflitos, os Estados Unidos impôs o embargo cultural à União Soviética, coagindo a indústria de cinema a excluir quaisquer referências positivas aos comunistas, enfocando-os unicamente a partir de prismas condenatórios, de regra exaltando a barbárie reinante nas áreas dominadas ou sob influência direta de Moscou. Com estas marcas, podem ser mencionados, dentre tantas outras produções cinematográficas, *Reds* (1981) e *Dramática travessia* (*Night crossing*, 1983), ambas anunciadas como baseadas em histórias reais; já numa fase tardia, destaca-se também *Rambo 3* (*Rambo: first blood part III*, 1988).

Vale destacar ainda que, no plano esportivo, os norte-americanos encabeçaram 61 outras nações para decretar embargo aos Jogos Olímpicos de 1980, que foram realizados na capital russa, sob a alegação de discordância com a política externa soviética. Em resposta, a União Soviética e seus estados satélites deixaram de comparecer à Olimpíada de 1984, sediada em Los Angeles, sob o pretexto de que não havia segurança suficiente para as suas equipes visitarem os Estados Unidos.

Neste cenário, John Huston viu-se coagido a deslocar e adaptar a trama de *Fuga para a vitória* de Kiev e dos ucranianos para a Alemanha e a França dos prisioneiros aliados, conseguindo assim extirpar a União Soviética da narrativa. Mas, acredita-se que tal atitude não tenha como explicação única o ditame político-ideológico. Mais do que este, havia motivos atinentes ao vetor econômico de implantação definitiva na malha cultural estadunidense do futebol criado na Inglaterra. Nota-se assim a busca de uma associação lucrativa entre a indústria cinematográfica e a indústria esportiva, o que remete a algumas considerações acerca da presença do *soccer* na pátria do *football*.

Praticado nos Estados Unidos desde o final do século XIX, o futebol/soccer nunca chegou a ganhar grande destaque naquele país; apesar de conquistar o terceiro lugar na primeira Copa do Mundo, em 1930, os norte-americanos testemunharam a falência e o conseqüente encerramento das atividades de inúmeros times na primeira metade do século passado. Isto porque o futebol sempre foi sobrepujado no gosto popular pelo futebol americano, basebol e basquetebol, sendo considerado uma prática esportiva mais apropriada para os imigrantes, atletas de baixa estatura e constituição física não necessariamente avantajada (Markovits, 1990). Durante um bom tempo o futebol foi também avaliado pelas lentes culturais adotadas pelas elites dos Estados Unidos como esporte de pobres e estrangeiros, empregando regras que impunham um ritmo lento ao jogo o qual, aliás, era visto como tendo usualmente um desfecho marcado pela violência entre os jogadores e também entre os torcedores (Murray, 1998, p. 19).

O relançamento do futebol/soccer nos Estados Unidos deu-se no final da década de 1960, fato acompanhado de intensa campa-

nha publicitária que objetivava motivar os cidadãos a dividir suas atenções entre os esportes que tradicionalmente cultuavam e o jogo da bola com os pés. Em 1968 foi instituída a North American Soccer League (NASL), que de imediato contou com o apoio da Warner Communications e da Paramount Communications, cujo setor de atuação sempre fora a esfera cinematográfica, apesar de esta última empresa ser também proprietária de estádios e times de futebol americano e de basebol.

Coube a Steven Ross, presidente da Warner, e aos irmãos Ertegun, que haviam se associado à Warner mediante a junção da empresa que possuíam, a Atlantic Records, fundar em 1971 o New York Cosmos, um time de futebol que, sob a presidência de Ross, contratou jogadores de fama mundial, dentre eles Pelé, Giorgio Chinaglia e Franz Beckenbauer. Estes jogadores se transformaram em garotos-propaganda não só do time, mas também de um grande número de mercadorias, de geladeiras a talcos para a assepsia dos pés. Com este empenho, o New York Cosmos galgou a condição de principal time de futebol dos Estados Unidos (Newsham, 2006).

Sob estas circunstâncias foi rodado *Fuga para a vitória*, produção da Lorimar Film Entertainment, outra empresa associada à Warner. Em seguida, os direitos de distribuição da obra nos Estados Unidos foram cedidos à Paramount Pictures, mediante o compromisso de que, após algum tempo, esta empresa programasse a apresentação do filme em sua rede de televisão, a CBS. Aliás, a fita continua sendo reprisada até hoje com uma certa insistência nos canais a cabo dos Estados Unidos. No cenário brasileiro, a película alcançou bons índices nas bilheterias dos cinemas e, anos depois, estreou no horário nobre da televisão, sendo reperi-



sado durante um longo período nas sessões da tarde e da madrugada da Rede Globo de Televisão e, mais recentemente, em seus canais a cabo.

A associação entre os meios de comunicação e o futebol, no entanto, não apresentaram os resultados esperados, pelo menos no ambiente norte-americano. O New York Cosmos encerrou suas atividades em 1984 por se tornar uma empresa deficitária, sendo que no mesmo ano a NASL deixou de existir pelo mesmo motivo. Da mesma forma, quando os Estados Unidos desempenhou o papel de anfitrião da Copa do Mundo de 1994, seus cidadãos pouco se interessaram pelos jogos, levando aos estádios muito mais turistas estrangeiros do que norte-americanos. Enquanto isso, os canais de televisão daquele país registraram baixos índices de audiência quando exibiram os jogos da Copa (Murray, 1998).

Apesar da criação, em 1996, da Major League Soccer (MLS), que tem tentado até o momento difundir o gosto pelo futebol entre a coletividade masculina, seu setor que tem ganhado destaque é o das mulheres, confirmando a suposição fortemente vigente nos Estados Unidos de que o futebol é um esporte mais apropriado para a prática feminina (Markovits, 2003). A seleção nacional feminina tem granjeado fama internacional, mas não no próprio país, vencendo a medalha de ouro nas Olimpíadas de 1996, 2004, 2008 e 2012, além da Copa do Mundo de Futebol em 1991 e 1993. Assim, não obstante o renascimento do New York Cosmos em 2009, os Estados Unidos está se efetivando como a pátria do futebol jogado pelas mulheres.

## Considerações finais

Se o futebol não alcançou grande êxito popular nos Estados Unidos, *Fuga para a vitória* obteve grande sucesso comercial, apesar de ter sido recebido com certa frieza pela crítica especializada que, mesmo assim, não colocou em questão os interesses ideológicos e empresariais que levaram à produção do roteiro. Mais do que isto, o filme fincou raízes no imaginário popular norte-americano e é exaltado até hoje como a melhor produção cinematográfica que aborda o futebol, inclusive por muitos espectadores brasileiros.

No site IMDb observações sobre a película continuam sendo postadas, reiterando a sobrevivência do filme no gosto popular, sendo classificado de regra como “o melhor filme sobre futebol”, “melhor produção sobre futebol e guerra” e até mesmo “melhor produção cinematográfica sobre esportes em geral”. É importante destacar que, as anotações no site remetem para a incorporação da película no contexto cultural. Apesar de ser unânime o registro de que os roteiristas se inspiraram no ocorrido em Kiev sob o jugo nazista, ninguém tem questionado os motivos que levaram à adaptação do tema histórico para a trama cinematográfica. Além de denunciarem que o filme *Fugindo do inferno* (*The great escape*, 1963) serviu de modelo secundário para a trama, cobram dos representantes do falecido John Huston e da empresa que patrocinou a fita a admissão pública de que a produção de Hollywood baseou-se no filme dirigido por Zoltán Fábri. O próprio diretor húngaro, em entrevista concedida a um crítico profissional, declarou nutrir mágoas devido a esta dívida não paga, reclamando para si e sua obra o papel de verdadeiros inspiradores da pelícu-

la assinada por Huston, a ponto de reivindicar que, pelo menos, seu nome seja inserido nos créditos finais de *Fuga para a vitória* (Abrahm, 2012).

Além disso, existe uma outra dimensão do filme que merece ser discutida: a cirurgia de obnubilação efetuada pelo cinema em relação aos eventos históricos. Ao recorrer a um sofisticado conjunto de dispositivos técnicos e estéticos para exaltar nas telas um fato, John Huston contribuiu para o esquecimento do que concretamente desenrolou-se em Kiev no ano de 1942. Foi com o recurso magistral da velocidade acelerada das cenas, sons, closes e tantos outros recursos que o antigo cineasta de guerra conseguiu gerar uma obra que cativa o público e confere ao jogo de bola uma dimensão titânica. Por outro lado, também mediante a mobilização dos mesmos recursos abriu possibilidades para que ocorresse uma espécie de perturbação da consciência entre os espectadores, obscurecendo a retenção dos fatos em prol da preservação de uma memória coletiva engendrada nas mesas dos roteiristas e no ambiente do estúdio de cinema.

Enquanto dispositivo de encantamento, o cinema busca substituir os fatos, os quais padecem pelo menos em parte da monotonia entediante do cotidiano, pela fluidez e agilidade próprias da estória encenada. Na consciência do público ocorre um movimento que tende a substituir total ou parcialmente o tradicionalmente conhecido ou “ouvido falar” pelo visto, suscitando versões híbridas que flutuam entre o real e o ficcional. Um indício deste processo pode ser encontrado pelo leitor mais metucioso mediante a busca na Internet de matérias que se reportam ao “jogo da morte”. Na maior parte delas percebe-se, sem muitas delongas, versões que amalgamam os fatos históricos e a trama fílmica, isto

é, descrições de cenas que ocorreram no estádio Zenit de Kiev e no estádio Colombes de Paris, como se fossem partes indissociáveis do mesmo enredo.

Em suma, o casamento entre cinema e futebol abre mais uma frente garantidora de lucros para os agentes da indústria do entretenimento e de prazer para os espectadores/torcedores de futebol. Mas tende também a apresentar versões espúrias da história do próprio esporte.

## Referências

ABRAHM, J. A bad copy of a great Hungarian film. **The Internet Movie Database (IMDb)**. Disponível em: <[www.imdb.com/title/tt0083284/](http://www.imdb.com/title/tt0083284/)>. Acesso em: 10 Fev. 2012.

CANEVACCI, M. **Antropologia do cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CAPINUSSÚ, J.M. **A linguagem popular do futebol**. São Paulo: Ibrasa, 1988.

CARROLL, T. **A grande escapada**. São Paulo: Landscape, 2005.

CURTIS, G.E (ed.). **Russia: a country study**. Washington: Library of Congress, 1996. Disponível em: <http://countrystudies.us/Rússia/>. Acesso em: 28 jan. 2012.

DOUGAN, A. **Futebol & guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo de Kiev ocupada pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERNÁNDEZ, M.C.L.O. **Futebol: fenômeno lingüístico**. Rio de Janeiro: PUC/Documentário, 1974.

FUSSELL, P. **The great war and modern memory**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

FUSSELL, P. **Wartime**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

GROSSMAN, V. **Um escritor na guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KERCKHOVE, D. **A pele da cultura: investigando a nova realidade eletrônica**. São Paulo: Annablume, 2009.

KHRUSHCHEV, N. **Memórias**. Rio de Janeiro: Artenova, 1971, 2 vols.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARKOVITS, A.S. The other 'American exceptionalism': why is there no soccer in United States? **The International Journal of the History of Sport**. London, Vol. 7, no. 2, 1990, p. 230-264.

MARKOVITS, A.S. Women's soccer in the United States: yet another American 'exceptionalism'. **The International Journal of the History of Sport**. London, Vol. 4, n 2-3, 2003, p. 14-19.

MONTGOMERY, Marechal B.L. **Memórias**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1976, 2 vols.

MURRAY, B. **The world's game: a history of soccer**. Champaign: The University of Illinois Press, 1998.

NEWSHAM, G. **Once in a lifetime: the encredible story of the New York Cosmos**. London: Atlantic Books, 2006.

PORTO, R. **Dicionário de gírias e verbetes futebolísticos**. Rio de Janeiro: Central Globo de Comunicações, 1993.

**The Internet Movie Database (IMDb)**. Disponível em: <[www.imdb.com/](http://www.imdb.com/)>. Acesso em: 17 Jan. 2012.

VICENTE, M.M. Comunicação e futebol em tempos de política. In: Marques, J.C. e Turtelli, S.R. (orgs.). **Futebol, cinema e Cia.: ensaios**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p.11-28.

VIRILIO, P. **Guerra e cinema**. São Paulo: Boitempo, 2005.

## Filmografia

**Dramática travessia** (Night crossing). Dir. Delbert Mann. Estados Unidos: Walt Disney Productions, 1982. DVD. (107 min.), color., legendado, Port.

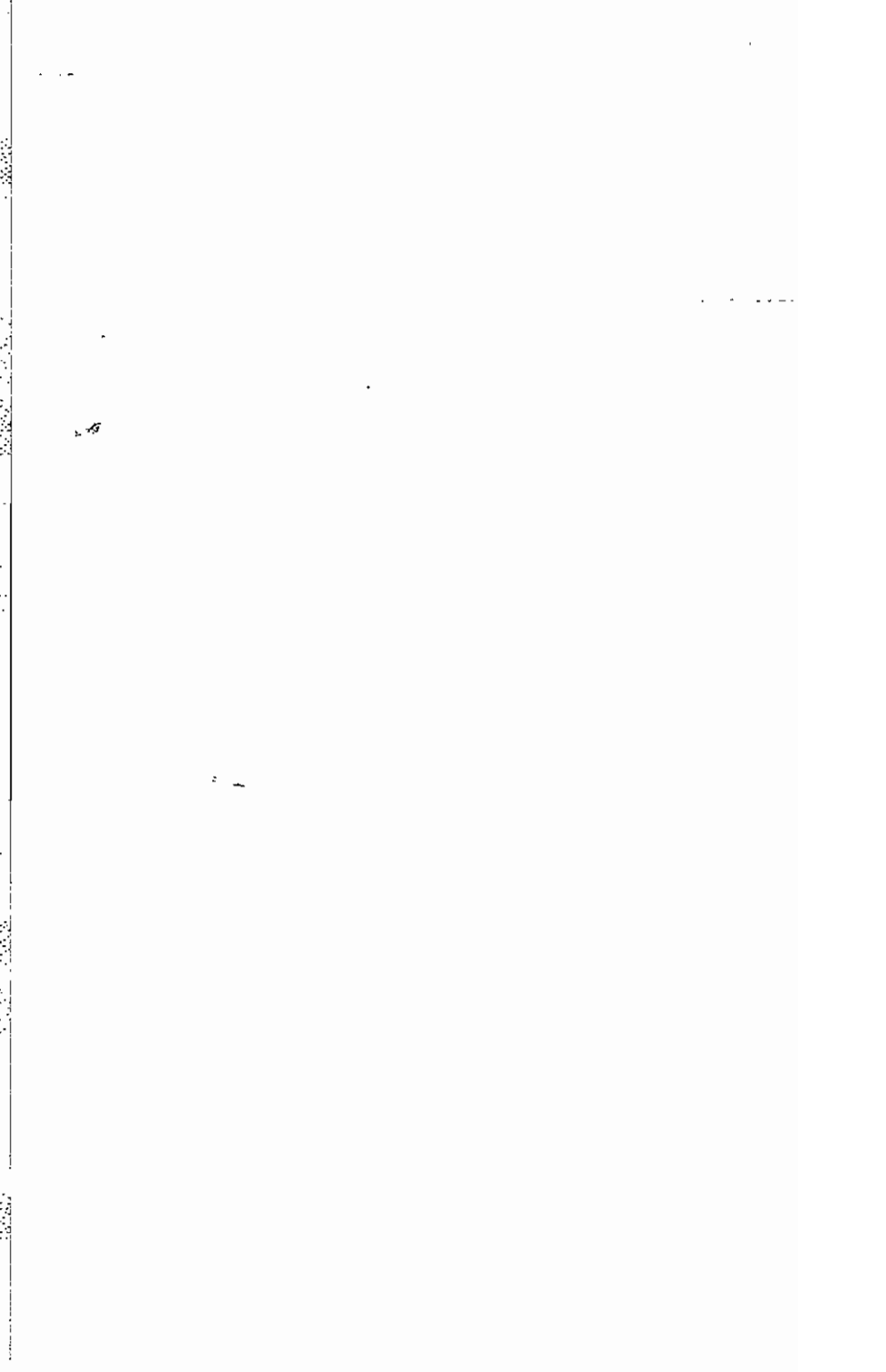
**Fuga para a vitória** (Victory). Dir. John Huston. Estados Unidos: Lorimar Film Entertainment, 1981, DVD. (116 min.), color., legendado, Port.

**Fugindo do inferno** (The great escape). Dir. John Sturges. Estados Unidos: Mirisch Corporation, 1963, DVD. (172 min.) color, legendado, Port.

**Rambo 3** (Rambo: first blood part III). Dir. Peter MacDonald. Estados Unidos: Carolco Pictures, 1988, DVD. (102 min.), color., legendado, Port.

**Reds** (Reds). Dir. Warren Beatty, Estados Unidos: Paramount Pictures, 1981, DVD. (194 min.), color., legendado, Port.

**Two Half-times in hell** (Két félidő a pokolban). Dir. Zoltán Fábri. Hungria: Hunnia Filmgyár, 1963, vídeo. (140 min.), P&B legendado, Ingl.





## 12.

# Da Euforia à Decepção: Uma Leitura de “O Dia Em Que o Brasil Esteve Aqui”<sup>1</sup>

CARLO JOSÉ NAPOLITANO<sup>2</sup>

### Introdução

O presente trabalho objetiva analisar o documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”, de 2006, de Caíto Ortiz e João Dornelas, que retratou uma partida de futebol envolvendo a seleção brasileira e a seleção haitiana, realizada em Porto Príncipe, no

- 
1. Trabalho originalmente apresentado no V World Congress on Communication and Arts, evento realizado de 15 a 18 de abril de 2012 na Universidade do Minho, na cidade de Guimarães (Portugal).
  2. Professor Doutor do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) / Campus de Bauru.

Haiti. O jogo fez parte de um pacote de ajuda humanitária, diplomática e militar do Estado brasileiro, comandando as forças pacificadoras a serviço da Organização das Nações Unidas – ONU, naquele país. Ações diplomáticas como a relatada no documentário estão previstas no ordenamento jurídico constitucional brasileiro, ao dispor que a política externa da República Federativa do Brasil deve estar amparada em alguns princípios. No entanto, além dessa função pacificadora e humanitária, a missão diplomática brasileira no Haiti - somada a presença da seleção brasileira em Porto Príncipe - almejava também objetivos políticos, dentre eles a obtenção de um assento no Conselho Permanente de Segurança da ONU.

Tendo por base o documentário, este artigo analisa o uso político do futebol, especificamente em relação à mencionada pretensão do Estado brasileiro. A análise será desenvolvida à luz dos preceitos constitucionais referentes aos princípios norteadores da atuação do Estado brasileiro nas relações internacionais, elencados no artigo 4º da Constituição da República Federativa do Brasil, em especial, aos princípios da defesa da paz, da não intervenção e da solução pacífica dos conflitos.

## **A Constituição Brasileira e os princípios das relações internacionais: conceitos, funções e finalidades**

As constituições, tradicionalmente, desde o final do século XVIII, foram concebidas como instrumentos legais para organizar a estrutura do Estado, sendo definidas como o conjunto de normas que organiza os elementos constitutivos do Estado, em

especial, a definição da estrutura do governo, do território e a definição de povo. Nesse período histórico, as constituições apenas tratavam, portanto, de assuntos relacionados à organização dos Estados, à divisão política dos poderes em legislativo, executivo e judiciário e a alguns poucos direitos e garantias individuais. A essa ideia estruturalista das constituições, no mundo contemporâneo, foi acrescentada a de funcionalidade ou, em outras palavras, atribuiu-se às constituições diversas finalidades.

As constituições passaram então a ser compreendidas, buscando-se as suas causas e a sua função social. Essa mutação constitucional trata-se da mudança do *government by law* do liberalismo pós-revolucionário do Estado de Direito para o *government by policies* do Estado Social (BERCOVICI, 1999). Com essa nova função atribuída às constituições o Estado passa a revestir-se de natureza positiva, passando a ter atribuições, finalidades e objetivos. Nesse sentido, as modernas constituições, dirigentes e programáticas, não mais se limitam a estaticamente definir o que é o direito e consolidar uma ordem social vigente, elas servem para estabelecer e impor diretrizes e programas de ações futuras, indicando valores supremos do Estado e da sociedade (CAPPELLETTI, 1992).

A atual constituição brasileira, de 5 de outubro de 1988, tem nítido caráter substancial, programático, dirigente, tendo em vista que ela estipula inúmeras finalidades, objetivos e valores que o Estado e a sociedade brasileira devem concretizar ou pelo menos almejar. Um desses valores substantivos almeçados no processo constituinte foi a previsão de algumas metas, objetivos a serem alcançados pelo Estado brasileiro nas relações internacionais.

Nesse sentido, está disposto, já no preâmbulo da Constituição da República Federativa do Brasil, que o Estado brasileiro

se compromete, tanto na ordem interna como na externa, com a solução pacífica das controvérsias. Por esse prelúdio já dá para extrair que, em termos constitucionais, não se admite, não se tolera, qualquer tipo de intervenção do Estado brasileiro em outro país de maneira coercitiva, impositiva, sendo esse o norte a ser seguido pelo Estado e pela sociedade brasileira.

Da mesma forma, dispõe a constituição brasileira de 1988, no artigo 4º, que a República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos princípios da independência nacional, prevalência dos direitos humanos, autodeterminação dos povos, não-intervenção, igualdade entre os Estados, defesa da paz, solução pacífica dos conflitos, repúdio ao terrorismo e ao racismo, cooperação entre os povos para o progresso da humanidade e concessão de asilo político. No parágrafo único do citado artigo há a previsão de que o Estado brasileiro buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações.

A constituição 1988 foi a primeira, na história constitucional brasileira, a estabelecer um catálogo de princípios regentes das relações internacionais (PIOVESAN, 1997). No entanto, para Bastos e Martins (2001), essa previsão foi surpreendentemente acanhada.

Para fins deste trabalho, serão apresentadas apenas considerações aos princípios da defesa da paz, da não intervenção e da solução pacífica dos conflitos, pois estão diretamente relacionadas ao documentário que será analisado.

Antes, porém, é salutar apontar que a palavra princípio não é usada em sentido unívoco na teoria jurídica. No entanto, esse termo pode ser definido como sendo “o conjunto de normas que

espelham a ideologia da Constituição, seus postulados básicos e seus fins" (BARROSO, 1998) ou ainda "a síntese dos valores principais da ordem jurídica" (CANOTILHO, 1999), podem também expressar as colunas mestras do ordenamento jurídico (ROCHA, 1994).

Quase todas as definições de princípios citadas têm um ponto em comum, o de asseverar que os princípios são a base, o começo, o início, as linhas mestras do sistema jurídico. Para fins deste trabalho, considera-se também como premissa básica que uma das características fundamentais do constitucionalismo moderno é o reconhecimento de que os princípios têm positividade, pertencendo "à ordem jurídica positiva" (CANOTILHO, 1999), ou seja, além de um programa de metas, são também valores concretos e passíveis de serem exigidos tendo em vista a ordem jurídica estabelecida.

A teoria jurídica também considera que os princípios constitucionais possuem finalidades. Uma delas é a de fixar os valores superiores de um determinado Estado. Outra é a de conferir, ao ordenamento jurídico constitucional, um sentido único e harmônico, haja vista que, para a sua elaboração, houve a necessidade de compatibilizar interesses divergentes e, muitas vezes, antagônicos. E uma terceira é a de servirem como condicionantes à atuação dos poderes públicos e do Estado, servindo como pautas de interpretação e aplicação do direito (BARROSO, 1998).

Diante disso, os princípios têm importante função na "interpretação, integração, conhecimento e aplicação do direito positivo" (CANOTILHO, 1999), pois fornecem critérios tanto positivos como negativos de interpretação, exercem função de informar e condicionar os atos dos poderes públicos e vinculam o legislador ordinário no momento da inovação do sistema jurídico.

Verifica-se, desta forma, que os princípios constitucionais possuem importância fundamental dentro do ordenamento jurídico. Dentre as finalidades apontadas a que merece destaque para fins desse trabalho é a de orientar a atuação do Estado brasileiro nas relações internacionais. Nesse sentido, considera-se que os princípios da defesa da paz, da não intervenção e da solução pacífica dos conflitos são vetores condicionantes da atuação do Estado brasileiro nas relações internacionais.

O princípio da não intervenção indica que o Estado brasileiro não deverá impor a sua vontade a outro país, conformando a sua atuação nesta seara. Em sentido oposto, a ideia da intervenção seria a imposição de vontade do interventor, a despeito da manifestação de vontade do país que sofre a intervenção.

No mesmo sentido, Dallari (1994) define o princípio da não intervenção como um ato de abstenção de um país em influenciar nos assuntos internos de outros. Também pode ser compreendido como a imposição jurídica determinada ao Estado pela ordem constitucional do dever de repelir qualquer tentativa de intervir em outro país. Intervir, para Cretella Junior (1997), seria uma ingerência que fere a soberania e a autodeterminação de outro Estado.

Pelo princípio da defesa da paz e da solução pacífica dos conflitos, Bastos & Martins (2001), Cretella Junior (1997) e Dallari (1994) teorizam que por esses princípios o Estado deve repelir qualquer ação coercitiva em relação a outro Estado, devendo buscar-se, em todos os casos, soluções não impositivas, mas sim, conciliadoras, usando-se em especial dos mecanismos da arbitragem. Mencionam ainda o repúdio a solução bélica, estando esse princípio implícito no ordenamento jurídico brasileiro. Esses princípios seriam então paradigmas inspiradores do Estado

brasileiro, fato que exclui qualquer traço de coação para as suas relações internacionais.

## **Breve histórico da missão diplomática e suas características**

A missão diplomática brasileira no Haiti, que ficou conhecida como MINUSTAH, tendo em vista a sua denominação na língua francesa (*Mission des Nations Unies pour La Stabilisation en Haiti*), foi a oitava missão da Organização das Nações Unidas – ONU no Haiti, no período de 1993-2004 e caracterizou-se por ter sido a primeira sem a participação de grandes potências e por apresentar características humanitárias, tendo sido autorizada pela resolução 154219 e aprovada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, em 30 de abril de 2004 (SOUZA NETO, 2010).

De acordo com Souza Neto, a intervenção humanitária militar no Haiti se justificou, tendo em vista que, aquele país, desde o início de 2004, vivia um período de crise e instabilidade política, com a presença de gangues e grupos rebeldes armados atuando pelo país, em especial, na capital Porto Príncipe. A crise culminou com a saída do presidente Jean Bertrand Aristide, político tradicional naquele país. Aristide exerceu a presidência por duas vezes na década de 90, por um curto período de sete meses, voltando a governo em 1994 e, nos anos 2000, de fevereiro de 2000 até fevereiro de 2004, quando da instabilidade política referida.

A respeito das características da missão da ONU no Haiti, pode-se dizer, ainda de acordo com Souza Neto, que a operação diplomática não se caracterizou como uma tradicional operação

de paz, foi de fato uma ação mais complexa, envolvendo também uma ajuda humanitária ao país caribenho.

Diante dessa feição, a missão pode ser caracterizada como uma ação *Soft Power*, que prioriza o uso da persuasão e da atração, ao invés da coerção e intimidação, característica do *Hard Power*, estratégia usualmente utilizada nas relações internacionais. Por caracterizar-se como uma ação leve, entende-se que o jogo de futebol, entre a seleção brasileira e a do Haiti, patrocinado pelo Estado brasileiro, foi usado como esforço de aproximação cultural com a população local (SOUZA NETO, 2010).

O jogo de futebol pode ter sido usado como estratégia para a ação humanitária brasileira de paz e esse fato é indicado por Peron (2009), ao mencionar que outras ações culturais como essas foram usadas no contexto da intervenção brasileira no Haiti e que o jogo de futebol pode ser considerado como uma intervenção cultural, no intuito de estabelecer uma vinculação identitária e como instrumento facilitador para a aproximação das tropas com a população. Peron transcreve ainda em seu trabalho o discurso do presidente do Brasil à época Luiz Inácio Lula da Silva, que reforça a ideia acima exposta. O presidente Lula assim se manifestou quando da sua chegada a Porto Príncipe: “Venho, enfim, participar de um encontro pela paz entre haitianos e brasileiros. O jogo entre a Seleção do Brasil e do Haiti permite que celebremos juntos a nossa paixão pelo futebol. Esperamos que este jogo possa se transformar em símbolo de nossa amizade e em estímulo para intensificarmos os contatos entre nossas sociedades”.

Um dos mais importantes jornais do Brasil, *O Estado de S. Paulo*, em sua edição *on-line* no dia do jogo, relatou a presença da seleção brasileira em solo haitiano e confirma o que foi men-



cionado acima: “O futebol costumava ser conhecido como aquele esporte de uma bola e 22 homens correndo atrás dela. Desde hoje, a seleção brasileira acrescentou um novo sentido para ele: provou que ações simples como um jogo são capazes de fazer o que quase nenhum governante fez até então pelo miserável Haiti. Simplesmente devolveu a alegria aos corações desesperançosos de milhões de haitianos”.

Verifica-se então que a missão brasileira não tinha características intervencionistas, coercitivas, impositivas, mas sim de natureza conciliatória, estando, portanto, de acordo com os preceitos constitucionais que norteiam as relações internacionais do Estado brasileiro.

## **Os fins políticos almejados pelo estado brasileiro com participação na Minustah**

Vários trabalhos apontam que uma das principais intenções políticas do Estado brasileiro ao participar da missão de paz no Haiti era a de colocar-se no cenário internacional como um pretendente a ocupação de um assento no Conselho Permanente de Segurança da ONU, caso a composição desse conselho seja alterada (nesse sentido, ver Carvalho e Rosa, 2011; Mathias e Pepe; e Peron, 2009).

Peron (2009) e Souza Neto (2010) apontam o interesse do Estado brasileiro em projetar-se na política internacional e consolidar-se na política externa como um país promotor de soluções consensuais de conflitos, apresentando-se na política internacional como um país negociador, “pacífico e cooperativo para com

os seus vizinhos” (SOUZA NETO, 2010). Esse papel, para ele, é exercido pelo Brasil desde os anos 90, quando mediou um conflito entre Equador e Peru. Essa ideia é corroborada por Carvalho e Rosa (2011).

Especialmente em relação à política internacional relacionada à América Latina essa atuação no Haiti serviu para concretizar o preceito previsto no parágrafo único do artigo 4º da constituição federal que impõe que o Estado brasileiro deverá buscar a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações (PERON, 2009).

Contudo, além de concretizar esse preceito constitucional pode-se afirmar também que a atuação brasileira em um país da região pode indicar a pretensão do Estado brasileiro em criar uma área de influência regional, bem como demonstrar a sua capacidade de liderança (SOUZA NETO, 2010).

Novamente verifica-se que os fins políticos almejados pelo Estado brasileiro estão condizentes com o estabelecido no ordenamento jurídico constitucional.

## **Breve relato do documentário**

O documentário inicia mostrando um aglomerado de haitianos, em Porto Príncipe, discutindo, se acotovelando, se empurrando, na tentativa de comprar ingressos para o jogo de futebol entre a seleção brasileira e a do Haiti, marcado para o dia 18 de agosto de 2004. O filme registra as tropas brasileiras, recém-chegadas ao país caribenho – o início da missão deu-se em 01

de junho de 2004 –, tentando organizar o caos que foi instalado. São várias as imagens de haitianos felizes por terem adquirido o ingresso e outros tantos decepcionados por não terem dinheiro para assistir ao grande jogo, alguns inclusive reclamam dos preços dos ingressos, que custavam aproximadamente R\$ 20,00 – vinte reais. Segundo o próprio filme, o valor era equivalente a sete dias do salário médio de um trabalhador haitiano.

O filme intercala a apresentação de imagens relatando a pobreza extrema do povo haitiano, com depoimentos de populares, jornalistas e intelectuais haitianos, bem como de soldados brasileiros. As pessoas do povo que foram ouvidas no início do documentário estão eufóricas com a expectativa da presença dos jogadores brasileiros e as imagens demonstram a paixão dos haitianos pelo futebol brasileiro. Já os jornalista e intelectuais, um pouco mais comedidos, analisam a iminente chegada dos atletas, bem como a atuação das tropas brasileiras a serviço da ONU. Também em vários momentos registra-se as tropas distribuindo brindes aos populares, como camisetas da seleção, bandeiras brasileiras, além, é óbvio, de alimentos.

No dia do jogo, a população literalmente toma as ruas de Porto Príncipe gritando os nomes dos jogadores brasileiros. Com a chegada da delegação, ao meio dia, houve uma euforia coletiva, uma verdadeira catarse, como que a presença da seleção purgasse de imediato todos os problemas daquele povo.

No trajeto do aeroporto Toussaint Louverture até o estádio Sylvio Cator ocorreu uma verdadeira festa popular. O texto de o *Estado de S. Paulo* assim relatou a chegada da seleção brasileira em Porto Príncipe: “Do instante em que os brasileiros saíram do avião e pisaram em solo haitiano, um saudável e emocionante

caos se instalou em Porto Príncipe. Desde a chegada ao aeroporto até o estádio, num trajeto de 1 hora e 15 minutos, passando por uma multidão de haitianos exaltados nas calçadas, não ocorreu nenhum incidente. Dentro de sete urutus - os veículos blindados que desde junho fazem a patrulha das ruas de Porto Príncipe, os jogadores acenavam, sorriam, divertiam-se e ficavam emocionados ao verem o carinho dos torcedores pela seleção. Já haviam sido avisados de que seria assim, mas na prática tudo pareceu diferente. Uma multidão corria eufórica atrás do comboio. Uma longa carreata seguia atrás. Ensandecidos, eles gritavam de tudo: "Ronaldo", "Roberto Carlos", "Brasil", "quero comer", "trabalho". Havia haitianos por toda a parte. Tentavam se equilibrar em postes, torres de energia elétrica, tratores, árvores, telhados, contêineres e outdoors". A partida, que ficou conhecida como o "Jogo da Paz", terminou com o placar de seis gols para selecionado brasileiro, contra nenhum gol convertido pelos haitianos.

No final da partida, o documentário registra uma fala do presidente Luiz Inácio Lula da Silva que afirma ser o futebol brasileiro uma água benta, uma paixão que está acima das coisas e que o futebol é muito mais do que um espetáculo de futebol. Também registra depoimentos dos haitianos presentes no estádio Sylvio Cator. A maioria, feliz com a possibilidade de assistir ao vivo os seus heróis do futebol. No entanto, alguns haitianos estavam revoltados com o resultado do jogo, pois não esperavam um massacre, como de fato foi. Imediatamente após o jogo, a seleção brasileira volta ao aeroporto de Porto Príncipe, seguido novamente de uma multidão em festa, e embarca de volta para o Brasil.

O jornalista esportivo Patrice Dumont, entrevistado no documentário, resume a percepção dos haitianos em relação ao jogo

da paz. O jornalista compara a ida da seleção brasileira ao Haiti como sendo a visita de um garoto rico ao seu amigo pobre, no caso o garoto rico é o Brasil e o pobre o Haiti. Os dois, segundo o jornalista, reconhecem o valor dessa amizade, no entanto, a casa do amigo pobre não é bonita, é até mesmo suja. O amigo pobre, então, oferece ao amigo rico algo para comer e esse recusa. A amizade segundo Dumont continua a mesma, mas os haitianos não entendem porque o Brasil simplesmente chegou, jogou e foi embora. Diz que os brasileiros tentaram minimizar esse aspecto. Em conclusão, reconhece que a presença da seleção brasileira no Haiti faz parte de um pacote, onde há um grande presente: o time brasileiro que jogou no estádio Sylvio Cator. No entanto, há elementos negativos nessa passagem.

Trata-se, portanto, de um belo documentário sobre um simples jogo de futebol, o qual também foi transformado em uma grande arma política, tanto para a tentativa de pacificação do povo haitiano, como para as pretensões da política externa brasileira.

## **Considerações finais**

O documentário deixa clara a expectativa pela presença do time brasileiro no Haiti e pela partida de futebol envolvendo as seleções. Fatos que levaram a população haitiana, apaixonada pelo futebol brasileiro, à euforia, pacificando os conflitos e minimizando o caos momentaneamente. O documentário ainda retrata que os haitianos compreenderam o objetivo do Estado brasileiro de projetar-se internacionalmente com essa ação. Essa percepção e compreensão dos haitianos em torno desse objetivo, agravado

pela goleada sofrida pela seleção haitiana e o fato de a delegação de futebol ter permanecido em Porto Príncipe somente para o jogo, acabaram por decepcionar os fanáticos e felizes anfitriões.

## Referências

BERCOVICI, G. A problemática da constituição dirigente: algumas considerações sobre o caso brasileiro. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília, ano 36, n. 142, abr-jun. 1999.

BARROSO, L. R. **O direito constitucional e a efetividade de suas normas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Renovar, 1996.

\_\_\_\_\_. **Interpretação e aplicação da Constituição**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

BASTOS, C. R.; MARTINS, I. G. **Comentários à Constituição do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2001, v.1.

CANOTILHO, J. J. G. **Direito constitucional e teoria da constituição**. 3 ed. Coimbra: Almedina, 1999.

CAPPELLETTI, M. **O controle judicial de constitucionalidade das leis no direito comparado**. 2ª ed. Porto Alegre: SAFE, 1992.

CARVALHO, A. S. D. de e ROSA, R. de M. O Brasil e a não-indiferença à crise haitiana: solidariedade ou retórica do discurso? *Univ. Rel. Int.*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 487-509, jan./jun. 2011. Disponível em: [http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/64230\\_7277.PDF](http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/64230_7277.PDF). Acesso em: 8 de novembro de 2011.

CRETELLA JUNIOR, J. **Comentários à Constituição Brasileira de 1988**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997. v.1.

DALLARI, P. **Constituição e relações exteriores**. São Paulo: Saraiva, 1994.

HAITIANOS fazem festa para a seleção. Disponível em

<http://www.estadao.com.br/arquivoweb/esportes/haitianos-fazem-festa-para-a-seleção,2004-08-18,48543,0.htm>. Acesso em: 25 de novembro de 2011.

MATHIAS, S. K; PEPE, L. L. Segurança e Democracia: a atuação do Brasil no Haiti. Disponível em: <http://www.resdal.org/producciones-miembros/art-mathias-lasamar06.pdf>. Acesso em: 8 de novembro de 2011.

**O dia em que o Brasil esteve aqui**. Direção de Caíto Ortiz e João Dornelas. Brasil, 2006.

PERON, V. Centralidade da cultura e sua atual conveniência. O lugar da cultura no discurso sobre a ação do comando brasileiro no Haiti. **VENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19517.pdf>. Acesso em: 8 de novembro de 2011.

PIOVESAN, F. **Direitos humanos e o direito constitucional internacional**. 2ª ed. São Paulo: Max Limonad, 1997.

ROCHA, C. L. A. **Princípios constitucionais da administração pública**. Belo Horizonte: Del Rey, 1994.

SOUZA NETO, D. M. de. Operações de Paz e Cooperação Regional: O Brasil e o Envolvimento Sul-americano na MINUSTAH. **Revista da Escola de Guerra Naval**. Rio de Janeiro, n. 15, 2010. pp. 25-58. Disponível em: <http://www.egn.mar.mil.br>. Acesso em: 7 de novembro de 2011.



## 13.

# Aventuras Públicas, Desventuras Privadas: Cinema, Política e Futebol Em 'O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias'<sup>1</sup>

JEFFERSON O. GOULART<sup>2</sup>

### **Campo analítico e dilema ético**

A percepção de que o futebol não teria espaço na pesquisa acadêmica quase se tornou clichê, cada vez menos sustentável

- 
1. Versão ligeiramente modificada de trabalho originalmente apresentado no V World Congress on Communication and Arts, evento realizado de 15 a 18 de abril de 2012 na Universidade do Minho, na cidade de Guimarães (Portugal).
  2. Professor do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (FAAC/UNESP) e pesquisador do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC), Brasil.

em razão do crescente interesse pelo tema em diversas áreas do conhecimento (sociologia, comunicação, antropologia etc.). Pela importância histórica e alcance social do futebol no Brasil, porém, essa descoberta ainda é relativamente recente e desproporcional, mas não seria exagero afirmar que vem se solidificando um autêntico campo analítico sobre o tema. No "país do futebol", este foi uma descoberta tardia da academia!

Futebol e cinema, de outra parte, é uma conjugação relativamente mais escassa nas tentativas de interpretação da identidade brasileira. Em que pese se argumentar que a produção cinematográfica direta ou indiretamente alusiva ao futebol não seja pequena ou irrelevante, os números revelam cenário diferente: "segundo o levantamento que realizamos em mais de 4.500 longas brasileiros, entre 204 que de alguma forma representam o esporte, 117 trazem algo relacionado ao futebol" (MELO, 2006, p.367). Em termos percentuais, menos de 3%! A desproporção pode até ser explicada pela errática trajetória do cinema brasileiro, mas não deixa de ser pouco para um país tão identificado com o esporte bretão.

Consoante esse relativo distanciamento das telas, o esforço cultural e acadêmico de interpretação do país se deteve em dimensões, digamos, mais "convencionais". Da generosa visão da miscigenação como mecanismo de integração racial e social de Gilberto Freyre, passando pelo homem cordial concebido precisamente para obscurecer conflitos sociais de Sergio Buarque de Holanda, até chegar ao patrimonialismo que sangra o Estado e o interesse público para fins privados na visão de Raymundo Faoro, produziu-se uma extensa filmografia que tentou compreender a alma brasileira e suas instituições. Assim ocorreu com obras que tratam de grupos

sociais como indígenas e negros em diferentes períodos históricos, incluindo filmes como "O descobrimento do Brasil" (Humberto Mauro, 1937) e "Como era gostoso meu francês" (Nelson Pereira dos Santos, 1970) (TRINDADE, 2010, pp.47-74).

Embora mais contemporâneo, não deixa de ser notável que o futebol apareça com modesta participação – seja como metáfora, seja como autêntico objeto de investigação.

Mesmo prescindindo de um inventário rigoroso, arriscaria dizer que o futebol ora aparece nas telas como alegoria dos conflitos sociais que opõem ricos e pobres e que eventualmente os integra, ora como universo de projeção e ascensão de talentos individuais invariavelmente recrutados nas camadas mais baixas, ou ainda como metáfora da "alienação". De maneira geral, prescindiu-se de uma tentativa valorativa dessa expressão cultural, em prejuízo da compreensão sintetizadora do *ethos* nacional. Mas vale a advertência: "o futebol brasileiro é o saldo ambivalente desse déficit, seu veneno e seu remédio prodigioso. Seria mais um mecanismo de fuga entre outros se não fosse, ao mesmo tempo, o campo em que a experiência brasileira encontrou uma das vias privilegiadas para atravessar o seu avesso e tocar as fraturas traumáticas que nos constituem e permanecem em nós como um atoleiro" (WISNIK, 2008, p.137). Seria, por exemplo, o paradoxo da escravidão, simultaneamente "redenção" e "falha"!

Uma hipótese para se entender essa depreciação do futebol no imaginário brasileiro seria a percepção das elites nacionais em relação à mobilização social e ao conflito. Ou seja, a ocultação do protagonismo dos segmentos populares e do confronto cumpriria o papel de casca protetora para obscurecer duas dimensões indesejáveis.

De um lado, fortaleceria a ideia de uma sociedade civil inerte, passiva, incapaz de se auto-organizar, enfim amorfa (KOWARI-CK, 1993). De outro, serviria ao propósito de encobrir a hierarquia social, pois “o rito autoritário indica sempre uma situação conflitiva, e a sociedade brasileira parece ser avessa ao conflito: O ‘Você sabe com quem está falando?’ denuncia em níveis quotidianos essa ojeriza à discórdia e à crise, traço que vejo como básico num sistema social extremamente preocupado com ‘cada qual no seu lugar’, isto é, com a hierarquia e com a autoridade” (DAMATTA, 1978, pp.148-9). Em certa medida, o futebol representaria uma forma de inelutável protagonismo dos estratos de baixo que (ainda) incomoda os de cima.

Em outro plano, a política foi levada às telas com mais frequência, especialmente o período de nossa história política marcada pela ditadura militar (1964-1985). Essa produção é abundante tanto na tradição ficcional quanto na escola documental, com ênfase para a demonstração e a denúncia de agressões aos direitos humanos (suspensão de garantias individuais, torturas etc.) e ao contexto histórico.

“O ano em que meus pais saíram de férias” (Cao Hamburger, 2006) apresenta uma narrativa multitemática e de largo impacto social: política e futebol se entrelaçam e se desenvolvem sob um dilema ético agudo. O embaraço de natureza moral é enunciado no próprio título: ao contrário do que dizem ao filho, os pais do personagem *Mauro* não saíram a passeio: clandestinos, *Daniel* e *Bia* se envolvem diretamente com a resistência armada ao regime militar e nessas condições não podem manter a custódia do filho, a bem de sua própria segurança. O artifício poderia passar incólume, não fosse o paradoxo de que opõe verdade à mentira, altivez moral à imoralidade, bem ao mal.

À medida que pais educam os filhos em torno da valoração moral da verdade, o recurso à mentira – ainda que justificada sob a moldura de um pecado venial – incorre em uma contradição que transcende a significação religiosa. Ou seja, a ética familiar se subordina a circunstâncias mundanas em que a preservação da vida de seus membros se sobrepõe a outros parâmetros morais.

*Mauro* não dimensiona os riscos aos quais ele e os pais estão submetidos, mas passa a viver sua experiência existencial maculada pela mentira. Depois saberia por outro clandestino que “outros pais também tiveram que sair de férias”. Mais ainda: passaria pelo estranhamento cultural de partilhar um cotidiano que lhe é alheio: ritos domésticos, sociabilidade, gastronomia, hábitos religiosos, amizades, ocupação do tempo livre.

Apesar das agruras desse rito de passagem, não só os vínculos com a divindade não se rompem como, em princípio, vidas estão salvas. Sob uma mentira, registre-se.

## Cinema e política

Como toda expressão cultural, o cinema também recria e reinventa o real. Essa modelagem não é apenas estética no sentido estrito da adaptação do objeto à correspondente linguagem artística, também é substantiva à medida que exprime valores e concepções que de alguma forma sintetizam o olhar de quem o produz (MENEZES, 2003). Em síntese, não há neutralidade na relação entre criador e criatura, pois a própria escolha de um tema e a forma de abordá-lo designam algum juízo moral e uma determinada conotação ideológica, sem falar da dimensão estética.

Essa observação preliminar é valiosa para a compreensão da predominância de um estilo *realista* no cinema que retrata o período da ditadura militar no Brasil, em especial os filmes que focalizam os *anos de chumbo* e que sintetizam o paradoxo daquele período: de um lado, a repressão dura (*pau-de-arara*) e, de outro; a ascensão social proporcionada pelo “milagre econômico” (*carro zero*).

A análise seguinte reporta-se especificamente a duas dessas obras, “Pra frente Brasil” (Roberto Farias, 1984) e “Batismo de Sangue” (Hélcio Ratton, 2007), mas poderia ser generalizada como expressão sintética do referido gênero: “esses filmes ilustram uma escolha estética que se utiliza de um formato fílmico não reflexivo... insistem em trabalhar com enquadramento clássico, de fácil decodificação, enfatizando sempre a tortura, sobretudo em cenas que utilizam o *pau de arara*. Esses filmes, realizados em contextos históricos diferenciados, permitem-nos analisar a construção estética inspirada das mutações e subjetividades da realidade, a partir da idéia do realismo e da representação” (GUTFREIND; STIGGER; BRENDLER, 2008).

Mostrar o real de certa forma se confunde com um juízo moral de reprovação do que se apresenta como relato histórico. O extenso catálogo de filmes políticos sobre a ditadura guarda como traço comum essa aspiração à denúncia e a um acerto de contas. Não por acaso, abundam registros de violência, excesso de autoridades governamentais, permanência de desigualdades sociais, supressão de liberdades, violação de direitos civis etc.

Essa perspectiva não é estranha à própria identidade cinematográfica, isto é, “da mesma maneira que a fotografia, o cinema foi tradicionalmente visto como a imagem do real, a transposição mecânica da realidade para o espectador que veria tudo em uma

relação de transparência" (LOSNAK, 2011, p.173). Sob tal ótica, o cinema também recontaria a história subscrevendo inarredável compromisso com a realidade. No caso, para recontar historicamente um período impregnado por crueldades que não só deveriam ser denunciadas como futuramente evitadas. Democracia e liberdade seriam seus referenciais e ideias-valores.

Nessas condições, o foco e a atenção do cinema se voltam para as dimensões socioeconômica e político-ideológica da ditadura, ou seja, valorizam os impactos e as consequências do regime no âmbito público. Enfim, uma forma de representação da sociedade que, embora não seja estritamente histórica no sentido de se reportar a fatos reais, utiliza a ficção para apresentar um registro e determinado ponto de vista. Fixa-se, assim, uma impressão do real. Interpretação esta que recorre a códigos éticos e estéticos para legitimar valores e compartilhá-los com o público assistente.

Assim, base empírica crível, história e valores humanistas conformam o compromisso com a abordagem do real. A constatação sobre o perfil realista não significa que outros "filmes políticos" não tenham tratado do universo privado. Só para ficar nos já mencionados "Pra frente Brasil" e "Batismo de Sangue", em ambos essa dimensão é abordada inclusive com desfechos trágicos, caso do suicídio de frei Tito diante do trauma da tortura. Mas o foco realista dessas obras é, sobretudo, a dimensão pública da ditadura.

Se a tradição é efetivamente esta no "cinema político", "O ano em que meus pais saíram de férias" apresenta certa originalidade. Não só não há cenas explícitas de violência (repressão, tortura etc.), como esses temas são apresentados com certa sutileza: sabem-se fundamentais, mas roteiro e diretor têm os olhos orientados para as suas consequências no plano privado. Nem por isso

deixa de ser um filme *realista*, mas opera com a pretensão de explorar dilemas de ordem pessoal como as relações entre crianças, pais e filho, a adolescência, a sociabilidade gerada pelo futebol. Neste caso, o *realismo* se desloca para outros planos.

Quanto ao cinema brasileiro de modo geral, o crítico José Geraldo Couto adverte: “chama atenção no cinema argentino, em comparação com o grosso da produção brasileira, o modo indireto, oblíquo, com que os ‘grandes assuntos’ (políticos, sociais, morais) são abordados. O interesse desses filmes parece estar sempre voltado para os personagens e sua relação com o espaço físico e humano que os cerca... O contexto social e político entra pelas bordas, não arromba a porta da frente” (COUTO, 2011). No caso particular de “O ano em que meus pais saíram de férias”, temos uma exceção que confirma a regra: o contexto sociopolítico, com efeito, é introduzido de maneira mais sutil.

E o crítico sintetiza: de maneira geral os filmes brasileiros, “com as exceções que confirmam a regra (e sem falar dos documentários, que são um caso à parte), parecem sucumbir sob o peso da intenção de ‘dizer coisas’ sobre a ‘realidade’. Ou então se rendem acriticamente aos modelos de entretenimento emprestados da televisão... São declaratórios, enfáticos, ou quase desprovidos de inteligência, tratam o espectador com paternalismo” (COUTO, 2011). O filme de Cao Hamburger poderia ser situado a meia distância dessa tipologia que opõe *sutileza oblíqua* a *paternalismo*.

Ainda nessa escorregadia trilha comparativa, a brilhante “trilogia” do argentino Daniel Burman envolve tema similar: relações entre pais e filhos e seus conflitos. A sequência (“El abrazo partido”, “Derecho de Familia” e “El nido vacío”) tem um fio condutor que nada tem a ver com banalidades, abuso de recursos técni-



cos ou repetições que desprezam a perspicácia da plateia. Outro exemplo digno de registro, até porque aborda o auge da ditadura na Argentina e trata público e privado com mais equilíbrio (em oposição à tradição "declaratória e paternalista") é "A História Oficial" (Luis Puenzo, 1985).

Voltando ao cinema brasileiro, uma das hipóteses para entender o problema reside na ausência de uma "escola" de roteiristas, uma vez que a linguagem cinematográfica tem narrativa e estilo próprios que diferem da abordagem televisiva. Notável que, em um país de tão farta produção literária, faltem bons roteiros. No caso de "O ano em que meus pais saíram de férias", se o produto final deixa a desejar, isto não ocorre por falta de um bom argumento e do roteiro criativo e original assinado por Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger.

### **Público, privado e futebol: *dominadora infiltração da privacidade pela política***

"O ano em que meus pais saíram de férias" é o segundo longa-metragem do diretor Cao Hamburger, depois de uma bem sucedida carreira dedicada ao universo infantil na TV e depois do longa "Castelo Rá-Tim-Bum, o Filme", justamente derivado de série televisiva. Afora essa peculiaridade biográfica e descontadas as vicissitudes da obra no bojo dos limites do cinema brasileiro, há uma originalidade digna de registro e análise: a ambiguidade de grande tensão que se produz entre público e privado, dimensões que não só se tocam como a primeira invade a segunda e a transforma profundamente.

Tomemos como ponto de partida conceitual as diferenças que separam o público do privado. Nesse sentido, “é consenso considerar *privado*, em sentido amplo, o âmbito da chamada sociedade civil: as atitudes, atividades, relações, instituições e formas de organização não voltadas para o sistema político, ou, mais especificamente, não orientadas para influenciar, conquistar ou exercer o governo. Assim, fazem parte do universo privado: a família, o círculo de amigos, as relações amorosas, a experiência religiosa ou mística, o trabalho, o estudo, o lazer, o entretenimento e a fruição da cultura” (ALMEIDA e WEIS, 1998, p.327).

Em contrapartida, o mundo público diz respeito às instituições nas quais se define e se preserva o bem comum, universo político por excelência que respeita à participação civil. *Polis* para os atenienses ou *civitas* para os romanos, esta seria a esfera privilegiada da vida em comum, ou seja, para os modernos é o mundo das associações voluntárias e das formas propriamente políticas, como os partidos e, sobretudo, o Estado. Logo, como construção não-natural, é preciso respeitar a vontade geral. No limite, falamos da política e dos governos, enfim do poder.

“O ano em que meus pais saíram de férias” não é indiferente à vida pública, pelo contrário, toda a narrativa está subordinada ao envolvimento de seus personagens com a política e a atmosfera da ditadura militar e suas consequências. *Mauro* só é entregue aos cuidados do avô, *Mótel*, porque os pais submergem na clandestinidade. Depois são fartas as menções e imbricações com a esfera pública: o receio da comunidade judaica de que os pais do garoto fossem “subversivos” quando se discute sua guarda diante do falecimento do avô; a hospedagem a *Ítalo*, também militante clandestino; a prisão de *Shlomo*, guardião de *Mauro*; o registro de

uma pichação com a célebre inscrição “abaixo a ditadura”; o ambiente de medo e desconfiança que cerca as pessoas; e o desfecho com o exílio involuntário.

A narrativa é relativamente simples: *Mauro* é deixado na casa do avô para os pais “saírem de férias”, mas antes mesmo de encontrá-lo é informado pelo vizinho, *Shlomo*, que *Mótel* morrerá no intervalo do telefonema em que seu pai comunicava a necessidade de deixar o neto aos seus cuidados. O barbeiro tem um ataque cardíaco fulminante logo após ser informado sobre a custódia inesperada. Pode não ser rejeição, mas esse episódio, no mínimo, sugere estranhamento do avô com o neto.

Assim, *Mauro* se vê completamente desamparado, ainda mais porque não foi educado na tradição judaica. O problema logo se agrava quando *Shlomo* percebe que o garoto sequer tinha sido circuncidado, enfim seria um *goy* (não-judeu). A descoberta poderia gerar descompromisso em relação à guarda, mas a comunidade reunida sob a liderança moral e religiosa do rabino opta por mantê-lo entre os seus.

Nesse cenário desesperador, *Mauro* precisa amadurecer precocemente. Quando chega a São Paulo e se depara com a escala monumental e os arranha-céus da metrópole, ainda dentro do fusca azul dirigido pelo pai, expressa um misto de fascinação-deslumbramento com o mais espontâneo medo de quem não domina o território.

Como foi educado em uma tradição secular apesar da ascendência, *Mauro* não conhece a língua *yiddish* da comunidade e não encontra sociabilidade na religião, que praticamente ignora. Sem a escola, precisa encontrar outras instituições para se sociabilizar. Aí repousa o grande elo social do filme: o futebol. A propósito, a

cena de abertura do filme é sintomática: em plano fechado, *Mauro* joga futebol de botão e lembra o ensinamento do pai segundo o qual, no futebol, “todos podem falhar, menos o goleiro”. Ao fim, a câmera focaliza o goleiro solitário. Advertência com ares proféticos, como se veria no final.

A lembrança se repetiria na cena final, quando descreve que “assim foi o ano de 1970, em que o Brasil ganhou a Copa”, reprisa a frase sobre a responsabilidade do goleiro, explica que virou “uma coisa chamado exilado” e que tem um “pai tão atrasado que nunca volta para casa”. Enfim, se identifica com a solidão e o abandono do goleiro.

Percepção assim corroborada: “o goleiro é sabidamente um ser de exceção, e, nos momentos cruciais, um solitário. Como os indivíduos sagrados e malditos, ele pode o que os outros não podem (tocar a bola com as mãos) e não pode o que os outros podem (atravessar todo o campo e consumir o desejo maior do jogo, o gol)” (WISNIK, 2008, p.137).<sup>3</sup> *Mauro* encontra uma forma delicada para depois reverenciar a memória paterna: “será que meu pai imaginaria que eu seria goleiro?”.

O futebol é absolutamente marcante na vida de *Mauro*, tanto que quando espera o avô sem saber de seu falecimento ocupa o tempo batendo bola no corredor do prédio, revisando o álbum de figurinhas dos jogadores da seleção ou jogando botão. Quando se rende ao contato com *Hannah*, a garota do mesmo prédio e de idade semelhante que lhe assiste e viria a se transformar em amiga e cúmplice, pede a ela que compre a revista *Placar* e mais fi-

---

3. No mundo real, a mais notável das exceções é o goleiro-artilheiro Rogério Ceni, do São Paulo Futebol Clube.

gurihas. Logo uma afinidade: todos sabem que a de Everaldo é a mais rara! Depois joga peladas com *Hannah* e com outros garotos do bairro do Bom Retiro, assiste aos jogos da Copa na companhia da cara-metade e com ela compartilha o mundo futebolístico, tal qual fazia com o pai.

Curiosa a forma com que a ausência das figuras paterna e materna é suprida por *Hannah*. Que a personagem feminina substitua a mãe não surpreende em uma sociedade ainda com rígidos cortes de comportamento de gênero. Quanto ao papel do pai, a “substituição” se dá justamente através de uma nova interlocutora para um tema que consome quase a totalidade da vida de *Mauro*: o futebol.

As cenas que retratam o jogo final da Copa sugerem que barreiras sociais, religiosas e raciais podem ser transpostas no futebol, ao menos circunstancialmente e sem traumas. Pobres e ricos compartilham o mesmo assunto e dividem a mesma mesa de um bar. Apaixonados mas ainda tolhidos por barreiras morais, homem negro e mulher branca se beijam publicamente para comemorar um gol da seleção. Judeus e não-judeus se reúnem à frente da televisão para celebrar a seleção canarinho. Enfim, catarse coletiva!

*Mauro* intui e cultiva a generosidade dessa interação social através do futebol, tanto que só constrói o seu pertencimento através desse elo em uma comunidade que antes lhe parecia distante e hostil. Descobre que a sociabilidade implica reciprocidade. Se não cura as feridas do distanciamento dos pais, ao menos as atenua. O carecimento privado não desaparece, e exatamente no momento do jogo final o garoto busca privacidade e torce alucinadamente para que o pai cumpra a promessa de regressar. Repete freneticamente como se pudesse fazer do desejo realidade: “fusca azul, fusca azul, fusca azul...”.

No fim, o prêmio pela profunda identidade e cumplicidade com Hannah é emblemático: quando vai embora com a mãe, presenteia a cúmplice com a bola de capotão que ganhara do pai. Nada poderia ser mais simbólico e valorativo para selar a amizade e o afeto que os uniram – notável declaração de amor!

Fato é que a vida pública – que não é o foco central da narrativa – determina os arranjos e os desenlaces da vida privada. Mauro constrói novas relações sociais, cultiva novas intimidades e desenvolve um novo cotidiano em que o futebol não só está permanentemente presente como redefine essa inserção. O público invade e dilacera o privado, e este se remodela. Também marcante, por isso mesmo, é a cena em que, a caráter de camisa amarela da seleção e ainda torcendo para que apareça o fusca azul, volta para o prédio, reencontra Shlomo e o abraça contando que a seleção vencia a Itália. Nem a frieza do velho judeu resistiria à emoção do futebol.

“O ano em que meus pais saíram de férias” revela uma brutal inversão de hierarquias em que os infortúnios privados têm explicações nas aventuras públicas. Vale dizer: “o mundo particular virava de ponta-cabeça quando se fazia da oposição à ditadura uma profissão de tempo integral nos partidos e movimentos políticos proibidos. *Cedo ou tarde, a participação se tornava sinônimo de existência clandestina, dominadora infiltração da privacidade pela política*: nessas circunstâncias, tudo ficava subordinado aos imperativos da luta contra o regime” (ALMEIDA e WEIS, 1998, p.376).

## Futebol e democracia

Precursor na introdução do futebol como tema da agenda acadêmica, Roberto DaMatta fez a provocativa observação de que esse fenômeno social seria a maior expressão de democracia da sociedade brasileira. A hipótese tem muitos e bons argumentos. Em uma sociedade profundamente hierarquizada como a nossa, de pesada herança escravocrata, as instituições políticas e sociais mais tradicionais não teriam sido capazes de promover igualdade e inclusão. Nesse cenário excludente, o povo, espontaneamente, teria criado em outras manifestações e instituições formas alternativas de conagração e sociabilidade nas quais as distinções sociais, de gênero ou raça seriam superadas. Grandes exemplos seriam o carnaval e o futebol, nos quais a brasilidade seria menos injusta e mais igualitária. Fenômeno similar teria ocorrido com o tango na Argentina (CARVALHO, 2001).

No caso do futebol, a explicação parece se encaixar como uma luva. Aristocrático em sua origem britânica mais remota e também em sua entronização no país, o futebol teria se rendido à identidade nacional e a suas mazelas para reescrevê-las. Os exemplos mais fortes seriam o fato de ter se transformado em fenômeno de massas e em porta de acesso de negros e mulatos. Precisamente porque se popularizou, o futebol recrutou nas camadas populares seus ídolos e símbolos mais importantes. Seria a prova definitiva de nossa democracia racial e de nossas virtudes de povo miscigenado, enfim integrado social e racialmente.

Na análise de José Miguel Wisnik, porém, o futebol brasileiro seria *veneno remédio*. Remédio no sentido de que efetivamente amplia as portas de acesso dos de baixo e os integra aos grupos

sociais de cima. Mas esse processo foi e é tenso, muitas vezes traumático precisamente porque os conflitos simplesmente não desaparecem. Daí o paradoxo: simultaneamente veneno e remédio porque no mesmo tempo que comportou ascensão social e produziu algum grau de alteridade, também manteve inalteradas algumas tantas hierarquias. A permanência do racismo e da intolerância e as brutais diferenças de acesso à riqueza material e imaterial confirmam a persistência dessas agudas desigualdades.

Democracia política foi conquistada e até rotinizada, mas integração racial e igualdade social ainda estão distantes em um país que mantém separações abismais entre a casa grande e a senzala. Inclusive no próprio universo futebolístico, cujas clivagens e hierarquias são abundantes: regionais, sociais, étnico-raciais etc.

No mundo da ficção, diante do desamparo e da solidão, *Mau-ro* se vê diante da contingência de reconstruir laços afetivos e sociais, sob pena de sucumbir com sequelas imprevisíveis. Essa reconstrução é operada precisamente através do futebol, tanto porque o personagem domina seus códigos e significações, quanto porque esse caminho lhe proporciona prazer para atenuar a dor da separação forçada dos pais. Isto não significa que, intrinsecamente, o futebol produz harmonia social, mas permite observar que seu caráter lúdico comporta e facilita aproximações.

O universo do futebol não é capaz de apagar outros contrastes – socioeconômicos, culturais, raciais, religiosos, ideológicos –, mas em um ambiente de aguda fragilidade pessoal a sociabilidade estraçalhada pela dimensão pública encontrará refúgio em relações privadas de novo tipo. Assim se supera o isolamento, ainda que a ferocidade do autoritarismo provoque a perda definitiva do pai (sempre atrasado!) e o exílio involuntário.



Continuações cinematográficas são invariavelmente inferiores e não raro maculam a obra original, mas não deixa de ser interessante imaginar a sequência existencial de *Mauro*, mais precisamente em duas dimensões. Como lidaria com a democracia, no sentido de que o mundo privado já não mais seria invadido pelas intempéries da vida pública. E como o futebol influenciaria sua vida: goleiro ou não, é lícito supor que a experiência judaico-paulistana lhe imprimiu as marcas da melancolia e da solidão. Prova definitiva da invasão da esfera pública sobre o mundo privado, ainda que não desejada.

## Referências

ALMEIDA, M. H. T. & WEIS, L. "Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar". In: SCHWARCZ L.M. (org.) & NOVAIS, F. (coord. geral). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 4.

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

COUTO, J. G. A inveja do cinema argentino. Blogs da Folha, postado em 03/03/2010. José Geraldo Couto – **Cinema e Cultura**. Disponível em: [http://blogdozegeraldocouto.folha.blog.uol.com.br/arch2010-02-28\\_2010-03-06.html](http://blogdozegeraldocouto.folha.blog.uol.com.br/arch2010-02-28_2010-03-06.html). Acesso em 5 out. 2011.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FOER, F. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GOULART, J. O. Infortúnios da Fortuna – *hooligans*, reputação e ética. In: MARQUES, J.M. e TURTELLI, S.R. **Futebol, cinema e Cia: ensaios**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

GUTFREIND, C. F.; STIGGER, H.; BRENDLER, G. A estética realista dos filmes sobre a ditadura militar no Brasil. **Em Questão**, V.14, n.2, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/6491/4873>. Acesso em 21 nov. 2011.

HELAL, G. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. São Paulo: **Comunicação, Mídia e Consumo**, ano 8, vol.8 n.21 p. 11-37, mar. 2011.

KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

LOSNAK, C. J. *Pra frente Brasil: otimismo e violência durante a Copa de 1970*. In: MARQUES, J.M. e TURTELLI, S.R. **Futebol, cinema e Cia: ensaios**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

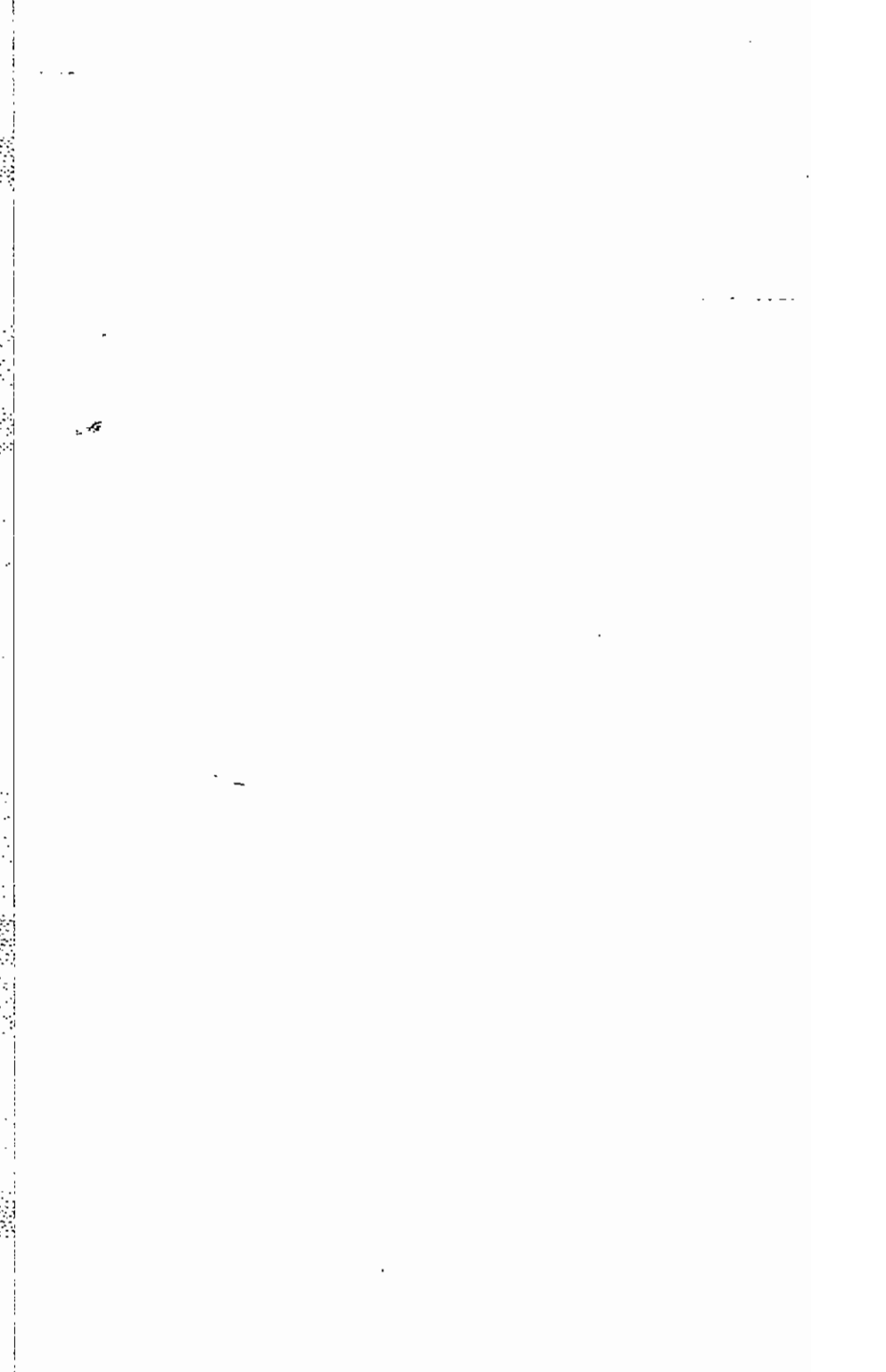
MARQUES, J. M. e TURTELLI, S. R. **Futebol, cinema e Cia: ensaios**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MELO, V. A. Futebol e cinema: relações. Em **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 6(3), pp. 362-370, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpcd/v6n3/v6n3a13.pdf>. Acesso em 21 nov. 2011.

MENEZES, P. Representificação: as relações (im)possíveis entre cinema documental e conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online]. V. 18, nº 51, pp. 87-98, 2003.

TRINDADE, A. D. O “descobrimento” do pensamento cinematográfico brasileiro: diálogos possíveis quanto à identidade nacional. **Lua Nova**, Nº 81, 2010, pp. 47-74.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



## 14.

# Entre a Ficção e a Não-Ficção: Erros e Acertos da Produção Fílmica Brasileira Sobre o Futebol nos Últimos 50 Anos<sup>1</sup>

JOSÉ CARLOS MARQUES<sup>2</sup>

Ao contrário do senso comum, que imagina o futebol como elemento ausente da produção fílmica brasileira, este trabalho procura analisar o significativo número de filmes ficcionais e documentários que dialogam com esse esporte a partir da década

- 
1. Texto originalmente apresentado na mesa temática "O futebol nas telas de cinema no Brasil" por ocasião do V World Congress on Communication and Arts, realizado na Universidade do Minho, na cidade de Guimarães (Portugal), de 15 a 18 de abril de 2012.
  2. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Bauru (SP).

de 1960 no Brasil. Uma das tendências dessa produção é a realização de obras ficcionais, cujo enredo insiste em reproduzir para as câmeras – quase que invariavelmente de forma pouco exitosa – os movimentos reais de lances futebolísticos. Outra tendência, a nosso ver mais feliz, é a produção de obras documentais que, a despeito da supervalorização da genialidade do futebolista brasileiro, não se preocupam em reproduzir ficcionalmente as imagens do jogo, uma vez que aproveita imagens reais, de partidas efetivamente disputadas em caráter oficial. Ambas as perspectivas, porém, contribuem a seu modo para uma melhor compreensão das imbricações socioculturais que o fenômeno futebolístico opera no Brasil desde o início do Século XX, período que coincide com o fortalecimento do cinema como experiência estética.

Dito isto, caberia indagar se, de fato, a presença do futebol na produção cinematográfica brasileira dá-se por meio de uma ausência ou de uma presença programática. Qualquer que seja a resposta, parece-nos consensual a idéia de que são poucos os longas-metragens sobre futebol que tenham alcançado sucesso de crítica e público; de outro lado, são poucos também os roteiros em que o futebol é o principal e único enredo da narrativa.

Na obra *Fome de bola: cinema e futebol no Brasil*, de Luiz Zanin Oricchio (2006), pode-se perceber que a produção fílmica brasileira que dialoga com o futebol é assustadoramente extensa e grandiosa. Temos ali um inventário de centenas de títulos produzidos no país desde 1907 até 2006, incluindo-se obras de curta, média e longa-metragem, produzidas em 35 mm ou em formato digital. Já no artigo “Futebol e cinema: relações”, Victor Andrade de Melo (2006) nos apresenta uma breve historiografia do futebol no cinema nacional. Sem a pretensão de Oricchio, que quis

apresentar uma filmografia que fosse "a mais completa possível", Melo prefere observar criticamente algumas tendências e características do cinema brasileiro em seu diálogo com o futebol.

Neste artigo, nosso objetivo não será o de catalogar a produção fílmica brasileira e suas relações com o futebol ao longo dos tempos. Nosso interesse aqui será o de verificar quais as características recorrentes que definem essa produção a partir da década de 1960 e até a primeira década do século XX. A escolha desse recorte temporal coincide com o período em que o Brasil começa a definir sua supremacia no futebol internacional, conquistando os Mundiais de Futebol de 1958 (na Suécia), 1962 (no Chile) e 1970 (no México), num primeiro momento, e os Mundiais de 1994 (nos estados Unidos) e 2002 (no Japão e na Coréia do Sul). Primeira equipe a conquistar por três vezes a Copa do Mundo de futebol, em 1970, a Seleção Brasileira teve o direito de ficar com a posse definitiva da Taça Jules Rimet, troféu que emprestou o nome do próprio fundador da entidade que regulamenta o futebol em todo o mundo, a FIFA (Fédération Internationale de Football Association).

Além de coroar a participação brasileira nos Mundiais de Futebol, esse período (iniciado em 1958 e sacramentado na década de 1960) é caracterizado também por uma seqüência vigorosa de transformações sociais e políticas vivenciadas pelo país, representadas pelo surto desenvolvimentista implantado pelo governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961) e, mais tarde, pelo cerceamento de diversos direitos constitucionais durante o Regime Militar (1964-1985). Já no início da década de 1990, o cinema brasileiro entra em forte crise com o fim da Embrafilme (empresa estatal que financiava a maior parte das produções nacionais) no

governo do presidente Fernando Collor de Melo (1990-1992). A recuperação dessa produção, denominada como o “Cinema da Retomada”, ficou ilustrada simbolicamente pelo filme *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil* (1995), de Carla Camurati, que serviu de marco para a recuperação da produção audiovisual no país, com a criação de novas leis de incentivo e de fomento à cultura.

Nesse período de meio século (1960 a 2010), procuramos verificar quais os enunciados relativamente estáveis de enunciado (segundo definição do lingüista russo Mikhail Bakhtin) que poderiam definir algumas categorias ou paradigmas de análise. A partir dessa definição metodológica, observam-se duas grandes tendências que acabaram se solidificando na produção fílmica nacional em seu diálogo com o futebol: 1) a presença de várias obras ficcionais que tentam reproduzir cenas de jogo diante das câmeras; 2) e a presença de obras documentais, que, obviamente, aproveitam cenas reais de jogos de futebol para incorporá-las à narrativa. Esse pêndulo entre o aspecto mimético da representação do jogo para as câmeras (que se dá a partir de diversos ensaios e exaustiva preparação de atores) e a utilização de cenas reais acaba provocando uma percepção distinta para o espectador médio de cinema e o espectador médio do futebol. Este último mostra-se quase que invariavelmente incomodado com o artificialismo das cenas gravadas a partir de movimentos e posicionamentos previamente marcados.

Para definir melhor o recorte de nosso objeto de análise, descartamos os filmes de curta e média-metragem, assim como as obras que não foram exibidas em circuito comercial. No caso das obras documentais, deixamos de lado igualmente aquelas produzidas para retratar conquistas específicas de clubes e jogadores – obras estas quase sempre feitas sob encomenda ou com



financiamento dos próprios envolvidos. Procuramos priorizar, igualmente, filmes que tenham sido divulgados e discutidos pela imprensa especializada, seja ela relacionada às editorias de Cultura ou de Esporte. A lista particular a que chegamos, dividida entre filmes de ficção e documentários, é a seguinte:

## FICÇÃO

- 1965: *A falecida*, de Leon Hirszman.
- 1966: *O Corintiano*, de Milton Amaral.
- 1981: *Asa Branca, um sonho brasileiro*, de Djalma Limongi Batista.
- 1982: *Pra frente, Brasil*, de Roberto Farias.
- 1984: *Onda Nova – Gaivotas FC*, de José Antônio Garcia.
- 1986: *Os trapalhões e o rei do futebol*, de Carlos Manga.
- 1998: *Boleiros – era uma vez o futebol...*, de Ugo Giorgetti.
- 2003: *A Taça do Mundo é nossa*, de Lula Buarque de Holanda.
- 2003: *Garrincha, a estrela solitária*, de Milton Alencar Jr.
- 2005: *O casamento de Romeu e Julieta*, de Bruno Barreto.
- 2006: *Boleiros 2 – vencedores e vencidos*, de Ugo Giorgetti.
- 2006: *O ano em que meus pais saíram de férias*, de Cao Hamburger.
- 2006: *Linha de passe*, de Walter Salles e Daniela Thomas.
- 2007: *Show de bola*, de Alexander Pickl.
- 2012: *Heleno*, de José Henrique Fonseca.

## DOCUMENTÁRIOS

- 1962: *Garrincha, alegria do povo*, de Joaquim Pedro de Andrade.
- 1964: *Os subterrâneos do futebol*, de Maurice Capovilla.
- 1974: *Isto é Pelé*, de Carlos Niemeyer.
- 1995: *Todos os corações do mundo*, de Murilo Salles.

- 1998: *Futebol (1, 2, 3)*, de João Moreira Salles.
- 2004: *Pelé Eterno*, de Aníbal Massaini.
- 2005: *O dia em que o Brasil esteve aqui*, de Caio Ortiz.
- 2005: *Ginga*, de Marcelo Machado.
- 2008: *1958 – O ano em que o mundo descobriu o Brasil*, de José Carlos Asbeg.

Antes de nos debruçarmos sobre essa dicotomia da produção fílmica brasileira, que oscila entre a obra documental e a obra de ficção (esta última na busca incessante da mimetização de jogadas de futebol), vale lembrar a contribuição do diretor Nelson Pereira dos Santos, que em 1955 lança o filme *Rio, 40 graus*, o qual acabaria sendo considerado como precursor e inspirador do movimento do Cinema Novo. Temos aqui uma espécie de “crônica” carioca, que retrata o cotidiano de garotos pobres na grande cidade, em busca de algum tipo de diversão e subsistência. Um dos episódios do filme passa-se exatamente no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, que poucos anos antes havia sediado a final da Copa do Mundo de 1950, quando o Brasil foi derrotado pelo Uruguai por 2 a 1.

A grande ressalva a ser feita com relação ao filme diz respeito às cenas do jogo que, hipoteticamente, acontece no estádio. As imagens denotam total artificialidade, talvez pelo fato de não se tratar da filmagem de uma partida real, mas sim de uma partida com figurantes, ou seja, ficcional. Essa falta de autenticidade é flagrante no primeiro gol do jogo, por meio de cenas mal resolvidas. Há uma cobrança de falta filmada pelo ângulo normal a que estamos acostumados a assistir futebol pela televisão; em seguida, num corte rápido, mostra-se a seqüência do lance por detrás

das redes, com o goleiro jogando-se pateticamente ao chão. A representação dos jogadores não é espontânea e sente-se falta de um maior trabalho de direção nessas tomadas do campo de jogo. As cenas da partida baseiam-se quase que totalmente em planos que procuram os movimentos de pernas e corpos dos jogadores. O uso de todo o corpo e preponderantemente dos pés no futebol tornam-se assim emblemáticos de um esporte que inaugura uma prática inconfundível e altamente imprecisa. O fato de estar centrado nos pés faz do futebol ainda um jogo que decorre num ritmo de altas improbabilidades, mesmo quando uma equipe é nitidamente superior à outra. Jogado com os pés, o futebol torna-se menos previsível, fazendo prevalecer as idéias de sorte e destino e envolvendo essa atividade lúdica numa atmosfera de suspense e superstição (a esse respeito, ver as contribuições seminais de ROSENFELD, 1993; DAMATTA, 1982; e LOPES, 1998).

A referência a *Rio, 40 graus* faz sentido nesta análise pelo fato de o filme ter inspirado o chamado Cinema Novo no Brasil, movimento que buscava a inclusão de temas sociais nos enredos cinematográficos, por meio ainda de composições fora de estúdio, ou seja, com predominância de locações externas e utilização de atores amadores. Em suma, tratava-se de uma iniciativa que contrariava o modelo mais comercial de produção cinematográfica, que no Brasil estava centralizado até então por dois grandes estúdios – a Vera Cruz, em São Paulo, e a Atlântida, no Rio de Janeiro. Pois bem, coube a dois diretores vinculados ao chamado Cinema Novo realizar dois filmes, um documental e outro de ficção, que acabaram servindo de paradigma para a produção posterior que se deu no país nos anos seguintes: são os casos de *Garrincha, alegria do povo*, de Joaquim Pedro de Andrade (1962) e *A falecida*, de Leon Hirszman (1965).

No caso da obra de Joaquim Pedro de Andrade, cabe ressaltar que ela surge ainda no clima de euforia proporcionado pelo triunfo da seleção brasileira na Copa do Chile. O bicampeonato mundial conquistado frente à Tchecoslováquia de então, com participação efetiva e decisiva de Garrincha, são o mote para que o jogador figure como tema do documentário<sup>3</sup>. O filme inicia a apresentação dos créditos ao som do samba-enredo da Portela intitulado “Brasil Glorioso”, cuja letra enaltece as belezas e riquezas do país. Súbito, temos uma pausa e apresenta-se, ao som de um surdo, uma série de fotografias publicadas no *Jornal do Brasil* e na revista *O Cruzeiro*: a primeira imagem é a de Garrincha diante de um cachorro, dentro do campo. A composição das imagens iniciais do filme é sintomática para entendermos o “processo do olhar” que será proposto pela câmera: ao longo do filme teremos muitas apresentações de fotos, inúmeros closes e também cenas reais de partidas de futebol, sempre numa busca por aspectos menores, de figuras anônimas, detalhes do cotidiano, minúcias alcançadas no prosaísmo do dia-a-dia.

Nessa busca de sentido das coisas nas pequenas cenas e fatos do cotidiano, a criação da imagem de Garrincha como jogador humilde, simples – homem do povo, em uma só palavra – atende assim às aspirações dos cinemanovistas. E esse percurso é realçado intensamente ao longo do filme. Outra característica mar-

- 
3. Parte das reflexões sobre o filme *Garrincha, alegria do povo* aproveita reflexões já formuladas por este autor no texto “Gol de placa ou bola na trave? (Nelson Rodrigues e futebol na mão dos cinema-novistas)”, em **Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física** (org. Sérgio Carvalho), Vol. 4, Ano 4, Santa Maria, UFSM, 2001.

cante, já vista em *Rio, 40 graus*, é a inclusão de cenas e fotos de jogadas em que predomina o movimento corporal (de braços e pernas), enfatizando-se ainda o malabarismo dos chutes e o jogo de cintura. Convém anotar ainda que o uso do pé e não das mãos, como já vimos, obriga a inclusão de todo o corpo, vindo a salientar sobretudo as pernas, os quadris e a cintura, essas partes da anatomia humana que, no caso da sociedade brasileira, são alvo de um simbolismo acentuado. Daí a prática cultural da ginga brasileira, em detrimento da espinha dura e inflexível dos estrangeiros, desprovidos da maleabilidade de corpo e de caráter, que também podemos denominar de malandragem. É como se o futebol tivesse instituído a malandragem e o jogo de cintura como estilo nacional, a partir de uma prática lúdica normatizada por regras. Caímos então na questão já levantada nas ressalvas apontadas em *Rio, 40 graus*: diante da imprevisibilidade do futebol, Joaquim Pedro de Andrade não cria cenas ficcionais de futebol, mas aproveita cenas de jogos reais. Nem sempre, porém, ele consegue mostrar lances bem sucedidos de Mané: há muitos dribles e jogadas perdidas, ou dribles que não conseguem dar seqüência à jogada. A decupagem do filme pula assim de um jogo a outro, misturando adversários (ora aparecem zagueiros do Vasco, ora do Flamengo, ora de outros times), misturando lances diferentes, de jogos distintos. Entretanto, vale como possível compensação o fato de que o compromisso, aqui, é com o "cinema-verdade" – e não com a ficção –, e por isso seria desejável que se mostrassem cenas em que Garrincha não só triunfa, mas também aquelas em que ele falha, sofre faltas etc.

Passado esse grande bloco destinado a Garrincha, o filme muda surpreendentemente de enfoque e, esquecendo-se do craque, faz

um retrospecto da seleção brasileira nas Copas de 58 e 62 para culminar numa discussão de cunho psicanalítico sobre o significado do futebol no mundo contemporâneo. Manifestando outra preocupação própria aos cinemanovistas, o filme procura compreender o futebol a partir da mobilização do povo e por que esse esporte ganhou tanta importância no Brasil. Enfoque semelhante teremos em *Subterrâneos do Futebol*, que compõe o terceiro episódio de *Brasil Verdade* (1965), com direção de Maurice Capovilla. Aqui, sente-se a presença de técnicas caras ao cinema-verdade, com tomadas em som direto e entrevistas com populares no estádio. A preocupação central do filme – dentro do discurso da ‘alienação’ que vimos no primeiro Cinema Novo – está em caracterizar o futebol como espécie de válvula de escape às frustrações populares.

Se em *Rio, 40 graus* temos cenas de futebol fictícias e em *Garrincha, alegria do povo*, cenas de futebol reais, *A falecida* (baseado em peça homônima do escritor Nelson Rodrigues) optará por não mostrar cena alguma da partida que é anunciada desde o início do filme, entre Vasco e Fluminense. Embora tenha feito tomadas ao vivo no estádio, em dia de Maracanã lotado, Leon Hirszman preferiu não trilhar o arriscado caminho de incluir cenas do jogo em sua montagem, até porque o texto da peça também não o faz. Aqui, os conflitos de Zulmira e Tuninho – personagens centrais da trama – encarnam dois temas caros à geração do Cinema Novo: o fanatismo religioso e futebolístico que beiram a alienação. Ao final da história, Zulmira acaba falecendo; ao saber que havia sido traído pela mulher, Tuninho acaba por extorquir, por meio de chantagens e ameaças, o amante de Zulmira. Cheio de dinheiro no bolso, Tuninho dirige-se ao Maracanã, onde Vasco e Fluminenses disputavam a final do campeonato.

Importância maior será dada ao futebol justamente na seqüência final do filme, com as cenas do Maracanã, muitas delas compondo planos semelhantes aos que aparecem em *Rio, 40 graus* e *Garrincha, alegria do povo*. Mostra-se, por exemplo, o time do Vasco subindo a escadaria para entrar em campo (num plano muito parecido com a entrada do time do Botafogo, exibido por Joaquim Pedro de Andrade); o barulho ensurdecedor da multidão é intercalado com imagens da torcida e suas bandeiras. E até num esforço de aproximação com o conceito do “cinema verdade”, aparece a ação da Polícia Militar tentando conter um tumulto na compra de ingressos na bilheteria.

A influência de *Garrincha, alegria do povo* far-se-á sentir nos demais documentários listados anteriormente, à exceção de um caso: *Pelé Eterno*, obra que procura retratar a carreira de Pelé e as centenas de gols anotados pelo jogador denominado de “Atleta do Século”. O filme, entretanto, comete a “ousadia” de tentar reproduzir dois gols anotados pelo jogador, gols esses que não contam com nenhum registro em vídeo. Um deles, anotado contra o Fluminense no Maracanã e conhecido como o “Gol de Placa”, foi reproduzido de maneira semelhante ao que fazem as obras ficcionais: encenou-se a jogada em campo e filmaram-se todos os movimentos dos jogadores. O outro gol, anotado contra o Juventus no Estádio da Rua Javari, em São Paulo, foi reproduzido digitalmente em computador. Nos dois casos, o artificialismo é flagrante, o que contrasta com a outra obra documental produzida sobre o mesmo jogador e lançada 30 anos, caso de *Isto é Pelé*, de Carlos Niemeyer, o qual preferiu utilizar apenas registros reais sobre o craque.

A utilização documental de partidas de futebol é o recurso utilizado também por *Todos os corações do mundo*, filme oficial sobre

a Copa do Mundo de 1994, disputada nos Estados Unidos e vencida pelo Brasil; por *O dia em que o Brasil esteve aqui*, que retrata a ida da Seleção Brasileira ao Haiti em 2004 a fim de disputar uma partida amistosa com a seleção local, naquele que ficou conhecido como o "Jogo da Paz"; e por *1958 – O ano em que o mundo descobriu o Brasil*, que documenta o primeiro título mundial do Brasil na Copa da Suécia.

Já em *Futebol (1, 2, 3)*, de João Moreira Salles, o diretor acompanha em tempo real, ao longo de vários anos, o desenvolvimento de um jovem jogador que anseia tornar-se um profissional de renome. Ao mesmo tempo, ele acompanha a trajetória de um atleta que acabara de transferir-se para um time de massa, o Flamengo (caso de Iranildo) e finaliza com o já aposentado Paulo César Caju, campeão do mundo pelo Brasil em 1970. Temos aqui, por outras vias, o conceito do cinema verdade na busca da realidade vivida pelos personagens retratados na obra.

No caso dos filmes de ficção, além de *A Falecida*, alguns outros títulos não se arriscaram a reconstruir o futebol nas telas de cinema, a partir da encenação de jogadas de futebol para as câmeras. São os casos de *O Corinthiano*, de Milton Amaral, comédia estrelada por Mazzaropi encarnando o papel de torcedor fanático do Corinthians; de *Pra frente, Brasil*, de Roberto Farias, que não é exatamente um filme sobre futebol, mas sim sobre a repressão nos anos de chumbo do Brasil, tendo como pano de fundo a Copa de 1970 no México; de *A Taça do Mundo é nossa*, de Lula Buarque de Holanda, comédia que ironiza o sumiço da Taça Jules Rimet após a conquista do Brasil na Copa do Mundo de 1970 (o troféu foi roubado da sede da CBF – entidade que administra o futebol no Brasil – em 1983 e derretido para a reutilização do ouro); e de *O*



ano em que meus pais saíram de férias, de Cao Hamburger, que retrata também a repressão nos anos de chumbo do Brasil durante a Copa de 1970 no México. Neste caso específico, porém, algumas cenas não documentais de futebol são gravadas para ilustrar um dos personagens secundários do filme, que atuava como goleiro em jogos de futebol amador.

De resto, os demais títulos de ficção aqui apresentados incorrem no risco ousado de querer representar, por meio da encenação, de ensaios e de marcações de cena, jogadas e lances de futebol. *Asa Branca, um sonho brasileiro*, de Djalma Limongi Batista, mostra a carreira de um jovem jogador que deixa o interior de São Paulo rumo à metrópole, para atuar num grande clube. As cenas do personagem central são todas elas representadas ficcionalmente. *Onda Nova – Gaivotas FC*, de José Antônio Garcia, enquadra-se num meio termo entre o drama e a pornochanchada, por meio da representação de uma equipe feminina e da homossexualidade no futebol; *Os trapalhões e o rei do futebol*, de Carlos Manga, é uma comédia que toma emprestado o carisma do “Rei” Pelé, o qual atua como goleiro numa equipe que conta ainda com os Trapalhões no elenco. *Boleiros – era uma vez o futebol... e Boleiros 2 – vencedores e vencidos*, ambos de Ugo Giorgetti, reconstróem histórias do mundo do futebol (o craque decadente, o árbitro corrupto, o jogador rebelde, o fanatismo dos torcedores, a mercantilização do astro ascendente etc.). Em várias situações, recorre-se igualmente à encenação de jogadas ficcionais. O mesmo ocorre com *Garrincha, a estrela solitária*, de Milton Alencar Jr., que esmiúça a carreira de Garrincha a partir da biografia de mesmo nome publicada pelo jornalista Ruy Castro; com *O casamento de Romeu e Julieta*, de Bruno Barreto, comédia que trata de forma

bem humorada a rivalidade a paixão que envolvem dois clubes grandes de São Paulo – o Palmeiras e o Corinthians; e com *Helena*, de José Henrique Fonseca, a respeito do jogador Heleno de Freitas, um dos principais craques brasileiros da década de 1940.

A exceção, nesta lista de filmes de ficção, é *Linha de passe*, que traça um perfil de uma família de classe média baixa paulistana a partir das histórias de quatro filhos que vivem em torno da mãe, empregada doméstica. Um desses filhos – Dario – cultiva o sonho de tornar-se jogador profissional, personagem vivido pelo ator Vinícius de Oliveira (o mesmo que estreou o filme *Central do Brasil*, também de Walter Salles). Vinícius passou quatro anos dedicando-se à preparação de seu personagem, chegando a atuar com o time de juniores do Palmeiras, em São Paulo. Ao contrário de outras produções ficcionais, as cenas de futebol retratadas neste filme não denotam a artificialidade que se percebe nas demais obras – fruto provavelmente da esmerada preparação exigida do ator.

Diante desses dois pólos principais – o cinema de ficção e o cinema documentário –, temos que a produção brasileira estabeleceu uma segunda dicotomia para abordar o futebol nas telas do cinema: a utilização de cenas reais de jogos no cinema documental e a filmagem de cenas ensaiadas para o cinema de ficção. O problema é que, em vários casos, as cenas e jogadas filmadas ficcionalmente quase sempre resultaram em “simulacros” de jogadas de futebol, conceituação que remete ao sociólogo francês Jean Baudrillard (1991). Para ele, o conceito de simulacro dos filósofos gregos serviria para afirmar que o avanço tecnológico tem modificado nossa relação com real, na mesma medida em que a história moderna assistiu ao desaparecimento da noção de realidade. Em troca disso, são-nos oferecidas referências ou ilusões

da realidade, a que o crítico francês chama de “simulacros”, ou seja, simulações do real. Nesse processo de substituição, perde-se o sentido das coisas. O simulacro dos gregos aparece aqui como um conceito ligado a uma imagem que reinventa a realidade. Podemos dizer que se trata de uma “reinvenção” porque o simulacro é uma cópia sem original: não se representa mais uma entidade real, mas formas que definem sua própria “hiper-realidade”. Não é mais a imagem que se vê, mas algo mais real do que o próprio real.

Por outro lado, vemos que o fascínio do esporte e do futebol no novo mundo urbano e industrial aponta para a espetacularidade dos eventos esportivos de massa. Assistir a uma partida no estádio, ao vivo, representava e ainda representa, conceitualmente, um espetáculo semelhante ao que se vê nos teatros e salões de ópera ou balé. Em favor do futebol, porém, o fato de que, apesar de representar uma narrativa ritualizada, ele sempre encarna o caráter da imprevisibilidade em sua performance. Uma peça de teatro pode variar a encenação de um dia para outro (em virtude do desempenho de atores, reação do público etc.), pode inclusive variar conforma a montagem (cenários, figurinos, iluminação etc.), mas o script é sempre o mesmo e deve ser cumprido.

No caso do esporte, ao contrário, nunca se sabe o resultado de antemão. E o futebol, por sua vez, consubstancia-se como uma das modalidades esportivas mais imprevisíveis e imponderáveis, por força de uma série de contingências e particularidades – como o fato de ser jogado com os pés e de se fazer uso de todo o corpo.

O dramaturgo Dias Gomes também expressou visão semelhante – a de que no futebol não existe qualquer narrativa elaborada de antemão –, ao fazer breve comentário sobre a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982: “Como

dramaturgo, vejo no futebol não apenas uma disputa esportiva, mas sobretudo um espetáculo teatral. Para mim, o campo é um palco e os jogadores 22 atores que vão interpretar uma peça cujos papéis foram apenas delineados mas não escritos. Daí o grande mistério do futebol: uma peça da qual não se sabe o final. Um espetáculo vivente, como o teatro, que acontece naquele momento mesmo e que, ainda que a peça seja a mesma, os atores os mesmos, é sempre diferente". ("O patrulhado Zico", em *Jornal dos Sports*, 05/07/82, p. 8.)

De fato, o futebol já encarna em si o próprio caráter de ficção: para dar conta dos movimentos e do caráter lúdico desse esporte, basta que se filme o jogo em si, ou seja, basta que se filme a própria partida, cujo resultado é sempre imprevisível e, por isso mesmo, mais imagético. As cenas de futebol em diversos filmes de ficção aqui citados beiram o patético pelo seu artificialismo. Querer filmar jogos "de mentirinha" sempre soou falso, irreal, postiço. Um drible barroco de Garrincha, uma arrancada pós-moderna de Ronaldinho, uma cabeçada neo-clássica de Pelé, um gol surrealista de Romário, tudo isso já é ficção o suficiente... para que concorrer com eles, se o risco de chutar a bola na trave é grande?

Nesse sentido, os documentários nacionais sobre futebol são os que parecem ter chegado mais próximo de marcar um gol de placa, na medida em que souberam enxergar todo o universo ficcional e dramático contido no mundo futebolístico real. Já a maioria das produções ficcionais, na tentativa de reproduzir cenas reais de futebol ensaiadas ficcionalmente, esbarra no artificialismo e na falta de verossimilhança.

De qualquer maneira, ambas as perspectivas acabam por contribuir, cada uma a seu modo, com uma representação das múlti-

plas relações socioculturais que o futebol estabelece no Brasil, em diferentes camadas da sociedade e em diferentes faixas etárias. Trata-se, nesse sentido, de um esforço significativo de incorporação desse esporte, tão arraigado na cultura brasileira, à produção audiovisual do país, honraria ainda não concedida na mesma medida a outras modalidades esportivas, ao contrário da produção norte-americana, que mantém diálogo mais franco com o boxe, o automobilismo, o basquete, o futebol americano e o beisebol, só para citar alguns casos.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

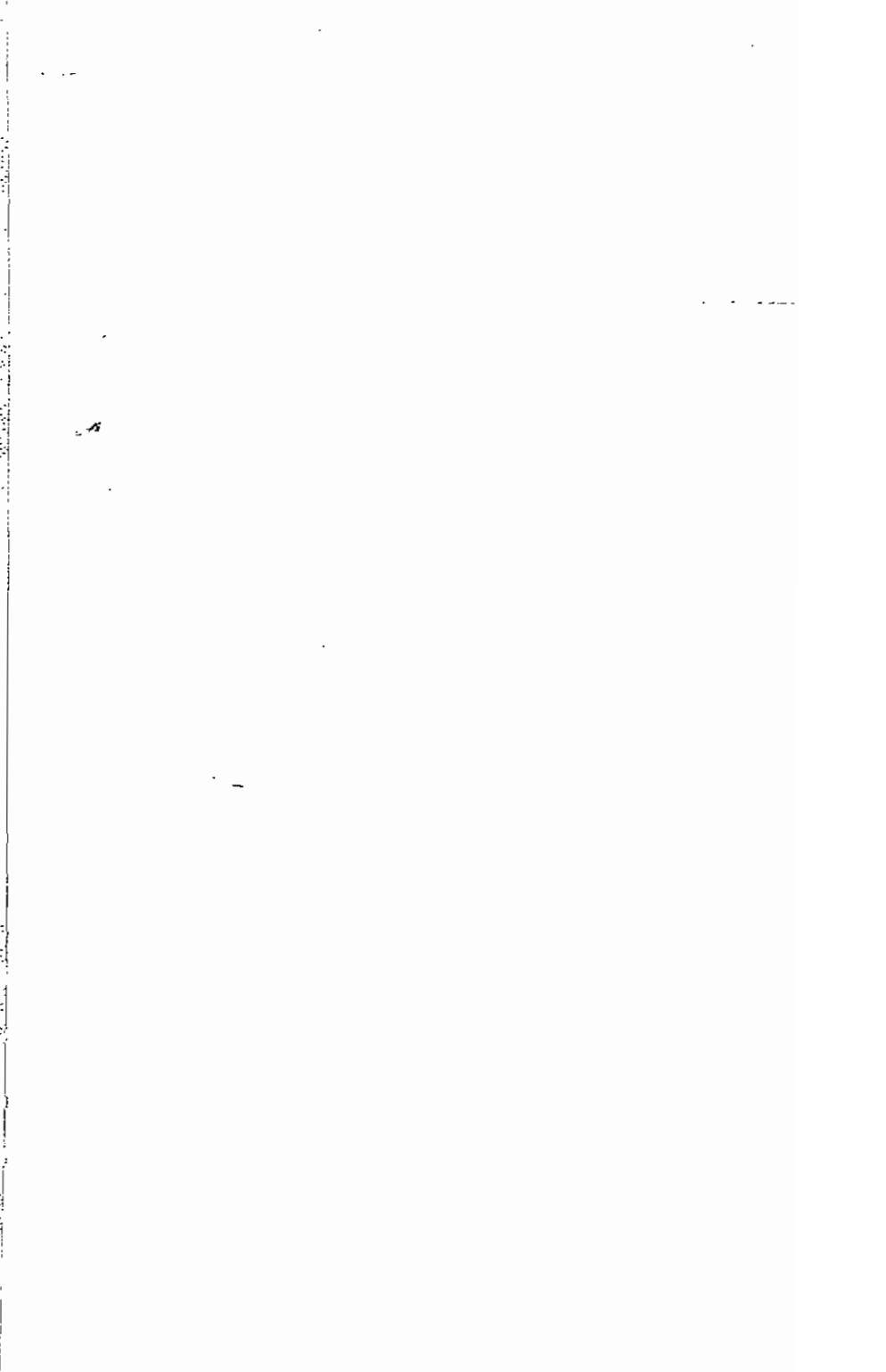
DAMATTA, Roberto et alii. **Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

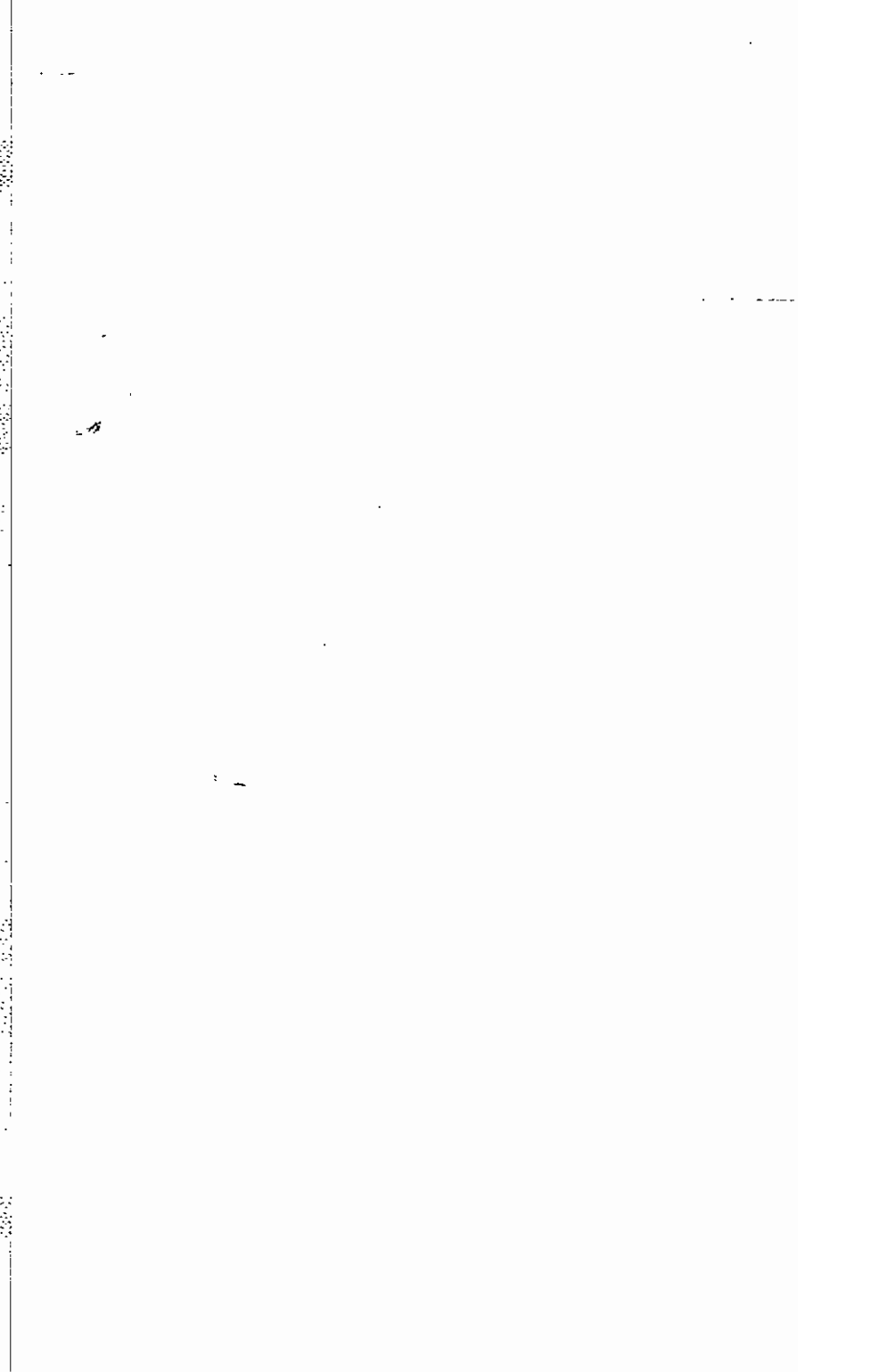
LOPES, José Sérgio Leite. “Futebol mestiço: história de sucessos e contradições” in **Ciência Hoje** – Revista de Divulgação Científica da SBPC, Rio de Janeiro, vol. 24, nº 139, jun.1998.

MELO, Victor A. “Futebol e cinema: relações.” In **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto** 6(3) 362–370, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpcd/v6n3/v6n3a13.pdf>. Acesso em 30 de janeiro de 2011.

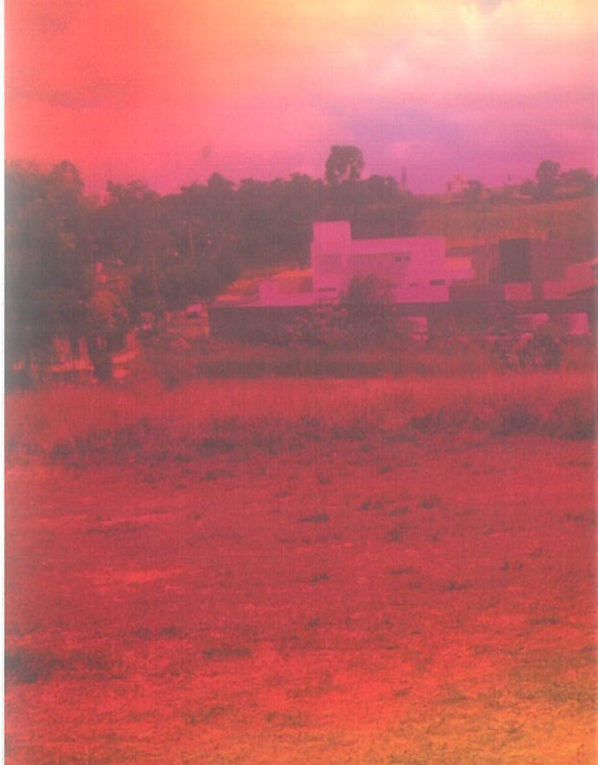
**ORICCHIO, Luiz Zanin. Fome de bola – cinema e futebol no Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

**ROSENFELD, Anatol. Negro, macumba e futebol.** São Paulo, Perspectiva, 1993.









uma confrontação entre Brasil e Argentina, o caso da *Celeste* uruguaia e a idolatria de uma torcida organizada pelo Colo Colo, do Chile.

Por fim, textos que mergulham na relação do futebol com o cinema: o cinema ficcional e o jornalismo esportivo, a representação cinematográfica como construção social, o uso político do futebol no caso da seleção brasileira no Haiti, as difíceis relações interações entre público e privado na abordagem da ditadura e um balanço da produção fílmica brasileira sobre o futebol nas últimas cinco décadas.

Para os amantes dos esportes e do futebol, esta obra representa uma leitura tão convidativa quanto apetitosa. Para os mais reticentes, idem, pois podem aprender muito sobre a sociedade e suas expressões culturais, especialmente do Brasil e da América Latina.

Os organizadores  
*Setembro de 2012*



Este livro reúne a contribuição dos convidados da XIII Jornada Multidisciplinar, evento organizado anualmente pelo Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Bauru/SP. Em 2011, “Futebol, Comunicação e Cultura” foi o tema central do encontro, a partir de proposta apresentada por seus organizadores. A iniciativa teve como objetivo manter o papel que acompanha a “Jornada” como vocação, isto é, oferecer um espaço de reflexão multidisciplinar sobre temas relevantes para o país e para a comunidade científica, além de proporcionar o intercâmbio entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. A obra é uma iniciativa do GECEF (Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol), com o apoio do Departamento de Ciências Humanas e da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP.



DEPARTAMENTO  
DE CIÊNCIAS  
HUMANAS

